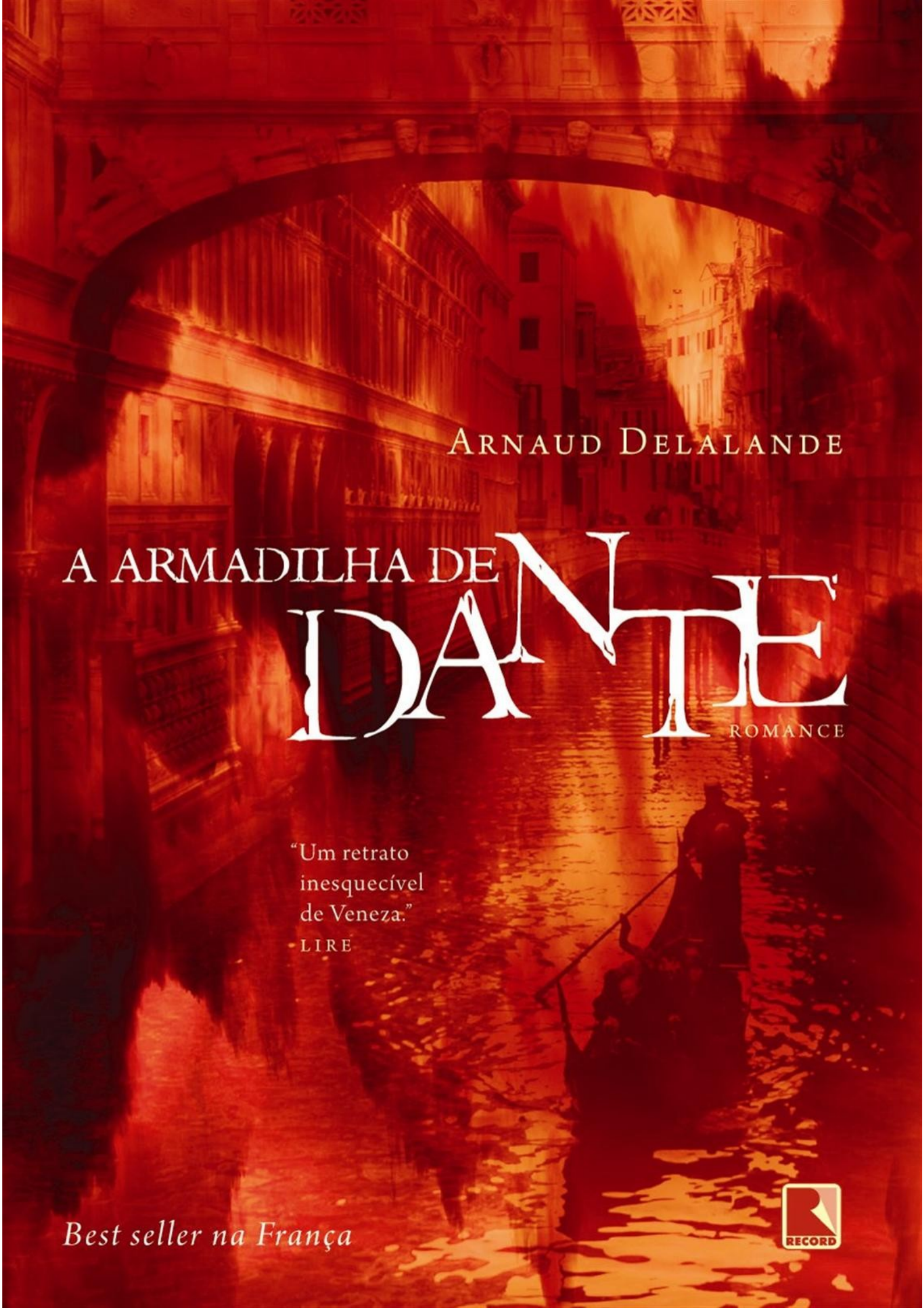




ARNAUD DELALANDE

A ARMADILHA DE
DANTE
ROMANCE

“Um retrato
inesquecível
de Veneza.”
LIRE

Best seller na França





A Armadilha de Dante

Arnaud Delalande

Tradução de Maria de Fátima Oliva do Coutto

2a edição

EDITORIA RECORD
2009

SINOPSE:

O suspense de um thriller, a emoção de um romance de aventuras e a exaltação de uma história de amor.

Veneza, 1756. No teatro onde ia representar uma peça nova, um jovem e promissor actor é assassinado com requintes de malvadez: encontram-no pregado numa cruz, com os olhos arrancados e uma inscrição em latim talhada a faca no peito. O doge, ciente de que a cidade está pejada de inimigos da República, lança uma investigação secreta conduzida por Pietro Viravolta, um jovem aventureiro destemido e um sedutor - o melhor amigo de Casanova -, que aguarda execução na prisão que se encontra sob a Ponte dos Suspiros.

*Viravolta é libertado na dupla condição de não fugir da cidade nem procurar Anna, o grande amor da sua vida. A investigação vai conduzi-lo a Luciana, a bela amante de um senador veneziano, a Spadetti, o mestre vidreiro de Murano, e a Caffelli, o padre atormentado de San Giorgio Maggiore. Os homicídios sucedem-se e a violência intensifica-se, mas Viravolta mergulha em A Divina Comédia, de Dante, e consegue descobrir o princípio organizativo daquelas mortes: cada uma delas reproduz os castigos dos Nove Círculos de O Inferno... que se saldarão no aparecimento de Lúcifer em pessoa! Recheado de referências míticas e de constantes surpresas, que culminam no auge do exótico Carnaval de Veneza, **A Armadilha de Dante** mistura o suspense de um thriller, a emoção de um romance de aventuras e a exaltação de uma história de amor.*

SUMÁRIO

Primeiro círculo

Canto I: A selva escura

Canto II: O vestíbulo do inferno

Canto III: O limbo

Segundo círculo

Canto IV: Os Luxuriosos

Canto V: O vidro de Minos

Canto VI: A tempestade infernal

Terceiro círculo

Canto VII: Cérbero

Canto VIII: Os Nove Círculos

Canto IX: Os Glutões

Quarto círculo

Canto X: Arsenal e belas rendas

Canto XI: O baile de Vicário

Canto XII: Avaros e Pródigos

Quinto círculo

Canto XIII: Cartomancia e Panóptica

Canto XIV: Os Coléricos

Canto XV: O Estige

Sexto círculo

Canto XVI: Dite

Canto XVII: Arcangela

Canto XVIII: Os Heréticos

Sétimo círculo

Canto XIX: Os Violentos

Canto XX: O Minotauro

Canto XXI: A Sensa

Oitavo círculo

Canto XXII: As Núpcias com o Mar

Canto XXIII: Os Falsificadores

Canto XXIV: O Poço dos Gigantes

Nono círculo

Canto XXV: Os Traidores

Canto XXVI: Lúcifer

Canto XXVII: Epílogo: Rumo ao Paraíso

PRIMEIRO CÍRCULO

CANTO I

A SELVA ESCURA

— MAIO DE 1756 —

Francesco Loredan, príncipe da Sereníssima, 116º doge de Veneza, estava sentado na Sala dei Collegio, onde, em circunstâncias normais, recebia os embaixadores. De quando em quando, levantava os olhos para admirar o imenso quadro de Veronese, A vitória de Lepanto, que enfeitava uma das paredes. Por vezes perdido em pensamentos, movia os olhos em direção aos revestimentos de ouro do teto, a Marte e Netuno, ou Veneza entronizada entre Justiça e Paz, até se achar novamente forçado a concentrar-se no assunto urgente que o preocupava. Era um homem idoso, de rosto enrugado, formando um contraste surpreendente com a veste púrpura. Alguns raros fios de cabelo escapavam-lhe do chapéu ducal. Sobrancelhas e barba brancas contribuíam para dar-lhe à fisionomia um ar patriarcal totalmente adequado às circunstâncias e funções exercidas no seio da República. À sua frente, uma escrivaninha recoberta de um dossel no qual figurava um leão alado mostrando as garras, símbolo de poder e majestade. Ao doge não faltava pompa nas roupas suntuosas; um manto de tecido ornado com gola de arminho e grandes botões nos ombros, aberto, deixava entrever outro hábito de um tecido mais fino que lhe descia até as pernas cobertas de vermelho. A bacheta, o cetro simbolizando o poder dogal, repousava displicentemente entre seus braços. As mãos longas e delicadas, ostentando um anel com as armas e a balança veneziana, apertavam nervosamente o relatório da última deliberação do Conselho dos Dez, acompanhado de uma correspondência marcada com o sinete oficial do Conselho. A última reunião acontecera naquela manhã, em circunstâncias excepcionais. O relatório informava Francesco de um assunto no mínimo tenebroso cuja conclusão era:

Uma sombra passa sobre a República. Uma sombra perigosa, que tem nesse assassinato, Vossa Alteza Sereníssima, nada mais que uma de suas múltiplas manifestações. Veneza encontra-se em situação desesperadora; os criminosos mais odiosos nela penetram como lobos numa selva escura. O vento da decadência paira sobre a cidade: não é mais possível ignorá-lo.

O doge limpou a garganta, tamborilando com os dedos a carta. E assim, um drama abominável ocorreu.

O carnaval de Veneza remonta ao século X.

Durava seis meses ao ano: do primeiro domingo de outubro até 15 de dezembro; depois da Epifania à Quaresma. Por fim, ressurgia na Sensa, a Ascensão. A cidade inteira ocupava-se com os preparativos. As mulheres de Veneza desfilavam pelas ruas: sob as máscaras, exibiam a brancura da pele, iluminadas por adereços, jóias, colares, pérolas e drapejados de cetim, golas de pele e metros de rendas, os seios apertados em corpetes. Os cabelos, daquele louro tão raro, tinham sido arrumados, com o maior esmero, em coques, enrolados em torno de diademas, à sombra de um chapéu, soltos e ondulando numa liberdade calculada, ou então frisados, de várias cores, arrumados em penteados mais inesperados, mais extravagantes. Mascaradas, se faziam de importantes e caminhavam com a cabeça erguida, segundo as regras do portamento, afetando a dignidade da mais alta nobreza. Com seus suntuosos vestidos e porte elegante, desfilavam com graça e altivez. Nesses tempos de carnaval, não eram elas as mais cobiçadas, as mais ardentemente desejadas, enfim, as mais lindas mulheres do mundo? Essa segurança tranqüila servia de fonte de inspiração. Um dilúvio de beleza, um arco-íris de cores sedutoras; uma num vestido de cambraia branca sem transparências, com a barra guarnecida por camadas de renda; outra se adornava com mangas bufantes, em gaze da Itália, um cinto de fitas azuis cujas pontas esvoaçavam ao andar; outra, ainda, usava um grande lenço plissado, com nó no pescoço, abrindo-se em triângulos sobre um vestido estilo "andrienne" ou saia armada com anáguas, sombrinha na mão. Algumas sustentavam a moretta, a máscara negra, apertando com os dentes a pequena saliência interna introduzida na boca. Adiante, outras alisavam os vestidos, abriam os leques com um movimento do pulso. As cortesãs da mais alta linhagem misturavam-se às moças alegres numa extrema confusão. O *Catalogo di tutte le principal e piú onorate cortigiane di Venezia* e o tratado *La tariffa delle puttane di Venezia*, acompanhados de considerações técnicas acerca dos talentos dessas amantes de uma noite, clandestinamente voltaram a circular. Quanto aos homens, usavam a máscara branca do fantasma, conhecida como larva, o tricórnio, e a bauta que cobria o corpo; bem como a capa negra ou tabarro, para os mais conservadores. Outros se apresentavam como personagens saídos de contos,

peças de teatro ou dos caprichos da imaginação: Tracagnin, Arlequim, Pantaleão, o Doutor, Polichinelo, os habituais, os eternos; mas também como Demônios armados de bexigas, mouros empoleirados em asnos ou cavalos-de-pau, turcos fumando cachimbo, falsos oficiais franceses, alemães, espanhóis, sem falar na horda de confeitheiros, limpadores de chaminés, floristas, carvoeiros, mascastes... Charlatães, vendedores de poções prometendo a vida eterna ou a volta do ser amado, mendigos, pedintes, camponeses sem tostão vindos da Terra Ferma, cegos e paralíticos dos quais não se sabia se a enfermidade era real ou falsa. Todos se espalhavam pela cidade. Os cafés e numerosas tendas montadas para a ocasião exibiam cartazes convidando os curiosos a descobrir os "monstros": anões, gigantes, mulheres com três cabeças aos quais se misturava a multidão. O momento chegara: aquele de todas as euforias, de todas as liberações, aquele em que o plebeu podia se imaginar rei do mundo e a nobreza imitava a corja; em que o universo, de repente, se punha de pernas para o ar, onde se invertiam e se trocavam os papéis e onde todas as licenciosidades e excessos eram permitidos. Gondoleiros em traje de gala conduziam os nobres pelos canais. A cidade se enfeitava com inúmeros arcos do triunfo. Aqui e acolá se jogava pelota ou meneghella, enquanto os passantes faziam apostas atirando moedas que tilintavam nos pratos ou então as escondiam em sacos de farinha onde se mergulhava a mão, cada um esperando recuperar as apostadas com lucro. Vendedores expunham montanhas de fritadas nos balcões. Dos barcos, pescadores de Chioggia gritavam para a multidão. A mãe dava uma palmada na filha, cujo pretendente abraçava um pouco apertado demais. Vendedores de roupas usadas empurravam carrinhos de mão abarrotados, tentando atrair possíveis fregueses dos barcos. Nos campi, marionetes de estopa arremessavam guloseimas e frutos secos. Um bando de frombolatori, moleques mascarados, assombravam os sestieri, atirando ovos podres nos trajes das belas e das velhas debruçadas nas sacadas das villas, antes de fugir, às gargalhadas. Os jogos mais grotescos floresciam de um lado a outro dos bairros de Veneza: um cachorro se balançava numa corda, homens subiam até o topo de paus-de-sebo para pegar um salsichão ou uma garrafinha de bebida; outros mergulhavam em tinas de água salobra para tentar pegar uma enguia com os dentes. Na Piazzetta, uma máquina de madeira em forma de bolo cremoso tentava os gulosos; ajuntamentos se formavam em torno dos malabaristas, das cenas de comédia improvisadas, dos teatros de marionetes. De pé sobre tamboretas, astrônomos de araque, os indicadores levantados em direção a estrelas invisíveis, anunciavam o Apocalipse. Gritava-se de espanto,

gargalhava-se, ria-se muito ao derrubar sorvete ou bolo nas calçadas, gozava-se da alegria e da doçura de viver. Saiu, então, das sombras, aquela conhecida como Dama de Copas. Escondida até então sob as arcadas, deu alguns passos hesitantes abrindo o leque. Os longos cílios se curvaram por trás da máscara. Os lábios vermelhos se arredondaram. Deixou cair o lenço aos pés ao ajeitar uma prega do vestido. Abaixou-se para pegá-lo e lançou um olhar a outro agente postado mais adiante, na esquina da Piazzetta, para se certificar de que ele havia compreendido. E esse gesto queria dizer: ele está aqui.

De fato ele estava lá, no meio da multidão.

Aquele cuja missão consistia em abater o doge de Veneza. Chifres de falso marfim de cada lado do crânio. Máscara de touro munida de um focinho em proporção alarmante. Os olhos dissimulados brilhavam por trás do peso da máscara. Entretanto, a armadura feita de malhas e placas de prata era verdadeira e suficientemente leve para permitir-lhe mover-se com toda a rapidez exigida. Uma capa vermelho-sangue escondia duas pistolas cruzadas nas costas, de que necessitaria para cumprir a tarefa. Trazia joelheiras de metal por cima das botas de couro. Um gigante, uma criatura imponente cuja respiração atroadora tinha-se a impressão de escutar. O Minotauro. Pronto para devorar as crianças de Veneza no labirinto da cidade em plena efervescência, o Minotauro se preparava para mudar o curso da história. O carnaval havia começado.

Poucos meses antes, numa noite escura, Marcello Torretone quebrava o silêncio com gritos dilacerantes no interior do teatro San Luca. A Sombra estava lá. A Sombra que invadira a cidade, pairando sobre os tetos da Sereníssima. Sob os reflexos do pôr-do-sol, se esgueirara furtivamente no teatro. O padre Caffelli a chamava de Il Diávolo, o Diabo em pessoa, mas em seu relatório Marcello havia mencionado o outro nome pelo qual era conhecido por seus simpatizantes: a Quimera. O padre tentara prevenir Marcello e este se rendera à evidência. Algo de muito grave se tramava. Naquela noite, caíra numa armadilha. Um desconhecido misterioso marcara um encontro com ele ali, no San Luca, ao final da primeira representação de L'Imprésario di Smime, onde obtivera um sucesso triunfal. Proprietários do San Luca, os Vendramin foram os últimos a partir. O desconhecido se escondera nas coxias enquanto o público saía. Marcello havia embrulhado a roupa de cena, que repousava agora não muito longe, atrás das cortinas. Havia relido a carta lacrada que lhe trouxeram, na qual um certo Virgílio lhe prometia informações da

mais alta importância. Uma ameaça pairava sobre as instituições de Veneza bem como sobre a pessoa do doge. Marcello planejava encontrar Emilio Vindicati no dia seguinte; o Conselho dos Dez precisava ser avisado da trama, sem demora. Mas, no momento, só podia maldizer sua imprudência. Sabia: não iria a parte alguma. Não veria o dia seguinte. Tinham-no atacado, espancado e amarrado nas pranchas de madeira. Semiconsciente, vira mover-se uma forma encapuzada da qual não podia distinguir o rosto. Pousara o olhar no martelo, nos pregos, na lança, na coroa de espinhos — e naquele curioso instrumento de vidro que brilhava na mão do visitante. Marcello estava aterrorizado. — Quem... Quem é você? — articulou, a fala pastosa. Como resposta, o outro se contentou em soltar um riso sardônico. Depois, Marcello só ouviu a respiração surda, profunda. O desconhecido acabava de aprisioná-lo contra as tábuas de madeira cuja sombra projetaria em breve uma cruz no piso. — Você... Você é Il Diávolo? A Quimera? Por um instante, a forma encapuzada se virou em sua direção. Marcello tentou, em vão, vislumbrar os traços do rosto mergulhado na escuridão. — Então você existe? Mas eu pensei... Uma nova risada. — *Vexilla regis prodeunt inferni...* — murmurou a Quimera. A voz era grave, assustadora. Na verdade, parecia vinda de um túmulo. — O quê? — *Vexilla regis prodeunt inferni.* Vamos cuidar de você. Primeiro vou terminar de prendê-lo, depois o suspenderemos aqui mesmo, neste palco de espetáculo. Alegre-se, meu amigo. Você terá, esta noite, representado seu mais importante papel. Então a Quimera pegou um martelo e dois compridos pregos afiados. Os olhos de Marcello se arregalaram de pavor. — O que você vai..? — *Vexilla regis prodeunt inferni*, Marcello Torretone! Colocou a ponta do primeiro prego num dos pés firmemente amarrados de Marcello e o braço ergueu-se, o martelo na mão. — *NÃÃÃÃO!* Marcello berrou como nunca. *Vexilla regis prodeunt inferni.* Avançam os estandartes do rei do Inferno.

Com a fisionomia grave, Francesco Loredan caminhava com precipitação pelos corredores do palácio ducal. É preciso colocar as mãos nesse homem a qualquer preço. Francesco era um dos nobres habituados à magistratura. Tendo chegado ao poder em 1752, era doge havia mais de quatro anos. Desde os 25 anos, os jovens aristocratas venezianos eram treinados para servir ao Estado. Como por direito de nascimento, as portas do Grande Conselho se lhes abriam. Francesco fora um deles. Como era hábito em Veneza, aprendera as vicissitudes das funções governamentais em contato com os anciãos; uma prática tanto mais necessária já que a constituição da República era essencialmente oral. Em geral, os

embaixadores levavam consigo os filhos para iniciá-los nos segredos da diplomacia. Alguns jovens nobres, os Barbarini, escolhidos por sorteio, por ocasião da festa de Santa Bárbara, recebiam autorização para assistir às deliberações do Grande Conselho antes de atingirem a maioridade. Todos os responsáveis pelo Estado privilegiavam, para a prole, um aprendizado fundado, sobretudo, na experiência prática do funcionamento das instituições. Para as dinastias nobres, as carreiras eram traçadas com antecipação: Grande Conselho, Senado, Governo de colônias ou funções públicas na Terra Ferma, embaixadas, Conselho dos Dez, até a função de procurador ou mesmo de doge, primaz da cidade veneziana. Essa cultura política constituía um dos fundamentos do poder na Laguna Veneta, largamente consolidada graças ao talento de seus líderes e à influência de seus relacionamentos, mesmo que as avaliações dos dignitários de Veneza se voltassem por vezes contra a brilhante República, afeita a todos os grandes erros diplomáticos. A aliança dos doges com Florença contra Milão, selada três séculos antes pela Paz de Lodi, havia permitido à Sereníssima contribuir para a liberdade da Itália, mas preservando sua própria independência. No rastro da de Constantinopla, a mais influente entre todas, as grandes embaixadas venezianas tinham se multiplicado: Paris, Londres, Madri e Viena. A divisão do Mediterrâneo entre os turcos e as frotas católicas, sinal da erosão de sua superioridade no Levante, havia igualmente permitido a Veneza garantir sua perenidade. A República não havia inventado a política, mas como rainha dos mares, mediadora das culturas e virtuosa da aparência, lhe conseguira novos títulos de nobreza que a equiparavam a outros emblemas italianos, como Maquiavel, do Príncipe, e os Médicis florentinos. O pragmatismo, o talento para as atividades públicas, a habilidade nos negócios, tanto comerciais quanto jurídicos, diplomáticos e financeiros faziam de Francesco o digno herdeiro da alma aristocrática veneziana. E enquanto caminhava na direção da Sala del Collegio, com a carta na mão, dizia a si mesmo, mais uma vez, que ser doge de Veneza não era uma função sem sobressaltos. Eventualmente, um guarda do palácio curvava-se à sua frente, levantando sua alabarda antes de retomar sua postura ereta e afetada. Os Dez têm razão, se dizia Loredan. É preciso agir com rapidez. Desde o século XII, os atributos do doge não cessaram de ser reforçados: a investidura pelo estandarte de São Marcos, os laudes oriundos dos costumes carolíngios, o dossel e a púrpura de Bizâncio e a coroa encimando o chapéu ducal eram provas. No entanto, o povo de Veneza sempre velou para que o primaz na cidade não pudesse arrogar a si todo o poder. Sua autoridade, desde o início restringida pela pessoa jurídica da comuna de Veneza, havia sido rapidamente

limitada pelo grupo das elites dirigentes da cidade. Ainda hoje, as grandes famílias, no início responsáveis pela expansão da península, preservavam a própria supremacia nas tomadas de decisões importantes; e se Veneza evitava toda espécie de absolutismo monárquico, o Estado marcava com vigor a fronteira entre o suposto poder do povo, que não tivera uma duração maior que a de um sonho, e a preponderância das dinastias às quais a cidade devia sua supremacia. Como todos os venezianos, Francesco gostaria de ter nascido na Idade de Ouro, do progresso de Veneza e suas colônias: poderia ter sido, senão o único mestre a bordo, pelo menos um dos arquitetos dessa vasta empreitada de conquista. Com certeza obtinha uma imensa satisfação do esplendor do título e do cerimonial incessante que rodeava sua pessoa. Mas, por vezes, se sentia prisioneiro da pompa, *rex in purpura in urbe captivus*, "rei vestido de púrpura, prisioneiro na própria cidade". Quando fora proclamado doge na basílica vizinha, se apresentara diante da multidão jubilosa na praça San Marco, antes de receber o chapéu ducal no topo da escadaria dos Gigantes. Entretanto, imediatamente após a nomeação, fora forçado a prestar o juramento de jamais exceder os direitos acordados pelo *promissio ducalis*, lida todo ano em voz alta para lembrá-lo da natureza exata de suas atribuições. Francesco, doge vitalício, membro por direito de todos os conselhos e depositário dos mais altos segredos do Estado, encarnava melhor que qualquer outro, pela virtude de sua função, a autoridade, o poder e a continuidade mesma da Sereníssima. Era ele quem presidia o Grande Conselho, o Senado, as Quarantie; era ele quem exercia funções, todos os dias úteis, com as seis pessoas de seu Conselho particular, para ouvir as súplicas e as queixas. Visitava toda semana uma das 250 a 300 magistraturas de Veneza. Verificava a natureza e o montante dos impostos, aprovava os balanços das finanças públicas. Tudo isso sem contar as múltiplas visitas e recepções oficiais. O doge, na verdade, praticamente não tinha vida privada. Essa maratona permanente afetava com frequência a saúde dos idosos — pois a idade mínima para ser eleito doge era 60 anos — a ponto de terem julgado prudente colocar, no trono da sala do Grande Conselho, um suporte acolchoado de veludo que permitisse à Sua Serenidade tirar um cochilo, quando não estivesse mais apta a acompanhar os debates. Francesco caminhava pelo palácio e passou pela grande sala do *Maggior Consiglio*, o Grande Conselho, onde se encontravam os retratos de todos os seus valorosos antecessores. Noutra circunstância, teria parado, como o fazia por vezes para procurar nos traços dos doges de antigamente qualquer sinal de filiação simbólica. Poderia ter considerado Ziani, juiz, conselheiro, podestade de Pádua, o homem mais rico de

Veneza, que as famílias "novas", enriquecidas pelo progresso veneziano, terminaram por afastar da vida pública. Teria se sentado diante de Pietro Tiepolo, armador e comerciante, duque de Creta, podestade de Treviso, regente de Constantinopla que, não contente em favorecer a criação do Senado e a redação dos estatutos citadinos de 1242, se encarregara igualmente de restabelecer a unidade veneziana e impor, aqui e acolá, a soberania da República. Antes de deixar a sala, Francesco passou também diante do véu negro que recobria o retrato do doge Falier, de destino tão inquietante: contra a todopoderosa aristocracia, alimentara o sonho de voltar a um governo participativo que mobilizasse o povo, e fora executado. Quanto a ele, perguntava-se o que deixaria atrás de si e em quais termos se lembrariam de seus esforços no comando do Estado. Há motivos, na verdade, para me questionar a respeito, se inquietava. Pois precisamente nesse dia de abril, Francesco tinha preocupações bem sombrias. Estava a ponto de receber Emilio Vindicati, um dos membros do Conselho dos Dez. Ainda não tinha tomado uma decisão definitiva quanto à proposta, bem singular, na verdade, que aquele lhe fizera na mesma manhã. Francesco chegou à Sala del Collegio e foi se sentar por alguns instantes. Mas não ficou muito tempo no lugar. Nervoso, dirigiu-se a uma das janelas. Da sacada avistava o dique à frente da laguna sulcada por algumas gôndolas, barcos militares do Arsenal e outros barquinhos carregados de mercadorias. Perto dali, a sombra do leão alado de São Marcos e a do Campanário avançavam como punhais ao pôr-do-sol. Francesco esfregou os olhos soltando um profundo suspiro. Acompanhou o balé dos navios se cruzando sobre as vagas, espiando as pinceladas de espuma. Suspirou novamente e, mais uma vez, releu a conclusão da carta do Conselho dos Dez:

Uma sombra passa sobre a República. Uma sombra perigosa, que tem nesse assassinato, Vossa Alteza Sereníssima, nada mais que uma de suas múltiplas manifestações. Veneza encontra-se em situação desesperadora; os criminosos mais odiosos nela penetram como lobos numa selva escura. O vento da decadência paira sobre a cidade: não é mais possível ignorá-lo.

Imediatamente, o doge anunciou a um dos guardas do palácio que estava pronto para receber Emilio Vindicati. — Pois não, Vossa Serenidade. Enquanto o esperava, perdeu-se de novo nos reflexos cintilantes da laguna. Veneza... Mais uma vez, será preciso salvar-te.

Vários combates foram necessários para que, do lodo e das torrentes, os doges conseguissem preservar a "Vênus das águas". Francesco pensava com frequência nesse milagre, pois a sobrevivência da cidade se devia a um milagre. Antigamente fronteira de dois impérios — o bizantino e o carolíngio —, Veneza havia lentamente conquistado sua autonomia. São Marcos se tornara patrono da cidade em 828, ocasião em que dois mercadores trouxeram de volta ao Rialto, em triunfo, as relíquias do evangelista, roubadas de Alexandria. Mas foi a primeira cruzada e a tomada de Jerusalém que marcou, para a península, o início da Idade de Ouro. Como passagem entre civilizações, ocidentais, bizantinas, eslavas, islâmicas e do Extremo Oriente, a importância de Veneza não podia ser ignorada. Por ela transitavam madeira, ferro de Bréscia, da Caríntia e da Estíria, cobre e prata da Boêmia e da Eslováquia, ouro da Silésia e da Hungria, panos, lã, tecidos de cânhamo, seda, algodão e corantes, peles, especiarias, vinhos, trigo e açúcar. Paralelamente, Veneza desenvolvia suas próprias indústrias como a construção naval, produtos de luxo, o cristal, o vidro, o sal. Abria as rotas do mar a grandes comboios de galeras: a leste em direção a Constantinopla e ao mar Negro, Chipre, Trebizonda ou Alexandria; a oeste, em direção a Maiorca e Barcelona, depois Lisboa, Southampton, Bruges e Londres. O Estado armava as galeras, regulava-lhes o fluxo, encorajava os acordos. Marco Pólo e seu Livro das maravilhas - a descrição do mundo faziam os cidadãos de Veneza sonhar com horizontes distantes; Odorico da Pordenone percorria a Tartária, a Índia, a China e a Insulíndia, narrando seu percurso no célebre *Descriptio terrarum*. Os irmãos Niccolo e Antonio Zeno impulsionavam a superioridade veneziana até as terras desconhecidas do Norte, ao largo da Terra Nova, da Groenlândia e da Islândia, ao passo que Ca'Da Mosto aventurava-se na descoberta do Rio Grande na África e das ilhas de Cabo Verde. Eu daria tudo para assistir a isso. Veneza, aquela "cidade de nada" perdida em sua lagoa tornava-se um império! Bases e possessões se multiplicavam em Creta, Corinto, Izmir e Tessalônica, em mares cada vez mais distantes, criando assim verdadeiras colônias de exploração — a ponto de se sonhar, numa época, em edificar uma nova Veneza, uma Veneza do Oriente... De uma extremidade a outra desses territórios novos, surgiam súditos da cidade veneziana. Mas as populações dominadas, em geral miseráveis, ofereciam igualmente um terreno fértil para a propaganda dos turcos, aos quais terminaram por entregar os países em piores condições. Controlar extensões tão vastas e obstinar-se a nelas desenvolver a exploração forçava tamanhos vínculos administrativos e comerciais que o equilíbrio imperial não podia deixar de se fragilizar. E

depois... Veneza soubera conservar sua eminente posição até o século XVI. Só então os tempos do primeiro esplendor começaram a se apagar. As dificuldades venezianas depois da batalha de Lepanto, a hegemonia espanhola na Itália e a colaboração ativa entre a Espanha e o papado foram igualmente sintomas. Por ocasião do Tratado de Passarowitz, em 1718, Veneza perdeu novamente territórios para os turcos. A Cidade dos Doges se isolou então numa neutralidade benigna, consumindo somas absurdas na modernização do Arsenal. O desabrochar das artes pôde mascarar por um tempo esse lento declínio: os afrescos de Ticiano, Veronese e Tintoretto rivalizavam em beleza; Canaletto fazia tremer o ar e cintilar a cidade com luzes vaporosas. Mas Francesco sabia: hoje, confrontada com a exigência suprema de manter o status aos olhos do mundo e com o espectro sempre vivaz de sua dissipação, Veneza não podia mais mascarar suas feridas. Os mais severos críticos a comparavam a um frágil sarcófago, à imagem das gôndolas negras que a cruzavam por todos os lados. A reputação da cidade, essa gloriosa reputação que havia constituído o credo de sua expansão, estava em perigo. A fraude, os jogos de azar, a preguiça, o luxo haviam conseguido corromper os antigos valores. Os testemunhos recolhidos por Francesco, ao longo de quatro anos, mostravam o crescente declínio do tráfego marítimo. O porto não podia se comparar aos de Livorno, Trieste ou Ancona. Tentava-se reconciliar a nobreza com o comércio, por eles considerada uma atividade "plebéia", tomando como exemplo os ingleses, franceses e holandeses. Perda de tempo. O mercantilismo e a especulação prosseguiram; no entanto, os nobres não retomavam o caminho da antiga reputação. Daí à verdadeira decadência, só faltava um passo. Vindicati tem razão. A gangrena já se instalou.

As grandes portas se abriram e Emilio Vindicati surgiu na Sala del Collegio. Francesco Loredan se voltou. Vindicati havia abandonado a gala oficial por um comprido casaco negro. Usando uma peruca empoadada sobre o rosto oval, era um homem de alta estatura, mas a magreza dava a impressão de que flutuava dentro da vestimenta. Os olhos, penetrantes e inconstantes, eram normalmente atravessados por um brilho de ironia, denunciado pelo meio sorriso. A boca parecia ter sido desenhada a carvão: dois traços quase invisíveis que se abriam a intervalos num sorriso próximo do sarcasmo. A firmeza e a energia serenas emanadas da fisionomia se assemelhavam à superfície de um lago cujas profundezas, na verdade, fossem agitadas pela fúria, paixão e intransigência. Emilio era um fidalgo dado a discussões violentas — exatamente o que necessitava para influenciar,

com seu vigor, as deliberações do Conselho dos Dez. Florentino de nascimento, crescera em Veneza e acabava de ser eleito para a função depois de ter sido membro do Maggior Consiglio durante 25 anos. Nessa posição, adquirira a reputação de hábil político e orador implacável. Sua aparência altiva e, por vezes, o rigor excessivo de suas posições eram criticados, mas, como Francesco Loredan, Emilio habituara-se a assumir responsabilidades e lamentava o fim da Idade de Ouro da Sereníssima. Era um dos poucos que acreditavam que o Estado devia prevalecer sobre todas as coisas. E, ao contrário da maior parte dos nobres venezianos que julgava adormecidos sobre o macio travesseiro da preguiça, pretendia se empenhar ao máximo para permitir à República reencontrar o brilho de outrora. Ao entrar na Sala del Collegio, Emilio tirou o chapéu e inclinou-se à frente do doge fazendo uma reverência. Sua mão apoiava-se sobre uma bengala negra com dois grifos entrelaçados no punho. Francesco Loredan voltou-se de novo em direção à janela.

— Emilio, li com atenção as deliberações do Conselho e as recomendações feitas em sua correspondência. Ambos sabemos como funcionam nossas instituições e estamos habituados aos jogos de influência política. Não lhe escondo minha surpresa e meu horror diante da leitura dos documentos. Somos tão cegos quanto me faz supor? Nossa pobre Veneza está tão ameaçada quanto sugere, ou exagera para nos forçar a agir? Emilio franziu o sobrecenho e passou a língua nos lábios. — O senhor duvida das opiniões do Conselho dos Dez? — Vamos, Emilio, evitemos conduzir nossa conversação sobre o terreno de nossas respectivas suscetibilidades. Então um assassinato ignóbil foi perpetrado a noite passada no teatro San Luca. Emilio havia se erguido; as duas mãos nas costas, uma continuava a brincar com a bengala. Suspirou; depois deu alguns passos na Sala del Collegio. — Sim, Alteza. Poupei-o dos detalhes desse crime sórdido. Saiba somente que nunca houve nada semelhante em Veneza. O cadáver ainda está lá. Ordenei que ninguém tocasse em nada à espera de uma decisão sobre a forma de conduzir esta investigação, como proponho em minha correspondência. Mas é certo que essa situação não pode durar por muito tempo. — O senhor avisou o Grande Conselho sobre esse horror? — Não exatamente, Vossa Alteza. E, se me permite... Acredito deva ser a última coisa a fazer. Calaram-se novamente. O doge deixou a janela e, por sua vez, deu alguns passos para se plantar à frente de Emilio, bacheta na mão. Retomou a palavra: — Isso não me agrada. O senhor não ignora que mesmo a abertura da minha correspondência só me é permitida na presença dos membros do Conselho particular. Sob esse ponto de vista, o presente encontro é uma desobediência à nossa Constituição. Não preciso lembrá-lo das razões que

me levam a respeitar escrupulosamente esse cerimonial... E sabe que, em definitivo, não tenho o menor poder de decisão. Invoca circunstâncias excepcionais para contornar os protocolos habituais. Pois bem, alguns as interpretarão como uma forma de conspiração. Diga-me, Emilio, acredita seriamente que os membros do governo de Veneza podem estar envolvidos nessa trama? Reconheça que tal acusação seria da mais alta gravidade. Emilio não pestanejou. — As ameaças à segurança do Estado também são da mais alta gravidade, Alteza. Fez-se silêncio. Em seguida, Francesco levantou a mão e mostrou-se amuado. — Certamente, meu amigo, mas trata-se apenas de conjecturas. Os argumentos apresentados em seu relatório são, no mínimo, estranhos e as provas, insuficientes. O doge voltou-se e se postou abaixo da Vitória de Lepanto. — É impensável proceder a uma investigação pública. O simples fato de ordená-la nos colocaria em posição bastante constrangedora e logo conduziria a uma crise das mais profundas. É a última coisa de que necessitamos no momento. — Por essa razão, Alteza, me opus a convocar um de nossos agentes de informação para apurarmos mais detalhes. O doge franziu a testa. — Sim, compreendo. Por isso decidi então contratar um crápula, um ser leviano e inconsistente que nós condenamos a apodrecer nas masmorras de Veneza antes de mandar executá-lo! Eis uma idéia bem estranha. Quem lhe garante que não tentará escapar assim que colocar os pés para fora? Emilio sorriu. — Não se inquiete com isso, Sereníssima. A pessoa em quem pensei é apaixonada demais pela liberdade para tentar nos enganar. Ele sabe o que o espera se não cumprir sua palavra. Certamente concordo que se trata de um homem que, em numerosas circunstâncias, tudo fez para debochar da República e causar contrariedades, típicas desse tipo de temperamento, digamos, aventureiro e impertinente. Mas lhe oferecemos a liberdade e, mais ainda, a vida. Ficará eternamente grato e sei que, embora seja um patife, guarda algum senso de honra. Sei o que digo, pois já o tive sob minha responsabilidade durante quase quatro anos. Já trabalhou para nós — e para o Conselho. Sabe conduzir uma investigação criminal e se mistura com facilidade à multidão para obter informações. Pensa rápido e é inigualável na arte de escapar das situações mais insólitas. — Sim, disse Loredan. Visivelmente, tem muito talento para se meter nelas também. O sorriso de Emilio se tornou um tanto contrito. — Concordo com Vossa Alteza. Mas essa leviandade da qual fala nos serve também. Afinal de contas, ninguém jamais suspeitará que ele esteja a nosso serviço. Terei esse homem nas mãos de várias maneiras, pode acreditar em mim. O doge refletiu alguns segundos. — Vamos admitir, Emilio... Vamos admitir por um segundo

que agiremos assim, com todos os riscos que tal atitude representa. Já levou ao conhecimento do prisioneiro sua proposta? — Claro, Alteza. E, naturalmente, ele aceitou. Só espera nossa autorização. Imagine que aproveita a clausura para escrever suas memórias. Deixei bem claro, como o senhor pode imaginar, que os detalhes do negócio sobre o qual falamos não devem ser narrados no livro. Não que eu acredite que seu relato passará à posteridade! Mas seria embaraçoso se, através de sua pena, renegasse o compromisso assumido comigo, lançando o descrédito sobre nós, os Conselhos e todo o governo. — Nem é preciso dizer! Ele foi sentar-se, acariciando a barba com uma das mãos. Emilio aproximou-se. — Por favor, Alteza, que riscos corremos? Na pior das hipóteses, ele foge; mas na melhor... Talvez seja para nós o instrumento sonhado. Ele maneja a espada como ninguém, sabe obter confidências das pessoas e se sua marcante inteligência for posta a serviço de uma causa nobre, pode salvar Veneza. Uma ironia observada por ele próprio, mas com a qual se delicia. Assim encontrará uma forma de redenção. A redenção, Alteza. Um motivo poderoso. O doge ainda refletia. Fechou os olhos, trazendo aos lábios os dedos flectidos. Depois, com um suspiro, encarou Emilio: —

Bem. Traga-o aqui. Confio totalmente em seu julgamento. Mas compreenda que quero vê-lo e escutá-lo eu mesmo, para formar uma opinião mais precisa sobre o caráter desse homem. Emilio sorriu. Lentamente, ergueu-se e se inclinou. Franziu a testa e o sorriso se acentuou ao dizer: — Como o senhor desejar, Vossa Alteza. Emilio já tinha partido e o doge, preocupado, murmurava: — Mesmo assim... Libertar Orquídea Negra!

O doge fechou os olhos.

Podia ver as galeras armadas bombardeando a laguna, as formas encapuzadas correndo pela noite e se espalhando sobre Veneza, o carnaval. Sentiu o odor da pólvora e ouviu o ribombar das armas. Imaginou a Sereníssima soçobrando nas águas, devorada para sempre. O espetáculo grandioso do próprio aniquilamento inflamou-lhe também o espírito. Haviam lhe trazido um café fumegante que repousava ao lado do cetro. Os olhos se perderam na borra do café. E Francesco Loredan, príncipe da Sereníssima, 116º doge de Veneza, pensava: As bestas estão à solta.

CANTO II

O VESTÍBULO DO INFERNO

I Piobi, as prisões de Veneza, faziam parte do palácio Ducal. Situadas sob águas-furtadas e recobertas de lâminas de chumbo de 1m², tinham a reputação de estar entre as mais seguras da Itália. Ali se chegava pelo Palácio ou por outro prédio, atravessando a ponte dos Suspiros lembravam as últimas lamentações dos condenados levados ao local de execução. Através das janelas em treliça da ponte dos Suspiros podia-se vislumbrar a laguna; em seguida, era-se tragado por estreitos corredores até chegar ao sótão, local onde se encontravam as celas dos piores criminosos. Numa delas se encontrava um homem acusado, havia bastante tempo, de perturbar a agradável tranquilidade veneziana. Sem ser o mais tenebroso dos bandidos, devia ao temperamento amoral e aventureiro frequentes estadas nas masmorras. Só que, dessa vez, corria o risco de ser condenado à morte. O processo ainda estava em instrução. Recuperara a esperança de se livrar da terrível situação após recente conversa com Emilio Vindicati. Tinha cabelos compridos; barbeava-se e cuidava da aparência todos os dias como se, à noite, fosse participar de alguma festa galante. Sobrancelhas arqueadas, perfeitamente desenhadas, nariz fino, boca com curvas insolentes, olhos expressivos onde se adivinhava a aptidão tanto para esclarecer a verdade quanto para dissimulá-la. A aparência distinta contrastava com o lugar onde se encontrava. Concederam-lhe permissão para receber livros e ter uma mesa, além do colchão de palha onde dormia. Tornara-se amigo do carcereiro, Lorenzo Basadonna, que lhe fornecia penas, tintas e papel de velino para poder redigir as memórias reunidas em fragmentos esparsos. De tempos em tempos, discussões animadas se estabeleciam entre o guarda e o prisioneiro, para quem a privação da liberdade era o pior dos males. Apesar do desconforto cotidiano da situação, não era raro ouvi-los rir. Por vezes, recebia autorização para jogar cartas com outro prisioneiro e amigo de longa data, ele também um nome bastante conhecido na Sereníssima: um certo Giovanni Giacomo Casanova, também acusado com frequência de perturbar a ordem pública. Noutras ocasiões, o dedicado pajem, Landretto, vinha alegrar o patrão, trazendo pilhas de livros, víveres ou novidades da cidade. No dia em que Emilio Vindicati se preparava para soltá-lo, o prisioneiro estava, como de costume, curvado, pena na mão, a rabiscar sobre o velino. Curioso destino, com efeito, o desse rapaz de má conduta, nascido no coração da cidade,

no bairro de San Marco, no dia 12 de junho de 1726. Os pais residiam perto de Santa Trinità e trabalhavam com os de Casanova no teatro San Samuele, inaugurado em 1655 pelos Grimani. A mãe, comediantes, artista imprevisível, chamava-se Giulia Pagazzi; o pai, Pascuale, encarregado do guardaroupa do teatro, filho de sapateiro e saltimbanco, havia desaparecido muito cedo. Giulia partira então para a França a fim de honrar outros contratos; assim, o filho se encontrou rapidamente sozinho. Tinha irmãos e irmãs com quem praticamente não falava. Crescera na casa da avó, a velha Elena Pagazzi. Imitando Giacomo, que conhecera, quando criança, no campo San Samuele, seguira para Pádua a fim de começar os estudos. Lá, caiu nas graças de um amigo da família, Alessandro Bonacin, poeta libertino e aristocrata falido que o iniciou nos prazeres da vida, fingindo conduzi-lo ao caminho de Deus. Com o título de doutor na algibeira, o menino, agora um jovem, voltou a Veneza, onde recebeu a tonsura e a ordenação como padre. Sonhavam para ele com uma carreira eclesiástica, maneira prática de ascensão social que, pelo menos em um ponto, satisfazia-lhe o temperamento. Alimentava o desejo, imperioso e profundo, de reconhecimento, conseqüência paradoxal, mas compreensível, do sentimento de abandono em que mergulhara durante os primeiros anos de vida. A libertinagem lhe valeu um encarceramento no Forte di Sant'Andrea, na ilha de Sant'Erasmo, em frente ao Lido. Foi, aliás, a primeira vez que cruzou com seu camarada Casanova na prisão. Um cardeal romano tentou, em vão, conduzi-lo ao bom caminho, mas decidiu fugir, alistando-se no Exército antes de cruzar os mares de Corfu a Constantinopla e voltar a Veneza, como tocador de violino na orquestra do teatro San Samuele, o mesmo em que seus pais haviam trabalhado. Em resumo, mais uma "vocação" que não tinha, mas as escapadas libertinas com Giacomo e os companheiros do San Samuele lhe permitiram entregar-se livremente aos vícios. Frequentara uma boa escola. Entretanto, um dia a sorte lhe sorriu. No Palazzo Mandolini, a dois passos de Santa Trinità, quando se preparava para deixar o baile onde havia tocado violino, salvou, por milagre, o senador Ottavio de um mau passo, aconselhando-o sobre uma jogada na mesa de jogo. Com ousadia, declarou ser um talento oriundo do conhecimento esotérico que lhe permitia, por um engenhoso uso da numerologia, encontrar as respostas exatas para qualquer pergunta que se fizesse — ou que lhe fizessem. O crédulo senador se encantou a ponto de torná-lo filho adotivo. Colocou-lhe à disposição um empregado e uma gôndola, assim como a moradia e uma mesada de dez sequins. A partir de então, nadava em dinheiro e vivia como um fidalgo. Acontecia-lhe cruzar, de tempos em tempos, com Giacomo, tocado por sorte igual. Bela

revanche sobre a vida! Exibia demonstrações de oráculo em prol de importantes nobres de Veneza e enchia regularmente a bolsa nos casini. Certamente, não tinha só defeitos: compunha versos admiráveis, recitava Ariosto de cor, sabia filosofar. Erudição, carisma, espírito brilhante, capacidade de réplica e inestimável talento como narrador, capaz de levar o público às lágrimas ou mantê-lo com a respiração suspensa por horas, tornavam-no uma companhia agradável e requisitada. Mas como, nessa cidade carregada de segredos e volúpias, tão sagrada quanto profana, inocente e depravada, podia não sucumbir a seus demônios? Passava noites inteiras nos casini, abandonava-se a toda sorte de dissipação. Ao mesmo tempo, as ligações políticas faziam dele um informante ideal, tanto que uma noite Emilio Vindicati, que dirigia a Quarantia Criminale, foi procurá-lo. Nosso homem havia sido, assim, recrutado quase "por engano". Apresentado pelo senador Ottavio, convencera Vindicati, sem saber, a escolhê-lo para servir ao Conselho dos Dez, após três duelos sucessivos e pequenos passes de magia, graças aos quais ridiculariza alguns rivais amorosos e fidalgos seus conhecidos. Inquieto e tentado pela aventura, que lhe adicionaria mais sabor à vida, aceitara juntar-se às fileiras de informantes dos Dez. Em alguns anos, tinha se tornado um dos mais conceituados espões. Assim sendo, fora promovido — quem diria? — a agente secreto. Agente secreto a serviço da República. Por trazer sempre na lapela uma flor — cujas sementes mandava vir diretamente da América do Sul, por intermédio do senador Ottavio — e como o apelido lhe agradava, recebeu o codinome bonito e venenoso, que lhe caía como uma luva, com o qual construiria sua reputação: Orquídea Negra. Dedicou-se a seguir no encalço dos inimigos do poder, sediciosos e bandidos de toda espécie. Graças à experiência militar, pôde completar o aprendizado até tornar-se mestre de esgrima. Digno herdeiro da mãe, era perito na arte de representar e do disfarce; como consumado camaleão, já simulara mil rostos. O Orquídea Negra era considerado um elemento excelente. A carreira poderia ter prosseguido por muito tempo, se não tivesse cometido o erro crucial de seduzir a esposa do protetor. Ah, a bela Anna! Anna Santamaria tinha corpo de sílfide, olhos de gazela, um delicioso sinal no canto dos lábios, seios voluptuosos, uma graciosidade capaz de enlouquecer qualquer homem. Contra a vontade, a jovem fora forçada a se casar com o senador Ottavio. Os dois não conseguiram resistir. Orquídea Negra havia feito várias conquistas, mas nunca se apaixonara a ponto de arriscar a própria vida. Anna Santamaria cederá ao seu assédio várias vezes — vezes demais. A tempestade que se seguiu colocou fim à sua carreira. No dia 18 de novembro de 1755, os inquisidores da cidade tiraram-no

do leito para conduzi-lo aos Piombi, sob falsas acusações de ateísmo e conspiração. Um mês depois, quando já arquitetava um plano de fuga, o guarda Basadonna o transferiu de cela. O plano precisava ser refeito mas, sem desanimar e com a ajuda de Casanova, que reencontrara — saudações, amigo! —, o prisioneiro começou a refletir acerca de estratégias alternativas. Quanto a Anna Santamaria, devia ainda estar em Veneza, a menos que o marido a tivesse enclausurado em algum lugar na Terra Ferma. Em todo caso, Orquídea Negra e a amante não se comunicaram desde então. Por meses esperara ao menos uma carta, em vão. Também escrevera inúmeras, mas, sem dúvida, não chegaram ao destino. Apesar da natureza inconstante, estava com o coração partido. Encontrava-se nessa fase quando Emilio Vindicati, seu antigo mentor, veio procurá-lo pela primeira vez. O prisioneiro teve o espírito e a imaginação necessários para não mergulhar na apatia, até mesmo na loucura que se apoderava, por vezes, da alma de certos companheiros de cárcere. Giacomo e Pietro ouviam os gritos assustadores, queixas lúgubres que se perdiam na escuridão. Alguns chegavam a se estrangular com as próprias correntes para apressar a morte ou batiam com a cabeça com tal força contra as paredes que já traziam o rosto coberto de sangue, quando retirados das celas para ser executados. Outros voltavam desfigurados das sessões de tortura, praticadas pelos oficiais da República no interior de salas escuras às quais só se chegava através das incontáveis passagens secretas do palácio. Orquídea Negra escapara a esses interrogatórios sangrentos — pelo menos até agora — e nunca renunciara à vida. Pelo contrário, sentia a vida pulsar com mais força nas veias sem poder extravasá-la, o que lhe era sobremaneira intolerável. Ser forçado

a perder os melhores anos da juventude, o sabor das aventuras e escapadas excitantes o atormentava. Por vezes, agitava-se como um leão enjaulado, lutando para manter o auto-controle. Obrigava-se a uma rotina em que passava horas a experimentar algum traje sob medida, encomendado através de Landretto, a meditar sobre a impossível resolução de um intrincado problema filosófico, sobre uma nova estratégia para vencer o companheiro no jogo ou a trabalhar no afresco a giz que desenhava numa das paredes da cela. Ao ouvir o barulho da chave girando na fechadura do calabouço, abandonou a pena, ajeitou as mangas bufantes da camisa e voltou-se para a porta. Basadonna, o guarda, sorria com uma lanterna na mão, exibindo um olho ornado com terçol purulento, acima da barba desleixada. — Você tem visita. O prisioneiro levantou os olhos ao ver surgir Emilio Vindicati em seu mantô negro. Franziu o cenho. Os anéis cintilaram ao levar os dedos, por

um instante, aos lábios. Dedos que pareciam os de um artista. — Vejam só! Emilio Vindicati. É sempre uma honra recebê-lo em meu humilde palácio! Constató com prazer que nossos encontros têm se tornado mais freqüentes. — Deixe-nos — disse Emílio ao guarda. O guarda soltou um murmúrio, entre um rosar e um rir; depois, lentamente, afastou-se pelos corredores. A expressão de Emílio, a princípio dura e impassível, iluminou-se. Abriu os braços. O prisioneiro se levantou e trocaram um abraço caloroso. —

Ah, meu amigo — disse Emílio. — Como planejei, o doge quer falar com você. Comporte-se como convém, canalha, e diga-lhe o que deseja ouvir. A partida ainda não foi ganha, mas você está prestes a conquistar a liberdade. — Você me salvou, Emilio. Não tenha receio; jamais esquecerei. Se o preço de minha vida é realizar a missão da qual me falou, levá-la-ei a cabo. Afinal de contas, mesmo se a missão não fosse intrigante, Veneza é minha cidade amada e merece tudo que eu puder fazer por ela. Entrelaçaram-se um instante, os olhos brilhantes. Em seguida, Emilio, ainda segurando a porta da cela, estendeu a mão em direção ao corredor. — Vamos. Não o façamos esperar. Pietro Luigi Viravolta de Lansalt empertigou-se e abriu um meio sorriso. Alisou no peito a dobra da camisa e, com ar resolutivo, seguiu os passos do benfeitor. Antes de partir, parou um segundo diante da cela vizinha. Através da fresta, emergiu uma mão exibindo também um anel com brasão no dedo médio e um rubi no anular. — Você vai embora? —

Talvez — respondeu Pietro. — Se não voltar, cuide-se bem. — Não se preocupe comigo. Tenho mais de um truque na manga. Voltaremos a nos ver, amigo. — Que minha bênção o acompanhe. — A minha também, Pietro. Quando estiver do lado de fora... Fez uma pausa. — Demonstre estar à minha altura. Pietro sorriu. — Espero que sim, Giacomo. Apertou a mão de Casanova e seguiu Emilio Vindicati pelos corredores escuros.

Há bastante tempo Viravolta não punha o nariz do lado de fora. Fazia um pouco de frio, mas o sol no rosto e a luz nos olhos tinham o efeito de uma bênção infinita. Sorvia os perfumes de sua Veneza reencontrada. Emilio precisou parar para deixá-lo contemplar a laguna da ponte dos Suspiros. Mal saíra da cela, foi tomado por uma onda de energia; teria devorado o mundo, se pudesse. Mas não se devia retardar. O príncipe Sereníssimo ainda os aguardava na Sala del Collegio. Pietro estava disposto a tudo para obter a liberdade e não se preocupava com a investigação que Emilio queria lhe confiar. Respirava fundo, avançando a passos largos no palácio, símbolo de seu encarceramento, mas

também de tudo que admirava na vibrante cidade veneziana. Imaginava-se, agora, cheio de autoridade, transpondo a porta del Frumento, a porta do palácio que dava acesso à baía de São Marcos e seu esplêndido átrio interno, a elegante ala renascentista, a torre do Relógio e chafarizes com rebordos de bronze. Depois que o edifício bizantino, o palácio Ziani, fora consumido pelo fogo, fez-se sua reconstrução dotando de uma resplandecente fachada voltada para o mar e acrescentaram-lhe uma nova sala, banhada pelo sol do meio-dia, onde se reunia o Grande Conselho. Com seus losangos de pedras vermelhas e brancas, as fachadas do palácio, perfuradas de janelões com ogivas emolduradas de bordas cinzeladas que pareciam adentrar no mar, evocavam o retábulo de uma igreja. O rendilhado dos recortes abertos em forma de setas, os pequenos campanários de mármore, suspensos, a série de pequenas arcadas que se sucediam na galeria do térreo, as colunas delgadas da galeria superior, tudo concorria para tornar essa obra gótica uma perfeita maravilha. Outro incêndio, em 1577, não fora capaz de colocar abaixo esse monumento; Antonio Da Ponte o reconstruíra à perfeição e o palácio parecia navegar, desde então, sobre as vagas de uma eternidade triunfante. Ao longe, o júbilo e a vitalidade da cidade chegavam aos ouvidos de Pietro sob forma de um rumor persistente que, totalmente de acordo com seu humor, o enchia de alegria. Quer o doge o desejasse ou não, Viravolta sentia-se parte da cidade inteira, tomado por esse ardor sutil e indefinível que inflamava os venezianos. Livre! Enfim livre!

Pietro e Vindicati logo ganharam a Sala del Collegio, onde foram anunciados ao doge. Aqui estamos nós. As imensas portas duplas se afastaram como por encanto. Noutras circunstâncias, Pietro poderia ter ficado impressionado. Essas portas, cujos batentes se abriam revelando a Batalha de Lepanto e a pintura Marte e Netuno no teto, eram o símbolo mais vigoroso da introdução aos segredos do poder, sob os lambris da República, a lembrança do império que chegava ao fim. No fundo da sala, Sua Alteza Sereníssima, o doge de Veneza, reinava. Lentamente se aproximaram. A convite do príncipe, Vindicati e Pietro sentaram-se à sua frente. Por muito tempo, o doge observou o rosto do prisioneiro. Depois, pigarreou. — Recapitulando: numerólogo, mentiroso, jogador, sedutor, mestre de esgrima e do disfarce, agente duplo — até mesmo triplo —, oportunista; em suma, um patife. As extravagâncias do Orquídea Negra foram discutidas em todos os nossos Conselhos... Protegemos o senhor por muito tempo em nome dos serviços prestados à República... Mas lhe juro, Viravolta, a idéia de voltar a tê-lo caminhando a

passos largos pelas ruas de Veneza me deixa apreensivo... O senhor lembra um pouco seu amigo Casanova, aquele renegado. Um sorriso vagamente incomodado iluminou o rosto de Pietro. Depois, recobrando a sagacidade: — Veneza é propícia a todas as ilusões, Vossa Serenidade. A ponta de insolência não escapou ao doge. Emilio lançou-lhe um olhar convidando-o a dominar o temperamento. — Sim — continuou Francesco Loredan. — Então está a par do que nos preocupa. O Conselho dos Dez teve uma idéia bem insólita e me propõe encarregá-lo de uma investigação que, creio, poderia enlamear reputações sólidas. Lembra-se do Conselho dos Dez, certo? E como... Pietro aquiesceu. Orquídea Negra trabalhara a serviço dos Dez por quatro anos. Esse cenáculo todopoderoso era de meter medo. Desde seus primórdios, a república de Veneza fora governada por toda sorte de assembléias. A princípio, elegeu um Comitê de Sábios — do qual nenhum membro do clero tomava parte — que se definia como o estandarte da autarquia nascente. Depois, o Grande Conselho terminara por se impor e hoje discutia as propostas de leis e elegia todos os responsáveis pelas magistraturas e funções burocráticas, assim como os senadores, o famoso Conselho dos Dez e os representantes das Quarantie, encarregados da elaboração dos projetos fiscais e financeiros. Desde a Idade de Ouro, o Senado ocupava-se da diplomacia, política estrangeira, controle das colônias e condução das guerras, ao mesmo tempo em que organizava a vida econômica da cidade. A administração propriamente dita era dividida em duas seções principais: os "escritórios do palácio", compostos de seis cortes judiciárias, bem como dos escritórios financeiros, militares e navais e da chancelaria ducal, responsável pela conservação dos arquivos do Estado e protocolos juramentados; e o dos "escritórios do Rialto", essencialmente formados por escritórios fiscais. Nesse governo centralizado, o Conselho dos Dez assumia um papel-chave. Nascera do medo do governo que, pouco a pouco, perdera o apoio popular. Por muito tempo, Veneza fora admirada mundo afora pela estabilidade política, cujo sedutor regime servia ao mesmo tempo aos governos aristocrático, monárquico e democrático; na verdade, era governada pelo medo. Em conjunto com a Quarantia Criminale, o Conselho dos Dez, chamado de "Conselho Tenebroso", era o instrumento supremo da polícia veneziana. Os dez membros habituais eram escolhidos pelo Grande Conselho, entre as diferentes dinastias familiares, por um ano. A eles se juntavam o doge e seus conselheiros, um advogado da Comuna, os chefes das três seções das Quarantie e uma comissão composta de vinte membros para decidir assuntos administrativos. O Conselho dos Dez, câmara conservadora cuja reputação despertava temor, tinha por missão primordial vigiar as vítimas da exclusão

social, pois a aristocracia temia reações desesperadas por parte de certas facções, o que colocaria em perigo a segurança do Estado. Emblema da justiça de exceção, dispunha de fundos secretos e de uma vasta rede de informantes — rede da qual Pietro fizera parte por muito tempo. Durante um período, esse órgão implacável havia tentado usurpar as prerrogativas do Senado em assuntos diplomáticos, financeiros e monetários. Uma severa crise o obrigara a render-se ao "a César o que é de César." Mas os Dez não se acomodaram: os poderes dos três inquisidores do Estado, nomeados pelos Dez com a missão de desvendar os casos de espionagem e conspiração inimiga foram reforçados. O Conselho Tenebroso persistia em usurpar das Quarantie parte do poder judiciário. Ainda hoje, sua polícia secreta espalhava o terror nas antecâmaras do Palácio Ducal. Embora as ações ocasionassem, por vezes, retumbantes erros judiciários, o formidável poder não era abalado. A República do Secreto: eis, em definitivo, o que encarnava. Deliberava sempre a portas fechadas. Tinha autorização para torturar e absolver, prender ou libertar qualquer um que servisse a seus fins — uma atribuição da qual Pietro, nesse instante, pretendia se aproveitar. Uma questão de justiça. No passado, consolidaram a reputação de eficiência desmantelando uma conjuração européia contra Veneza, liderada pelo senhor de Bedmar; desde então, pareciam estar por todo lado. Obrigavam os membros dos outros conselhos a manter sigilo sobre o teor dos debates, sob pena de morte ou privação dos bens. Perseguiam e eliminavam os suspeitos, organizavam às escondidas as operações de polícia especial, incentivavam as delações, decidiam sobre a vida e a morte dos condenados. O Conselho Tenebroso costumava chafurdar no sangue. Emilio Vindicati era, ele mesmo, porta-voz e principal representante dos Dez. Pietro devia unicamente à vontade desse homem o fato de ainda estar vivo e nutrir a esperança de reconquistar a liberdade, apesar dos excessos que, tantas vezes, quase o levaram à catástrofe. Quando era mais jovem, com os companheiros de San Samuele, fomentavam o caos, convocando médicos, parteiras ou padres a endereços errados, para se ocupar de doentes imaginários. Ou então deixava à deriva as gôndolas dos nobres no Grande Canal. Diante de tais evocações, Pietro sorria; e se as transgressões se tornaram mais graves com o passar do tempo, jamais participara de complôs contra o poder. Longe disso. Vindicati fora cativado pela personalidade de Pietro e o sentimento ganhara força à medida que acompanhava o relato das aventuras, com freqüência rocambolescas, do pupilo de codinome Orquídea Negra. Mais ainda, haviam compartilhado algumas amantes, sem jamais sabê-lo, antes que Pietro se apaixonasse por Anna Santamaria. Mas, não sem razão, Emilio considerava infimo o

perigo representado pelo discutível comportamento de Viravolta, em comparação com o que ameaçava agora a República. O doge retomou a palavra: — O Conselho dos Dez preparou um relatório de polícia no qual não me poupa de nenhuma de suas suspeitas, Viravolta. Mas antes de lhe permitir ler uma linha sequer, aguardo do senhor outras garantias além de seu bom humor. Quem me garante que o senhor não se aproveitará de nosso perdão para fugir ou passar para o lado inimigo, se existe realmente um? Pietro sorriu e passou a língua nos lábios. Cruzou as pernas, uma das mãos sobre os joelhos. Era chegado o momento de ser convincente. — Messer Vindicati me deixou bem claro que o perdão, por Vossa Alteza mencionado, só será concedido se obtiver sucesso na investigação. Meu processo está em instrução e o fedor de uma condenação à morte — bem injusta, na verdade — paira sobre minha cabeça. Crê, Alteza, que tentarei fugir como o último dos bandidos, sem tentar lavar, de uma vez por todas, minha honra? Não seria conveniente, para um homem como eu, perambular de cidade em cidade na tentativa de escapar de outros agentes que — estou certo — os senhores não deixariam de mandar seguir minhas pegadas. Não tenho a intenção de passar o resto de meus dias a me certificar de não estar sendo seguido ou de não tombar numa armadilha preparada a seu pedido. O doge semicerrou os olhos. Um sorriso fugidio percorreu o rosto. — Por outro lado, Sereníssimo — prosseguiu Pietro —, meu encarceramento se deve aos maus modos de que me acusam. Sou, sem dúvida, responsável por meus atos e não vou fingir que, graças à virtude de uma súbita iluminação mística, serei convertido e me dedicarei aos artigos de fé de uma Igreja qualquer ou percorrerei a via de uma redenção arrebatada. Acusam-me de leviano, inconstante, cínico. É um retrato bem sombrio feito pelos meus inimigos! É verdade que, sem querer, desencadeei alguns imbróglios políticos. Mas lembre-se, Alteza, que devo meu encarceramento, sobretudo, a um romance e esse motivo, no fundo, representa bem pouco, comparado à pena a mim infligida, e à que ainda corro o risco de sofrer. Não é segredo para ninguém que o senador Ottavio tudo fez para conseguir me trancafiar, utilizando todos os pretextos possíveis e imagináveis, e hoje deseja minha morte. Acredite quando digo que sou o primeiro a lamentar, pois acima de tudo amo minha liberdade. A palavra o fará talvez sorrir, Alteza, mas também tenho meu código de honra e — se posso me permitir — minha ética pessoal. Não sou um assassino: se fui forçado a matar, foi apenas para servir à glória militar da República, à dos negócios de Estado, quando trabalhava incógnito para o Conselho, ou simplesmente para me defender de uma agressão. Abomino, tanto quanto Vossa Alteza, os crimes de sangue. Se

soubesse que se serviriam dos serviços que prestei para voltá-los contra mim, teria me mantido bem afastado de certos papéis que me fizeram representar! E fácil me recriminar hoje pelos talentos que ainda ontem aplaudiam. Francesco Loredan continuava a escutar. O discurso durou uma hora. Pietro tinha plena consciência das restrições que o doge podia ter a seu respeito

para abordá-las com todo o *savoirfaire* de que era capaz. A idéia de se encontrar novamente mergulhado nos negócios criminais da República ressoava com eco singular. A possibilidade o estimulava, embora soubesse, melhor que ninguém, os perigos que poderiam estar à sua espera. Compartilhava com Emilio Vindicati o gosto por essas idéias aparentemente bizarras que, no fundo, revelavam certa capacidade de penetrar na alma humana. Emilio tinha razão num ponto: podia confiar em seu "prisioneiro" e amigo. Pietro estava determinado a todos os esforços para se ver livre do cárcere. Não contente em oferecer a vida como garantia, fez ao doge algumas revelações que ouvira de outros prisioneiros nos Piombi. Mesmo na cela — sobretudo na cela — se escutava muitas coisas que não podiam deixar de interessar aos ouvidos do príncipe Sereníssimo. Ofereceu como prova de boa-fé a fortuna pessoal, espalhada aqui e ali, e que pretendia trazer de volta a Veneza, num tom de autêntica sinceridade. Demonstrou ao doge o quanto a República lucraria em se servir dele, depois que ele tanto se servira dela. Enfim, discursou tão bem que conseguiu convencer Loredan, sem que Emilio precisasse intervir. — Muito bem! — disse Francesco, uma das mãos no queixo — Acho... Deixou pairar um instante de silêncio.

— ... Acho que vamos tentar a operação. Ganhei! Pietro tentou dissimular o alívio. —

Entretanto, Viravolta — prosseguiu o doge —, não preciso dizer que tudo que o senhor ler, escutar ou reportar ao Conselho é rigorosamente confidencial. A quebra da promessa equivalerá a uma penalidade definitiva. A missão é secreta e encontraremos uma maneira de explicar sua saída da prisão sem nos colocar em situação delicada perante a população. Emilio, cabe a você prevenir o senador Ottavio e mantê-lo sob controle. Quando souber que o Orquídea Negra está livre, é bem capaz de tentar desencadear um escândalo, ao qual não podemos nos expor. Previna também os membros do Conselho dos Dez, pois só confiam inteiramente em você. Mas insisto em duas outras condições: em primeiro lugar, meu Conselho Privado deve ser informado — disso não abro mão, Emilio, pois me coloca a salvo de uma eventual repercussão. Em segundo, o chefe da Quarantia Criminale deverá ser igualmente avisado. E, finalmente, a parte mais difícil: todos devem se calar. Emilio aprovou. — Pode confiar em mim. Francesco Loredan

virou-se novamente para Pietro. — Quanto ao senhor, Viravolta, está livre. Eu mesmo redigirei o salvo-conduto para poder dar início às investigações. Mas não se esqueça... Levantou uma das mãos acima do corno ducal. — A espada de Dâmocles paira sobre sua cabeça. Ao menor sinal, os leões de Veneza vão se atirar sobre o senhor até estilhaçá-lo. E longe de impedi-los, vou encorajá-los com toda a força de minha autoridade. Pietro fez uma reverência. — Estamos entendidos, Vossa Serenidade. E acrescentou sorrindo: — Vossa Alteza não terá motivos para se arrepender.

Pietro descia correndo como criança os degraus da Scala d'Oro, a escadaria de ouro, com Emilio em seus calcanhares. Exultava. Passando por um guarda, tocou com o dedo a ponta da alabarda, puxou-lhe a barba e, rindo, fez uma reverência. — Livre, meu amigo. Desta vez, é pra valer! Estou livre! Emilio o alcançou e colocou-lhe uma das mãos no ombro. — Estarei em dívida com você pelo resto de minha vida — disse Pietro. —

Sim, compreendo sua felicidade. Mas não se iluda. Lembre-se que essa liberdade tem suas restrições. Saiba que estarei de olho em você e que sou pessoalmente responsável por sua conduta perante o doge e o Conselho dos Dez. — Vamos, Emilio. Jurei cumprir minha missão e assim o farei. Você me conhece. Levarei menos tempo a concluir com êxito a investigação do que a narrá-la a você. — Não creia que será tão fácil. É séria a coisa, como verá esta noite mesmo. — Esta noite? Mas é que... Tinha pensado festejar minha liberdade na companhia de algumas nobres amigas que não vejo há bastante tempo. Um pouco da ternura de nossas costureirinhas venezianas e muito vinho. Naturalmente está convidado para a comemoração. Calou-se. Emilio o encarava com ar grave. Apertou o ombro de Viravolta com força. — Não. O que precisa ver não pode esperar. E está fora de questão procurar uma de suas antigas amantes — sobretudo a que fez com que você fosse trancafiado. Pietro, Anna Santamaria não está mais em Veneza; foi enviada para longe. — Para onde? — Melhor não tentar descobrir. Não se esqueça de que muitos nobres querem vê-lo morto. A começar por Ottavio. Viravolta concordou, a contragosto. — Não se inquiete. Não sou louco. Anna... A Viúva Negra, como você a chamava, embora não fosse nem negra nem viúva! Seu único pecado foi me amar... Uma sombra de tristeza passou-lhe nos olhos. — Foi o meu também. Mas tudo isso, meu amigo, tudo isso pertence ao passado. Depois, retomando o sorriso: — Saberei me comportar, juro. — Bem, voltemos aos negócios. E que a festa comece, se ousar dizer. Emilio franziu as sobrancelhas. Abriu o mantô preto e retirou uma

pasta de couro com um fecho de ferro da qual algumas folhas de velino escapavam. —

Pietro, sou obrigado a reiterar meu aviso. Você acaba de colocar os pés no vestíbulo do inferno, acredite. Não vai tardar a se dar conta. Eis o relatório de polícia referente ao assassinato sobre o qual falei. Trata-se do comediante Marcello Torretone, empregado pelos irmãos Vendramin no teatro San Luca. Antes de se dirigir ao local do crime, é preciso ler este relatório e depois queimá-lo. Entendido? — Entendido. — Excelente! — exclamou Emilio Vindicati. — Eis-me de novo responsável por você. Pietro, coloquei em jogo minha honra e minha reputação nesse assunto. O fracasso está fora de cogitação. Em contrapartida, se levarmos a termo a investigação, com os efeitos que espero, a glória recairá somente sobre mim, ou quase. Você sabe que as intrigas correm à larga, tanto no Grande Conselho quanto no Senado. Mas quem sabe? Talvez eu tenha outras intenções. E afinal de contas, Loredan não é imortal. Pietro sorriu. Vindicati relaxou e concluiu: —

Vamos! Preparei outra surpresa para você. No pátio interno do palácio, em frente à porta del Frumento, um jovem aguardava. O rosto de Pietro iluminou-se quando o criado correu a seu encontro. — Landretto! — Até que enfim, senhor. Começava a sentir sua falta e me cansar das horas passadas a espreitar sua passagem na ponte dos Suspiros... Riram juntos. Landretto, cabelos louros, não tinha 20 anos. Era um rapaz franzino, com um rosto atraente apesar do nariz um pouco comprido demais. Estava a serviço de Pietro havia mais de cinco anos e sempre lhe demonstrara lealdade. Pietro o tirara, literalmente, da sarjeta. Encontrara-o gemendo no chão, completamente bêbado, numa poça do próprio sangue, depois de ter sido roubado e espancado numa taverna por um bando de malfeitores. Pietro fizera com que cuidassem do jovem e o vestissem. Landretto, por livre e espontânea vontade, propusera-se a servi-lo e se tornara seu amigo e ajudante. Mantinha-o informado, seguia os rastros e os das damas, levava os bilhetes de amor e, de tempos em tempos, pegava as migalhas deixadas pelo patrão. Estar a serviço de Viravolta também tinha suas vantagens — delícias na verdade — e por nada no mundo Landretto renunciaria à sua função. — F então? O senhor abandonou Messer Casanova à própria sorte? Pietro olhou em direção ao palácio e fez uma prece muda pelo amigo. Casanova também tinha sido condenado a cinco anos por ofensas contra a santa religião. Outro bode expiatório. — Espero que consiga escapar. Virou-se para o criado que, naquele instante, abria os braços mostrando-lhe o que trouxera. E estava carregado. —

Para fazê-lo voltar a ser definitivamente o senhor mesmo — disse Landretto.

E aqui estamos!

Viravolta, parado em frente ao espelho, contemplava a imagem refletida com satisfação. Lavara-se e empoara-se com a extravagância que não lhe fora permitida por longos meses. Prendeu os cabelos e ajustou a peruca que lhe estendia Landretto. Voltou a se empoar, sorriu e vestiu o casaco veneziano de cor clara, enfeitado com debruns e arabescos dourados. Depois um mantô preto, cujas largas abas desciam-lhe até os tornozelos. Verificou os punhos e a gola de babados, colocou o cinturão, estalando o fecho. Tirou a espada, a fez vibrar no ar. Colocando-se em guarda, examinou-lhe o punho, finamente trabalhado, antes de recolocá-la na bainha soltando uma exclamação alegre. Duas pistolas vieram se juntar à espada, nos flancos; escondeu-as sob o mantô. Enfiou no cano da bota um punhal de lâmina afiada, depois lustrou com cuidado os botões das mangas. Landretto girava a seu redor aspergindo jatos vaporosos de perfume. Finalmente, colocou o chapéu de aba larga, sobre o qual passou os dedos assobiando, antes de pegar a bengala entalhada com a figura de um leão. Um leão alado, como o emblema de Veneza. — Senhor, esqueceu-se de uma coisa. — disse Landretto. Com um sorriso nos lábios, estendeu-lhe uma flor negra. Pietro retribuiu o sorriso e prendeu a flor na lapela, arrumando as pétalas com cuidado. Olhou-se uma última vez no espelho. O campeão das aparências e das identidades múltiplas. O virtuose do amor e da sedução. Um dos mais exímios espadachins da Itália. Orquídea Negra estava de volta! Voltou a sorrir. — Estou pronto.

CANTO III

O LIMBO

A noite caía sobre Veneza. Pietro saboreava cada um dos instantes da volta à cidade, à liberdade. Embora tivesse sido intimado a chegar rápido ao teatro San Luca devido a um crime de cujo horror já se inteirara, estava bem-humorado. Vibrara de felicidade ao sentir sob os pés, pela primeira vez desde muito tempo, a gôndola a conduzi-lo ao bairro de San Luca. Uma hora antes, encontrara os disfarces usados no passado para desempenhar diferentes missões: cada um mais diferente e fantástico que o outro. Esta noite, decidira acrescentar uma pinta no rosto empoado e, sob o chapéu escuro, um tapa-olho lhe dava, vagamente, um ar de pirata ou aventureiro. Vestira uma capa preta sobre o casaco veneziano. Bem, avante! E como diria Emilio, que a festa comece. De pé na proa, perto do

gondoleiro, enquanto Landretto se sentara na popa, Pietro perscrutava a penumbra na qual mergulhava ao crepúsculo; a alma exultava por reencontrar o esplendor abandonado há cerca de um ano. Veneza, sua cidade. Conhecia os seis sestieri como a palma da mão: San Marco, Castello, Canareggio, deste lado do Grande Canal; Dorsoduro, San Polo e Santa Croce do outro. Os sestieri agrupavam 72 paróquias. Pietro as percorrera inteiras. Quando criança, saltava de uma gôndola a outra ou passava como uma flecha sobre as pontes e ia se perder, satisfeito, nas ruelas tortuosas. Brincava nas praças, de San Samuele a San Luca, perto dos chafarizes e das igrejas, diante das lojas dos alfaiates, farmacêuticos, vendedores de frutas e legumes, de vinho, negociantes de madeira. Descia e subia sem parar as Mercerie, que ligavam San Marco ao Rialto, parando diante dos garrafões de leite, balcões de carne, queijo e bijuterias. Roubava alguma coisa e fugia rindo, sob uma saraivada de injúrias. Sorriu. O sorriso desapareceu lentamente. Hoje, Veneza também tinha outro sabor. O arrebatamento de Pietro se tingia de inquietude quando, sempre em pé na proa da gôndola, cruzavam villas deterioradas, algumas já soçobrando, cercadas de água por todos os lados. Fachadas inteiras sustentadas por estacas provisórias. As sacadas, essas altane tão propícias às declarações de amor e aos suspiros, pareciam prestes a desmoronar. Veneza sempre fora punida por um clima bem mais rigoroso do que se podia imaginar. No verão, os poços de água doce freqüentemente secavam; no inverno, acontecia da laguna se transformar em local de patinação. Pietro recordava os momentos alegres quando, escapando das saias de Giulia, ia deslizar e estatelar-se no gelo entre o palácio ducal e a Giudecca, no meio das vagas de repente congeladas em mil pérolas de cristal, às quais se unia a cortina ondulante dos flocos de neve lançados pelo céu. Momentos mágicos, mas certamente não para as construções de Veneza. A isso se acrescentavam os tremores de terra, os incêndios crônicos que obrigaram o governo a montar um esquadrão especializado, dirigido por um "empregado com máquina hidráulica". Mais freqüentes ainda eram as chuvas diluvianas e a terrível subida das águas, a acqua alta, particularmente destrutiva. As magistraturas se esforçavam por reagir, embelezar e restaurar a cidade, numerando as construções, melhorando higiene e saneamento públicos e constantemente cuidando da restauração e reestruturação dos sestieri. Aos carregadores de lanternas que ajudavam os pedestres no labirinto dos becos ao cair da noite, se juntavam doravante os Senhores da Noite, encarregados da segurança dos habitantes. As obras de um importante plano de iluminação tiveram início e Veneza se cobria de candeeiros. Pietro estremeceu. Com a

noite, a temperatura baixava. Sentia frio. Levantou a gola do casacão, depois examinou mais uma vez o relatório entregue por Emilio Vindicati. A mão enluvada deslizou por um instante na pasta de couro. Com efeito, o caso parecia ser bastante sério.

Na verdade, um crime abominável que não encontra equivalente nos anais de Veneza, mas cujos detalhes indicam não se tratar de um ato gratuito. De fato, a considerar o cenário arquitetado pelo assassino, pode esconder um sentido político, suscetível de inquietar diretamente os mais altos dignitários da República...

A identidade da vítima, Marcello Torretone, não lhe era totalmente estranha. Era um ator de certa reputação. O relatório dos Dez resumia as informações necessárias para a compreensão da vida e da personalidade do homem. Nascido no sestieri de Santa Croce, os pais trabalhavam no teatro, como os de Pietro — não podia deixar de notar certa familiaridade, o que o aproximava do falecido. Pisara os palcos desde a mais tenra idade. O pai morrera de gangrena depois de uma ferida grave, à saída do teatro. A mãe, Arcangela, inválida aos 33 anos, tinha se refugiado num convento de Veneza, o San Biagio de la Giudecca. A princípio, Marcello representara papéis secundários no teatro San Moisè. Descoberto pelo capomico do lugar, abandonara o teatro dois anos depois para integrar a trupe do San Luca. Mas outra observação no dossiê chamara a atenção de Pietro. Marcello Torretone havia se beneficiado de uma educação católica fervorosa. A mãe era, segundo o documento, de uma devoção sem limites; obcecada pelo pecado, obsessão herdada pelo filho. O relatório o descrevia como um ser de personalidade conturbada e complexa. Ele também tinha o hábito das identidades múltiplas. Um camarada, de alguma forma, pensou Pietro. O pecado — eis algo que sempre fascinara Viravolta. Era muito censurado pelos seus pecados, quando neles só via a satisfação das aspirações comandadas pela natureza. Sim, havia enganado alguns senadores, enlouquecido a mulher de Ottavio. Por vezes, fora um pouco longe demais. Mas sempre agira segundo as ordens do coração. Tal era, no entanto, a pecha que lhe cabia, a do pecado. A marca do mal sobre a terra e no coração do homem. Talvez devido à educação, moldada pela devoção obsessiva da mãe e pela não aceitação por parte da própria Igreja, Marcello Torretone tenha alimentado os sentimentos com essa singular obsessão. Quanto a Pietro, se encontrava hoje em seu papel preferido, do qual nunca se cansava, o de agente secreto. Pensando bem, depois do uniforme militar, dos bailes de máscaras, caçadas acompanhado dos mais conceituados nobres,

Pietro há muito vira nessa evolução uma consequência lógica. Num piscar de olhos, passava dos Piombi ao serviço do governo. Além disso, sabia que os Dez recrutavam, tanto entre as jovens alegres quanto entre os nobres falidos, os artesãos necessitados e os Cittadini interessados em obter boa reputação junto às instituições da Sereníssima. Quanto a ele, Viravolta, de origem social embaraçosa, fascinado pelas aparências dessas glórias venturosas, encaixava-se à perfeição na nova função. Estava acostumado às passagens imprevistas da sombra para a luz e da luz para a sombra. Essas mudanças freqüentes davam sabor à sua vida. Traçara para si um caminho sinuoso e era preciso reconhecer que nem sempre pôde dar conta dos desvios. A vontade tenaz o levava a conseguir êxito acima do comum; um olhar frustrado sobre o próprio nascimento, a incapacidade de assumir plenamente sua procedência, prendiam-no com força igual nas redes mergulhadas em água lamacenta. O comando imperioso da paixão o arrastava a atitudes ousadas: ostentava inteligência para escapar a essa fatalidade e afrontar os infinitos paradoxos da própria natureza. Quantos talentos, quanta sedução, quantos artifícios precisou despender para ser digno do modelo que criara para si mesmo — e como esse modelo, inteiramente baseado na aparência, dissimulava mal suas fraquezas! Pietro, ele também, era um comediante. Inatingível, sempre ávido de reconhecimento, atirava-se a controvérsias que acabava não somente por admitir, mas por encorajar. Como se desejasse, não sem ironia, colocar à prova os alicerces sociais sobre os quais homens e mulheres comuns edificavam seus princípios; discutir a arrogância de suas certezas. Pietro não tinha certeza de nada. Nesse jogo, sob o fio da navalha, à beira do precipício, ao mesmo tempo despertava fascínio e antipatias. Sua liberdade tinha um preço, por causa dela detestavam-no. Aquilo a que chamavam de falta de fé ou de moral era, com freqüência, reflexo da inveja não declarada de não se parecer com ele. Incomodava o poder ao mesmo tempo em que o servia. Era rebelde a toda forma de autoridade. Sim, Pietro era um homem livre! Era isso, sem dúvida, que inspirava medo. Sabia que, bem no fundo, o perfume de escândalo que lhe cercava a personalidade era tanto fruto de seus atos como da frustração latente dos detratores. Era simples querer imitá-lo, bastaria aceitar-se a angústia tão peculiar que provocava o irresistível abandono aos movimentos do coração, abandono que toda civilização se esforçava por refrear. Pietro nunca conseguira se desvencilhar dessa forma de angústia. Quando dava livre curso à introspecção, reencontrava essa mesma vertigem que o excitava sobremaneira, a ponto de temer nela se perder. Entretanto, Deus, amor, mulheres, tudo nele coexistia, tudo lhe

despertava a alma; mas, caso se sentisse muito próximo, fugia temendo tornar-se um mero brinquedo. O orgulho o salvava, ao mesmo tempo em que o condenava. E desse impasse íntimo, resultava com frequência um sentimento de vazio e de absurdo alimentado à vontade por aquele século. E depois surgia aquela mulher, Anna Santamaria, a Viúva Negra. A única que tivera o talento de provocá-lo, de enredá-lo para sempre em suas teias. Viúva Negra... Emilio fora o primeiro a apelidá-la assim. Pietro não se lembrava direito do motivo. Talvez porque sua beleza lhe parecera perigosa. Uma beleza que penetrava como veneno, embora ela parecesse um anjo caído dos céus. Mas também porque de certa maneira era viúva — viúva dos sentimentos que lhe haviam recusado. Em luto por uma vida à qual nunca tivera verdadeiramente direito. Sim, por ela Pietro talvez fosse capaz de renunciar à liberdade e entrar nos eixos. Se tivessem se encontrado em outras circunstâncias, se um casamento de conveniência não tivesse atirado Anna nos braços de Ottavio, aquele homem que ela jamais desejara, Pietro poderia ter tido filhos com ela. Saberria aproveitar-se dos contatos políticos para encontrar uma profissão honrada. Tudo poderia ter sido diferente. No instante exato em que a apresentaram como a futura esposa de seu protetor, na casa de Ottavio, lera seu destino nos olhos daquela mulher. Sabia que a amaria. Ela soubera que não lhe resistiria. Nesse instante preciso, selaram um pacto. Estava definido que rumariam juntos em direção à catástrofe. O olhar melancólico trocado, a respiração acelerada... Uma falsa viúva e uma orquídea. Formariam um belo casal! E agora... As lembranças deixaram-lhe um gosto amargo. Um gosto de inacabado. Um desejo de vingança. Anna... Onde estaria no momento? Esperava, de todo o coração, que não estivesse muito infeliz. Mas não podia correr o risco de colocá-los novamente em perigo e não gostava de perder tempo com a própria dor. Prometera a Emilio não tentar revê-la — uma condição sine qua non para sua liberdade. Além disso, graças a essa história, freqüentara as masmorras mais bem guardadas da Itália. Não alimentava o menor desejo de para lá voltar. Tentava não pensar, não se questionar se ainda a amava. Enfim, não muito. Vamos... Trate de esquecer... Para manter a cabeça fria, Pietro esforçava-se por lembrar-se do que era acima de tudo: um homem livre. Tentava varrer as dúvidas e fazia a opção pela vida. Agora que estava livre, agiria como sempre. Transformaria essa evolução incontrolável num credo, fonte de energia propícia a seu crescimento e realização. Livre e sofrido, jogador e filósofo, sempre em busca de uma glória que, no entanto, desprezava, brilhante e inquietante; afinal, Pietro era tudo isso. Mas, como dissera ao doge, tinha princípios: aventureiro, capaz de

gestos de amor e paixão, sabia também onde repousava a verdadeira justiça, e se vivia, quase sempre, próximo às zonas de sombra, isso lhe dava maior conhecimento sobre as armadilhas e ilusões. Além de certas fronteiras, o Bem e o Mal tomavam definitivamente caminhos contraditórios. Quanto a Pietro, ele se encarregava de jamais transpor esses limites. Por vezes, devido aos vestígios de Deus que restavam em si. Outras, para se proteger. A maior parte do tempo por acreditar ali residir sua responsabilidade como homem, já que nem sempre cumpria a de "homem honesto." Fora tomado pelos instintos ao primeiro passo fora da prisão. Só pensava numa coisa: saciar os instintos por muito tempo reprimidos. Mas não tinha como faltar à palavra dada a Emilio, pelo menos no momento. Então, não importa quais fossem, os ágapes ficariam para mais tarde. Ah! Chegamos.

Quando a gôndola parou no ancoradouro de San Luca, Pietro guardou o relatório dos Dez e desceu, em companhia de Landretto, antes de caminhar com passo alerta pelos becos perigosos, em direção ao campo onde se encontrava o teatro. O San Luca datava de 1622. Como os outros, o San Moisè, o San Cassiano ou o Sant'Angelo, tomara emprestado o nome da paróquia onde se situava. Desde que os nobres deixaram de lado o comércio, passaram a se interessar pelas atividades teatrais da cidade. Pádua abriu o caminho, reunindo as primeiras companhias de atores com contratos e divisão dos lucros. Um teatro profissional nascera, dirigido por um capomico que contratava comediantes para encarnar Arlequim, Pantaleão ou Brighella. A ópera, que florescera em Florença e Mantua, acompanhava a mesma evolução em Veneza. Quanto ao teatro San Luca, era mantido pelos irmãos Vendramin, raros patrocinadores a fechar os contratos diretamente com os autores e atores. A maior parte do tempo, o proprietário delegava a administração da sala a um impresario, ele também artista, Cittadino ou nobre de pouca importância. Essa profissão não gozava de boa reputação: numerosos comediantes se queixavam da ignorância vergonhosa ou das negociações inábeis. Os Vendramin haviam evitado essa cilada: sempre se estava mais bem servido quando se contava consigo mesmo. Certamente o San Luca não tinha tanto prestígio quanto o San Giovanni Crisostomo, aclamado pelo repertório de óperas, tragédias e tragicomédias. O programa do teatro San Luca era constituído basicamente por comédias, mas se tornara um dos mais prósperos de Veneza. Pietro logo se viu em frente à fachada de pedra branca ornamentada com colunas dóricas, evocando o estilo antigo e imensas portas duplas de madeira escura. Um homem,

segurando uma lanterna, o aguardava. Pietro apresentou-lhe o salvo-conduto com o brasão e a assinatura do doge. Ordenou a Landretto esperá-lo do lado de fora. Abriram as portas e Viravolta entrou. A sala do teatro San Luca era fiel à sua reputação. Um vasto espaço para a platéia, certamente um pouco poeirento, mas fileiras de assentos vermelhos e dourados, em arco, imprimiam certa distinção ao lugar assim como a arena ricamente decorada, cercada de quatro camarotes com cerca de 170 lugares com frontões e balcões enfeitados com afrescos e pinturas barrocas. Cordões brilhantes caíam em frente das tapeçarias. No teto uma profusão de medalhões compondo uma rosácea serena em cujo centro figuravam volutas enevoadas atravessadas por raios de sol. Aqui e ali, alegorias de Veneza — Vênus Calipígia ou Diana coroada de estrelas — se erguiam entre a exuberância das Virtudes. No fundo, o palco iluminado, o piso encerado e as imensas cortinas carmesins. Pietro tirou o chapéu de abas largas e avançou. Três pessoas se encontravam no interior do San Luca. Falavam em voz baixa, mas pareciam extremamente nervosas. Uma delas devia ser Francesco Vendramin, um dos irmãos proprietários. O rosto da segunda era familiar a Pietro, no entanto não conseguia se lembrar de quem se tratava; quanto à terceira, lhe era desconhecida. Viravolta avançou pela platéia até juntar-se a eles. À sua aproximação, os três homens emudeceram e se viraram. Ele os saudou, mostrando-lhes o salvo-conduto. — Estou aqui em missão especial para o Conselho dos Dez — disse a título de apresentação. Francesco Vendramin demonstrou surpresa, rapidamente substituída pela desconfiança. Talvez receasse ter de lidar com um dos inquisidores do Conselho. Pietro o tranqüilizou quanto a esse ponto. Em seguida, a segunda pessoa se aproximou. — Emilio Vindicati nos prevenira que enviaria um de seus emissários o mais rápido possível. O senhor é...? — Minha identidade pouco importa — interrompeu-o Pietro. — Ajo aqui sob o selo do segredo e estou de posse de todas as autorizações necessárias. Em contrapartida, se me permitem, a dos senhores será útil no início de minha investigação. O homem deu um passo à frente com expressão fria. Nascido no início do século, na esquina da rua Ca'Cent'Anni, na paróquia de San Thomas, entre as pontes de Nomboli e de Donna Onesta, casara-se em Gênova, antes de escrever e apresentar suas primeiras peças de teatro em Milão. A busca de uma posição condizente com sua educação o fizera inicialmente assumir a função de médico em Udine, depois a de advogado em Pisa. Agora, ao se apresentar a Pietro, guardara dessa última profissão o tom ligeiramente doutoral, embora vivaz, e o digno menear de cabeça. Mas nenhuma afetação ou vaidade na maneira de vestir; pelo contrário, apesar das

circunstâncias, mal parecia dissimular uma natureza que se adivinhava jovial, passional. Devia estar perto dos 50 anos. Um rosto nem feio nem bonito, mas com traços regulares, uma jaqueta debruada de pérolas negras, uma pantalon bufante por cima de calções impecáveis. Na juventude, havia percorrido toda a região de Veneto. Em Parma, ficara bastante tempo recluso; em Roma, Nápoles, Bolonha havia tentado firmar uma reputação e obtivera sucesso incomparável. Finalmente, tomara a decisão de jogar às urtigas a beca de advogado para consagrar-se integralmente à verdadeira paixão, o teatro, como poeta assalariado, decidido a alterar os rumos tradicionais da *commedia dell'arte*: Veneza, sua cidade de origem, o consagrara rei da comédia. Há três anos, assinara contrato com os irmãos Vendramin. Seu nome era citado nas mais prestigiosas cortes da Europa. — Sou Carlo Goldoni. Pietro sorriu. Agora se lembrava. Assistira a várias apresentações de suas obras. Ainda trazia na mente *O cavaleiro Jaconte* e *O capricho do campo*, e sabia mesmo algumas tiradas de cor. Sempre pronto a aproveitar todas as ocasiões para entabular alguma conversa sobre as artes, teria adorado conversar com esse brilhante dramaturgo, mas o terceiro homem aproximou-se, lembrando-lhe de que o tempo era curto. Esse, de barba grisalha, vestia túnica escura com uma pequena gola branca. Segurava na mão uma sacola parcialmente aberta, de onde saíam um caduceu e diversos instrumentos cirúrgicos. — Sou Antonio Brozzi, médico enviado pela Quarantia Criminale. Apenas nesse instante, Pietro percebeu o odor. Aquele odor fétido, de sangue e putrefação, invadiu-lhe de repente as narinas, envolvendo-o à medida que tentava lhe detectar a proveniência. Virou-se em direção às cortinas carmins. — Prepare-se para o que vai ver, Messer — continuou Brozzi. — Temos muito trabalho a fazer. Já era tempo de o senhor chegar. Fez sinal a Vendramin, que soltou um assobio em direção às coxias. Pietro viu uma sombra puxar as imensas cortinas. Ah, Senhor. O espetáculo acabava de se revelar em todo seu horror. Um homem — ainda podia ser chamado de homem? — encontrava-se à sua frente, bem no meio do palco. Primeiro viu os pés suspensos no vazio, acima de uma poça de sangue seco que cobria bem um quarto do tablado e devia ter se espalhado em longos jatos contínuos. Os dois pés haviam sido presos numa prancha de madeira. Os lábios cerrados, Pietro levantou por um instante o tapa-olho negro. Ergueu o olhar. O cadáver estava totalmente nu. Um corte profundo lacerava-lhe o flanco. Lentamente, Pietro tomou consciência do quadro geral. Marcello Torretone havia sido crucificado. Os braços abertos estavam presos à cruz. De cada lado do corpo, véus diáfanos e rasgados se moviam docemente, ligados por cordas aos mecanismos das maquinarias disfarçadas no teto. A

eles se juntavam outras cortinas púrpura, como abertas para essa visão trágica. Uma cena na cena. Espetacular e dolorosa. Pietro precisou se esforçar por conter um grito de aversão enquanto se detinha no cadáver arroxeadado. Tinham-lhe colocado uma coroa de espinhos — mas havia outra coisa... Os olhos haviam sido arrancados das órbitas. A boca de Marcello estava paralisada num esgar assustador. Aos pés, cacos de vidro misturados ao sangue. No torso, uma inscrição talhada a faca na carne à flor da pele. Do local onde se encontrava, Pietro não conseguia ler as palavras com exatidão. Depois de um instante, decidiu subir com presteza no palco enquanto o médico enviado pela Quarantia Criminale o contornava para subir os degraus no canto do palco e juntarse a ele ao lado do cadáver.

— A que horas morreu? — perguntou Pietro a Goldoni e Vendramin. — Isso cabe ao Sier Brozzi nos dizer — respondeu Vendramin. — Fizemos uma apresentação ontem à noite. — Sim, foi a primeira de L'Impresario di Smirne — disse Goldoni. — Uma comédia em três atos, em prosa. Marcello, que sua alma descanse em paz!, encarnava Ali, um negociante vindo do Oriente a Veneza, em negócios, decidido a dedicar-se às óperas. Brozzi acabava de abrir completamente a sacola e começava a andar em torno do cadáver. Pietro aproximou-se do torso lacerado e conseguiu ler:

Io ero nuovo in questo stato,
Quando ci vidi venire un possente,
Cori segno di vittoria coronato.

Era eu ainda novo nesse estado
quando aqui vi chegar alguém, potente,
de signos de vitória coroadado.

A inscrição havia lacerado as carnes e deixava aparecer aqui e ali as costelas. Todo o torso estava marcado por essa caligrafia minúscula, como se o autor da perversidade tivesse se servido da pele como de um caderno. Brozzi ajustou o pincenê no nariz, levantou o queixo e leu. Dava a impressão de um alquimista prestes a descobrir o segredo da pedra filosofal. Soltou uma exclamação de repugnância e se voltou para Viravolta. — Isso lhe lembra alguma coisa? — Não — confessou Pietro —, embora esse estilo me seja familiar. —

Estamos diante de uma alegoria que poderíamos classificar de bíblica, sem sombra de dúvida. — A Bíblia? O senhor acha? Atrás deles, Vendramin continuou: — A

apresentação terminou às 23h. Havíamos deixado o teatro por volta da meia-noite. Posso garantir que estava vazio... — Vazio... Mas viram Marcello sair? Goldoni e Vendramin trocaram um olhar e em seguida o dramaturgo tomou a palavra: — Não. Na verdade, nenhum dos membros da trupe o viu depois da apresentação. — Então o mais acertado seria dizer que os senhores acreditavam estar vazio o teatro — disse Pietro. — Marcello poderia ter ficado depois de fechado o teatro. Sozinho, talvez, escondido nas coxias. Assim falando, Pietro contornava o corpo para se aproximar das coxias, mergulhadas na escuridão. Cordas espalhavam-se pelo chão. Uma bacia com água e sangue misturados. Um pano ainda mostrando manchas púrpuras. Um vago cheiro de vinagre pairava no ar e vinha se sobrepor ao da morte. Uma lança de madeira, provavelmente um dos acessórios comuns do teatro, encostada na parede. Mas a ponta de metal — a mesma que devia ter perfurado o flanco de Marcello e talvez lhe tivesse furado os olhos — era bem real. Ela também maculada de sangue. — Escondido? — surpreendeu-se Vendramin. — Mas por que escondido? — Que sei eu! — exclamou Pietro. — Um encontro amoroso ou de outro gênero. Curvou-se quando o pé esbarrou num monte de vestimentas abandonadas atrás da cortina, num canto escuro. Desdobrou um turbante, uma pantalone, depois uma túnica de mangas largas, bastante parecida com um kaftan turco. Provavelmente, a roupa de Marcello para o papel de Ali em L'Impresario di Smirne — a menos que fosse a de Pantaleão, o personagem de mercador veneziano, xenófobo e avarento, adorado pelo público. Não distante, uma arca cheia de fantasias similares, puídas e reluzentes, lisas e multicores: Zanni, Villano, Magnifico. Pietro levantava as máscaras e adornos desses personagens da comédia, uma atrás da outra. — Sabe se Marcello tinha um caso? Inimigos? Goldoni, após um instante de hesitação, respondeu: —

Casos sim. Inimigos não. O senhor conhece os atores! Tinha um caso aqui, outro acolá. Nada de sério. Marcello não se prendia a ninguém. Às vezes o víamos nos braços de uma dessas cortesãs que perambulam nas Mercerie, quando a noite cai. Pessoalmente, acho que Marcello não se interessava por mulheres... Dava sempre a impressão de zombar delas. Quanto a inimigos, que eu saiba, não tinha nenhum. Pelo contrário, o público o adorava. Fez-se silêncio enquanto Pietro voltava ao centro do palco. Brozzi estava ajoelhado e examinava as feridas de Marcello, pés pregados na cruz de madeira. Com a ajuda de um pincel, limpou o sangue em torno dos ferimentos, avaliou a ferida no flanco e voltou a remexer na sacola. Pietro ajoelhou-se a seu lado. Brozzi tirou uma pequena garrafa translúcida e, com a ajuda de outro pincel, reuniu os cacos de vidro espalhados,

que formavam como um halo em torno da sombra do crucificado. Novamente os dois homens trocaram um olhar. — Vidro. Por quê? Pietro também pegou alguns cacos e enfiou-os dentro de um lenço. Levantaram-se juntos. Brozzi enxugou a testa e contemplou as órbitas vazias do cadáver, buracos negros com olheiras vermelhas. Misturados às feridas, alguns reflexos prateados. Um, em particular, sobressaía claramente de um resto de pálpebra. — Não ficaria surpreso em descobrir que os olhos foram arrancados com o vidro. Pode ter morrido dos ferimentos ou, bem provavelmente, de asfixia, mais comum nessas circunstâncias. Mas foi sangrado até a última gota. Santa Maria, que monstro pode ter cometido tamanha abominação? Pietro franziu os lábios. — O senhor está a par do que se passa na Quarantia, não é? Então me diga... Qual a relação entre a morte de um ator e o governo da República? Falara baixo. Brozzi tossiu, olhando-o por cima do pincenê. Perguntou: — A relação? Apontou para uma das tábuas do soalho, onde estava um objeto no qual Pietro ainda não reparara. — A relação está ali, Messer. Pietro aproximou-se do objeto, pegou-o e virou-o entre os dedos. Tratava-se de um broche de ouro com duas letras entrelaçadas: "L" e "S" e, acima das iniciais, duas espadas e uma rosa perolada. Voltou-se para Brozzi com um ar de interrogação. — "L" e "S", as rosas e as espadas — comentou o médico. — Trata-se de Luciana Saliestri. Famosa cortesã e amante de Giovanni Campioni, uma das figuras mais eminentes do Senado. Suspeito, digamos, de excessiva liberalidade quanto ao povo. Como, no passado, o doge Falier. Campioni tem idéias próprias sobre a maneira de reformar a República, o que incomoda muitos nobres de posições radicalmente opostas. Mas é personagem ambíguo. Alguns o qualificam como sonhador, com ambições perigosas; outros não hesitam em ver em seus discursos altruístas uma forma bem oportuna de mascarar um exaltado desejo de poder. Campioni foi embaixador há muito tempo, a serviço da Sereníssima, na Inglaterra, França e Holanda. Dizem ter estabelecido amizades com filósofos e poderosos nesses países e hoje o acusam de querer implementar novos sistemas de governo inspirados nessas absurdas teorias estrangeiras. Brozzi colocara as mãos na túnica preta. Continuou: — O senhor sabe como o doge e nossas instituições mantêm relações complicadas com nosso bom povo veneziano. O que desejam preservar, acima de tudo, é o equilíbrio sobre o qual repousa a sobrevivência de nossa Constituição; e esse equilíbrio é delicado. Sob esse ponto de vista, nosso sistema de governo sempre foi mais avançado e nosso regime desperta a inveja de nossos vizinhos. Veneza é livre, mas vigiada; a estima do povo é total, mas pragmática. É sempre difícil encontrar o equilíbrio entre os extremos e escutar a

voz da razão quando paixões podem ser excitadas tão prontamente e por vezes com violência insuspeita. Não é preciso muito para que o edifício venha a oscilar, num sentido ou noutro; aí reside todo o pavor de nossos políticos. Estão determinados a reprimir qualquer manifestação. Nada que venha prejudicar a República pode permanecer em segredo; o espectro da conspiração de Bedmar ainda está vivo. Acrescente a isso contar Campioni com mais de um terço dos membros do Grande Conselho. Pode imaginar, sem muito esforço, que os Tenebrosos não podem deixar de ver aí a sombra de uma possível conjuração. Isso nada tem de excepcional; afinal, não se passam 15 dias sem que inventem uma novidade. Mas há outra coisa que, talvez, tenham lhe omitido e que daria sentido às suas suspeitas. — O que quer dizer? Brozzi deu um sorriso enigmático. Continuou, sempre em voz baixa: — Ouça, Messer, Marcello Torretone não era apenas ator no teatro San Luca. Era também agente secreto a serviço dos Dez e da Quarantia Criminale. Como o senhor. Era conhecido como Arlequim. Pietro empertigou-se. Continuou calado por alguns segundos. — Ah! Entendo. Evidentemente. Sem dúvida, um detalhe importante. Deixaram de mencioná-lo no relatório que me foi enviado. Emilio poderia ter me prevenido. Enfim... Levantou-se. — Obrigado, Sier Brozzi. Viravolta mordeu o lábio, pensativo. Emilio Vindicati não devia ignorar essa informação quando lhe confiara a missão. Assim como o relatório não fazia menção ao broche de Luciana Saliestri, ou ao senador Giovanni Campioni. Talvez tenha preferido que seu emissário soubesse por intermédio de Brozzi, em vez de mencionar nomes por escrito. Prudência nunca era demais. Sobretudo se, de fato, se encontrassem implicadas personagens que intervinham no mais alto escalão do Estado. Em todo caso, pensou Pietro, isso não é um bom sinal. Uma coisa era certa: o assassinato subitamente revestia-se de uma luz bem diferente. Pietro refletiu novamente a respeito de Marcello, levando em conta os detalhes enumerados no relatório. Agora compreendia melhor o que o pecado poderia significar para ele e como o medo do julgamento celeste influíra em seu temperamento — ora para estimular, ora para combater as tendências artísticas. A dupla identidade não o poupava. Arlequim, um personagem. Tudo tomava proporções novas. Para servir à justa causa da República, Marcello precisara ocultar o que a carreira de ator lhe permitia expor nos palcos através da clássica e efêmera representação, da fala de personagens que só lhe ofereciam uma ilusória redenção. Provavelmente, o Conselho dos Dez explorou habilmente essa fraqueza recrutando Marcello para suas fileiras de informantes. Ao aceitar, Marcelo estava condenado a agir em silêncio pelo bem comum. A escolha, contudo, devia implicar as

piores renúncias, do ponto de vista moral; afinal, como Pietro, transformara-se num dos incontáveis agentes sem valor da Sereníssima. A quem teria denunciado, traído? Teria matado? Precisara sujar de sangue as mãos? Pietro imaginava o estranho conflito protagonizado por Marcello, dividido entre as duas faces de Janos, nos momentos de angústia. Ator e agente da República, personagem de um personagem; não teria sido difícil imaginá-lo.

Viravolta desceu do palco. Goldoni estava sentado com a cabeça entre as mãos, arrasado.

— Creio que esta passou dos limites. Planejava ir a Parma já faz tempo, acho que chegou a hora. — Carlo! — dizia Vendramin. — E o carnaval? Não, fora de cogitação. Você me prometeu mais três peças; devem ser exibidas, como combinado. A estação do outono foi um triunfo, graças a você. Ambos, finalmente, conseguimos realizar tudo o que sempre sonhamos. Não é hora de desistir! Se esse triste episódio, como espero, permanecer em segredo, não haverá escândalo, o público não terá motivos para comentar o que se passa entre as paredes do teatro. Se só nós ficarmos sabendo... — Messer

Goldoni, não há a menor possibilidade de deixar Veneza no momento — disse Pietro. — Para o bom andamento da investigação, o senhor deve permanecer na cidade. Preciso interrogar todos os membros da trupe: libretistas, músicos da orquestra, coreógrafos e cenógrafos, cantores, dançarinos. Em suma, todo o pessoal do teatro San Luca. — Mas então a coisa vai se tornar pública — bradou Vendramin. Será péssimo para os negócios!

— De qualquer maneira, será preciso explicar o desaparecimento de Marcello. Tranqüilize-se, só saberão do essencial e nada mais. Os detalhes desse crime ignóbil não devem ser comentados, exceto sob minhas ordens expressas. Suponho estarem de acordo. Vendramin e Goldoni aquiesceram com um menear de cabeça. Pietro voltou-se mais uma vez para o cadáver na cruz. — Mais uma pergunta. — Sim? — perguntou Goldoni. — Soube que Marcello era bastante religioso. O dramaturgo anuiu.

— Sim. Bem poucos no teatro cumprem os deveres com Deus como deveriam, isso é certo. Marcello, apesar da vida leviana e movimentada, era um paradoxo, ia toda semana à igreja San Giorgio Maggiore. Pietro franziu a testa, pensativo. O espião cumpria, realmente, toda semana suas obrigações para com o Cristo Ressurreto? Era bem possível, se Pietro confiasse nas próprias reflexões. O que o intrigava, no momento, era a correspondência evidente entre essa casualidade — ou essa certeza — e a cena simbólica do assassinato. Isso, sim, merecia ser verificado. Um homem perseguido pelo pecado,

crucificado no palco onde praticava a arte de enganar, no meio das vestimentas dos personagens que costumava encarnar, os globos oculares arrancados. Teria visto alguma coisa que o tornara perigoso? A ligação com a própria fé era real — ou seria apenas uma interpretação errônea, por parte de Pietro? O rosto iluminou-se de repente. — Sabe quem oficia em San Giorgio Maggiore? Dessa feita foi Vendramin quem respondeu. — O padre Cosimo Caffelli. Caffelli. Vejam só. — Sim, conheço — disse Pietro. — Ele também era confessor de Marcello — acrescentou Goldoni. — O senhor disse confessor? Interessante. Pietro calou-se e levou a mão aos lábios, pensativo. Na verdade Caffelli cruzara-lhe o caminho no passado; devia se lembrar do Orquídea Negra. Afinal, fora o padre quem, a pedido do senador Ottavio, convencera os inquisidores, lançando contra Pietro acusações de ateísmo, conspiração e conduta duvidosa, a fim de arrancá-lo de perto de Anna Santamaria e jogá-lo na prisão. Caffelli exercera um papel nada desprezível na condenação de Viravolta. Isso promete ser interessante. Pietro recobrou o sorriso. — Agradeço aos senhores. Brozzi o interpelava; voltou-se em sua direção. O médico da Quarantia Criminale continuava no palco. Começou a arregaçar as mangas. — Agora é preciso que me ajude a despregá-lo.

O cadáver de Marcello Torretone estava estendido numa das salas subterrâneas da Quarantia Criminale. Nada de revestimentos dourados ou lambris, mas sim paredes de pedra, nuas e despojadas. Um frio glacial penetrava pelo respiradouro dando para a viela. De súbito, Pietro teve a sensação de se encontrar em sua cela. No meio da peça, Brozzi estava ocupado. Não sem repugnância, Pietro o ajudara a estender o corpo de membros hirtos sobre a mesa de exame. Brozzi podia agora proceder a uma análise mais aprofundada. Nenhuma necessidade de dissecar o cadáver: em contrapartida, nada lhe devia escapar quanto à natureza exata das feridas e das circunstâncias do drama. Depois de ter longamente murmurado entre dentes, Brozzi, recolocando a luneta, examinava a raiz dos cabelos, órbitas, dentes, língua e boca, ferimentos dos pés, das mãos e do flanco, a inscrição no torso. Examinava o corpo de cima abaixo, observando com atenção as unhas, depois a parte interna das coxas. Espalhara um pouco de perfume na atmosfera, mas não o suficiente para dissipar o fedor terrível impregnado no aposento. A sacola estava novamente aberta. Arrumara os instrumentos numa pequena mesa coberta com um pano branco, facas cirúrgicas e bisturis, tesouras, lupa, pincéis, éter e álcool, instrumentos de medida e pó químico que Pietro ignorava existirem. À mão, uma pequena

bacia, onde Brozzi, de tempos em tempos, mergulhava os utensílios que tilintavam com sons cristalinos. Pietro já vira inúmeros cadáveres e as recentes recordações da prisão não eram das mais agradáveis. No entanto, de pé, no meio da noite, nessa sala glacial, mal iluminada por duas lanternas, não podia evitar um estremecimento. A contemplação dessa carcaça da qual arrancaram até os olhos, a carne atravessada por veias azuladas, penetrava-lhe a alma de forma sinistra. E ver Brozzi tratar a vítima como um açougueiro era-lhe particularmente repugnante. Dizer que tinha sonhado penetrar, essa noite, nos jardins de alguma princesa abandonada, refletiu Pietro. Quisera preparar-se à glorificação noturna do corpo, se perder em seios, coxas, nádegas de mulher, para esquecer Anna Santamaria e os meses de cativeiro. Em vez disso, estava diante de um corpo sem vida, estirado em sua mortalha, procurando uma pista. Curvado sobre o cadáver, Brozzi falava em voz alta, tanto para Pietro quanto para si mesmo. — A lesão no flanco foi causada pela ponta da lança encontrada nas coxias do teatro. A arma está aqui, é preciso mantê-la sob selo judicial. A lesão profunda perfurou o pulmão esquerdo sem, no entanto, atingir o coração. Talvez tenha acelerado a agonia da vítima, sem necessariamente lhe tirar a vida. O corpo foi disposto para reproduzir Cristo na cruz, a fronte cingida com uma coroa de espinhos. Há traços de vinagre na comissura dos lábios... O retorno à Quarantia tinha oferecido a Pietro a oportunidade de conhecer melhor esse homem curioso, igualmente partidário do silêncio, trabalhava para a Criminale há mais de dez anos. Antonio Brozzi não tinha origem nobre; era um Cittadino cuja competência o elevara ao presente patamar. No passado, fora médico particular de vários senadores e membros do Grande Conselho. Assim a fama e reputação se espalharam. Antonio queria servir ao Estado e, como contara a Pietro, era preciso muito devotamento para se suportar o caráter mórbido da ocupação cotidiana. O pai fora assassinado num beco de Santa Croce; o acontecimento tinha relação com o fato de Antonio ter se tornado, tardiamente, um dos médicos legistas da República, cuja função exigia tanta força interior e abnegação. Pietro passou a mão no rosto. A fadiga começava a dominá-lo. Reprimiu um bocejo e disse: — Tudo isso é puro teatro; uma encenação carnavalesca. As cortinas abertas que pareciam nos dizer "bem-vindos ao espetáculo..." Para falar a verdade, suspeito que a pessoa por trás desse assassinato seja menos bárbara do que a violência nos faz supor. Ou, para ser mais exato, um espírito bárbaro escondido atrás das mais belas maneiras do mundo. Há nesse refinamento cruel a marca dos verdadeiros decadentes. Tudo foi escolhido e calculado para obter um efeito dramático. O crucificado, a estranha frase no peito, uma espécie de poema enigmático. —

É possível que o assassino tenha obrigado a vítima a engolir vinagre com um pano — continuava Brozzi. — E isso, no instante mesmo do suplício, infligindo assim a Marcello as diversas sevícias sofridas por Cristo, da procissão do Calvário à morte. Os olhos foram realmente arrancados. O resto do globo ocular direito revela partículas de vidro, quebrado ao seccionar o nervo. Será preciso tentar identificar-lhe a proveniência. E um vidro macio, polido, mas com certa densidade; talvez originário de Murano, se levamos em conta o feitio e a limpidez do cristal; os cacos são pequenos demais para saber mais coisas. —

Pense bem Brozzi. Calculo que esse homem possa ter sido assassinado por agir nas sombras, a serviço dos Dez e da Criminale. Mas por que um assassinato tão espetacular? Por que essa ironia velada, vasta na verdade, que parece nos convidar a participar da cena do drama preparada por não sei que dramaturgo louco? Um dramaturgo, sem dúvida, bem distante do temperamento de Sier Goldoni, que julgo poder excluir de minha lista de suspeitos, assim como — é claro! — os dois irmãos Vendramin. Mas um apaixonado pelo teatro, pelo pastiche e por Pantaleão, cuja roupa encontrei enrolada ali perto. Além disso, o broche de Luciana Saliestri. Estranha coincidência, não acha? Demais, talvez. A menos que Marcello fosse amante dessa jovem, assim como Giovanni Campioni, membro do Senado. Ficaria aliviado se fosse um caso banal de ciúme, mas mal posso acreditar nisso. Tudo me parece diabolicamente premeditado, Brozzi. O médico levantou os olhos e disse: — Premeditado, sem dúvida. Como um escritor concebe a trama e o destino dos personagens; concordo com sua opinião. — Um considerável esforço e talento foram necessários para executar crime tão brutal. Marcello deve ter gritado por muito tempo, naquele teatro deserto, enquanto sacrificavam-no, prendiam-no nas tábuas com o martelo. É muita crueldade para uma simples vendetta, que um golpe de espada, pistola ou arcabuz resolveria da mesma forma e com mais rapidez. Quiseram fazê-lo sofrer e, talvez, falar. Uma tortura, mas ainda assim, Brozzi, por que no teatro? Por que não agarraram Marcello e levaram-no a outro lugar? — Porque precisávamos encontrá-lo, meu amigo — disse Brozzi voltando a se inclinar sobre o corpo. Pietro estalou a língua em sinal de aprovação. — A inscrição enigmática no corpo é outra prova de que o assassino tentava nos dizer algo. Tem razão, Brozzi. Ele quis nos dizer alguma coisa. E não se parece em nada com uma sessão de tortura — como diria? convencional. Foi montada para nós, melhor dizendo, para a República. Mesmo assim, um detalhe me desconcerta. —

Entendo o que quer dizer — concordou Brozzi pegando o lenço para limpar o pincenê. A testa estava molhada de suor. — Os olhos, não é? Pietro levantou o dedo e

sorriu. — Os olhos, isso mesmo. A coroa de espinhos, a ferida no flanco, a cruz, o vinagre, todas as equimoses e estigmas, ainda passam. Mas por que arrancar-lhe os olhos? isso não é nada bíblico, Brozzi. Sem dúvida, uma nota destoante nessa pálida representação da crucificação. Mas estou persuadido de não ter sido por acaso. Enfim, já temos várias pistas a seguir, me parece. Luciana Saliestri, a cortesã; Giovanni Campioni, o senador; e, talvez, o confessor de San Giorgio, o padre Caffelli. Pietro suspirou e se lembrou das palavras pronunciadas por Emilio, quando deixavam o Palácio Ducal: Você acaba de colocar os pés no vestíbulo do inferno, acredite. Não vai demorar a se dar conta. Pietro olhou Brozzi. Ele sorriu alisando a barba. Jogou um estilete ensangüentado que tilintou na bacia. O sangue misturou-se à água. — Bem-vindo ao limbo dos assuntos criminais da Quarantia — disse.

Pietro caminhava pelas ruas de Veneza. Ia encontrar-se com Landretto no albergue onde deviam passar a noite, esperando acomodações mais confortáveis que Emilio se encarregara de providenciar. A cabeça ainda cheia de pensamentos sombrios, Pietro, as mãos entrelaçadas nas costas, fitava os pés com ar concentrado. Já era bem tarde. Um vento frio soprava as abas do comprido casacão negro, que se agitavam às suas costas. Distraído, ao entrar numa ruela, não prestou atenção em quatro homens que, carregando lanternas e ridículos trajes escuros, poderiam passar pelos Senhores da Noite, não fossem as máscaras inquietantes. A penumbra dava-lhes um aspecto ainda mais bizarro e quimérico. Pietro não se deu conta das presenças até ficar evidente estar encurralado. Dois homens lhe barraram o caminho de um lado, dois do outro. Por debaixo das máscaras via os sorrisos perversos. Depuseram as lanternas no chão, o que deu à ruela um ar de cena de espetáculo ou de galeria iluminada à espera de alguma personalidade importante. Pietro levantou a cabeça. — A que devo o prazer? — interrogou. — À sua sorte em nos entregar, sem protestos, a bolsa — respondeu um dos ladrões. Pietro encarou aquele que acabara de falar e o que estava a seu lado. A seguir, virou-se em direção dos outros dois, audaciosamente plantados atrás dele. Estavam armados: um com um bastão, outro com uma adaga, assim como os dois últimos. Lentamente, Pietro sorriu. — E se eu recusar a generosa oferta? — Então vou supor que o cavalheiro prefere ter a garganta cortada. — Ou perder o olho que lhe resta — brincou o comparsa, em alusão ao tapa-olho usado por Pietro. Entendo. — Decididamente, as ruas de Veneza não são muito seguras em nossos dias. — A quem o diz! Vamos, entregue logo a

bolsa. — Senhores, sinto-me na obrigação de lhes dizer que, mesmo cego, posso espancar os quatro. Sumam e não lhes farei mal. Poderão escapar sem maiores prejuízos. Soltaram uma gargalhada. — Está ouvindo? De joelhos, cavalheiro. E passe logo seus sequins. — Sinto-me na obrigação de reiterar o aviso. — Reitere o que quiser, mas entregue a bolsa. O homem avançou, ameaçador. Bem! pensou Pietro. Afinal, um pouco de exercício não nos fará mal. Ergueu-se e lentamente abriu o mantô, deixando-o cair às costas. A espada e as pistolas em seu flanco apareceram. Por um instante, os adversários demonstraram hesitação. Pietro colocou a mão no punho da arma. Os bandidos continuavam a se aproximar, formando um círculo à sua volta. — Bem, em consideração aos senhores, só me servirei de minha espada — disse Pietro. Desembainhou a espada. A lâmina brilhou à luz da lua, enquanto os quatro falsos Senhores da Noite se atiravam sobre ele. Tudo se passou com rapidez. Primeiro um clarão, seguido de outro; a espada cruzou o espaço atingindo no ombro o primeiro homem mascarado, que deixou cair o bastão. A adaga do segundo descreveu um arco no espaço, em companhia de três dedos que Pietro acabava de cortar. Depois girou sobre si, dobrando os joelhos. Evitou um golpe adverso que se perdeu no vazio e dilacerou os jarretes do terceiro. Finalmente ergueu-se de súbito; continuando a girar, e com um golpe do qual só ele possuía o segredo, desenhou na testa do quarto uma estrela que fez o sangue escorrer instantaneamente. O homem perdeu a máscara. Revirou os olhos mais de terror do que de dor e, cambaleando, caiu desmaiado aos pés de Pietro. Os quatro homens estavam no chão, um com a mão crispada no ombro; outro berrando e procurando os dedos que lhe faltavam e o outro comprimindo o sangue que jorrava das panturrilhas. Sem falar no chefe dos bandidos que partira em direção a céus mais clementes, no seio de seu atordoamento. Pietro sorriu. Pegou o casacão e tirou a flor da lapela. Aproximou-se do que se retorcia de dor apertando as pernas ensangüentadas. O homem cessou momentaneamente de urrar, levantando os olhos para o vencedor. Pietro soltou a flor que, girando, foi cair ao lado do homem. Deu meia-volta e se foi.

O homem, olhos arregalados, olhava a flor. Era uma assinatura. Dizia: Orquídea Negra passou por aqui.

SEGUNDO CÍRCULO

CANTO IV

OS LUXURIOSOS

Luciana Saliestri não era uma das graciosas damas convidadas, por vezes, para enfeitar as recepções oficiais, como por ocasião da visita de Henrique III. Nessa época, Veneza se comprazia em exhibir não apenas o fausto político, mas o desfile de jovens, outra faceta da reputação da República. Não; Luciana era uma cortesã de luxo com vida tumultuada. Vangloriava-se de escrever versos e filosofar, sempre usando a máscara da respeitabilidade para expor os tesouros de sua sensualidade. Dona de um encanto perturbador, encarnava ao mesmo tempo a erudita e a puta, o pior do povo e o melhor da juventude refinada. Como as moças de vida fácil, deveria submeter-se às proibições impostas pela lei. Na prática, uma complacente tolerância e a proteção dos amantes poderosos lhe permitiam contornar, alegremente, as determinações governamentais. Luciana, em si, representava, de certa forma, uma instituição; se vendia o corpo, era para proporcionar prazer a viajantes importantes, obter vantagens em negócios cruciais ou consolar os políticos de preocupações cotidianas. Os inquisidores perseguiram as prostitutas sem tostão, as pobrezinhas do campo San Polo, das galerias de San Marco e de Santa Trinità. Luciana, viúva aos 22 anos de um riquíssimo mercador de tecidos, famoso pela avareza, passeava nas vizinhanças dos jardins do palácio ducal deliciando-se com a ambigüidade de sua condição. Era uma criatura sedutora: rosto encantador, pinta no canto da boca, olhos de corça, corpo perfeito cujas curvas eram acentuadas por vestidos de seda, bordados e rendas. Fora dançarina, bastava-lhe a graciosidade do andar para enfeitiçar os passantes. Além de todos esses encantos, possuía aquele quê de mistério a inflamar a imaginação dos homens, ora afetando uma virtude calculada, ora surpreendendo com a habilidade retórica desenvolvida e elíptica, o que lhe permitia agrilhoar os adoradores com talento inegável. Recebia visitas em sua villa, com vista para o Grande Canal, também herdada, como todo o resto. O casamento a poupava da mediocridade do convento. Enfim, devia tudo ao falecido marido. A avareza de Messer Saliestri se tornara uma lenda; cochichavam que ele, no passado, contava cada minuto como um ducado, pois, segundo as próprias palavras, o tempo era "um recurso raro." Luciana continuava a render homenagem a esse avarento sem igual. Acendia velas em sua

memória, ao mesmo tempo em que dilapidava tranqüilamente a fortuna por ele acumulada. Era tão perdulária quanto ele tinha sido usurário. Luciana encontrara outras atividades para satisfazer suas inclinações; entregava-se a qualquer um que considerasse digno dela. A companhia de Marcello a divertira por algum tempo. A de Giovanni Campioni, membro do Senado, envolvia outras apostas. Mas certamente — a menos que fingisse, do que era bem capaz — ignorava ainda o que acontecera no teatro San Luca. Obedecendo às instruções de Emilio Vindicati, Pietro queimara o relatório entregue pelo mentor ao deixar a Quarantia, na véspera. Pela manhã, interrogara o pessoal do teatro para verificar os álibis, com a ajuda de Brozzi e Landretto. Os resultados não tinham sido nada elucidativos; também decidira encontrar Luciana em sua villa no Grande Canal. A villa Saliestri era uma dessas pequeninas jóias venezianas da qual um passante mal percebe a existência. Disfarçada por uma fachada mal cuidada, escondia um interior dos mais extraordinários. Uma vez atravessados os arcos da entrada, penetrava-se em um jardim que, localizado no meio do nada, era um verdadeiro sonho; no centro, uma fonte, canteiros de flores e algumas aléias em círculos conduziam a outras arcadas. Não que o jardim tivesse grandes dimensões, mas nos lançava de imediato num outro mundo. O barulho da cidade era sufocado como por milagre e só se ouvia o murmúrio tranqüilo da água, convite ao repouso e à preguiça. A construção, de dois andares, aproveitava-se desses contrastes com igual harmonia. Os muros, cobertos aqui e ali pela umidade, extraíam dessa deterioração parte de sua beleza decadente e não deixavam adivinhar a riqueza da decoração do interior, percebida por Pietro assim que foi introduzido na sala; móveis envernizados com fechaduras douradas, confortáveis sofás forrados de veludo e seda, quadros da família, espelhos refletindo a imagem de outros espelhos num reluzente infinito, portas discretamente entreabertas a revelar a intimidade dos baldaquinos, cortinas pregueadas, ondulantes, emoldurando nichos e alcovas. Ao pisar-se no interior, era-se invadido pela atmosfera íntima e silenciosa, embora barroca. No entanto, a entrevista foi para Pietro um verdadeiro tormento. Embora tivesse ouvido falar do Orquídea Negra, Luciana Saliestri ignorava a verdadeira identidade daquele que se apresentava em nome do doge. Por sua vez, Pietro, informado de todos os mexericos sobre as extravagâncias da bela cortesã, não podia impedir os pensamentos, depois de tantos meses passados na prisão, de enveredar por crimes bem mais agradáveis do que o presenciado durante sua visita ao San Luca. Aquele sorriso, os lábios, a boca risonha, os seios ardilosamente entremostrados; isso tudo teria representado para ele um vivo

suplício, se a lembrança de seu grande amor, Anna Santamaria, não ocupasse ainda seu coração tal como escudo protetor. Mas fingir indiferença diante dos redobrados esforços de sedução dessa mulher, da conversa entremeada por suspiros impacientes com toda a naturalidade artificial própria à feminilidade, requeria uma determinação considerável. Pietro ansiava por dar à sedutora o castigo que bem merecia, forçá-la a se abandonar até que lhe implorasse para saciar seus desejos, renunciando de vez à dissimulação da cautela e maneirismos. Em vez disso, devia mantê-la a par da conspiração e crucificação. Não sei se poderei agüentar muito tempo. Sentara-se à frente dela, os dedos tamborilando nos braços da poltrona de veludo malva. Ela, recostada no divã, olhava, vez por outra, as janelas abertas no balcão e a agitação do Grande Canal. Um exemplar do *Miles gloriosus*, de Plauto, repousava aberto negligentemente a seu lado. Pietro abandonara o tapa-olho, preferindo, para a ocasião, uma cicatriz descendo-lhe pela face direita e um brinco nessa orelha. Usava uma jaqueta branca e dourada e luvas das mesmas cores. Colocara perto o chapéu escuro. Cruzou as pernas. — Poderia me dizer o que fez na noite de anteontem? Um sorriso. Suspirou, agitando uma mecha que lhe caía na testa; uma mecha daquele louro bem veneziano, avermelhado, obtido graças a lânguidas exposições ao sol na altana. Na cidade, as mulheres tinham o hábito de sentarem às sacadas, com a cabeça coberta por grandes chapéus de palha vazados no topo. Untavam os cabelos com suco de ruibarbo, cuja acidez, sob o efeito do sol, acabava por lhes dar essa coloração tão especial. — O que o senhor imagina que uma mulher como eu faça à noite? A boca seca, Pietro esboçou um sorriso forçado. — Não teria, por acaso, ido assistir à exibição de Goldoni no teatro San Luca? Levou a mão às maçãs do rosto ruborizadas, depois ao pescoço, acariciando displicentemente um pingente em forma de golfinho. Outro sorriso. — Ah... Uma alusão a Marcello, sem dúvida. Vejo que está muito bem informado. Não, na verdade, tirei uma folga aquela noite. Fiquei em casa repousando, sozinha, para variar. — Sozinha? De fato? Pietro sorriu. — Fale-me do senador Giovanni Campioni. Soube que, como Marcello, ele fazia parte de seus habitues. Ela esboçou surpresa, por um instante, mas se recompôs de imediato, soltando um riso claro. — Decididamente nada escapa à sagacidade da República! — Sobretudo o comportamento de seus mais dignos representantes. Nosso ilustre senador estava aqui na noite a que me refiro? Acredita que ele estaria disposto a confirmar seu álibi? Luciana franziu a testa. — Teria eu necessidade de um álibi? Acho que não compreendo. Talvez tenha chegado a hora de me explicar o motivo exato de sua vinda. Dobrou uma das pernas, fazendo o vestido subir até

o joelho, deixando à mostra a renda branca. Uma breve olhada foi o suficiente para acentuar a frustração de Pietro. O derivativo foi encontrado. Procurou o lenço no bolso do mantô, abriu-o e mostrou-lhe o broche de ouro. — Reconhece esse objeto? Luciana soltou um grito de surpresa. Pegou imediatamente o broche e examinou-o com atenção. — É meu mesmo! Giovanni mandou um joalheiro de Rialto fazer essa jóia para mim. Sim, é meu broche, sem sombra de dúvida. Veja as iniciais! Foi roubada há poucos dias. Não fui capaz de pegar o culpado. Imagine minha preocupação, receava irritar Giovanni. Mas onde o encontrou? — Perdoe-me por fazer as vezes de ave de mau augúrio, mas esse broche foi encontrado no local de um crime. Junto ao cadáver de Marcello Torretone. Ela se calou, magnífica, arregalando os olhos de corça. Ou era excelente artista ou a incredulidade era realmente sincera. Levou longos segundos antes de articular de forma clara: — Marcello... Morto? Como aconteceu isso? — Foi assassinado. — Meu Deus... Novo silêncio. — Mas o que aconteceu exatamente? Pietro mordeu o lábio. —

Poupe-lhe os detalhes, Signora, que nada têm de agradável. — Quem pode ter feito isso? — É precisamente o que tento descobrir; motivo pelo qual gostaria de poder contar com sua cooperação. Os olhos de Luciana se perderam no vazio. Trouxe uma das mãos ao peito, sacudiu a cabeça, o rosto sem brilho, amortecido por uma súbita tristeza. — Meu Deus... Que tragédia! Eu me perguntava, justamente, por que Marcello não tinha dado sinal. Tínhamos combinado de nos ver ontem à noite. Eu... Calou-se e olhou Viravolta, cuja atitude desconfiada não lhe escapou. Tentou recuperar o tom cândido. —

Acredite! Nada tenho a ver com isso! Esse broche me foi roubado, o que mais posso dizer? — Faz idéia de quem poderia tê-lo furtado? O próprio Marcello, talvez? —

Que idéia absurda. Por que faria isso? — E Giovanni? — Giovanni? Que interesse

teria em roubar um broche que ele mesmo me dera? E não estava aqui anteontem. Não o vejo há bastante tempo. Pietro descruzou as pernas e inclinou-se em sua direção. —

Sabe se Marcello tinha inimigos? Luciana deu um vago sorriso. — Sim. Tinha um. Levantou as sobrancelhas, enigmática. — Ele mesmo — disse. Pietro apoiou o queixo nas mãos sobrepostas. Estaria a cortesã a par da dupla atividade de Marcello? Não poderia dizer. — Marcello era um moço complicado — continuou Luciana. — Isso o tornava tão atraente. Estava atormentado pelo remorso. Queria evitá-lo a todo custo. Creio que se culpava pelo que acontecera à sua pobre mãe. Ela hoje está inválida e quase louca. Mas ela sempre foi assim. Louca por Deus, compreende? Nunca foi equilibrada,

tampouco o marido. Isso se acentuou quando ela parou de representar. Marcello tinha a alma torturada. — O que mais sabe sobre ele? Luciana voltou a fixar os olhos de Viravolta. — Isso já não é bastante? Marcello era um grande ator. E um homem que escondia o sofrimento. No amor tinha gostos particulares. Nem sempre eram... mulheres. Pietro franziu o cenho. Luciana pigarreou. — Permita-me não me estender muito sobre o assunto. Penso que os mortos têm direito ao mínimo respeito. Deixeme apenas dizer que, em minha opinião, Marcello nunca foi muito amado e foi preterido por Deus. Em parte por isso, me encarreguei de oferecer-lhe, à minha modesta maneira, uma forma de conforto.

— Entendo — disse Pietro. Refletiu alguns segundos e fez outra pergunta: —

Seria muito indiscreto perguntar se recebeu outros homens nos últimos tempos, Signora? Ela o fixou intensamente. Não era insensível a seu charme, estava convencido. As maçãs do rosto de Luciana ainda ficavam ruborizadas. Ela passou a língua nos lábios.

— Quer dizer... Eles vêm mascarados, compreende? Vieram três... Um francês, a julgar pelo sotaque. Os dois outros, não os vi antes, não os conhecia. Chegam, me possuem e partem. Poderia ser qualquer um O senhor, por exemplo. Ela sussurrara as últimas palavras. Os rostos estavam separados por poucos centímetros. Pietro virou a cabeça e alçou o olhar ao teto. A conversa com Luciana se prolongou por mais alguns minutos. Pietro tentou voltar ao que a cortesã sugerira, sem sucesso. Marcello tinha outras ligações menos confessáveis? Nem todos são mulheres, dissera. E Pietro se lembrava também do comentário de Goldoni, no San Luca: Marcello não se entendia bem com as mulheres... Dava sempre a impressão de zombar delas... Marcello Torretone, ator, agente dos Dez... e amante também de homens? Sim, era bem possível. Fazia sentido. A ambivalência ao extremo. Outra informação que não constava no relatório dos Dez. Teriam simplesmente ignorado suas predileções ou teriam se servido do fato como um instrumento suplementar de manipulação? A dissimulação de Marcello devia, em todo caso, constar dos relatórios fornecidos. Pietro remoía o assunto, intrigado e frustrado. Demorou a se compor, depois de ter deixado Luciana no sofá. E, enquanto se afastava da villa, ela o olhava do balcão, brincando com os cabelos, pensativa. Os encantos indubitáveis da jovem ainda dançavam no espírito de Pietro quando voltou à gôndola que o conduzira até a villa Saliestri. Luciana! Uma personalidade perturbadora... Sensual, provocante e ao mesmo tempo dócil. Fascinada pelo luxo e pelo prazer, oferecendo o corpo e usufruindo do dinheiro de várias bolsas, contando e recontando a fortuna deixada pelo marido. O que fazia seu broche no teatro San Luca, perto do cadáver de Marcello? Ela afirmava não saber quem o tinha

roubado. Se não mentia, podia ter sido Marcello, Giovanni Campioni ou qualquer um dos amantes. O senador Campioni podia ser uma chave. Mas aproximar-se de um personagem em tão alta posição exigia certa delicadeza e a maneira de proceder ao interrogatório impunha alguns preâmbulos táticos. Era preciso combinar a estratégia a ser adotada com Emilio Vindicati e mesmo com o doge. Pietro se ocuparia disso assim que possível. Nesse ínterim, Orquídea Negra devia prosseguir com a investigação, como obediente beleguim. A construção da igreja San Giorgio Maggiore, situada na ilha de mesmo nome e separada de San Marco por um braço da laguna, começara em 1565, sob a supervisão de Palladio, e foi concluída uns quarenta anos mais tarde por um dos alunos do célebre arquiteto. Em frente ao palácio ducal e à Piazzetta, tinha um papel nada desprezível no seio da República, o controle do movimento marítimo da cidade. Uma primeira igreja havia sido edificada em 790, aumentada no século X com um monastério beneditino. Os dois edifícios foram destruídos por um tremor de terra e reconstruídos no século XVI. Assim como o Redentore na Giudecca, a igreja San Giorgio era a única projetada integralmente por Palladio. Saltando da gôndola para o adro que a separava das águas, Pietro não podia ficar insensível à beleza dessa fachada em pedra da Istria, ornada com colunas de estilo coríntio. Sorriu ao olhar as estátuas dos doges instaladas nas extremidades do prédio, em agradecimento às doações ao monastério. Um novo campanário que não fazia feio se comparado ao da praça San Marco, acabava de ser construído em substituição ao relógio em ruínas do século XV. Era nessa igreja que oficiava o padre Caffelli, confessor do falecido Marcello. Pietro abandonou seu criado para atravessar o adro, subir as escadas que o separavam das grandes portas duplas e penetrar no interior da igreja. Enquanto avançava entre os bancos, Viravolta se preparava para o encontro, prometendo a si mesmo conservar a calma — e, tanto quanto possível, o senso de humor. Entretanto, não esquecera o papel desempenhado por Caffelli em seu encarceramento. Se gozasse de inteira liberdade, espancaria de bom grado o padre, mentiroso e delator, para fazê-lo lembrar-se das boas maneiras. O reencontro corre o risco de ser tenso. Encontrou Caffelli junto ao altar. Parecia meditar em frente a um quadro representando a descida da cruz. San Giorgio estava deserta, à exceção de uma forma encapuzada — uma freira, sem dúvida, ali presente para rezar o terço — que se levantou e saiu em silêncio. Caffelli voltou-se ao ouvir os passos de Pietro ressoarem sob a abóbada. Pousou no altar a Bíblia que tinha na mão, depois soprou duas velas, acolhendo o recém-chegado com um olhar levemente carrancudo. Pietro lançou um olhar ao quadro da Descida da Cruz. Reviu então

a si mesmo, com Brozzi, o médico da Quarantia Criminale, despregando o cadáver de Marcello, exposto ao olhar de todos, no palco do San Luca. Afastou a imagem do espírito e voltou a olhar Caffelli. Este teve um momento de hesitação. Depois, reconhecendo o rosto de Viravolta, apesar da penumbra e da sofisticação da aparência, reteve uma exclamação de assombro. En- cararam-se por alguns instantes. O padre uniu as mãos à frente do hábito branco. Era um homem de corpulência média, calvo, lábios grossos numa cabeça tão protuberante que parecia desproporcional em relação ao resto do corpo. Mas foi a palidez do rosto que alertou Pietro de imediato. Cosimo Caffelli respirou fundo e deixou reinar o silêncio até finalmente falar. — Viravolta! Bem, não esperava revê-lo. —

Para servi-lo — disse Pietro. Fez novamente silêncio. Depois Caffelli retomou: —

Ouvi dizer que estava condenado a atravessar a ponte dos Suspiros para ser executado em breve ou, pelo menos, ser açoitado como merece. — Lamento, sinceramente, estragar-lhe o prazer. — Diga-me, o senhor escapou? Não; sem dúvida vendeu a alma para encontrar uma saída para sua lamentável situação. O que fez o Conselho dos Dez decidir pela anistia? Gostaria muito de saber. Espero, em todo caso, que a clemência seja apenas provisória. Pessoalmente, acho que deveria ficar trancado nos calabouços ainda por um bom tempo, mas tenho o hábito de acolher os condenados. Deus sempre estende a mão àqueles que se afastam de Seu caminho. Então, Viravolta, estaria o senhor trilhando o caminho do arrependimento? Pietro não pôde conter o riso, um desses risos ofensivos que, por vezes, lhe escapava e que, naturalmente, desagradou a Caffelli. —

Não exatamente, padre. Mas deixemos de lado as lisonjas. Uma desgraça nunca chega só. O senhor ficará feliz em saber que estou encarregado de zelar pelo bem-estar de nossa bela República. Se o mensageiro não é de seu agrado, pelo menos o senhor será sensível à causa que represento. O doge e o Conselho dos Dez me encarregaram de uma missão, em troca de minha liberdade. Uma missão um tanto ou quanto especial. É confidencial, até o momento. Por esse motivo venho vê-lo, sempre repetindo que o assunto deve permanecer em segredo, sob pena de se expor a contendas com nossos valorosos inquisidores ou com a Quarantia Criminale, que não chega a ser exatamente famosa pelo senso de humor. Assim falando, Pietro procurou no casaco a carta de recomendação onde figurava o brasão do doge. Caffelli pegou-a, cético. Com o rosto fechado, leu-a atentamente, antes de devolvê-la a Viravolta com um gesto seco. — O senhor, defensor dos interesses de Veneza? Mas é de rolar de rir. O senador Ottavio está a par dessa nova farsa? Pode contar comigo para... Dessa vez, Viravolta perdeu toda

sombra de sorriso. Avançou um passo, ameaçador. —Disso não duvido — disse, cáustico. — Mas repito: estou numa missão secreta e, ao revelá-la, o senhor estará se expondo à fúria do Conselho dos Dez. Mas basta de brincadeiras. Estou de volta, seja isso de seu agrado ou não. E que ele não vá longe demais ou o crucifico também. Franziu a testa. —

Vim falar sobre uma de suas ovelhas, padre Caffelli. Tratase de Marcello Torretone, o grande ator da companhia teatral de Goldoni. Imagine que foi encontrado morto... Crucificado, no palco do teatro. Fui informado de que o senhor era seu confessor. — C... Como? Ao ouvir essas palavras, Caffelli empalideceu. Passou a mão na testa; o lábio inferior tremia. De repente, parecia abalado. Os traços

se decompuseram a olhos vistos. Durante um quarto de segundo, vacilou. Pietro achou que cairia. No último instante, o padre se recompôs. Mergulhou o olhar no de Pietro e balbuciou: —Bem, entendo — disse em voz baixa. — Mas não fale assim tão alto. O senhor não sabe a que se expõe. — Estamos sozinhos aqui — disse Pietro, surpreso com a reação do padre. —O inimigo está por toda parte. Venha. A mudança de atitude de Caffelli à simples evocação do nome de Marcello bastou para mostrar a Viravolta ter agido bem em ir ao encontro do padre e o quanto a situação o intrigava. Caffelli pegou Pietro pelo braço e o conduziu, resoluto, em direção ao confessionário de San Giorgio. Entrou, fazendo sinal a Pietro de tomar lugar do outro lado. Este se esgueirou no reduto escuro e puxou a cortina violeta. Curvou-se em direção à pequena grade em formato de losango que o separava do padre. — Eu lhe confesso, meu pai — disse Pietro —, não me encontrar em tal situação há muito tempo. Embora tenha tomado o lugar do cura de Nápoles para seduzir uma jovem mulher, incitando a pecadora a atirar-se em meus braços... Doce recordação, na verdade. — Pare com isso, Viravolta. Crucificado, foi isso que disse? Pietro franziu o cenho. A voz de Caffelli perdera toda a firmeza. —

Sim. Antes, o assassino arrancou-lhe os olhos. — Santa Maria... Impossível! —

O que sabe a respeito, padre? Vamos, é sua vez de se confessar. Não esqueça que é para a República. De que inimigo fala? — Il Diávolo! Já ouviu falar dele? Tenho certeza de que o Grande Conselho e o Senado estão a par e tremem à simples menção do nome O doge deve ter lhe falado, não é? O Diabo! Ele está em Veneza. — O Diabo — disse Viravolta, franzindo o sobrolho. — Céus... Mas de quem se trata, exatamente? —

Ninguém sabe. Creio... Creio que Marcello se preparava para encontrá-lo. Ele lhe dava um outro nome. A Quimera, sim, era assim que se intitulava. É tudo que posso dizer. — Marcello teria marcado um encontro no teatro San Luca com Lúcifer? — Nada de

ironia, tolo inconseqüente. Essa sombra se insinuou entre nós para espalhar o pior... E se não é o Diabo em pessoa, tem dele a crueldade, creia-me. O que o senhor diz ter visto lá no teatro não é suficiente? Caffelli fez o sinal da cruz. Pietro suspirou. — Diga-me. Era sobre isso que Marcello conversava, quando vinha vê-lo? Por trás da grade em losango, Caffelli manifestou desaprovação. — O senhor sabe que, assim como é forçado a respeitar a lei do segredo, eu também o sou, Viravolta! E a missão da qual está incumbido não é suficiente para me fazer renegar o segredo sagrado da confissão, confiando num bandido como o senhor. Apenas lhe digo que o pior está por vir, sem nenhuma sombra de dúvida. Pietro continuava a pensar que se, de fato, Marcello fosse um espião a serviço do Conselho dos Dez, seria pouco provável que manti vesse Caffelli informado dos segredos de Estado, murmurados em meio a confissões mundanas. Ao mesmo tempo, este último parecia ciente de parte do trabalho de investigação de Marcello. Saber mais do que queria dizer? Provavelmente. Talvez o padre se encontrasse, de uma forma ou de outra, envolvido no assassinato. Se ele mesmo fosse um informante a serviço do Conselho dos Dez, poderia representar para Marcello uma fonte preciosa de informações. A maneira como se escondia atrás do segredo da confissão parecia a Pietro ao mesmo tempo legítima e suspeita. Quanto à natureza exata de suas relações com o ator, a questão merecia ser aprofundada. E quanto a isso Pietro temia o pior. — O que sabia exatamente de Marcello? — O que todo mundo sabe. Que era um ator da trupe de Goldoni. — Só isso? O padre hesitou. Apoiou a fronte nas mãos. — Sim. Pietro estava convencido de que mentia. — No entanto, não era seu confessor? Padre, sobre o que Marcello falava? Ele se sentia ameaçado? — Santa Madonna. Rezei noite e dia, esperando que isso não acontecesse. Que vergonha, Senhor. Por que as coisas precisavam terminar assim? Tudo foi de mal a pior. Marcello era um rapaz que merecia viver. Ele era... — Pintaram-me Marcello como um ser perseguido pelo pecado. É fato? — Marcello estava perdido. Havia renegado seu batismo. Eu o ajudava a reencontrar a fé. Pietro franziu os olhos. — Vejam só. Apostasia. Por quê? Padre, por que se sentia culpado? Caffelli abaixou a cabeça. Não respondeu. Pietro decidiu ser mais explícito. — Acredita que sua vida amorosa tenha exercido algum papel na decisão? A respiração de Caffelli acelerou. Considerando dessa vez que o silêncio poderia passar por confissão, o padre decidiu replicar: — A vida sentimental de Marcello só dizia respeito a ele e não será de nenhuma utilidade no assunto em questão. — Não tenho tanta certeza. Mas se esse é o caso, não hesite mais e me diga quem ele freqüentava. Sei que tinha uma ligação com

Luciana Saliestri. Alguma outra? Nenhuma reação. Era evidente que Cosimo resistia. Escolheu abordar a questão de outra maneira. — Bem, padre, sabe se Marcello freqüentava círculos perigosos? Tinha inimigos? O padre umedeceu os lábios. As palavras vieram ao final de vários segundos e pronunciou-as como se lhe esfolassem a boca. — As Estriges — disse Caffelli num sussurro. Os Pássaros de Fogo. — Como? Os Pássaros de Fogo? Do que está falando? — As Estriges, também chamadas de Pássaros de Fogo. Procure-as. — Não compreendo, padre. Será... — Não, não, é tudo que posso lhe dizer. Agora parta. Deixeme sozinho. Pietro fez uma pergunta; depois outra. Caffelli não mais respondia. Pietro escutou um frêmito. Tentou distinguir a silhueta do padre pela grade em losangos. Depois puxou a cortina e tirou a cabeça do confessionário. Os passos de Caffelli ressoavam no silêncio da igreja. Fugia. Com uma das mãos na pelve, parecia ligeiramente curvado para a frente como se as costas lhe doessem. As Estriges, pensou Pietro. Seres quiméricos, espécie de vampiros, ao mesmo tempo mulheres e cadelas, lendas medievais. Criaturas das trevas, ligadas aos poderes infernais. E esse Diabo, essa Quimera... O que tudo isso significava? Pietro permaneceu bastante tempo no interior do confessionário, perdido em pensamentos. Tinha a desagradável impressão de que Caffelli havia falado bastante, mas não o suficiente. Nada mais obteria do padre no momento. Suspirou e afastou a cortina do confessionário para sair. Retornou finalmente ao adro de San Giorgio, onde Landretto o esperava. — E então? — inquiriu o criado. — Nosso amigo sabe muitas coisas. Não ficaria surpreso se estivesse envolvido de uma maneira ou de outra. Não devemos abandoná-lo. Saberei fazê-lo dobrar-se; todos esses homens da Igreja são fracos. E nós dois temos contas a acertar. Mas precisarei, mesmo assim, de um pouco de tato. Uma coisa é certa: Marcello temia por sua vida. E parece que Caffelli teme igualmente pela sua. Diga-me, Landretto, Estriges ou Pássaros de Fogo lhe dizem alguma coisa? — Hummm... Absolutamente nada. — Tinha certeza. — E que tal? — imagine que, de acordo com nosso bom Cosimo, o Diabo está em Veneza. — É lamentável. Mas tenho outra informação para o senhor. — Qual? — perguntou Pietro, em pé defronte à laguna. Limpou a lapela da jaqueta. — Brozzi enviou um de seus homens à nossa procura. Identificou a proveniência dos cacos de vidro encontrados nas órbitas de Marcello e ao redor do corpo. Foram produzidos no ateliê de Spadetti, em Murano, o que não causa surpresa, pois Spadetti é membro da Associação dos Vidreiros. Pietro olhou o criado. — Spadetti... Com efeito, um dos mestres de Murano. Excelente trabalho, meu amigo. Caminharam em direção à gôndola. O sol se punha, matizando Veneza com uma

luz alaranjada. — Iremos ao nascer do dia. Mas esta noite, Landretto, meu rapaz... Abriu os braços. Estava fatigado; a investigação lhe pesava. Não podia mais adiar o pouco de prazer ao qual tinha direito. Procurar algum remédio para o corpo não seria quebrar a promessa. E afinal de contas, recebera uma procuração de Casanova. Demonstre estar à minha altura, dissera Giacomo ao se despedirem na prisão. Pietro sorriu e virou-se em direção ao criado. —

Essa noite, Landretto, nos concede passe livre. Voltemos a agir como no passado. É hora de pôr fim a certas torturas. Os crimes me deprimem e as mais belas mulheres do mundo nos esperam. Andiamo, e basta! Depois da partida de Pietro, o padre Caffelli fechara as portas de San Giorgio Maggiore para ficar só. A noite caía, invadindo o lugar santo e circulava entre as estátuas, cobrindo com sombras o piso frio e poeirento. No coração da nave, algumas velas acesas. Cosimo estava ajoelhado em frente ao altar, o rosto voltado para a terrível Descida da Cruz. Nenhum ruído a não ser a respiração, entrecortada de queixumes e de um curioso assobio. Cosimo Caffelli, os olhos enevoados de lágrimas, implorava ao Redentor. Acreditava, por vezes, perceber sombras cochichando a seu redor. "Um teatro de sombras" teria dito Marcello. O padre não ousava fechar as pálpebras, pois na escuridão imagens lancinantes vinham assediá-lo. Imagens com fedor de enxofre, jorrando do mais profundo de seu ser, não cessavam de atormentá-lo, infligindo-lhe dores mortais. Meu Deus, por que me abandonaste? O Inimigo sabia, sabia tudo. Nada lhe escapava. A Bíblia estava aberta à frente de Caffelli e numa gravura o Diabo admoestava o Cristo, convidando-o a segui-lo, o rosto retorcido numa careta escarnecedora, um rabo bifurcado envolvendo-lhe as patas. Enxames de criaturas infernais voavam ao redor. Mas o mal não estava apenas ali, a espreitar Cosimo. Estava nele, como em todos os pecadores. Não cessara de aumentar com tempo; tornara-se cada vez mais horripilante, mais incompreensível. Cosimo se afastara do caminho do bem, estava perdido. E, em breve, o impensável seria revelado ao mundo e sua reputação seria enlameada de uma vergonha sem nome. Maldito para sempre, por Veneza e pela espécie humana! Meu Deus, sou culpado. Sim, meu Deus, pequei! Por que me abandonaste?

E o reflexo trêmulo das tochas projetava, no piso de San Giorgio, a sombra de Cosimo Caffelli a aplicar nas costas severos golpes de vara.

Pietro e Landretto seguiam um codega, um lanterneiro, originário da província de Bérgamo, com o qual brincavam vez por outra. A noite começara no albergue Il Selvaggio e, já um pouco embriagados, cantavam. Sua Alteza Sereníssima e Emilio Vindicati tinham

enchido copiosamente suas bolsas para as despesas da missão confiada a Viravolta. Beber à saúde da República com os ducados do governo tornava o consumo da bebida duas vezes mais doce à garganta. Ocasionalmente, cruzavam uma tropa de Senhores da Noite, em roupa negra, que chamava a atenção do pequeno grupo, convidando-os a pôr fim à algazarra. Um único olhar no salvo-conduto do doge, imediatamente apresentado por Pietro, bastava para deixá-los em paz. De toda forma, depois da altercação com o bando de bandidos com que cruzara à saída do teatro San Luca, Pietro se sentia pronto a receber, com a cortesia necessária, quem se atrevesse a contrariá-los. Assim, Landretto e ele seguiam pelas pedras úmidas do calçamento, por vezes se desequilibrando e se apoiando um no outro. Ao saírem do Il Selvaggio, pararam numa loja de bebidas, um bastione, onde se vendia vinho a varejo; depois, para abrir o apetite, entregaram-se aos biscoitos, licor de anis, ratafia de rosa e de flor de laranjeira, malvasia e sorvetes de leite aromatizados. Uma passada rápida no café Florian, ao lado das Procuratie e seguiram para outro albergue, para dessa vez se regalarem com uma régia refeição: sopa e carneiro, salsichas assadas, um capão inteiro com arroz e feijão, trufas, uma ou duas codornas, ricota e, para terminar, zaletti con zebibo. Em busca de antigas amizades, Pietro e o criado tinham em seguida ido ao Ridotto, célebre casa de jogos de azar: cartas, faraó, piquet e dados. A sorte lhes sorria: obtiveram um lucro considerável, a ponto de distribuir algumas moedas às mulheres misteriosas de San Marco, marquesas do crepúsculo, fidalgas e dogaresas por uma noite apenas que, encolhidas sob as arcadas, atraíam os fregueses com seus encantos. Com elas dançaram, ao som dos violinos de orquestras espalhadas em volta das Procuratie. Pietro, que há muito não tocava tal instrumento, chegara a ensaiar um tema de Gabrielli, com resultado desastroso. A lua estava alta no céu. No momento se encontravam num círculo privado, um dos que floresciam em Veneza. Pietro estava feliz em reencontrar Landretto: o criado voltava a ser o antigo companheiro de bebedeira. Eram amigos, embora um estivesse a serviço do outro. E essa noite, as distinções de classe desapareciam diante do companheirismo ressuscitado. Além do mais, Pietro jamais esquecera que ele mesmo fora apenas um menino de rua perambulando por San Samuele. Landretto não era de origem veneziana. Nascido em Parma, como ocorrera com Viravolta, muito cedo ficara órfão de pai e a mãe desaparecera algum tempo depois. Landretto errara por muito tempo pelas estradas da Itália, na fronteira entre a mendicância e o banditismo. Alguns nobres falidos o tomaram sob sua proteção em Pisa e depois em Gênova. Landretto tinha também um espírito livre e Pietro sabia que ele tinha mais de

uma carta na manga. Risonho e de aparência cândida, não lhe faltava certo cinismo, herdado sem dúvida do passado caótico. Landretto, sob a aparência de moço ingênuo e deslumbrado, sabia usar o intelecto e dar prova, quando preciso, de grande sagacidade. Embora confessasse a origem ignóbil, não lhe faltava talento para se fazer ouvir pelos poderosos e tivera participação na libertação do patrão Pietro sabia que ele tentara de tudo para tirá-lo das masmorras onde estava preso. Mesmo Emilio Vindicati terminaria por dar ouvidos aos queixumes entrecortados desse rapaz tão sagaz e devotado. Pietro suspeitava ter Landretto contribuído diretamente na decisão de Emilio confiar-lhe uma nova missão, em troca da liberdade. O clube em direção ao qual se dirigiam, anexo à habitação principal dos Contarini, compreendia salões, cozinhas, salas de jogo e de música, mas também quartos; era aqui que, atendendo às instâncias de Vindicati, Viravolta e Landretto iriam morar, por seiscentos sequins, nos apartamentos alugados ao cozinheiro de um embaixador inglês. Pietro, que conhecia o lugar, só podia felicitar o mentor pela escolha. Chegando ao local, jogaram ainda duas horas no térreo para em seguida se engajar numa discussão apaixonada sobre o mérito de diferentes textos de Ariosto, o que deu a Pietro a chance de brilhar recitando alguns versos emocionados. Havia muitas mulheres e, no entanto, não se passava um minuto sem que lhe viesse aos olhos o doce rosto de Anna Santamaria. A cada movimento de seu coração assomavam mil perguntas. Onde estava? O que fazia? Pensava nele? Ainda o amava? Mas, além da proibição que Emilio fizera pesar sobre ele, Pietro, na incerteza em que se encontrava, recusava-se a ceder ao sofrimento lancinante que o invadia e ao sentimento de dependência que essa obsessão lhe causava. Isso se lhe tornava intolerável. Era preciso libertarse, furar o abscesso, esquecer as dúvidas. Esquecer... Tinha outra escolha a não ser esquecer essa mulher e seguir em frente? Oh, Anna, Anna, algum dia vai me perdoar? Lutar; teria podido lutar por ela — mas como, contra quem? Pare de se preocupar. Bebeu muito essa noite. A você, Giacomo! Naquela noite, entre os nobres presentes, mascarados como ele, se encontrava uma mulher que destoava dos demais, Ancilla Adeodat, uma mestiça trazida das antigas colônias por um capitão veneziano. Era dona de rara beleza, com a comprida cabeleira castanha e encaracolada, uma rosa vermelha nos cabelos, a pele café com leite, e vestido com mil babados e rendas brancas. Pietro se lembrava de tê-la seduzido no passado, aliás, como a mãe e a filha Contarini — as proprietárias da casa de jogo, bem antes de Anna surgir. Apesar da máscara, Ancilla também o reconheceu. Talvez a flor na lapela tenha sido suficiente para traí-lo aos olhos da bela

mestiça, pois quando entravam na sala de música, aproximou-se, o olhar intenso e determinado. Acariciou a bela flor na lapela: — Será que o Orquídea Negra saiu da prisão? Mas como? Ele sorriu. Ancilla se ergueu na ponta dos pés e murmurou ao ouvido: — É você, Pietro Viravolta? Que tal visitar as ilhas... como antigamente? Pietro sorriu. — Há viagens inesquecíveis. Bem rápido encontraram-se num dos quartos do andar de cima. Landretto escutava à porta. Ouviu os beijos estalados e o barulho de amassado das roupas tiradas. Quis olhar pela fechadura. Em vão: a chave estava no interior. Sussurros, suspiros, batalhas entre os lençóis... Landretto continuou esperando; acabou por suspirar também, tirando o chapéu. Para ele não haveria nada esta noite. Logo o criado se afastou para recolher-se. Entretanto, a noite não terminou assim. Foi, pelo contrário, o cenário de bem curioso acontecimento. Uma hora antes do alvorecer, Pietro foi acordado por três batidas na porta. Teria sonhado? As leves batidas no batente lhe confirmaram ter escutado direito. Olhou Ancilla Adeodat, "a dádiva de Deus." Dormia, a cabeleira espalhada no travesseiro e sobre as costas nuas. Ressonou e retomou a respiração normal que escapava dos lábios carnudos. Pietro levantou-se sem nela roçar, tomando cuidado para não despertá-la. Procurou um candelabro, aproximou-se da porta e abriu-a. Ninguém. Nem à direita, nem à esquerda. Em contrapartida, os pés encontraram algo: um bilhete, com letra apertada e minúscula, que acabavam de colocar por baixo da porta. Intrigado, Pietro pegou-o, aproximou-o do candelabro e leu:

Acompanha-me, Viravolta, no Minueto da Sombra Dois passos à frente, seis à esquerda Ao fazer a curva, oito passos à direita Espia pela fechadura Então verás Como a carne é torpe. VIRGÍLIO

Novamente Pietro espiou o corredor à direita e à esquerda. Reinava a escuridão e o silêncio da noite. Virou-se por alguns segundos. Ancilla ainda dormia. Pietro permaneceu parado na soleira, o candelabro e o bilhete na mão, com ar bestificado. Passou a mão pelo rosto, a boca ressecada. De que se tratava? Quem poderia ter deixado essa mensagem de conteúdo enigmático? Releu o bilhete, coçou a cabeça, apurou o ouvido. Nada ainda. Recuperando pouco a pouco a lucidez, tentou decifrar a mensagem. Piscou os olhos observando o corredor, a parede à frente. Depois se moveu. Dois passos à frente. O piso rangeu. Fechou a porta do quarto com precaução. Olhou os pés, imóvel por um momento. Imaginou-se sendo descoberto assim, sozinho no meio do corredor. Se fosse surpreendido

seminu, usando apenas a camisa, com certeza tomariam-no por louco, por um espectro perdido no mundo dos vivos ou, no mínimo, por um sonâmbulo de olhar alucinado, talvez sob efeito de alguma droga vinda de país exótico. Franziu a testa. Evoluía como num sonho nebuloso, ou melhor, num pesadelo. Estranha sensação, parecia guiado por uma força, um instinto superior que lhe comandava a vontade. Acompanha-me, Viravolta, no Minueto da Sombra. E agora dançava com a noite. Seis passos à esquerda. Girou sobre si mesmo, e lentamente, colocou um pé na frente do outro contando até seis. A esquerda, a porta fechada do quarto vizinho, onde dormia Landretto. À direita o corredor formava um ângulo. Uma gota de vela tombou do candelabro e foi cair no chão. O coração bateu-lhe mais forte e ficou surpreso por estar tão apreensivo. Limpou a garganta. Os eventos iam num ritmo rápido demais e, no entanto, tinha a surda intuição de não dever resistir ao chamado, mesmo sem lhe compreender o sentido. Novamente, passou a mão pela testa. Ao fazer a curva, oito passos à direita. Pietro ultrapassou o ângulo do corredor e deu oito passos. Duas portas, uma em frente à outra, à direita e à esquerda; depois, duas outras. Sons estranhos lhe chegavam aos ouvidos. Algo semelhante a um sussurro, um arquejar rouco. Depois o grito abafado, o barulho de uma cama gemendo sob o peso de um corpo agitado. Espia pela fechadura. Debruçou-se em direção à porta da direita. Havia, com efeito, uma fechadura; uma fechadura comum de ferro, com contornos trabalhados grosseiramente. Colou o olho — nenhuma chave. Maquinalmente, aproximou o candelabro do rosto. Estaria sonhando? O Minueto da Sombra conduziu seus passos até essa porta como não o teria feito o mais estranho mapa do tesouro. Um tesouro, mas qual? Uma imagem atravessou-lhe, por um instante, a mente; lembrava-se de cena similar. Quando criança, espiara pelo buraco da fechadura da porta dos pais; Giulia, a atriz, as roupas arrancadas por Pascuale, o sapateiro. Vestígios da inocência há muito perdida. Lembrava-se do espanto, do nojo, do obscuro sentimento de inveja e ciúme diante da realização da paixão carnal. Celebração íntima, homilia ao culto do corpo, epifania entusiasta e animal dos sentidos. Então verás... Ergueu-se e esfregou as pálpebras. O coração havia se embalado do mais belo e, no entanto, o espetáculo que acabava de descobrir nada tinha de atraente. Teria visto direito? Voltou a curvar-se. Um homem debruçado com todo o peso sobre um corpo miúdo. Transpirava abundantemente, bufava como um touro sobre a putta, sufocando-lhe as queixas, os traços deformados por um esgar assustador. Uma grotesca máscara de veludo, a alça partida, balançava em cadência sob o queixo. Não se dera ao trabalho de se despir, contentando-se em suspender a vestimenta negra exibindo

as pernas gordas, brancas, peludas como as patas de um inseto. Pietro seguia cada uma das etapas dessa metamorfose libidinosa. O homem ofegava mais forte, o rosto congestionado adquiria uma coloração violácea; as veias palpitantes saltavam nitidamente das têmporas, a máscara continuava a balançar. De repente, depois de duas ou três investidas com incrível brutalidade, uma das mãos ainda a tapar a boca da vítima, o homem se imobilizou; as feições crispavam-se, retesou-se por inteiro no êxtase, elevou os olhos para o céu. Nesse instante de absoluto prazer, tinha o ar de um duelista subitamente atravessado pela lâmina da espada, um soldado que acabara de receber o golpe fatal, prestes a tombar no campo de batalha. — Santa Madonnal— repetia — Santa Madonna! O padre Cosimo Caffelli, confessor de San Giorgio Maggiore, derramava a seiva na vítima a lhe implorar piedade. Nesse instante, Pietro percebeu que a pessoa que acabava de sofrer a agressão não era uma putta de luxo, mas um efebo, um adolescente de, no máximo, 17 anos. ... Como a carne é torpe. Então, sem fazer barulho, ainda sob efeito do choque, Pietro retornou ao quarto. Por um momento, pensou em escancarar a porta, irromper no aposento, surpreender, flagrar Caffelli em delito. Cobriria o padre de horror e vergonha, expondo-o ao opróbrio. Riria às gargalhadas diante de tanta hipocrisia. Então, reverendo padre, é assim que o senhor cumpre seus deveres para com Cristo e a Virgem Maria? Que estranha moralidade! Belo exemplo para Veneza! Mas não. Pietro voltou a sentir-se mergulhado num pesadelo, exacerbado pelo efeito do álcool consumido durante toda a noite. A visão invadia-lhe os olhos e o espírito, deixava-lhe um gosto amargo na alma. Voltou a deitar-se, procurou o contato quente do corpo de Ancilla, estendeu sobre ambos os lençóis e as cobertas. Aos traços da sensual mestiça fundia-se a imagem longínqua, diáfana, inacessível e dolorosa de Anna Santamaria. Tinha a sensação, essa noite, de tê-la renegado. Não seria também a única forma de lhe escapar? Escapar da paixão sem futuro, forçosamente sem futuro? Ao mesmo tempo, era assim, na verdade, que as coisas deviam terminar? Não sei mais... Francamente, não sei mais. Por muito tempo ainda, pensamentos sombrios rodopiaram-lhe na cabeça. Pietro deixara o bilhete do Minueto da Sombra junto ao candelabro, cujas velas estavam quase terminando. Tinha a impressão de ver novamente o cadáver de Marcello crucificado, o corpo de Caffelli agitando-se sobre o do adolescente, o rosto de Brozzi curvado, concentrado na autópsia. Imaginava os traços do autor do Minueto da Sombra, pensava nas Estriges e na Quimera revoando entre os demônios. E pensava nessa assinatura desconhecida: Virgílio. O sono não veio.

CANTO V

O VIDRO DE MINOS

O PROBLEMA DO MAL

Por Andreas Vicario, membro do Grande Conselho

Do Mal contra a Liberdade, cap. I

Poder-se-ia formular o problema do Mal dessa maneira: se o pecado existe é preciso considerar se é predeterminado, ou seja, anterior à realização de nossos atos ou concomitante ao exercício de nosso livre arbítrio, numa espécie de perspectiva agostinista invertida. Lúcifer só existe no comportamento dos homens ou necessita apossar-se deles a priori, gangrena imanente alojada não apenas no âmago de nossa natureza, mas ainda iniciadora do mundo, predispondo à criação mesma? Essa dualidade foi questionada muitas vezes por Jean de Lugio e os maniqueístas; a meu ver, ela é crucial para a compreensão do Mal, pois, ao escolhermos entre um dos seus termos, decidimos se o homem tem ou não reconhecida propensão ao Mal. Seja porque o Demônio é nossa própria criação, gerada

pelo perverso exercício de nossa liberdade, do qual Deus assumiu o risco desde a Gênese, nos confiando o mais precioso, assim como o mais perigoso dos presentes; ou porque o Mal é consubstancial ao homem, iniciador ou coiniciador de um mundo onde o poder sombrio é pelo menos tão extenso quanto o de Deus. Mas, segundo meu ponto de vista, a defesa de Santo Agostinho do livre arbítrio não abrange a totalidade do Mal. Existem males resultantes não de um mau exercício do livre arbítrio, mas da pura e simples vontade de Deus, como as pestes e seu cortejo de sofrimentos, que não dependem de ninguém. Logo, é preciso admitir, Deus orchestra nossos sofrimentos; e a esse Deus, a esse Ser imanente que só pode ser justificado pela razão, mesmo se a razão lhe for insuportável, dou o nome de Belzebu. O pecado está em nós como a marca de Lúcifer, que deforma o sorriso dos anjos. Portanto, à pergunta "O homem é mau?", respondo que sim; o homem, porém, não assume a totalidade do Mal, pois à outra pergunta: "Satã

existe?", respondo igualmente que sim e isso sem sombra de hesitação. Em casa, Luciana Saliestri encontrava dificuldade em avançar na leitura, que se revelava árdua. Em geral, gostava de ficar assim sozinha e aproveitar os momentos de calma momentânea para entregar-se a outros prazeres que não os da carne. O marido organizara uma magnífica biblioteca que ela não cessara de enriquecer. Luciana sentia prazer em selecionar um trecho de livro no qual anotava, à margem, comentários pessoais. Mas, nesse momento, encontrava bastante dificuldade em manter a concentração por mais de alguns minutos. Repousava o livro, deixava-o cair pensando em outra coisa, voltava a ler sem convicção. Terminou por colocá-lo de lado, os olhos perdidos no vazio. A vinda daquele homem para interrogá-la sobre a morte de Marcello a perturbava. Pensava no ator falecido com ternura. Não havia comentado sobre a ambivalência sexual de Marcello, julgando-a, talvez, sem relação com a história sinistra. No fundo, não tinha tanta certeza. O mais inquietante era o roubo do broche. Tentava se lembrar. Era incapaz de dizer em que circunstância poderia ter sido roubado. O agente de polícia acreditara nela? De toda forma, dissera a verdade. Fechou os olhos. Usara poucas vezes esse broche. Apenas quando Giovanni conseguia escapular das exigências do trabalho como senador e dispunha de tempo para visitá-la. O rosto de Giovanni Campioni veio-lhe à lembrança. Estaria ele envolvido? O querido Giovanni estava apaixonado por ela. Ele também a enternecia. Sempre carregando nos ombros o peso do mundo. A política, pensava. Ah! A política! Lembrava-se de que certas interpretações do Apocalipse citavam a política como o famoso oceano, esconderijo de onde emergiria o Anticristo no Julgamento Final. O dragão surgido do vasto mar, o mar das paixões — o das instituições humanas também. Giovanni era daqueles que davam sempre a impressão de perseguir esse dragão. Giovanni e suas grandes idéias. Luciana sorriu. Jamais falava sobre os assuntos discutidos no Senado. Respeitava a promessa de nada revelar sobre os debates voltados ao destino da Sereníssima. No máximo, deixava-a perceber, quando o corpo recostava-se ao seu, a esperança tão vasta quanto as sucessivas decepções, o desgosto de nunca conseguir fazer valer sua voz. Esse rei solitário era atraente. No passado — e se a diferença de idade fosse menor — poderia amá-lo de verdade. Uma contração amarga dominou-lhe os lábios. Amor. Afinal, alguma vez conhecera o amor? Levantou-se, arrastando a cauda do vestido às costas até aproximar-se da lareira do salão. O retrato do marido enfeitava a abóbada da lareira, cercado por porta-incensos, santo protetor da casa. Fora forçada a se casar muito cedo, como tantas outras e havia fingido amá-lo. Tinha mesmo se entregado a esse jogo durante algum tempo,

afinal era preciso ver o lado bom da vida. Experimentara tristeza sincera, ao ficar viúva? Sim, pela força do hábito que, rapidamente, se instalara. Ao mesmo tempo, poderia negar o júbilo secreto, assustador, diante do cadáver do marido? Que atitude vergonhosa! Mas a dor partira muito rápido para que compreendesse o sentido desse arrebatamento. Olhava o retrato; a testa alta, os olhos severos, a boca arrogante. Quantas vezes vira o querido esposo trancado no escritório dedicado à contabilidade, ignorando-lhe solenemente os desejos, certo de que a esposa só poderia estar satisfeita e feliz? Sempre que o via, totalmente envolvido com passivos e ativos, pensava no Pantaleão das peças de teatro, mergulhando as mãos nos caldeirões recheados de peças de ouro. Era mais forte do que ela e mais forte do que ele. Na realidade, Luciana estava sozinha bem antes de sua morte. Desde os primeiros dias. Desde a primeira noite. Acendeu um incenso debaixo do retrato. A fumaça subiu em círculos em direção ao teto. Não iria se ajoelhar diante dele, certamente não. Mas hoje era jovem, rica, bela, desejada, adorada. E não ficaria satisfeita até dilapidar a totalidade das riquezas do falecido marido. Gastar, gastar, gastar... Tanto quanto ele tinha juntado. Para seu único prazer. A título, digamos, de recompensa pelo investimento. E se um dia lhe faltassem recursos, encontraria um novo protetor — Giovanni, por exemplo, que não esperava outra coisa. Um único problema permanecia. O amor, o verdadeiro. Por que não tivera direito a ele? O amor, Luciana... Uma ruga de amargura, talvez de decepção, se acentuou no canto dos lábios. Voltou para o divã e para o livro.

Veneza estava encoberta de bruma, dessas neblinas glaciais, pesadas, incapazes de afugentar as trevas. Penetrava nos ossos até causar arrepios e abolir-se a noção do tempo, tão grande a escuridão a acompanhá-la. Não se via dois metros à frente. Pietro andava prudentemente, o olhar fixo no calçamento. O humor combinava com o clima melancólico. Landretto caminhava a seu lado. Haviam deixado bem cedo a casa Contarini. Num determinado momento, Pietro franziu a testa e se voltou. Seriam os ecos de seus passos ou escutava outros? Colocou a mão no ombro do criado. — O que foi? Pietro não respondeu, sondando o nevoeiro. Nesse instante acreditou ter ouvido um zumbido e ombros escaparem com rapidez de seu campo de visão para desaparecer no meio de lugar nenhum. Alguém o seguia — a menos que fossem silhuetas de passantes anônimos, primeiros madrugadores, ocupados com os próprios afazeres. Pietro não saberia dizer, mas a cabeça estava cheia dos problemas da noite, tão impenetráveis quanto a densa neblina

da paisagem. Emilio Vindicati tinha dito que estaria a par de seus movimentos, tanto com o objetivo de "cercear" sua conduta, como para lhe dar apoio em caso de necessidade. Talvez estivesse sendo seguido. Em todo caso, era preciso permanecer alerta. Pietro ficou imóvel alguns segundos, depois murmurou vagamente um "Nada, não há nada" a Landretto, antes de prosseguir a caminhada. Uma proa de madeira envolvida em bruma, uma fita vermelha saída de um chapéu como uma língua bífida, a voz do barqueiro repetindo o estribilho. Tinham chegado ao cais. À medida que o barco partia, no meio do nada, avançando rumo a Murano, Pietro só ouvia o marulhar da água. Era necessária toda atenção e experiência para conduzir o barco apenas por instinto. Ao lado de Viravolta, Landretto batia os dentes de frio. Parecia mergulhado em pensamentos. Ao deixarem as margens da praça San Marco, ainda distinguiam a silhueta das construções que os cercavam. Mas, bem rápido, fundiram-se nesse sonho invisível e nauseabundo em meio ao qual ainda vagavam. Num determinado momento, cruzaram com outro esquife que procurava sua rota em sentido contrário. Um homem encapuzado segurava, com mão descarnada, a lanterna, na proa do barco. Trocou algumas palavras com o barqueiro antes de desaparecer. Mais adiante, contornaram a massa fúnebre de San Michele que, por sua vez, desapareceu. Um perfume de mistério pairava no ar, como se a natureza, na sonolência turbulenta, tivesse decidido preparar os espíritos para algum novo apocalipse. Provocava mil sonhos mágicos, mas de magia negra, obscuramente ameaçadora, a rastejar ao longo das águas, entre os pilotis de onde se percebia, aqui e ali, a mancha de sombra perdida na laguna. A atmosfera irreal dava a Pietro a impressão de terem deixado a terra para outro mundo, indizível, inquietante. Pietro pensava no episódio da noite anterior. Ainda nada contara a Landretto. Na verdade, indagava-se não ser tudo fruto da imaginação. Não; tinha visto Caffelli, sem dúvida alguma. Guardara o bilhete, o Minueto das Sombras: era preciso mostrá-lo a Brozzi; talvez a Quarantia soubesse identificar o tipo de papel e tinta utilizados. Incessantemente, as imagens da véspera vinham dançar em seu pensamento. Com certeza, não era a primeira vez que o padre de San Giorgio dava uma escapada noturna. Atitude no mínimo arriscada. Mesmo Pietro, na juventude, renunciara à batina pelos prazeres proporcionados pelas mulheres do mundo. Encontrara muitos em Roma que fizeram o mesmo. Um homem como ele não estava em condições de recriar Caffelli. Mas, inegavelmente, agindo assim, o padre arriscava-se muito. Vertigem da carne! Mas ele, o padre de San Giorgio Maggiore! Que loucura! Em todo caso, a idéia de Caffelli ter mantido relações íntimas com Marcello podia ter fundamento. Pietro

conhecia demais os homens para saber que eles eram também produto de frustrações, alegrias, tristezas e erros passados. Mas a atitude de Caffelli revelava grave perturbação. E suas palavras voltavam a dançar no pensamento de Pietro. Santa Madonna. Rezei noite e dia, esperando que isso não acontecesse. Que vergonha, Senhor. Por que as coisas precisavam terminar assim? Tudo foi de mal a pior. Marcello era um rapaz que merecia viver. Ele era... Marcello, perseguido pelo pecado — como Caffelli, sem dúvida. Eis o que os aproximara. Um, traidor da própria natureza; o outro, da fé. Uma amizade profunda poderia ser selada nesse desatino mútuo. Nada além da mútua compreensão do sofrimento. A parte o problema político que se desenhava, esse ponto em comum podia servir de premissa a suas confidências. Dois homens de vida dupla, destroçados, ao mesmo tempo mal-amados e muito amados, condenados a manter em segredo as alegrias íntimas, abomináveis aos olhos do mundo — e, talvez, aos próprios olhos. Um quadro que exibía o que havia de venenoso e doentio, segredos e confissões. Um agente do Conselho dos Dez e um clérigo da Santa Instituição; duas almas persuadidas da danação futura, sofrendo o suplício da própria duplicidade, do apelo soberano de suas naturezas, dos ideais sempre inacessíveis. Quanto a Pietro, embora discípulo dos prazeres da carne por excelência, não assimilava o enigma das torturas vividas por aqueles dois. Levou a mão à testa e fechou os olhos. Pensava, igualmente, no bilhete enfiado por baixo da porta. Quem poderia ser o autor? Havia uma assinatura, Virgílio. O único Virgílio que conhecia era o autor de Eneida, o que não o ajudava muito. Mas, talvez se tratasse do famoso Il Diávolo, da misteriosa Quimera ou das Estriges, mencionadas por Caffelli. Pietro temia estar sendo espionado. Correriam tão céleres as novidades? Poderia outro agente, contratado pelo Conselho dos Dez, ter passado o Minueto por baixo da porta, a fim de informá-lo, discretamente, sobre uma peça importante do quebra-cabeça? Conduzia o Conselho dos Dez uma investigação paralela? Não parecia muito verossímil. Virgílio, ou aqueles que o vigiavam, deviam estar diretamente envolvidos no assassinato de Marcello. Pietro acreditava, cada vez mais, que o assassinato do teatro não era obra de um criminoso isolado e que a encenação ocultava um sentido ainda obscuro. E se o assassino não agira sozinho, agira a serviço de alguma organização — talvez dos misteriosos Pássaros de Fogo. Faltava encontrar a prova — se é que havia uma. Enquanto não desvendava esse mistério, outro se impunha; a proveniência dos cacos de vidro encontrados nas órbitas de Marcello e em volta do corpo, o que, provavelmente, permitiria obter novas informações. A embarcação levou quase uma hora até o barqueiro atingir as margens de Murano e se

preparar para atracar. Finalmente emergiram da bruma. No século XIII, o Grande Conselho de Veneza decidira instalar as fábricas de vidro na ilha de Murano, por razões de segurança e controle. A Associação dos Vidreiros já era bastante poderosa, então. No final do século XIV, exportava suas criações até mesmo para Londres e ao longo da Renascença essa fama só fizera aumentar. As produções venezianas atingiram um grau de perfeição raramente igualado na história das artes decorativas. Os objetos pintados em esmalte, com cores reluzentes, dourados e ilustrados com retratos contemporâneos ou cenas mitológicas, tinham se tornado o orgulho da Associação, que conseguia se adaptar com talento à evolução do "bom gosto" das grandes cortes européias. Depois, surgiu a técnica das filigranas de vidro branco inseridas no vidro transparente e submetidas a delicadas manipulações que as faziam desabrochar em conchas, espirais e vórtices para compor peças incomparáveis, a ponto de numerosas fábricas, seguindo "o estilo de Veneza", terem se espalhado pelos países vizinhos. A difusão das técnicas de Murano, apesar do controle das autoridades venezianas, acentuara-se com a publicação, em 1612, do famoso livro *Arfe Vetraria*, de Neri. O livro consolidara o resultado de uma arte e de uma ciência que, desde a Idade Média, não cessara de elevar-se. Lentes dos astrônomos, instrumentos médicos, pipetas, frascos e alambiques dos alquimistas, óculos ou pincenês — como os de Brozzi, o médico da Criminale — inventados especialmente para os eruditos, depois para o grande público. Tudo isso permitira ao vidro veneziano encontrar inúmeros terrenos de expansão, fora das aplicações tradicionais. Comparava-se sua transparência à do cristal de rocha. Rivalizava com o da Boêmia, do qual possuía o peso, a transparência e a dureza. Além disso, a introdução do carvão para aquecimento dos fornos levava as corporações a desenvolver novos processos de fabricação. O aumento da proporção do óxido de chumbo permitira a invenção de um vidro de uma pureza, finura e brilho notáveis, o *cristallo*, testemunha do esplendor das criações da cidade. Veneza continuava mestra na matéria; espelhos com molduras, vidros soprados em cilindros, incontáveis produções de vasos e louças, estatuetas e serviços de vinho, objetos utilitários ou decorativos, eram tidos como os mais sofisticados do mundo. Havia de tudo isso no ateliê de Spadetti, por onde circulavam Pietro e Landretto. O calor e a atividade efervescente que ali reinavam evocavam as forjas infernais, o antro de uma caverna que o antigo deus Vulcano poderia, sem dificuldade, transformar em seu refúgio. O trabalho dos artífices nos ateliês imensos, debaixo das abóbadas, era por si só um espetáculo. Esses feiticeiros moviam-se carregando miríades de borbulhas incandescentes. Eram mais de mil demônios *seminus*,

envoltos em farrapos ensopados de suor, os músculos expostos. Sopravam, arfavam, corriam de um lugar a outro no meio de turbilhões de brasas; passavam a peça que acabavam de terminar a outro companheiro, para ser examinada com meticulosidade. A sentença era dada e a peça seguia seu caminho ou era novamente fundida. Por todo lado, escutava-se o tinido dos instrumentos, o som do cristal, o rumor dos fornos contínuos acendidos a centenas, o canto e as exclamações dos homens. E dessa perpétua fornalha saíam as mais belas jóias da indústria do vidro veneziano, pérolas de água pura arrancadas de filões de lava e escuridão. A Associação dos Vidreiros era organizada como a maioria das corporações venezianas; tinha uma sede, uma confraternita e um conselho de diretores, presidido por um administrador cuja função era defender os interesses da profissão, zelar pela aplicação dos estatutos, resolver conflitos internos e decidir sobre a admissão dos membros, listados na Giustizia vecchia, da qual uma cópia era encaminhada à magistratura competente. Os mestres da Associação conduziam as assembléias e só eles podiam ter lojas. A hierarquia corporativa estava rigorosamente estabelecida. "Garoto" ou assistente, durante cinco ou seis anos; depois "jovem" ou "trabalhador" por dez a doze anos e só então passavam a maestro ou capomaestro, após criarem uma obra-de-arte a ser avaliada pelos especialistas. A vigilância das corporações não dependia apenas de autodisciplina e aplicação de procedimentos internos. Dependia, ela também, da autoridade do Conselho dos Dez. E a Associação dos Vidreiros era objeto de uma atenção toda particular. Um século antes, Colbert enviara a Murano agentes secretos franceses. Conseguiram subornar os artífices para obter os segredos da profissão, o que lhes permitiu criar uma manufatura rival de espelhos e vidros. A espionagem industrial era uma realidade e os castigos infligidos podiam se revelar assustadores; ser posto a ferros e até executado. Fora de cogitação para as corporações o exercício de qualquer papel político. O doge se limitava a recebê-los quatro vezes por ano, durante banquetes oficiais por ocasião das festas de São Marcos, São Guido e Santa Genovena e da Ascensão. Conduzidos por um dos empregados, Pietro e Landretto se encontraram sem demora diante de Federico Spadetti, um dos mais influentes mestres da Associação. Spadetti usava um barrete branco como chapéu e uma camisa de algodão suja. Estava na casa dos cinquenta, a pele morena, o rosto coberto de transpiração e sinais de carvão. Com efeito, a própria imagem do deus Vulcano, a quem somente faltava a mítica barba. Manuseando uma pinça em cuja extremidade equilibrava-se um pedaço de vidro avermelhado e ondulante, sobre as brasas, flexionou por um segundo os bíceps proeminentes antes de responder à

interpelação de Pietro. Esse mostrou a Spadetti o salvo-conduto dogal, mas puxou-o antes que ele pudesse deixar ali as impressões dos dedos sujos. — Federico Spadetti? Gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Spadetti suspirou, pousou a pinça e enxugou a testa. Colocou as mãos nos quadris e pediu para examinar novamente o salvo-conduto, visivelmente descontente por ser incomodado. Um breve esgar passou por seu rosto, depois, resignado, disse: — Bem... Vá em frente, estou escutando. Com um gesto de prestidigitador, Pietro fez surgir o lenço onde repousavam alguns dos cacos de vidro encontrados aos pés do cadáver de Marcello, no San Luca. — Seria possível identificar a natureza desse vidro? Spadetti fez uma careta, curvou-se sobre o lenço e esfregou o queixo. — Permite-me? Pietro estendeu-lhe o lenço. O capomaestro pegou alguns dos pedaços de vidro, examinou-os com atenção, pesou-os na palma da mão. Comparou-os com um leque de fragmentos dispostos sobre uma bancada. Depois se voltou para Viravolta. — Diria que é cristallo se considerar a limpidez das partículas, o peso e o polimento. Sim, é bem parecido. — Achamos que esse vidro poderia ter sido feito em seu ateliê — disse Pietro. — O que acha? Spadetti fitou-o e franziu os olhos. Levou alguns segundos antes de responder: — É possível, Messer, mas como sabe, não sou o único a produzir esse vidro. Na ausência da marca de fábrica, não serei capaz de dizer a partir de pedaços tão minúsculos. — Claro — disse Pietro. — Mas não é essa sua especialidade e não é o senhor o mais importante produtor de cristallo? Messer Spadetti, poderia determinar de que tipo de objeto provém esses cacos? Spadetti, sempre curvado sobre o lenço, sentiu-se tentado, por um momento, a usá-lo no nariz. Fungava. Virou a cabeça, espirrou e, com um suspiro cansado, contentou-se em estalar a língua: —

Hummm... Não acho que seja de um objeto de decoração, Messer. Nem coloração nem filigrana, nada. Pode ser qualquer coisa: um copo talvez, um vaso, uma estatueta. Pietro se aproximou de uma bancada, situada um pouco mais longe, onde estavam dispostos diferentes objetos. Deixou pairar o silêncio. Pegou um deles e o colocou diante de Spadetti. — E de um objeto como esse? Tratava-se de um elegante estilete de vidro, com cabo de madrepérola, uma serpente enrolada em torno do crânio de um cadáver. — É, pode ser — disse Spadetti. — Diga-me, Messer, o que exatamente procura? Estava plantado na frente de Pietro, as duas pernas afastadas. — Poderia ficar com um? — Claro. São dois ducados. — Vejo que o senhor não se faz de rogado, mesmo quando se trata do Conselho dos Dez. — Sobretudo quando se trata dos Dez — resmungou o capomaestro. Pietro sorriu, procurou a algibeira no cinto, abriu-a

e estendeu os dois ducados a Spadetti, que lhe entregou o estilete. — Diga-me, amigo, já ouviu falar em Estriges? — Em quem? Pietro pigarreou: — Estriges ou Pássaros de Fogo? Com a respiração presa, esperou a resposta que ficou em suspenso nos lábios de Spadetti. Este o examinou com olhar torvo. — Não. — Excelente. Pela primeira vez parece confiante. Orquídea Negra voltou a se afastar alguns instantes, caminhando de um lado a outro do ateliê, as mãos nas costas. Assobiava. — Sem querer ser indelicado, Messer, isso é tudo? Preciso trabalhar. Pietro parou em frente a uma peça linda sobre a qual trabalhava um jovem. O objeto era de extraordinária beleza, um vestido, uma peça única, disposta como se vestisse um manequim de madeira. Mas esse vestido nada tinha de comum. Composto de uma gola de fios de vidro, unicamente fabricado com lascas de cristal, com mil arabescos translúcidos que adquiriam reflexos multicores em torno do peito, da barriga. O drapejado ondulante da saia simulava nova profusão de debruns e rendas opalinas. Um vestido de cristal! Na altura da cintura, uma fivela em formato de estrela fechava um cinto de pérolas cintilantes. Pietro deixou escapar um suspiro de admiração. — Magnífico, maestro... Spadetti aproximou-se, o orgulho brilhando nos olhos. Relaxou um pouco e mudou de tom. — É a obra-de-arte que meu filho Tazzio prepara — disse, designando o jovem concentrado na tarefa, ajoelhado a dois passos. Será em breve meu sucessor. Para tal, é preciso primeiro tornar-se um mestre. Mas, sem dúvida, esse objeto é único. A Corporação organiza este ano um concurso entre os diversos ateliês. O próprio doge entregará o prêmio ao vencedor durante a festa da Ascensão, no auge do carnaval. Com esse vestido temos todas as chances. Imagine que Tazzio está apaixonado, isso mesmo, por uma jovem, Severina, Messer! Ele diz se inspirar na beleza da amada. O que há de mais propício à inspiração que o amor? Num gesto paternal, passou a mão nos cabelos louros de Tazzio. Um rosto de anjo encarou Viravolta, saudando-o silenciosamente. — Muito bem, meus cumprimentos — disse Pietro. Eis uma verdadeira jóia de rara beleza. Mas a deixa assim, à vista de todos? O comentário fez sorrir o vidreiro. — Tudo que fazemos aqui é excepcional, Messer. Pelo contrário, é bom que todos saibam o que preparamos. Nossos ateliês são amigos, mas, apesar disso, rivais. Digamos que esse vestido é uma forma de... Procurou as palavras. — De provar quem é o mestre, é isso? — perguntou Pietro, cuja voz desceu um tom. — Mas acredita que um vestido assim poderia realmente ser usado? Spadetti deu um sorriso entre irônico e condescendente. — Boa pergunta. Pietro examinou o mestre; em seguida, o vestido. A disputa entre obras-de-arte não era privilégio dos artesãos do vidro. Todas as corporações

tinham a sua. A igreja de San Giovanni, dos mercadores do Rialto, tinha um torneio anual no qual, de longa data, as corporações de ofícios empenhavam-se numa competição pitoresca, o poder de cada uma expresso com base em doações e criações, o que não deixava de ter certa beleza. Esse vestido de cristal era também a perfeita expressão dessa arte. Enfim, Pietro pigarreou. — Poderia dar uma olhada nos livros de pedidos? O senhor deve ter registros ou algo do gênero. Spadetti voltou a ficar tenso. Examinou Pietro com desconfiança; hesitou um momento para afinal capitular. — Diga, Messer, tem noção de quantas peças deixam meu ateliê todo mês? Quase três mil, distribuídas por toda a Europa. Evidentemente tenho registros. E um enorme livro de pedidos. Venha, vamos até os fundos, a meu escritório. Ficaremos mais à vontade. Os dois encontraram-se ao abrigo da atividade ambiente, num pequeno aposento que isolava o capomaestro da agitação do ateliê. Pietro despachara Landretto para mostrar o estilete a Brozzi e recolher novas informações. Talvez a Quarantia, por sua vez, tivesse feito progressos. Spadetti abriu volumosos registros diante de Viravolta, instalado atrás da mesa poeirenta. Consultou os registros durante longo tempo, enquanto Spadetti voltava a suas ocupações. Pietro transcreveu cada um dos pedidos de estiletos bem como outros que, de um jeito ou de outro, pareciam fugir ao comum, por sua natureza ou pela identidade mais ou menos nebulosa do comprador. Mas, duas horas depois, não havia feito progressos e começava a acreditar estar perdendo tempo. Bisbilhotou até descobrir dois outros volumes empoeirados, escondidos debaixo de pacotes de encomendas. — Vejam só! Lançou-se novamente à pesquisa. Demorou ainda uma meia hora. De súbito, soltou uma exclamação. Com o registro que o intrigara debaixo do braço, foi procurar o capomaestro, novamente sentado à frente de um forno, perto do filho e de sua jóia de cristal. —

Messer Spadetti!

Quem é esse? Esse "Minos"... Spadetti olhou o registro de soslaio. Piscou os olhos uma ou duas vezes. — Bem, esse aí, como quer que eu saiba? O pedido tem mais de seis meses. — Encontrei dois outros volumes além dos que o senhor me entregou. —

Esses são sem importância. Pietro franziu a testa. — Não tenho tanta certeza. O senhor é quem preenche esses registros, não é? Esse cliente não lhe diz nada? Nunca o encontrou pessoalmente? — Não, Messer. De qualquer maneira, na maioria das vezes só recebo aqui os intermediários. E, às vezes, Tazzio é quem se encarrega das encomendas. Se tivesse que me lembrar de todos os compradores, me atiraria na laguna. —

Sem dúvida — disse cético. — Mas veja aqui. A crer na anotação feita, se trata com

efeito de um pedido de fabricação de lentes de vidro. Lentes de aumento. Está indicado aqui. — Lentes? Talvez; é possível. — É possível? Lentes de vidro? — Pietro sentiu-se sufocar. — Por doze mil ducados! Entreolharam-se. — Com tanto vidro — prosseguiu Pietro —, inútil se atirar na laguna, Messer. Poderíamos recobri-la por inteiro! Não me diga que não se lembra de nada. Era somente a irritação de estar sendo ainda forçado a interromper o trabalho ou Spadetti estava realmente deveras embaraçado? —

Que diabos alguém faria com centenas, ou melhor, milhares de lentes de aumento? — perguntou Pietro. Spadetti deu um sorriso um pouco contrito e tirou o barrete a lhe cobrir a cabeça. — Sem dúvida um pedido excepcional. Algumas vezes me acontece de tratar diretamente com os emissários de cortes reais ou de governos. Já que o senhor me fala disso, não ficaria surpreso de... — E esse Minos poderia ser o representante de uma corte ou de um governo estrangeiro, como diz? — É bem possível, Messer. Sim, agora me lembro. Era um secretário. Diante de tal pedido, não se esmiuça. Do momento em que os ducados vêm parar em minha algibeira e na da Associação... Olhou Pietro. Os traços haviam recuperado a firmeza. — Se uma cabeça coroada qualquer quer recobrir o palácio de lentes, Messer, problema dela. Quanto a mim, pouco me importa. E meus aprendizes fazem o trabalho que lhes é solicitado. Pietro observou um instante o artífice, perplexo. —

Há um meio de encontrar o nome e a origem exata desse comprador? — Deve haver, nalgum lugar. Parou. — Quer que eu encontre, é isso? Pietro aquiesceu. — E, além de tudo, com bom humor, Messer Spadetti. Seria bom o senhor mostrar um pouco mais de cooperação. Spadetti suspirou. Conhecia muito bem a sombra por trás de Pietro, o Conselho dos Dez. Batendo as mãos nos joelhos, terminou por se levantar. — Está bem, está bem! Estou indo. Caminhou em direção ao escritório com passo arrastado. Felizmente, a busca não levou muito tempo. Spadetti parecia cada vez menos à vontade. O recibo do pedido apresentado a Viravolta trazia uma assinatura incompreensível. Nem sinete nem selo de espécie alguma. Pietro deixou escapar um impropério. — Messer Spadetti, o senhor está brincando comigo? Decididamente tenho a impressão que o senhor mantém seus talões de pedidos de maneira bem curio... Não teve tempo de prosseguir. Um artesão irrompeu no escritório. — Messer, é o senhor, não é, o enviado do Conselho dos Dez? — Sou eu, com efeito. O que aconteceu? — Tenho uma mensagem para o senhor da parte de seu criado e de um membro da Quarantia Criminale... — Bem, meu jovem, mantenha a calma. O que aconteceu? O rapaz apurou-se: — Aconteceu uma coisa terrível.

Durante o tempo passado no ateliê de Spadetti, as nuvens negras tinham se acumulado sobre Veneza. Uma tempestade de violência espantosa acabava de desabar. As águas começavam a agitar-se furiosamente. Por pouco Pietro não chegou a seu destino. Quando desembarcou no adro da igreja San Giorgio Maggiore, uma centena de pessoas já se aglomeravam, paralisadas sob a chuva torrencial. Trocavam olhares aterrorizados, mãos na boca ou no peito, dedos apontados ao céu. Por todo lado, Pietro ouvia gritos de horror. Atravessou a multidão. A borrasca cobria- lhe a voz; usando os cotovelos, conseguiu alcançar Antonio Brozzi e Landretto. Foi quase obrigado a berrar ao se dirigir a Brozzi: —

Mas o que está acontecendo? Como única resposta, o médico da Quarantia elevou os olhos, convidando-o a fazer o mesmo. Todos, de fato, dirigiam o queixo em direção ao capitel que encimava a fachada da entrada. Primeiro, Pietro, encharcado até os ossos, teve dificuldade em focar sob a rajada de chuva. Depois, subitamente, um ribombo de trovão se fez ouvir, num estrondo assombroso. O céu iluminou-se, cortado por clarões. Pietro voltou-se novamente para Landretto, perturbado, chocado com a visão repulsiva. Acabava de distinguir uma forma humana rodopiando como um catavento em meio à tempestade. No topo da igreja, um corpo pendia pendurado por uma corda, parecendo bizarramente abraçado à estátua branca que coroava o capitel. O repicar assustador de sinos perfurava os tímpanos de Viravolta. O cadáver continuava a oscilar, os membros balançando. Um raio devia tê-lo atingido, pelo menos uma vez, pois parecia carbonizado, transformado num monte de carne ainda fumegante a dançar sob a cólera divina, esmagado pelas nuvens admoestantes, bamboleando ao sabor da tempestade! Esse triste espantalho parecia brotar de uma visão demoníaca. As vestes rasgadas agitavam-se em trapos, acentuando o caráter patético da aparição. Dois homens tinham subido no capitel e tentavam soltar o terrível catavento humano do cadafalso. Usando cordas, escalaram o interior da igreja e aventuravam-se nas pedras escorregadias. Tentavam manter o equilíbrio, as mãos estendidas em direção ao cadáver, enquanto embaixo o rumor não cessava de aumentar. — É Caffelli — disse Landretto. — O confessor de Marcello. Penduraram-no no pináculo da própria igreja! Quando finalmente conseguiram desprender o padre, fizeram-no descer por meio de longas cordas até o adro. Os oficiais da Quarantia Criminale encontraram dificuldade em afastar a multidão para abrir passagem a Brozzi, Viravolta e Landretto até o interior de San Giorgio. Escancararam para eles as grandes portas duplas. A igreja estava mergulhada na escuridão. Três pessoas acenderam as velas.

Iluminaram o altar onde o cadáver de Caffelli foi colocado. Depois Viravolta fez evacuar o lugar santo, enquanto Brozzi arregaçava as mangas. A eterna sacola, pingando, estava a seus pés. Pietro não podia acreditar nos próprios olhos. O pesadelo continuava. Ao ver Brozzi em frente ao altar, dando início à autópsia, desorientava-se. Atrás do médico da Quarantia, o afresco representando a Descida da Cruz foi o golpe de misericórdia, mergulhando Pietro na maior inquietação. Levou a mão aos lábios, franziu o cenho e blasfemou. A Descida da Cruz... Gotas de água ainda escorriam da aba de seu chapéu. Tirou-o e subiu os degraus do altar. — Vou ver se posso obter alguma prova — disse Brozzi. — A vítima foi atingida pelos raios. Usava uma pinça nos membros do cadáver, um pedaço de carne se soltou. — Dois terços do corpo foram carbonizados e os cabelos estão totalmente queimados. A pilosidade dos membros superiores parece ter... Diga-me, Viravolta, seu criado não tem nada a fazer? Tenho na minha sacola papel de velino e um pouco de tinta. Ele poderia tomar nota de meus comentários. Isso me evitaria fazê-lo e serviria à redação de meu relatório definitivo. Ele sabe escrever, não sabe? Landretto dirigiu ao patrão um olhar interrogativo. Sem uma palavra, Pietro fez sinal com o queixo. Landretto aproximou-se do altar, mexeu na sacola, obedecendo às instruções de Brozzi, dela retirando o material necessário. Logo anotava o que lhe ordenava o médico com ar aplicado e diligente. Quanto a Pietro, não prestava atenção à metade, fascinado pelo afresco. Em primeiro plano, a Virgem, Maria Madalena e José de Arimatéia recolhendo o sangue de Cristo; em segundo, legionários romanos. Nos céus, os relâmpagos da cólera divina. Fúnebres lamentações as do Gólgota. Abaixo, o tabernáculo da igreja. Pietro ainda avançava. Decididamente, o assassino adorava usar metáforas bíblicas. O vínculo com a morte de Marcello, descido ele também de sua Árvore maldita, como Caffelli do capitel de San Giorgio, era inequívoco. — O padre foi amarrado por cordas cujas marcas ainda são visíveis na garganta, no meio do torso, em volta das mãos, joelhos e pés. Ah! Espere, vejamos isto... Uma contusão atrás da nuca e uma leve fratura da caixa craniana me fazem pensar que o deixaram inconsciente, antes de expô-lo assim no frontão de San Giorgio. Pietro, me parece impossível que esse ato possa ter sido perpetrado por um homem apenas. Caffelli deve ter sem dúvida despertado, uma vez instalado lá no alto, no meio do vento. Com certeza a Quimera não comandava os elementos da natureza, não poderia saber que o raio cairia no capitel e assim atingiria o padre. A não ser que fosse realmente Il Diávolo. O inimigo, não importa quem fosse, teria desencadeado essa tempestade sobre Veneza? Pietro não podia desfazer-se da impressão de sortilégio. — E

há mais — continuou Brozzi. Retirou o pincenê e limpou-o, demonstrando nojo. Ao levantar um resto da vestimenta, descobriu uma nova ferida na carne queimada. — O padre foi emasculado. Inspirou profundamente e reajustou os óculos. — Deve ter perdido pelo menos metade do sangue. Não se desfizeram das vestimentas. Mantiveram-lhe o hábito, do qual quase nada sobrou. Os dedos de Pietro acariciavam A Descida da Cruz, diante de seus olhos. Tratava-se de um quadro e não, como havia pensado no início, de um afresco. De repente, Pietro notou uma ligeira diferença de cor entre a parede caiada e o exato lugar onde — tinha certeza — o quadro devia estar pendurado. Nenhuma dúvida, tinham-no mudado recentemente de lugar. Os cantos da moldura acusavam ângulo bizarro, o quadro estava torto. Pietro deixou a mão correr pela moldura, depois pela borda da parede. Abriu os braços em toda extensão, dobrou ligeiramente as pernas e, com um impulso, levantou o quadro. Landretto o viu vacilar por um instante; abandonou imediatamente a pena para ir em seu socorro, sob os olhos atônitos de Brozzi. Juntos, retiraram A Descida da Cruz. O médico prosseguiu o exame, enquanto Pietro e o criado depositavam o grande quadro num local mais afastado. Depois, voltaram a olhar a parede descoberta; estava riscada por uma fissura transversal, perfeitamente caótica e... Brozzi continuava a falar sozinho. Viravolta não mais o escutava. Miséria. Recuou lentamente alguns passos. Quando estava já próximo do médico, este, perturbado pelo silêncio de chumbo que acabava de tombar sobre si, tirou o pincenê e voltou-se para a parede.

La bufera infernal, che mai non resta,
Mena li spiriti con la sua rapina;
Voltando e percotendo li molesta.

A procela infernal que nunca assenta, essas almas arrasta em sua rapina, volteando e percutindo as atormenta. E um pouco mais afastado: Vexilla regis prodeunt infemi.

Era uma nova inscrição, não talhada a faca na carne humana, como no caso de Marcello, mas escrita na parede. — Letras rabiscadas com sangue — murmurou Pietro. Lançou em direção a Brozzi um olhar confuso. A mão do médico da Quarantia recaiu sobre o cadáver.

Avançam os estandartes do reino do Inferno.

CANTO VI

A TEMPESTADE INFERNAL

O PROBLEMA DO MAL

Por Andreas Vicario, membro do Grande Conselho

Sobre o Pecado e os castigos de Deus. O Mal e o Poder. Cap. IV

...O edifício inteiro da fé judaico-cristã baseia-se num único conceito, a consciência do pecado e, dada a natureza do pecado original, a transmissão dessa consciência a sucessivas gerações, como a base sobre a qual se assenta a civilização. Diante desse conceito, as seitas heréticas têm somente duas alternativas: rejeitá-lo em bloco e arruinar, assim, os fundamentos da moral, ou declará-lo incompleto e inconsistente em relação aos textos sagrados, recorrendo à rigorosidade dos "puros". Em ambos os casos triunfa o pecado, pois é a recusa ou o apelo ao castigo o que condiciona o exercício do poder espiritual, e é ainda Lúcifer quem governa. Onde reside o terror o poder reside, daí o paradoxo de ser o Mal o instrumento supremo de dominação das religiões oficiais. Eis como só pela força logram impor-se os impérios, eis como o problema do Mal passa a ser não meramente pessoal, mas sobretudo político. Mais um sinal do triunfo de Satã neste mundo. — O assassino ou assassinos não perderam tempo — concluiu Pietro. Trabalharam rápido, mas com considerável eficiência, é preciso reconhecer. Alarmado, o príncipe Sereníssimo parecia ter perdido a compostura habitual. Pietro, Emilio Vindicati e Antonio Brozzi achavam-se sentados à sua frente na SALA DEL COLLEGIO. Lá fora a tempestade ainda rugia e os candelabros haviam sido acesos. Brozzi, de quando em quando, elevava os olhos aos afrescos do teto. Era evidente que preferia estar noutra parte. Tensão em excesso não lhe fazia bem ao coração. — Não é possível! Não é possível! — repetia Francesco Loredan. O doge sacudia a cabeça incessantemente. Terminou por dar um soco no braço do trono. — Alcançamos êxito em encobrir da população as circunstâncias do assassinato de Marcello Torretone, mas desta vez, toda Veneza está a par da situação! O assunto será inevitavelmente levado ao Grande Conselho, Emilio. Prepare-se, pois tanto você quanto os representantes da QUARANTIA CRIMINALE serão convocados a explicar a natureza e o andamento da investigação. Aliás, não me surpreende esse assassinato ter

sido cometido à luz do dia, com o objetivo de nos forçar a convocar o Grande Conselho! Estamos arriscados a mais uma vez navegar em águas agitadas, se quisermos preservar os segredos de Estado e as deliberações públicas! Caso desejemos perseverar na investigação secreta de Viravolta, o Conselho dos Dez e a QUARANTIA irão levantar suspeitas. Mas tudo isso não me acrescenta nada, Emilio, nada mesmo! Você me colocou numa posição profundamente desagradável. É preciso resultados. O Grande Conselho não é idiota; caso se sintam excluídos, não terão misericórdia. E que temos até agora? Pietro tomou a palavra: — A pista do Minueto da Sombra não nos levou a parte alguma. Confesso, a princípio, ter suposto esse Virgílio um dos emissários de Emílio, que me garantiu o contrário. Sem dúvida, há ligação entre a morte de Marcello, a do padre Caffelli e a cena, no mínimo embaraçosa, que fui obrigado a presenciar na casa Contarini. Se, como acredito, Marcello e Caffelli eram amantes, é provável que representassem ambos uma ameaça real àquele ou àqueles que procuramos. O que mais me intriga, contudo, é já saberem que me encontro à frente dessa missão! Por falar nisso, tive a sensação de estar sendo seguido quando ia para Murano. "O inimigo está por toda parte", como me disse o padre. E se a informação não vazou através de um de nós — perdoem-me, mas é preciso considerar todas as hipóteses —, pode ter sido o próprio Caffelli, antes de morrer, ou um dos membros da trupe do teatro San Luca, um pouco mais sagaz que os outros. Ou ainda Luciana Saliestri, cujo broche foi encontrado no mesmo teatro. — O padre de San Giorgio — murmurou o doge. — Deus misericordioso! Que coisa terrível para seus bons paroquianos... — E verdade que nesse ritmo, nossa investigação não será nada secreta — retomou Pietro. — Estou de acordo com Vossa Serenidade; esse mesmo "alguém" quer forçar-nos a agir à luz do dia, provocar escândalos e colocar-nos em situação constrangedora. A iniciativa é hábil e a armadilha em que estamos encurralados denota cálculo político. A dramaticidade desses assassinatos espetaculares fundamenta as suspeitas de Emilio: enfrentamos um jogador habilidoso, perfeitamente informado sobre os hábitos íntimos dos que martirizou. Talvez seja um de nossos patrícios — ou um estrangeiro, Alteza, que contratou executores vis para se incumbir das missões. Já vimos isso. — Alguém, mas quem? — perguntou o doge com inquietação. — Um nobre veneziano, um espião estrangeiro, o embaixador de uma potência inimiga? Esse Minos, cuja pista o senhor achou nos registros do mestre vidreiro e que, parece, comanda debaixo de nossos narizes e barbas navios carregados de lentes de vidro, com uma finalidade por nós ignorada? Isso não faz o menor sentido. E afinal, qual seria o objetivo,

Viravolta? — Desestabilizar a República, abalar nossas instituições, sei lá! E verdade que Marcello e Caffelli não eram, a priori, alvos políticos; mas Marcello trabalhava para o Conselho dos Dez e tanto ele como o padre sabiam demais, isso é evidente. O doge passou a mão pela testa e ajeitou o chapéu ducal, aparentando estar convencido. Levantou-se e foi até às janelas. A chuva forte tinha recomeçado e salpicava o céu de mil constelações, ao longe se diluindo no abismo acinzentado das águas. Quando Loredan se voltou, um relâmpago cruzou o céu. — Por trás das fachadas elegantes, a podridão! O pecado! A putrefação! Mas o que esconde a alma dos homens, Senhor? Não, não, isso não é suficiente — precisamos agir com mais rapidez. Vindicati levantou a sobancelha e elevou uma das mãos. — Consideremos as coisas com pragmatismo, Alteza, sem nos deixarmos impressionar pelas manobras mirabolantes, nem creditar a nosso adversário mais perspicácia do que possui, apesar de sermos os primeiros a considerar grande o perigo. Mande alguns de nossos agentes revirar os registros de Spadetti e da Corporação. Todos os vidreiros estão sendo interrogados nesse exato momento, mas Spadetti é o principal suspeito. Afirma não saber mais nada. Nós o ameaçamos, porém continua mudo como um túmulo. Não temos nenhuma prova de que esteja implicado. Não nega a encomenda, mas alega erro nos registros, simulando arrependimento. Sua amnésia é bem oportuna, com certeza. O problema é que, na ausência de informações precisas sobre a identidade do misterioso comprador das lentes de vidro, não posso prendê-lo indefinidamente e interromper a produção de seu ateliê. Toda a Corporação já está em polvorosa e teme que venha cessar a fabricação. Só me surpreendo com o fato de meu estimado Conselho dos Dez não ter percebido o registro do capomaestro. Eis na verdade outro erro incompreensível. Não devemos segurar Spadetti, deixem-no sair. Façamos com que o sigam, encarreguemo-nos de fazê-lo falar, mas é incerto o que obteremos no momento. Os Pássaros de Fogo, as inscrições pretensamente bíblicas no torso de Marcello e atrás do quadro de San Giorgio, nisso sim devemos nos concentrar para descobrir o significado. — Sim. Pessoalmente — acrescentou Viravolta —, intrigue-me, sobretudo, o broche de Luciana Saliestri e sua ligação com o senador Giovanni Campioni. Parece-me a única pista tangível. Devo encontrar-me com Campioni, mas levando-se em conta ser ele um dos mais célebres membros do Senado, de grande influência sobre o Grande Conselho, é preciso tomar cuidado ao interrogá-lo. Preciso de Vossa Sereníssima ou da intervenção de Emilio para preparar o terreno. E devemos estar de acordo quanto à estratégia a adotar. Campioni é o primeiro suspeito; entretanto, não lhes escondi-me

parecer demasiadamente óbvio. — Certamente — disse Brozzi. — Tenho a impressão de que querem, deliberadamente, nos conduzir a ele. O broche de ouro encontrado no San Luca pode ter sido propositadamente deixado junto ao corpo de Marcello. Talvez seja outra manobra. Mas se todos os caminhos levam ao senador Campioni, então Pietro deve tentar descobrir o que sabe o senador. Fez-se silêncio, apenas quebrado pelo martelar da chuva contra os vidros. Depois, Francesco Loredan inspirou profundamente e disse: —

Bem. Vamos nos ocupar dele. O Broglio, como era conhecido o jardim aos pés do palácio ducal, era um dos lugares mais pitorescos de Veneza. O nome vinha de uma antiga horta, não afastada da Piazzetta, e tanto os venezianos quanto os viajantes com freqüência visitavam-na, fascinados. Os nobres ali se reuniam, diariamente, para discutir os negócios públicos. O Broglio exercia, no seio da cidade, uma verdadeira função política; todo nobre, ao atingir a idade de 25 anos, era chamado para tomar parte no Grande Conselho e ali "vestia a toga" pela primeira vez, recebendo de certa forma sua investidura oficial. Mas o Broglio era também o lugar onde se engendravam as intrigas e conspirações contra a República, o que não deixava de ser irônico, considerando que ali, por onde agora Pietro perambulava, as mãos nas costas, em companhia de Sua Excelência Giovanni Campioni, havia placas com as faltas cometidas pelos traidores da Pátria e a lista dos castigos gravada nas pedras lisas, dispostas ao longo das aléias. Acima, o céu ainda carregado tornara-se, entretanto, mais clemente. Poucos raios de um sol pálido atravessavam as nuvens, iluminando-lhes os passos nos jardins. Os canteiros de flores exalavam os perfumes característicos da natureza que reencontra a calma depois da chuva. — Então — disse o senador — o senhor é o famoso Orquídea Negra. Já o conheço de nome. Os escândalos nos quais se envolveu são conhecidos, de longa data, do Grande Conselho e do Senado. Muitos se perguntavam — e se perguntam ainda — de que lado estava realmente. O senador Ottavio está a par de sua libertação? — Ignoro, mas acho que não. Melhor assim. Viravolta deixou o silêncio reinar por um instante para em seguida completar: — Entretanto, me parece termos assuntos mais urgentes a discutir.

— Certamente. Campioni suspirou. — Marcello Torretone, o padre Caffelli... O senhor está me dizendo que o Conselho dos Dez, assim como a Criminale, estão convencidos de existir uma ligação entre os dois episódios? Giovanni Campioni, um homem de cerca de 60 anos, usava o traje nobiliárquico dos membros do Senado, preto e adornado com arminho, apertado por um cinto com fecho de prata e um barrete escuro, a

beretta, na cabeça. Caminhava ao lado de Pietro, com a bengala na mão, o cenho carregado. Ao cabo de alguns instantes, Viravolta parou e se virou para ele. — O senhor viu Luciana Saliestri recentemente? Campioni, por sua vez, parou, surpreso. Estavam perto de um maciço de flores cujas cores vivas contrastavam com a autoridade e a fisionomia grave do nobre. — É que... Como explicar? — Peço que me perdoe a pergunta, Excelência, mas compreenderá o quanto está intimamente ligada à investigação que conduzo. O senhor lhe ofereceu, há algum tempo, um broche de ouro gravado com as iniciais dela, "L" e "S", duas espadas e uma rosa encravada em pérolas? Campioni ficou ainda mais estupefato. — Com efeito, é exato! Isto dito, gostaria de saber com que direito... — Quando o senhor viu Luciana com esse broche pela última vez? — Há mais ou menos 15 dias, mas... — Quinze dias? E nenhuma vez depois? — Não. O senhor vai me explicar a relação entre esse presente e os negócios escusos que havia começado a me contar? — Excelência, o broche foi encontrado aos pés de Marcello Torretone, no San Luca. Luciana escondera do senhor, mas a jóia tinha sido roubada uns dias antes por um indivíduo que ela alega ignorar a identidade. Campioni ergueu o nariz e franziu a boca; a mão tremia-lhe nervosamente no punho da bengala. — Então por isso o Conselho dos Dez queria que eu me encontrasse com o senhor. — Exatamente, Excelência. — Tinha conhecimento de que Luciana era igualmente amante de Marcello? Campioni abanou a cabeça. Sentia cada vez mais dificuldade em manter a calma. — Como poderia ignorar? Toda Veneza estava a par. Entenda, Luciana tem muitos homens em sua vida. O tom com que dissera as palavras, que se apagaram num murmúrio, não escapou a Pietro. O senador estava apaixonado, era visível, e a idéia de que a cortesã pudesse acolher outros na intimidade representava um verdadeiro tormento. Franzia as sobrancelhas, numa expressão de dor que não conseguia refrear. — Sim, eu a amo — confessou Campioni, cerrando o punho, como se tivesse adivinhado os pensamentos de Pietro. — Amo-a há quase dez anos. Não deixa de ser engraçado, não acha? Que alguém como eu possa tremer só de pensar em ter nos braços uma simples cortesã, tão jovem e freqüentadora das arcadas das Procuratie. Bem sei! Eis o que me afasta dos negócios da República! Mas justamente essa mulher é minha droga, meu vício; não consigo libertar-me. Inútil lhe esconder: apavoro-me diante da possibilidade de perdê-la um dia e, no entanto, ela é minha vergonha. E daquelas mulheres que o enfeitiçam, atiram-no nos tormentos mais atrozes e enlaçam-no tão eficazmente quanto Diana. Sim, uma bênção maldita, adorada e perigosa. Oh, Senhor! Mas deve saber do que falo, não é? A imagem

de Anna Santamaria, a Viúva Negra, passou pelos olhos de Pietro. Não respondeu diretamente. — Tranqüilize-se, Excelência — disse, continuando a caminhar. — Um pouco de sinceridade me retempera nos tempos atuais. Calaram-se ainda alguns instantes, até Campioni recomeçar: — Quanto ao broche, se foi roubado de Luciana, não foi minha culpa. Com certeza, não acredita que eu possa estar, de alguma maneira, envolvido nesses sórdidos assassinatos! Pietro sorriu. — Longe de mim essa idéia, Excelência. Campioni pareceu sereno; sua respiração, antes levemente acelerada, tornou-se novamente mais tranqüila. Pietro, entretanto, não havia tocado nas perguntas mais delicadas. Remexeu o bolso, dali retirando dois pedaços de papel que estendeu ao aristocrata. — Essas inscrições foram encontradas, respectivamente, no corpo de Marcello Torretone e na igreja San Giorgio Maggiore. Isso lhe diz alguma coisa? Campioni pegou os papéis e leu.

Era eu ainda novo nesse estado quando aqui vi chegar alguém, potente, de signos de vitória coroados. A procissão infernal que nunca assenta, essas almas arrasta em sua rapina, volteando e percutindo as atormenta. Vexilla regis prodeunt infemi.

— Bem — disse o senador, buscando, visivelmente, descobrir o que as palavras lhe evocavam. Na verdade, me parece já ter lido isso. Mas onde? Passou a mão pela testa e perguntou: — O que querem dizer esses epigramas? Dir-se-iam uma espécie de poema. — Fora de seu contexto, ainda para mim desconhecido, não parecem significar grande coisa — respondeu Pietro. Por outro lado, também não fazem sentido quando considerados em conjunto, Excelência. Pietro inspirou e abordou o assunto: — Gostaria que me falasse da Quimera e dos que se fazem chamar de Estriges ou Pássaros de Fogo. Os dedos de Campioni tremeram nos papéis. Olhou à volta. Pietro soube ter acertado na mosca. O interesse da conversação acentuou-se ainda mais, Pietro era todo ouvidos. A reação deste à evocação dos Pássaros de Fogo era comparável à do padre Caffelli quando Viravolta anunciara a crucificação de Marcello Torretone. Os mesmos sintomas de terror doentio assomavam-lhe à face, o sangue desaparecia, suave. Levou uma das mãos ao peito e estendeu a outra a Pietro, como se as folhas de papel, ainda em seu poder, estivessem embebidas de veneno. Os olhos vibrantes de angústia, inclinou-se e sussurrou: — Então está a par, o senhor também! — O que sabe a respeito? — voltou a inquirir Pietro. Campioni hesitou, tomado por calafrios. Novamente olhou à volta. — Eu... Eu

vejo sombras, sombras que me seguem por toda parte, receio. Por vezes tento convencer-me tratar-se de minha imaginação, mas na verdade tenho medo. Pietro insistiu. —

Dois crimes medonhos foram cometidos, Excelência, e ninguém nos garante que não haverá outros. E absolutamente vital que me diga o que sabe. Quem são os Pássaros de Fogo? Os dois encararam-se longamente. Depois, Campioni passou um braço pelo ombro de Viravolta, o negror da toga agitando-se e o conduziu a um canto mais afastado. Respondeu, em tom inquieto e entrecortado: — Trata-se de uma seita, meu amigo. Uma organização secreta. O chefe se faz chamar por Quimera ou Il Diávolo, mas, na verdade, ninguém lhe conhece a identidade. Uma seita luciferiana que se instalou aqui em Veneza e algures, na Terra Ferma. Dizem que suas ramificações ultrapassam a Itália. Esses são os Pássaros de Fogo. Mas ainda há pior, bem pior. — O que quer dizer? —

Alguns deles estariam infiltrados nas nossas máquinas administrativas, no seio das magistraturas e escritórios. Sim, meu caro, até mesmo no Senado e no Grande Conselho! Viravolta refletia agora com rapidez. — Mas qual o seu objetivo? Giovanni voltou a olhá-lo. — O objetivo? Vamos, meu amigo, é evidente! Os nobres escapam para o campo ou para o exterior, nossa frota de guerra não consegue mais manter nossas posições no estrangeiro, o jogo e a libertinagem estão por todo lado. Veneza se deteriora! O senhor mesmo, Orquídea Negra, é puro produto desse mundo! Quem ainda acredita que a República possa esconder, atrás da ostentação, a gangrena a lhe corroer? Eles querem o poder! Uma ditadura, meu amigo! Ou, se prefere, um regime autocrático, ultraconservador. Sabe sobre o que se edifica nosso poderio? Sobre o controle dos mares. Quem controla Veneza pode controlar o Adriático, o Mediterrâneo, as rotas do Oriente e do Ocidente! Isso não lhe parece suficiente? O senhor seria ingênuo se não supusesse tal motivo suficiente para despertar a cobiça no mundo inteiro. Mas se todos reconhecem que a Idade de Ouro chegou ao fim, ninguém está de acordo com os meios a serem postos em prática para restaurá-la. Os assassinatos dos quais me fala não passam de árvores que escondem a floresta! Venho implorando ao Senado ser mais condescendente com o povo e permitir-lhe voltar a participar de nossas instituições. Sabe o que dizem na França, na Inglaterra? As cabeças coroadas dos outros países têm medo, elas também. Dizem que seus filósofos induzem as pessoas a idéias perigosas. No entanto, é preciso crer na capacidade de reformar nossas próprias instituições, pois disso necessitam! Muitos nobres do Grande Conselho pensam da mesma maneira e são meus aliados. Mas sabemos o que tais idéias democráticas, no passado, custaram ao doge Falier... Eu incomodo; cada vez

mais vozes se elevam para defender a causa inversa e conclamar uma vigorosa repressão para pôr ordem na cidade. O vento da intransigência sopra entre nós, é fato. Os Pássaros de Fogo são uma seita maldita, tentam espalhar a desgraça e o descrédito sobre nosso governo. Estou convencido haver incorrido em seu desagrado, e o senhor também, provavelmente. A única coisa que talvez os refreasse seria saber que um complô muito transparente acabaria por voltar-se rapidamente contra si próprios. Nossa guerra é mais insidiosa, uma guerra travada nas sombras, tendo como armas a cortesia e a preeminência. Jogos de poder! Há muito venho tentando alertar o doge, mas ele não parece disposto a me escutar. Porém, vários projetos de lei em discussão tentam impedir nossas manobras para destruir o ovo da serpente. Criam-me obstáculos por todo lado onde coloco os pés — ah, nunca de maneira formal, é claro, mas com arte e cálculo consumados, esteja certo, e sem que jamais eu saiba de onde vem o golpe. Compreende por que esse broche foi roubado da minha querida Luciana e depois abandonado no San Luca? Para me incriminar, naturalmente. Querem me derrubar, a mim e a meus partidários! Não posso nem solicitar nenhuma proteção, pois quem que me garante não estarem infiltrados agentes duplos? Não confie em ninguém, meu amigo, todos são suspeitos. Giovanni Campioni não fizera uma pausa sequer enquanto falava. De repente, retomava a respiração, os ombros caindo, demonstrando desânimo. Balançou a cabeça. —

Chega! Já falei demais. Pietro tinha ainda uma série de perguntas a fazer. Quis insistir, mas o senador ergueu a mão: — Não, basta! Coloco em risco duas vidas, a minha e a sua. Deixe-me em paz, imploro-lhe! É preciso agora refletir na maneira de defender a mim e aos meus. Se, por acaso, tiver informações úteis à sua investigação, darei um jeito de transmiti-las. Onde está hospedado? — Nos apartamentos da casa Contarini. — Bem, sejam quais forem as informações que lhe puder comunicar, deve me prometer não comentá-las com ninguém, à exceção do doge. De acordo? Ninguém, nem mesmo os membros do Minor Consiglio ou do Conselho dos Dez! — Dou-lhe minha palavra. Campioni afastou-se com ar desgostoso, sacudindo o ar com uma das mãos como para afugentar um Pietro, parado, sozinho no meio do Broglio. Uma ditadura em Veneza. Um complô de luciferianos!

Orquídea Negra deixou correr os dedos pelas nádegas roliças de Ancilla Adeodat que, reclinada, ria, lendo uma peça de teatro, simulando as vozes dos diferentes personagens. Não lhe faltava, por sinal, talento como atriz. Vez por outra se voltava para Viravolta, que

lhe sorria, apesar de seus pensamentos andarem longe. Acariciava os cabelos encaracolados da jovem, mais uma vez privada do esposo, esse querido capitão do Arsenal, ainda longe, algures nos mares do Golfo. À bela Ancilla não faltava poesia, guardara da sua Chipre natal a lembrança dos jardins em flor, óleo de oliva, poeira ocre, perfumes e especiarias orientais. A mãe, originária da Núbia, fora vendida como escrava ao pai de Ancilla, italiano, habitante de Verona. Ela própria fora oferecida e vendida, devendo sua salvação ao amor incondicional do bonito capitão, que lhe tolerava os desvios de conduta enquanto cruzava mares distantes. Ele estava sempre viajando e achava que tudo que pudesse contribuir para a felicidade da jovem mulher contribuía igualmente para a sua. A única exigência era estar em casa à sua espera, em cada uma de suas escalas em Veneza. Pietro só podia louvar a cortês abnegação do venerável oficial. A voz sorridente de Ancilla ressoava no quarto. FULGENCE: Escute-me, lhe suplico, e responda. O senhor Léonard está prestes a realizar um casamento bastante vantajoso. BERNARDIN: Melhor, fico contente. FULGENCE: Mas a não ser que tenha os meios de pagar as dívidas, corre grande risco de perder esse negócio. BERNARDIN: Como? Um homem como ele só precisa bater o pé no chão e o dinheiro brotará de todos os lados. Ancilla voltou-se para Pietro. Prosseguiu: PIETRO: Não te escuto, doce luz de minha vida. ANCILLA: Por que essa expressão preocupada, Pietro? Oh, Pietro! Arrancado da meditação, Pietro sorriu e desculpou-se. — Perdoe-me Ancilla. Estou preocupado. Ancilla deitou-se de lado, enrolada nos lençóis; sentou-se, em seguida, com as pernas cruzadas defronte de Pietro, as mãos pousadas nos joelhos. Pietro admirou o contorno das pernas, os seios de auréolas marrons. A cabeleira da jovem caía-lhe nos ombros. Pegou uma fruta na mesinha de cabeceira e deu uma grande dentada antes de perguntar, com a boca cheia: — Não pode me contar? Talvez eu pudesse ajudá-lo... Hum... Essa fruta está deliciosa. —

Não, minha querida. Melhor guardar os segredos para mim mesmo. — Mas qual seu envolvimento com o Conselho dos Dez? Começam a comentar a seu respeito, por aí. — Suspeitava disso. O que dizem exatam... Pietro foi forçado a se calar. Acabavam de bater na porta do quarto. Levantou-se, vestiu-se rapidamente e foi abri-la. Uma criança ali estava parada, esfarrapada, dirigindo-lhe um sorriso radioso. O restinho estava sujo, faltavam-lhe um ou dois dentes, ele não parava de coçar o nariz, mas aqueles dois grandes olhos, insolentes e risonhos, faziam esquecer todo o resto. — Quem deixou você subir aqui? O moleque deu um sorriso ainda mais belo. — Viravolta de Lansalt? —

Eu mesmo. Estendeu-lhe uma carta dobrada em quatro e lacrada. — Tenho

uma mensagem para o senhor. Surpreso, Pietro se apossou da carta. Quis fechar a porta, mas a criança não se moveu. Pietro compreendeu. Foi procurar na algibeira algumas moedas e entregou-as ao menino, que desceu correndo as escadas. Pietro, intrigado, abriu a carta. No leito, Ancilla erguera-se. Bem, os acontecimentos não tardam a acontecer, pensou Pietro enquanto lia a correspondência.

Todos os pássaros estarão amanhã no viveiro. Para admirá-los é preciso se dirigir à Terra Ferma, na villa Mora, em Mestre. O lugar está em ruínas, mas é uma vilegiatura ideal para se avivar em grande número, junto ao fogo abundante e trocar pequenos segredos. Entretanto, atenção: como no carnaval, o traje é a rigor. G.C.

G.C. Giovanni Campioni. E os pássaros eram evidentemente os Pássaros de Fogo. — Má notícia? — perguntou Ancilla. — De modo algum, minha querida. Pelo contrário. Sentou-se numa poltrona confortável, as pernas cruzadas, a mão no braço da poltrona. Voltou a mergulhar nos próprios pensamentos. Ancilla suspirou, impaciente, penteando-se. —

Bem, se não quer me confiar seus segredinhos... Voltou a se deitar na cama, retomando a leitura. Pietro curvou-se sobre uma mesa baixa a seu lado, onde pusera a carta. Sobre o paninho bordado que a recobria, repousava uma estatueta de bronze, Cérbero, cão tricéfalo, guardião dos Infernos. Pôs-se a observar as bocas escancaradas da criatura, a musculatura dos flancos, a cauda em espiral bifurcada. Pareceu-lhe ouvir rosnar o monstro furiosamente e cuspir as labaredas infernais. Certos pensamentos percorrem, por vezes, seu caminho de maneira tão singular quanto inesperada, até eclodirem as idéias luminosas; tais momentos de súbita inspiração são raros na vida. No simples gesto de repousar a correspondência ao lado da estatueta, Pietro foi premiado com semelhante instante de graça. As perguntas girando em sua mente convergiram de repente em direção a uma única revelação. Elas se articulavam para fazer sentido, cristalizavam-se em torno desse nó fugidio que não havia cessado de buscar. As inscrições no corpo de Marcello e na igreja San Giorgio Maggiori. Era eu ainda novo nesse estado, quando aqui vi chegar alguém, potente, de signos de vitória corado. A frase de Emilio Vindicati, Você acaba de colocar os pés no vestíbulo do inferno, creia-me. A assinatura de Virgílio no Minueto da Sombra. O nome do misterioso comprador das lentes de vidro de Murano, Minos. Avançam os estandartes do rei do Inferno... E essa estatueta: o cachorro de três bocas escancaradas, objeto de decoração ao qual, em qualquer outra circunstância, não

teria prestado a mínima atenção. Em qualquer outra circunstância, sim — mas nessa... A fisionomia se lhe iluminou. Levou a mão à fronte. Ancilla saltou da cama. Olhou, atônita, a face decomposta de Pietro. — Nossa! Parece que viu o Diabo!

TERCEIRO CÍRCULO

CANTO VII

CÉRBERO

Pietro dirigira-se inicialmente à Piazzetta San Marco que, a dois passos do Broglio onde encontrara Campioni, desembocava na enseada da laguna. Dali se avistava a igreja San Giorgio Maggiore e a Giudecca; a Piazzetta ladeava o palácio ducal e a Libreria Marciana. Construído dois séculos antes por Sansovino, o edifício abrigava uma das mais belas bibliotecas da Europa e continha, no mínimo, quinhentos mil volumes. Pietro dirigira-se a um dos responsáveis, Ugo Pippin, a quem já informara do tipo de obras que procurava. Certamente, a Libreria tinha aquela que, em particular, interessava Viravolta. Mas Pippin lhe recomendara uma biblioteca particular, mais "especializada", a coleção Vicario, situada no quarteirão de Canareggio. Retornando sobre seus passos, Pietro parou um instante sob o relógio branco do Campanile, onde encontrou o criado. Vestira a capa que Landretto lhe estendera sob o leão alado, poderoso e majestoso, símbolo vivo da Sereníssima que parecia dominar toda a cidade. Mas quando subia a Mercerie, parou de repente, sob forte impacto. Acabava de dar de cara com uma aparição. Ela também havia parado, na outra extremidade da rua. Pietro sentiu o coração acelerar. Surpresa, Anna Santamaria empalidecera. A mão enluvada crispou-se sobre o cabo da sombrinha. Não esboçou o menor gesto. Estacara a cerca de vinte metros dele; passantes moviam-se entre os dois, esbarravam neles sem que dessem por isso, petrificados. O instante pareceu-lhes a própria eternidade, tanto esse reencontro era improvável. Pietro a olhava e experimentava novamente a sensação de ser enredado num misterioso sortilégio. Anna trajava um vestido branco, com mangas bufantes transparentes e um cinto azul-marinho. Pietro imediatamente reconhecera-lhe a silhueta encantadora, o rosto, os olhos de corça, os longos cílios como embaciados pela maresia, a peruca de cachos e espirais elaborados, o colo curvilíneo ornado de um pingente de safira que, sobre um lenço azul-celeste,

acentuava ainda mais a beleza dos seios. Anna Santamaria, a boca entreaberta de espanto, os lábios que tocava com mão inquieta, as pupilas brilhantes — ela também o olhava. Meu Deus, como era bela! Ali na esquina da Mercerie, essa via pública iluminada pelas fachadas das lojas. A Viúva Negra, denominação bem injusta e bem imprópria na verdade, pois se representava perigo, esse perigo era delicioso e refinadas as torturas provocadas. E Pietro teria dado tudo para que fosse de fato viúva, livre de Ottavio, o marido senador. E onde andaria ele? Emboscado na sombra, sem dúvida, pronto a interditar todo amor verdadeiro. Ela, contudo, ali permanecia, em Veneza, e não na Terra Ferma! Não fora então trancafiada nalgum convento terrível, enviada para a casa de uma velha parente afastada, ou enclausurada numa villa sombria. Naquele momento, ao menos, ela estava ali! Acreditaria Ottavio achar-se Viravolta a apodrecer ainda na prisão? Seria essa a razão pela qual concedera à esposa o direito de sair do retiro? Anna Santamaria. Os amantes contemplavam-se, estupefatos, incapazes de dar um passo em direção ao outro. A proibição, a prisão, o medo de ressuscitar, num segundo, a relação por todos condenada, tudo lhes vinha à mente. A despeito de se verem obrigados, pelas circunstâncias, a uma dissimulação prudente, não escondiam a comoção recíproca. O olhar durou muito tempo. Depois Anna abriu o leque e baixou o olhar, o rosto a arder. Voltou-se e Pietro compreendeu, duas das acompanhantes acabavam de alcançá-la. Por sorte, não tinham visto Orquídea Negra. Viravolta escondeu-se por alguns instantes no pórtico de uma loja enquanto Anna desaparecia na esquina. Sentiu que ela desejara lançar-lhe ainda um derradeiro olhar, apenas pelo modo como imperceptivelmente estremecera, ao ter de lhe dar as costas. Desapareceu tão subitamente quanto surgira. Pietro ali permaneceu por algum tempo. Ela está aqui. Em Veneza. Sentiu a tentação de correr atrás dela. Pura loucura, não apenas pelas ameaças explícitas do doge e de Emilio Vindicati, mas também porque podia pô-la em perigo. Então, que fazer? Que atitude tomar, agora que sabia de sua presença tão longe e, ao mesmo tempo, tão perto? Precisou de todo controle para conter-se. Não sabia nem mesmo onde se hospedara, talvez Ottavio a tivesse conduzido à cidade apenas por um ou dois dias. Pietro, nervoso, refletia, estalando os dedos. Em todo caso, o simples sabê-la pelas cercanias e aparentemente bem disposta aquecia-lhe o coração. Sim, era um verdadeiro consolo. Sorriu, mas tinha um nó na garganta. Precisou de um momento para recuperar o sangue-frio. Bem. Cada coisa a seu tempo. E enquanto caminhava ligeiro rumo a Canareggio, pensava: Ela está aqui! Está aqui. ..E me sabe livre! Cerca de meia hora depois, quase

recuperado da inesperada emoção, servia-se do salvo-conduto para ser introduzido no prédio que guardava a coleção Vicario. Era preciso concentrar-se e retomar o fio da investigação. A biblioteca de Vicario abrigava, segundo seu proprietário — um nobre do Grande Conselho, modelo de arrogância e condescendência — ,a bagatela de quarenta mil manuscritos, espalhados por dois andares. Era bastante emblemática do avanço intelectual e artístico que Veneza conhecera há alguns séculos. No tempo da Idade de Ouro, as artes e saberes haviam se desenvolvido de maneira notável, graças, sobretudo, ao contato com o humanismo na Universidade de Pádua e na escola do Rialto, que ensinavam filosofia e lógica aristotélica, e às tipografias, das quais a de Aldo Manuzio transformara a cidade no maior centro internacional do livro. No seio da Accademia Aldina reuniam-se historiadores e cronistas que colecionavam manuscritos, falavam grego e escreviam em latim, correspondiam-se com humanistas de toda a Europa e formavam cenáculos eruditos. Porém, como havia sugerido Ugo Pippin, a coleção Vicario tinha particularidades bem específicas. O lugar em si fascinava. O pé direito muito alto, estantes de madeira escura e lustradas, escadas espalhadas pelas múltiplas colunas de livros cujas lombadas ora marrons, ora verdes ou vermelhas e douradas, enroscavam-se como intermináveis serpentes ao longo das paredes. Cada um dos dois andares, dependências da família Vicario, contava com quatro aposentos destinados às obras mais preciosas, cuja consulta era, de hábito, reservada aos membros e amigos da dinastia. Em todas as salas, no centro, uma mesa de trabalho onde se podia ler ou estudar à vontade. Ao fundo, uma janela sem varanda dava para os canais de Canareggio. Uns raios de sol, esgueirando-se através de um vitral em forma de rosácea perfurando o teto, iluminavam o parquê. A Libreria Vicario devia sua reputação à escolha e à natureza bem precisas dos tesouros encerrados. Apaixonado por esoterismo e ciências ocultas, Andreas Vicario ali concentrara todos os livros possíveis e imagináveis sobre o assunto, fossem redigidos em italiano, latim, grego ou qualquer outra língua européia; obscuros tratados transilvanos, relatos horripilantes da Idade Média e da Renascença, coletâneas de contos imorais, breviários satânicos, manuais de astrologia, numerologia e cartomancia — conhecidos de Pietro por ter ele praticado, com charlatanismo, as diferentes artes adivinhatórias. Em resumo, a coleção Vicario cheirava a enxofre. No momento, Pietro, que pedira permissão para permanecer só nesse lugar estranho, caminhava sem rumo entre as colunas de livros. Acabou por pegar um deles, abriu o fecho de um estojo de marroquim violeta e dele tirou um velho manuscrito, cujo papel amarelado denotava a antigüidade. Travestífugas, do

conde Tazzio di Broggio, originário de Parma, do qual Pietro nunca ouvira falar. Curioso, abriu o livro e o folheou rapidamente.

Adetta se agachou sobre ele e, continuando a estimular-lhe o membro, liberou o fardo a lhe atravancar o ventre. Com um sorriso de alívio, defecava em sua boca tudo que podia, enquanto Dafronvielle era sodomizado pelo Sr. de M***. Depois foi a vez de...

— Entendo — disse Pietro, falando sozinho.

Passou os longos dedos nos lábios, um anel brilhou sob um breve raio de luz. Haviám-no colocado de sobreaviso, mas decididamente havia nessa Libreria leituras bem imprevisíveis. Decidiu levar a sério a investigação. Acima do escabelo de madeira reluzente, não havia uma única estante que não estivesse repleta de pérolas insólitas. Era a grotta do gênio do mal, quem sabe o precipício das paixões humanas, do outro lado do espelho, aventureiras, testando os limites da repugnância, explorando o poder das palavras, que pareciam buriladas como punhais. Sentia ânsias de vômito, entre mergulhos intempestivos no que a humanidade produzia de esperma e excremento. Só as obras consagradas a Belzebu cobriam quatro prateleiras. Apanhou um opúsculo intitulado Estudos das carmelitas sobre Satã, que se fazia preceder de um prefácio rabiscado a tinta vermelha: "Satã existe? Para a fé cristã, a resposta é evidente." Mão enraivecida havia rasurado essa frase com um NÃO tonitruante, seguido de um virulento SIM. Decididamente, o Príncipe dos Infernos não cessara de alimentar controvérsias. Os dedos de Pietro voavam agora de um livro a outro.

Van Hosten — Rituais de exorcismo — Amsterdã, 1339. Santo Agostinho — Comentários aos salmos — Stuttgart, 1346. Cornélio Stanwick — O riso nos monastérios — Londres, 1371. Anastácio Raziel — As Forças do Mal e as monarquias diabólicas — Praga, 1436. Dante Alighieri — A Divina Comédia — Inferno — cópia — Florença, 1383/reed. 1555.

Deteve-se, eis o que buscava. Tomou o livro, edição particularmente volumosa, alojada num estojo de feltro e veludo. O manuscrito de Vicario era encadernado em couro e composto de 3.500 folhas de velino, transcrito em caracteres góticos. O escriba florentino fizera acompanhar o poema de iluminuras evocativas dos diferentes episódios da viagem de Dante aos reinos das trevas. A primeira, particularmente, produziu em Pietro um efeito

singular. Representava a Porta do Inferno e da figura emanava estranha atmosfera, surgida da improvável alquimia do esoterismo medieval e da Cabala para produzir algo que parecia existir desde priscas eras. Além disso, os portões lhe eram vagamente familiares. Não que já tivesse transposto porta semelhante — a não ser em pesadelos — mas, justamente, talvez fosse nessa reminiscência confusa de sonhos e sensações voláteis, brotando do inconsciente, que poderia encontrar matéria para decifrar os símbolos que tão de súbito se lhe apresentavam. Uma radiante flora, oculta atrás da penumbra da imensa porta, enraizava-se no solo como um gigantesco cipreste funerário, estendendo seus entrelaçamentos de formas imprecisas como tantas ramagens, prestes a sair do pergaminho para apossar-se de seu coração. Era a mão gélida que reencontrava de repente o calor da vida, amalgamando-se a ela, testando-lhe a resistência, vampirizando, através do contato, uma energia da qual estivera privada. Foi exatamente o que Pietro experimentou naquele instante, a mão emergindo da textura do manuscrito para agarrá-lo, acorrentá-lo, tragá-lo a força. Poderia ter-se apossado dele, aspirado-o de um único hausto. Haveria de desaparecer numa nuvem de pó resplandecente, o livro se fecharia antes de cair no chão, em meio a milhares de páginas que o cercavam. Talvez essa Porta esperasse por ele, Pietro; ameaçava aprisionar-lhe a alma para todo o sempre, comprimi-la entre esses milhares de signos, folhas, garatujas, condenando-o a uma eternidade de dores. Via-se aos berros por trás desse espelho, perdido mais uma vez no limbo, entre dois mundos que constituíram a essência de sua vida. Mas a angústia foi rapidamente varrida por um sorriso, à simples evocação das torpezas das almas danadas descritas por Dante em todos os detalhes. Os dois batentes da porta uniam-se no alto por uma espécie de ogiva onde se distinguia um rosto de feições contorcidas, metade bode, metade homem, provido de dois chifres e de uma língua bifurcada; uma representação clássica do Príncipe das Trevas, cuja capa parecia compor a matéria das próprias portas. Dir-se-ia que ele a abria para mostrar, saindo de sua carne, essas outras figuras que ornamentavam a gravura: um amontoado de crânios, de sombras mortas, de rostos apavorados, de mãos tentando escapar, em desespero, criaturas com membros emaranhados, coladas umas às outras, aqui e ali transpassadas por flechas significando a eternidade da dor. Entre as almas danadas, hordas de minúsculos demônios alados formavam círculos entravando o menor de seus movimentos. Ao pé da porta, toque final da horrenda torrente de infelicidade, encontrava-se o manto drapejado de Lúcifer, o esboço de pés retorcidos desaparecendo na penumbra, perdidos, talvez, num novo

abismo. A gravura não tinha título; em contrapartida, havia uma inscrição esculpida no frontispício da porta: *Lasciate ogni Speranza, voi ch'intrate*. Reconheceu, sem dificuldade, a fórmula no frontispício da porta da cidade dolente.

Dante.

Deixai toda esperança, ó vós que entraís.

Pietro desceu lentamente o degrau do escabelo. Foi sentar-se com o livro na mesa e o colocou no mata-borrão verde, próximo a um peso de papel em formato de carneiro. Leu o prefácio, escrito provavelmente pelo copista florentino.

A Divina Comédia: poema de Dante Alighieri, redigido entre 1307 e 1321. Perdido na "selva escura" do pecado, o poeta é guiado pela Razão, personificada por Virgílio, nos três reinos do Além. A princípio, deve compreender toda a realidade e o horror do Mal, percorrendo um a um os Nove Círculos do Inferno, antes de chegar ao Purgatório para ali se penitenciar. Então, a Fé e o Amor, encarnados por São Bernardo e pela doce Beatriz, conduzem-no através dos Nove Céus do sistema de Ptolomeu, até o Empíreo onde enfim encontrará a luz de Deus. Dante qualificara sua obra de "Comédia", pois nela enxergava a escalada rumo à esperança e não a expressão trágica da condição humana. Seus primeiros críticos, admirados, só mais tarde a qualificaram de "Divina". O poema, que repousa no valor místico do número três, é dotado de uma poderosa unidade de estrutura. É composto de cem cantos: um prólogo, seguido de três partes de 33 cantos cada uma, em versos dispostos em tercetos. São cantos repletos de metáforas de riqueza prodigiosa e os quadros que os compõem, representados em estilo rico e vigoroso, mesclam as significações metafísicas, políticas e sociais, seja ao tratar da tipologia dos castigos do Inferno, da travessia dos Céus ou das críticas quanto a Florença e o estado político da Itália. Às figuras bíblicas e mitológicas misturam-se personagens célebres, históricas ou contemporâneas do autor. Afresco moral, ora alegórico ou lírico, ora místico ou dramático, o poema de Dante continua a ser uma obra-prima incomparável.

Pietro meneou a cabeça. Como tal coisa lhe havia escapado? Por que não pensara nisso antes? Virgílio. E, no entanto, era óbvia a alusão. Não se tratava somente do autor de Eneida, mas também do guia dos Infernos, no poema epônimo de Dante! Prosseguiu na

leitura, o primeiro canto do Inferno. Virgílio encontrava o poeta quando ele estava perdido nos caminhos do pecado. Não demora a guiá-lo, acompanhando-o na descoberta dos crimes humanos e dos castigos infligidos por Deus às criaturas rebeldes. No canto XI, Virgílio explicava ao poeta a disposição do Inferno segundo Aristóteles. Três disposições morais eram reprovadas pelo Céu: a incontinência, a bestialidade e a violência, todas ofendendo, em graus variados, a dignidade humana. Pietro reclinou-se no assento, acariciando com as unhas o veludo do braço da poltrona. Além da Ética aristotélica, Dante utilizara tratados de direito romano para conceber a classificação dos crimes inexpríveis. Na verdade, as fontes de inspiração foram muitas, algumas até de origem oriental. Sua visão final do Inferno congelado, como o sublinhava o Prefácio do Florentino, era extraída do Livro da Escada, que contava como o arcanjo Gabriel acompanhara o profeta Maomé aos três reinos do Além. E eis que avançavam a horda de caluniadores, delatores, concupiscentes, falsários, povoando à farta os círculos malditos, do rio Aqueronte às profundezas da geena. Todos os pecados capitais ali se encontram reunidos, numa tipologia sábia que o talento do poeta soube tornar vigorosamente expressiva.

- PRIMEIRO CÍRCULO –

O Limbo. Espíritos virtuosos não batizados, sem outro castigo não ser o desejo eternamente insatisfeito de ver Deus.

- SEGUNDO CÍRCULO –

Luxuosos, arrastados pela tempestade infernal.

- TERCEIRO CÍRCULO –

Glutões, estendidos na lama sob uma chuva suja e glacial.

- QUARTO CÍRCULO –

Avaros e Pródigos, empurrando rochedos e entrechocando-se.

- QUINTO CÍRCULO –

Iracundos e Rancorosos, submersos nas águas lamacentas do rio Estige.

- SEXTO CÍRCULO –

Heréticos, deitados em túmulos ardentes.

- SÉTIMO CÍRCULO –

Violentos contra o próximo, mergulhados num rio de sangue fervente. Violentos contra si próprios: Suicidas, transformados em árvores que falam e se lamentam; Dissipadores, dilacerados pelas cadelas. Violentos contra Deus, deitados na areia sob a chuva de fogo. Violentos contra a Natureza (Sodomitas), em contínuo caminhar sob a chuva de fogo. Violentos contra a Arte (Usurários), sentados sob a chuva de fogo com suas bolsinhas penduradas no pescoço.

- OITAVO CÍRCULO –

Fraudadores: Sedutores e Rufiões espetados pelos diabos Aduladores, imersos no esterco. Simoníacos, Magos e Adivinhos, Traficantes e Corruptos, Hipócritas, Ladrões das coisas de Deus, transformados em serpentes; Conselheiros pérfidos, cercados de chamas; Cismáticos e Falsificadores, Alquimistas, cobertos de sarna e lepra; Fraudadores de pessoas, de moedas, de palavras, entredevorando-se no meio de altíssima febre.

- NONO CÍRCULO –

Traidores de parentes, da pátria, do partido, dos hóspedes, dos benfeitores, de toda autoridade humana ou divina; todos mergulhados no gelo. Os mais culpados são devorados por Lúcifer.

Pietro levou a mão à cabeça. Pensou em Marcello, o ator crucificado entre as cortinas vermelhas do San Luca; no confessor de San Giorgio, suspenso no capitel na fachada da

igreja, no meio da tempestade. Inspirou profundamente. Sua intuição estava certa. Finalmente, tangia algo de proibido, embora se sentisse manipulado, e à medida que tomava consciência disso, uma surda e lúgubre inquietação crescia dentro de si. Il Diávolo conduzira seus passos até aqui; como soberana mão teria feito numa ridícula marionete. Orquídea Negra dançava manipulado por fios e seu temperamento independente não conseguia sujeitar-se. Inútil alimentar ilusões: o Inferno era o princípio organizador do enigma, mas a descoberta não se devia à sua sagacidade. Era fruto de uma vontade superior que lhe propunha um jogo, uma charada com vestígio de sinistros malefícios. Isso não lhe cheirava nada bem. Os olhos espiavam agora as linhas manuscritas, às quais se fixava com a maior atenção. Marcello crucificado... No Primeiro Círculo, o Limbo, Dante relatava a descida de Cristo aos Infernos.

—Vamos descer agora ao cego mundo disse o guia, posto em certo turbamento, — Serei primeiro e tu serás segundo.

Pietro experimentou um novo choque ao ter a confirmação definitiva de serem suas suspeitas bem fundadas.

Era eu ainda novo nesse estado quando aqui vi chegar alguém, otente, de signos de vitória coroadado.

Não era mais possível ter dúvida. Tratava-se dos versos encontrados no torso lacerado de Marcello. Brozzi pensara serem versículos bíblicos, sem conseguir precisar a origem exata. Quanto ao senador Giovanni Campioni, estava convencido de já tê-los lido, mas onde? Pietro tinha a resposta debaixo de seu nariz. No Inferno de Dante. Essas palavras não tinham sido tiradas da Bíblia, mas de um monumento da literatura humanista no qual o inimigo inspirara-se diretamente. Como não havia pensado nisso antes? No Primeiro Círculo, Dante se depara com Homero, Horácio, Ovídio e os poetas antigos, mas também com imperadores e filósofos: Sócrates, Platão, Demócrito, Anaxágoras e Tales, Séneca, Euclides e Ptolomeu. Homens ilustres das artes e da ciência, cujo único pecado foi não terem sido batizados. Ali Cristo descera, permanecendo por um breve período junto aos danados, entre o instante da morte e o da ressurreição. Chamavam-no de "O Potente", pois não se podia dizer seu nome nos Infernos. Coroadado com os signos da vitória, vinha

buscar Abel, Moisés, Abraão, Davi e Israel para com ele irem para os céus. O Cristo nos Infernos. Pietro afundou no assento, refletindo, um dedo nos lábios. A encenação do San Luca tornava-se totalmente clara. O inimigo preparara um quadro, um quadro inspirado nas evocações do Primeiro Círculo dantesco. Os mínimos detalhes, que a princípio o intrigaram, passavam a fazer sentido. Marcello, ele mesmo um ilustre homem das artes, ator de grande renome — culpado, no entanto, de ter traído sua religião através de uma atividade das mais pagãs. Não era ele agente de informações, delator, espião e atormentado pela atração pelo sexo masculino? Pietro, impressionado, acreditava ouvir de novo Caffelli. Marcello estava perdido. Havia renegado seu batismo. Eu o ajudava a reencontrar a fé. E o tinham posto em cruz no palco de teatro onde exercia sua arte. Um último papel, uma última representação para Marcello, o grande ator de Goldoni! Marcello, o desesperado, o torturado, o ambivalente! Obcecado pelo pecado e o enigma da própria natureza. Marcello, a quem arrancaram os olhos como penitência. Eternamente condenado a procurar por Deus, sem jamais vê-lo... Pietro balançou a cabeça.

O mesmo se aplicava a seu confessor, Cosimo Caffelli. No Canto V, os homens e mulheres de sua espécie eram arrastados pela tempestade infernal com Tristão, Semíramis, Dido, Lancelot e Cleópatra... O padre de San Giorgio, catavento ensandecido sob a cólera do céu. O castigo reservado aos Luxuriosos. O Segundo Círculo. E as palavras do padre voltavam à memória de Pietro. Il Diávolo! Já ouviu falar dele? Estou certo de que o Grande Conselho e o Senado estão a par e tremem diante da simples menção do nome. O doge deve ter lhe falado, não é? O Diabo! Ele está em Veneza! Sim, as palavras desvairadas lhe vinham aos ouvidos. O inimigo havia planejado esse segundo crime usando a tempestade para de novo chamar a atenção. Por sua vez, o Minueto da Sombra atravessava seu espírito, como uma gôndola negra sobre a laguna. "Acompanha-me, Viravolta. Então verás como a carne é torpe." Como pressentia, Pietro não teve dificuldade em encontrar no Segundo Círculo o estranho epigrama que haviam descoberto atrás do quadro A Descida da Cruz em San Giorgio. Os versos tinham sido extraídos de outra eloqüente passagem.

Vim a um lugar mudo de todo lume que muge como mar que, em grã tormenta, de opostos ventos o conflito assume.

A procela infernal, que nunca assenta, essas almas arrastam em sua rapina, volteando e

percutindo as atormenta.

Quando chegam diante da ruína, aí pranto e lamento e dor clamante, aí blasfêmias contra a lei divina.

Entendi que essa é a pena resultante da transgressão carnal, que desafia a razão e a submete a seu talante.

Pietro fechou o livro com um barulho pesado. A descida aos Infernos. A tempestade infernal. Como suspeitara, a Sombra estava longe de agir ao acaso. Alimentara-se da perversidade que enchia essa biblioteca para cobrir o cadáver exangue de Marcello e a parede de San Giorgio com inscrições que não passavam dos versos do Inferno. O corpo e a parede não passavam do somatório dessas leituras, habitadas pelo perfume da morte, oscilando entre danação e redenção, martírio e ressurreição. Quanto a Minos, juiz, inspetor e grande condenador de almas, ele também aparecia no Canto V, à entrada do Segundo Círculo. É ele quem decide o lugar, no coração dos Infernos, para o qual os pecadores devem ser despachados. Ele se enrola na própria cauda "tantas vezes quanto o número de graus determina que as almas desçam." As multidões gemendo se comprimiam em torno dele: — Oh Minos! Asilo da dor! — e ele definia a sorte de cada um segundo seus pecados, grunhindo e lançando sentenças cavernosas. Mais uma prova, como se fosse preciso, de que o misterioso cliente de Murano tinha ligação com o caso. E se Minos estivesse envolvido na conspiração que tomava forma, o vidreiro Spadetti assumia importância. Mas a ironia da situação não escapava a Pietro. Ao lhe entregar assim essa chave, Il Diávolo, ou a Quimera, desafiava-o a lhe antecipar os próximos quadros. Um duelo lhes era proposto, a todos — e a ele, em particular, disso estava convencido. Existem Nove Círculos no Inferno de Dante. Pietro não pôde conter um palavrão. É um jogo. Um enigma. Ele distribuiu os assassinatos como Minos dispersa os condenados às penas eternas, nos Infernos, para expiar seus pecados. Ele quer me conduzir, como Virgílio guia o poeta, de um Círculo a outro — até ter completado sua obra-prima!

No Nono Círculo, diante da aparição do Diabo em pessoa, encontrava-se a adaptação do primeiro verso de um famoso hino de Fortunatus, associado à liturgia da Sexta-feira Santa. E esses versos diziam: *Vexilla regis prodeunt inferni*. Avançam os estandartes do rei do

Inferno.

Orquídea Negra encontrou Landretto defronte da villa Vicario e subiu na gôndola. —

Sente-se bem, messer? — Navegamos em meio à mais completa loucura, creia-me, Landretto. E estamos, lidando com um esteta... — O doge nos mandou chamar. Está à espera no palácio. Pietro sentou-se, cuidando para não amassar as amplas mangas da camisa ao contato da madeira úmida da gôndola. Cerrou a capa nos ombros e ajustou o chapéu na cabeça. — Bem, ele vai ficar surpreso com o que tenho a contar.

As Forças do Mal e as Monarquias Diabólicas

Anasthase Raziel

Discurso sobre a rebelião dos anjos.

Prefácio da edição de 1436.

Quando os anjos se revoltaram contra o Criador, reuniram-se sob a bandeira de Lúcifer e reivindicaram exercer o poder divino. Organizaram um exército de nove legiões, inventaram uma monarquia demoníaca e dispersaram-se por todos os horizontes do Céu para preparar o enfrentamento definitivo. Cada um encontrou sua categoria, dignidade e armas celestes; e cada um foi investido de uma missão particular, num prelúdio à rebelião final. Quando tudo estava pronto, Lúcifer inspecionou as hordas aladas com satisfação. Uma última vez pediu ao Todo-Poderoso para compartilhar seu poder. Como não obtivesse resposta, declarou-lhe guerra. Então todo o universo se incendiou com a conflagração de mil cores dos astros, de uma extremidade a outra — pois o Tempo havia chegado.

— A Divina Comédia? Mas o que o poema tem a ver com essa história? Francesco Loredan afastou as pregas da vestimenta de arminho. O cetro dançava ligeiramente no ar. — É a chave, Sereníssimo — respondeu Pietro. — A ligação entre os dois crimes. Digamos que se inspiram livremente na comédia de Dante. Debocham de nós. Emilio Vindicati inclinou-se à frente. — Essa descoberta é de alta importância, Alteza, embora provavelmente não seja fruto de uma coincidência. Os argumentos de Pietro falam por si e isso confirma estarmos envolvidos com um homem ou uma organização absolutamente diabólica. Como vê, temos um problema. Se o inimigo seguir a trama que parece se delinear, só nos resta

temer o pior. A Quimera se diverte em montar os elementos da charada, uma charada fúnebre. Nove Círculos — nove assassinatos? O doge perdeu a respiração: — Estão dizendo que podemos esperar outros sete crimes? Pietro franziu o cenho. — Receio que sim. Francesco Loredan passou uma das mãos no rosto. — É impensável. Fez-se um momento de silêncio até Emilio retomar a palavra: — A ameaça que mais temíamos tornou-se patente, mas ainda temos esperança. Se Giovanni Campioni disse a verdade, se estamos diante de uma conspiração, esta não deixará nada a dever à que o Conselho dos Dez desmantelou no passado, quando Bedmar preparava o saque de Veneza, com o apoio do estrangeiro. Nada nos garante que o Minos com quem Spadetti negociou em seu ateliê não seja emissário de uma potência que pretende nos derrubar. Isso já se produziu no passado, Alteza, numa época em que a República era mais forte que hoje. Campioni não descarta essa hipótese. E não esqueçam que a Comédia de Dante trazia críticas virulentas contra altos políticos florentinos de sua época. — Em Florença, sim! Estamos em Veneza! — A trama opera da mesma maneira, denunciam uma suposta degeneração de nosso poder. Garanto-lhes, com essa teatralidade escabrosa ridicularizam o poder da República, assim como os que atravessarem o caminho que traçaram para a nossa ruína. — Mas então quem são? Uma potência estrangeira? Não faz sentido! — exclamou Loredan. — Enfrentamos épocas de hostilidade com nossos vizinhos, mas esse foi sempre o destino de Veneza. Não estamos, como no passado, divididos entre dois impérios, e ainda tendo que enfrentar problemas para governar nossa cidade! Na verdade, a situação é relativamente calma — e assim deve permanecer. Aguardo o novo embaixador francês dentro de uma semana, é vital que sua chegada se dê sob os melhores auspícios; até lá, precisamos ter resolvido esse assunto. Fora de questão deixar Veneza mergulhar no terror. Diga-me, Emilio, quem poderia, do exterior, semear a discórdia com tanto refinamento? Os turcos, os austríacos, os ingleses? Vamos, não acredito nisso um minuto sequer. — Só há uma chave para resolver esse mistério — disse Pietro. Essa chave se chama Pássaros de Fogo. Temos que encontrar quem desvende os planos. Como lhe disse, o senador Campioni enviou-me uma mensagem informando sobre a reunião da seita, esta noite, em Mestre, na Terra Ferma. Estarei presente. Novo momento de silêncio. — Pode ser uma armadilha — concluiu Vindicati. — Nesse caso, Emilio, ficaremos definitivamente cientes da natureza do inimigo. E, na hipótese de um fracasso, só perderá a mim, um prisioneiro da República, não é assim? Emilio voltou-se para o doge. — Devemos expressar nossa gratidão a Viravolta de Sansalt, Alteza? Reconheçamos, em todo caso,

não lhe faltar zelo nem dedicação à tarefa. Noutra circunstância qualquer, tal zelo pareceria suspeito. — É questão de honra pessoal, Alteza — disse Pietro. — Sou como Vossa Sereníssima, não gosto de ser humilhado. Estou farto desses assassinatos. Giovanni Campioni ainda nos esconde informações. Se eu cair numa armadilha, só ele poderá tê-la armado. Seria desmascarado, a menos, é claro, que ele mesmo seja vítima de uma odiosa chantagem. A verdade, contudo, é que ignoramos todos os mecanismos da organização inimiga e, no momento, acredito que Campioni seja sincero, o que não é o caso dos outros que interroguei. Cuidem somente de extrair dele mais informações. E continuem a investigar Spadetti, em Murano; talvez esteja inocente, como alega, mas creio, sobretudo, que o pressionam a manter a boca fechada. Voltaram a se calar. — Tudo isso faz sentido, mas o tempo urge — terminou por dizer Loredan. — O emissário da França está para chegar, a Ascensão terá lugar daqui a um mês e o carnaval estará no seu auge. Não podemos permitir que novas tragédias se abatam sobre a cidade e prejudiquem os festejos. — Enviarei homens para Terra Ferma com o senhor — disse Emilio a Viravolta. Talvez seja a ocasião de mostrar aos Pássaros de Fogo termos descoberto o seu complô. Isso poderá desencorajá-los. Pietro sacudiu a cabeça. — Acredita seriamente, Messer? Não, é muito perigoso; não devemos correr riscos. Não fazemos idéia exata das forças a serem enfrentadas, nem mesmo do rosto do inimigo. Lançarmo-nos sem tomar precauções seria tolice, poderia precipitar os planos dos assassinos. Falta-nos identificá-los para agir, há que se preparar o plano cuidadosamente. Caso consiga descobrir-lhes a identidade, recuperamos a vantagem, principalmente por se suporem ainda protegidos. Ademais, não confio em nenhum agente a não ser em mim mesmo. Preciso de dois cavalos, um para mim, outro para Landretto. E de uma escolta até as cercanias de Mestre, eis tudo. — Isso é loucura! — exclamou o doge. — Não temos outra opção — disse Pietro.

Ao sair da Sala del Collegio, onde o doge os recebera, Emilio agarrou Pietro pela manga e conduziu-o a outro aposento do palácio. O Senado se reuniria no sábado; era quarta-feira e a sala estava vazia. Ali se decidiam os negócios mais complexos da diplomacia veneziana. Ali, normalmente, se reunia Giovanni Campioni e talvez, igualmente, certos membros obscuros dos Pássaros de Fogo. Emilio e Viravolta estavam sozinhos em meio à decoração barroca, cujo excesso acentuava a impressão de solidão, prelúdio do combate a ser enfrentado. Acima, na imensa sala, graciosos arabescos dourados emolduravam

afrescos, no meio dos quais sobressaía o afresco de Tintoretto, Veneza recebendo as dádivas do mar. Emilio pousou a mão no ombro de Pietro, o rosto fechado. — Estará arriscando a vida esta noite. — Arriscamos bem mais, tanto eu como Veneza; a liberdade. — É preciso que lhe diga, o doge lhe falou do novo embaixador francês cuja chegada está prevista para a próxima semana. Pediu-me para cuidar de sua segurança e recebê-lo com todas as honras. No estágio em que nos encontramos, devo demonstrar a prudência que bem imagina. Não apenas para evitar que ele tome conhecimento do que se trama em Veneza, mas também para me assegurar de que nada lhe aconteça. Estou preparado para tudo no momento. — Saberemos mais amanhã, prometo. Embora ainda tateemos no escuro, já avançamos bastante. — A escolta e os cavalos estarão à sua disposição daqui a duas horas, diante do palácio. Esteja pronto. Pietro abriu a capa, pousou a mão direita no punho da espada, a outra numa das pistolas de pólvora que carregava na cintura. — Garanto, Excelência, digno membro do Conselho, já estar pronto. Sorriu. — Esta noite, Orquídea Negra observará os pássaros.

CANTO VIII

OS NOVE CÍRCULOS

Todos os pássaros estarão amanhã no viveiro. Para admirá-los, é preciso dirigir-se à Terra Ferma, na villa Mora, em Mestre. O lugar está em ruínas, mas é o ideal para uma reunião em grande número, junto ao fogo abundante, e a troca de pequenos segredos. Entretanto, atenção, como no carnaval, o traje é a rigor.

— O senhor é o Orquídea Negra?

— Sou.

— Então vamos. A noite cai.

Como combinado, a escolta acompanhou Pietro e seu criado até a Terra Ferma. Ao chegarem às cercanias da cidade de Mestre, separaram-se. Ficara combinado que a escolta aguardaria a sua volta até o alvorecer. Caso não retornasse, tinha instruções de avisar, imediatamente, o doge e Emilio Vindicati.

Havia muitos anos, os venezianos começaram a se mudar para Terra Ferma, na tentativa de escapar dos limites urbanos da cidade. As vilegiaturas no campo se multiplicaram e, não raro, famílias inteiras abandonavam definitivamente a laguna e adquiriam vastos

latifúndios. Outros buscavam refúgio na Terra Ferma no final de semana — homens, mulheres, crianças, cavalos e amigos — e organizavam festins nalguma villa aonde vinham recuperar as forças. Então jogavam, promoviam festas e banquetes, deixando-se entregar aos encantos da jardinagem e dos passeios campestres. Possuir uma casa na Terra Ferma tornara-se uma verdadeira mania nobiliárquica. Pietro e Vindicati tentaram colher informações a respeito da famosa villa Mora da qual falara o senador Campioni no bilhete. Conhecer o nome do proprietário da villa seria de grande valia; porém, mais uma vez estavam diante de um impasse. Longe de ser o destino semanal de algum misterioso membro do governo, a villa Mora era uma casa em ruínas, posta à venda há muitos anos, sem encontrar comprador.

Ao crepúsculo, Pietro e Landretto encontravam-se a relativa distância dessa construção isolada, situada na fronteira de Mestre com a planície vizinha, onde se espalhavam vales silenciosos. O tempo voltara a refrescar e, desde o famoso temporal de San Giorgio, Pietro tinha a impressão de que o clima estava completamente desregulado. Desceu do cavalo e Landretto o imitou. Do local onde se encontravam, podiam contemplar o teto parcialmente destruído, o parque cercado de compactas sombras, onde se misturavam espinheiros e cardos. A villa era cercada por uma mureta de pedras rachadas, também semidestruída. A noite chegava e o nevoeiro, semelhante ao enfrentado na viagem a Murano, envolvia a paisagem. Proveniente da laguna, trazido pelo vento ou subindo das entranhas da terra, o nevoeiro se insinuava em véus diáfanos e ondulava entre vestígios de fontes abandonadas, bacias ressecadas e restos de colunas tortas. Pietro estremeceu. Não era motivo de surpresa terem os Pássaros de Fogo escolhido tal lugar como retiro clandestino: com paredes rachadas, jardins mal-cuidados, recobertos de mato e arcada semi-destruída, em que apenas um muro permanecia ainda de pé, oferecia um espetáculo sinistro. Os latidos regulares de uma malta de cães, ao longe, acentuavam a atmosfera lúgubre. Os teixos e ciprestes por toda a extensão cercavam esse perímetro desolado com umas tantas placas funerárias. De fato, um cemitério estendia-se a algumas dezenas de metros da villa e uma floresta de cruzes desenhava-se contra o céu, salpicada de miríades de pontas esbranquiçadas, mãos retalhadas implorando a clemência da noite em que não tardariam a se dissipar.

— Estávamos melhor na casa Contarini — resmungou Landretto.

Viravolta tirava a terra das botas raspando as solas no capim.

Verificara as duas pistolas na cintura, junto à espada, antes de cobrir-se com a capa

negra. Esconderam-se atrás de uma árvore, o vento sibilando na folhagem ressequida. Franziu a testa, os olhos fixados na villa.

— Não veremos grande coisa se a lua não vier em nosso socorro. Quando a noite estiver fechada, será preciso me aproximar um pouco. Você levará os cavalos a uma distância segura, mas não muito longe, Landretto. Se formos forçados a uma partida precipitada, gostaria de encontrá-lo com facilidade. Está vendo aquela colina lá adiante? Será nosso ponto de encontro. Sabe o que fazer caso a aurora chegue sem que eu reapareça.

— Compreendido.

Continuaram à espera. O mundo inteiro parecia povoado de fantasmas. Era fácil imaginar multidões de espectros queixosos, saindo das tumbas para errar ao redor, o tinir das correntes misturando-se ao sibilar do vento. Um crescente pálido surgia, vez por outra, rapidamente tragado pelas nuvens. Por volta das dez horas, Pietro e Landretto separaram-se. O criado foi postar-se na colina, enquanto Pietro avançava com cuidado, colado à decrepita mureta que rodeava a villa, sempre à espreita, somente os olhos brilhando. Procurava não se distrair, embora os últimos acontecimentos não cessassem de assaltar-lhe o pensamento.

Pensava em Dante, nas gravuras, nas almas danadas mergulhadas nas turbas infernais, nos gritos dos supliciados, em Marcello Torretone e no padre Caffelli, unidos pelo segredo. Depois surgiu o rosto da cortesã Luciana Saliestri e o do senador, agitado pela evocação da Quimera. Finalmente a aparição de Anna Santamaria, Anna tal como a vira nas Mercerie, causava-lhe um aperto no coração, assim como essa espécie de angústia experimentada então, essa incerteza quanto à conduta a tomar. Assim meditava, ajoelhado debaixo dos arbustos.

Duas horas mais tarde, ainda mergulhado em reflexões, o vento continuava a lhe zumbir nos ouvidos, nada se mexia.

O frio aumentava, os cães se haviam acalmado, os pássaros dormido. Fatigado, deixou-se derrear contra a mureta.

Começava a acreditar ter sido vítima de uma brincadeira de mau gosto. Deveria esperar até o alvorecer? No exato instante em que começava a considerar seriamente a possibilidade — não sem certo amargor —, ouviu algo.

Colocou-se de joelhos, ergueu-se e olhou por cima da mureta.

Passos. Sim, eram passos na terra macia. Uma tocha acabava de ser acesa.

Pietro sentiu-se alvoroçar.

A chama dançava alguns metros à sua frente, entre duas moitas, numa das alamedas do parque. Parecia avançar sozinha, entre os arbustos. Ao cabo de alguns segundos, imobilizou-se, tremulando em direção ao céu. Pietro distinguiu uma forma encapuzada que parecia olhar noutra direção. O misterioso recém-chegado retomou a marcha, voltou a parar, acenou a cabeça. Uma segunda tocha foi acesa.

Pietro seguia as duas silhuetas com os olhos. Distinguiu-as, com clareza, aproximarem-se da arcada em ruínas, até seguirem por trás de uma das fontes dos jardins que devia, no passado, marcar a entrada. De súbito, as tochas pareceram aproximar-se do solo, descendo progressivamente. Sumiram de repente, a ponto de Pietro se questionar se tudo não fora fruto de sua imaginação. Preocupava-se; seria possível que a arcada dissimulasse alguma passagem secreta levando às profundezas da terra? Tentou manter a calma e não demorou muito para aplacar a impaciência. Em cinco minutos, outra tocha surgiu, e a mesma cena se desenrolou. O recémchegado caminhou alguns metros, juntou-se a um comparsa e os dois desapareceram junto às ruínas. Os Pássaros de Fogo apresentavam-se assim, dois a dois e a intervalos regulares, antes de se dirigir ao local da reunião.

Bem, chegou a minha vez, pensou Pietro.

Deixou passar alguns instantes, saltou por cima da mureta e esgueirou-se até o lugar onde vira aparecer a primeira tocha, imobilizando-se. Como supusera, ouviu, em seguida, passos na alameda e distinguiu uma sombra a aproximar-se e parar, já bem perto. Vinha encapuzada também, trajando um burel que lembrava um traje monástico, preso na cintura por um cordão branco. Uma voz sussurrou, hesitante:

— Por que o leão ruge tão alto...

Pietro piscou. Instintivamente levou a mão ao punho da espada, pronto a desembainhá-la; mas se o outro fosse mais rápido, havia o risco de alertar os demais.

— Por que o leão ruge tão alto? — reiterou o membro da seita com nervosismo.

Um código. Devia ser um código.

A silhueta acendeu a tocha para desvendar o rosto do interlocutor. O punho enluvado de Pietro atingiu-lhe de imediato no rosto.

O homem ensaiou um grito quando Pietro o golpeou na cabeça. Ficou atento: nada. Em segundos, arrastou-o para o matagal, tirou-lhe o burel e amarrou-o na bacia de uma fonte com o cordão da própria capa, cobrindo-o, não sem antes amordaçá-lo com a ajuda de um lenço. O rosto do homem de quem acabava de se desembaraçar era-lhe desconhecido.

Pietro enfiou o burel e voltou para a alameda, dissimulando, como podia, a espada na nova vestimenta. Ajustou o capuz na cabeça e pegou a tocha caída no chão. Em seguida, avançou pela alameda.

Uma segunda tocha iluminou-se quando ele se aproximava da arcada. Pietro limpou a garganta, tinha os lábios secos. Era preciso improvisar.

— Por que o leão ruge tão alto... — murmurou.

— Ele não poderia temer a morte — respondeu seu interlocutor, satisfeito.

Pietro dirigiu-se para a arcada com o outro "discípulo".

Não estranhou descobrir os degraus estreitos de uma escadaria de pedra que, dissimulada entre os restos da arcada e das colunas vizinhas, penetrava nas profundezas. Seguiu as pegadas de seu comparsa do momento, tentando manter a respiração normal. Encontrava-se totalmente sozinho. A escadaria fez duas curvas e deram numa sala cercada de tochas. Pietro reteve uma exclamação. A sala era bastante vasta, provavelmente um antigo jazigo de família. Um nicho abrigava uma estátua empoeirada de mármore e pedra, as mãos unidas e uma espada colada ao corpo. Outras lápides tumulares davam ao lugar o aspecto de catacumbas. Aqui e ali teias de aranha decoravam esse covil úmido. Seis colunas sustentavam as abóbadas. Uma grade de ferro enferrujada fechava-se sobre outra escadaria, agora murada, que devia, no passado, comunicar-se com outro lugar do jardim, provavelmente aquele cemitério que Pietro vislumbrara atrás da villa Mora. Os que haviam precedido Pietro e seu comparsa ali se encontravam, todos se saudaram com um inclinar de cabeça silencioso, antes de ocupar seus lugares nos bancos de madeira alinhados de um lado a outro do local, à maneira das fileiras de uma igreja. Pietro acomodouse na extremidade de um desses bancos e, com as mãos unidas, esperou. Ao fundo, um altar erguia-se, assim como um púlpito sobre o qual repousava um livro. Cortinas de veludo roxas enfeitavam as paredes; no chão, um vasto pentagrama de signos incompreensíveis desenhado a giz.

Mas foram sobretudo os quadros, pendurados à direita e à esquerda que atraíram a atenção de Pietro. A inscrição sobre a porta, mostrando dois personagens em mundos subterrâneos, fizeram-no imediatamente lembrar-se da outra Porta do Inferno que vira na obra da coleção de Vicario. O papa simoníaco, atirado num caldeirão em chamas, entre uma cascata de rochas negras e pontiagudas. Pietro viu que o pintor dera ao pontífice os traços de Francesco Loredan, o doge entregue ao escarmento público, numa alusão de gosto duvidoso... Mais afastado, Caronte conduzia as almas danadas em seu barco, num

universo tempestuoso. As estriges e as hordas de demônios — representando a imagem dos Pássaros de Fogo — rodeavam Virgílio no alto de um precipício, batendo suas asas de morcegos.

Nove quadros no total.

É, isso aqui é o próprio inferno, Pietro disse a si mesmo.

Pouco a pouco a sala se enchia de novas sombras. Em breve, eram aproximadamente cinqüenta. Chegavam agora em grupos de três ou quatro e a intervalos mais próximos. Só se ouviam murmúrios e o farfalhar das roupas. Cada grupo desvencilhava-se das tochas, que vinham adicionar mais claridade à sala. Pietro, nervoso, não mais se mexia, não ousava imaginar o que aconteceria se fosse descoberto. A tensão e os movimentos diminuíram pouco a pouco e os Pássaros de Fogo, finalmente imóveis em suas posições hieráticas, cessaram toda atividade. O silêncio prolongava-se, todos os rostos, sob os capuzes, voltados para o altar ainda vazio. Que faziam? pensava Pietro. Rezavam? Esperavam alguém?

A resposta não tardou.

A Sombra soberana estava ali.

Chegou sozinha, vestida da mesma forma que os outros, exceto por um medalhão de ouro no pescoço, sobre o qual Pietro distinguiu um pentagrama de pérolas e uma cruz invertida. II Diábolo, o Diabo, a Quimera passou por entre as fileiras. Então, como uma onda, da última fileira até a primeira, os luciferianos se ajoelharam. Pietro imitou-os com um ligeiro atraso. Sendo um dos primeiros a chegar, estava próximo ao altar onde o inimigo se posicionaria. Caso precisasse fugir pela escadaria que o conduzira até ali, teria que percorrer mais da metade da sala. Essa reflexão em nada o tranqüilizou, mas não poderia mudar de lugar sem despertar suspeita. Esperava, ansioso, procurando não ofegar, respirando no ritmo dos que se achavam em torno, próximos do Mestre. Havia qualquer coisa de pesadelo, mesmo se, noutras circunstâncias, tivesse considerado essa encenação com a ironia mais mordaz. Não era impressionável, mas não pôde reprimir um estremecimento por todo o corpo quando o misterioso personagem passou perto dele. O cerco apertava, não havia outra opção exceto passar despercebido durante a insólita cerimônia. A imagem de Emilio passou diante de seus olhos, admitiu ter agido feito tolo não aceitando o reforço das milícias secretas do Conselho dos Dez para uma chegada inesperada que teria posto as mãos nesses loucos. Mas, na verdade, tinha à frente um pequeno exército que poderia exterminar os agressores.

A Sombra convidou a assembléia a se erguer. Um oficiante lhe entregou uma galinha, surgida sabe Deus de onde. A lâmina de um punhal brilhou. A Sombra cortou a garganta da ave com um golpe seco, sobre o pentagrama desenhado a giz. A ave, a glote dilacerada, soltou um cacarejar estrangulado. O sangue brotou em longos jatos sobre o pentagrama e sobre o altar. Il Diávolo encheu até a borda um cálice que levou aos lábios. Essa encenação esotérica tinha um gosto fúnebre, um carnaval, dissera o senador Campioni em seu bilhete. Mortífero, com certeza. Seria possível que sob esses capuzes escuros se escondessem alguns dos mais altos dignitários de Veneza? Tratava-se de um jogo trágico ao qual se entregavam os nobres decadentes de Veneza, dispostos a todos os malefícios, às mais vis conspirações para aliviar o tédio? Não, não podia ser sério. Pietro mal conseguia acreditar, mas não podia esquecer o terror do padre Caffelli nem o do próprio senador.

De repente a voz profunda, cavernosa, rompeu o silêncio.

O mestre-de-cerimônias aproximara-se do livro disposto no púlpito.

No círculo terceiro estou; maldita eterna chuva, gélida e pesada em monótono ritmo precipita.

Grosso granizo, neve, água inquinada pelo ar tenebroso se reversa; fede a terra por eles encharcada. Cérbero, fera monstruosa e perversa, caninamente coas três goelas late para a gente que está na lama imersa; tem barba negra, olhos escarlate, grosso o ventre e as garras aguçadas co'as quais as almas fere, esfolia e abate.

Como cães berram sob as chibatadas

Da chuva e, um flanco ou outro protegendo,

Contorcem-se essas almas condenadas.

Il Diávolo continuou a leitura. Ao final de um momento, parou, dirigiu-se ao altar e ergueu as mãos: — Tal como, no passado, o poeta predisse as discórdias sobre Florença, eu hoje lhes digo que essas mesmas discórdias chegam em Veneza e que vocês serão seus mais ardentes promotores. Eu digo-lhes que o duque Francesco Loredan merece a morte, também ele será devorado. Exorto-os a não esquecer o que foi a República no passado para melhor compreender o que é no presente, um antro de pecado e corrupção.

Em breve, iremos colocá-la abaixo e a Idade de Ouro voltará. Veneza voltará a ser a Rainha dos Mares. Nosso poder também será renovado, subjugaremos nações mais fracas, prontos a impor nossa supremacia, tal como outrora agiu o Império em todas as suas colônias e bases, por todas as terras conhecidas. O povo da laguna será inundado com novas riquezas, ele bem merece. Salvaremos nossos miseráveis e reforçaremos nossos exércitos. Nossa soberania estará impregnada do poder dos séculos passados e do ardor de nosso combate. E vocês, minhas Estriges, meus Pássaros, serão as Harpias e as Fúrias, aterrorizando a cidade até que, sobre os vestígios do mundo antigo, seja erigido enfim o novo regime, aquele que ardentemente desejamos. — Ave Satani — clamou a assembléia em uníssono. Pietro por pouco não deixou escapar um riso, que veio a traduzir-se numa tosse curta e entrecortada. Um dos membros da seita virou o rosto para encará-lo. Teria também a Sombra notado esse movimento? Dotada de uma intuição sutil, pareceu lançar um breve olhar em sua direção. Pietro congelou, mas só podia perceber um buraco negro, um vazio sob o capuz do inimigo. Em seguida, uma estranha procissão teve início. Um após outro, os luciferianos se ajoelhavam defronte ao altar, no centro exato do pentagrama, para prestar juramento. Pietro meneou a cabeça. — Eu o nomeio Sémiaza, dos Serafins do Abismo — dizia a Sombra desenhando com cinzas uma cruz invertida na testa do discípulo, sem lhe tirar o capuz. Eu o denomino Chochariel, os Querubins do Abismo e da ordem de Python-Luzbel. Você será Anatnah, dos Tronos, tendo Belial como chefe. Pietro não teve outra escolha a não ser seguir o fluxo. À sua frente, continuavam a se ajoelhar. Umedeceu os lábios. Chegaria a distinguir as feições dissimuladas sob o capuz escuro? Era a sua chance, mas se isso ocorresse, corria também o risco de ser descoberto. Cerrou o punho, a mão úmida calçada com a luva. E, outro detalhe, a espada sob o hábito o incomodava, temia deixar descoberta a lâmina pendente do cinto ao ajoelhar-se. Terminou por afrouxar o cordão da cintura. — Alcanor, das Dominações do Abismo, seu chefe será Satã; Amanuel e Raner, da ordem dos Potestades, servirão Asmodeu... Amalin, tu seguirás Abaddon, das Virtudes do Abismo... Pietro não entendia o significado de tudo isso, mas se aproximava do altar. — Sbarionath, dos Principados e Golem dos Arcanjos, em nome de Astaroth... É impossível, é uma farsa, uma mistificação... Finalmente ficou frente a frente com o chefe da seita. Colocou a mão na lateral, sobre o burel. Teve que se ajoelhar meio desajeitado, pois a voz espectral da Sombra fez uma curta pausa. Felizmente a bainha da espada não emitiu ruído. Achava-se no centro do pentagrama e contemplou um instante os signos cabalísticos desenhados a

giz. Depois ergueu o rosto. Estavam face a face, ambos camuflados pelos capuzes. Pietro não pôde discernir o rosto do Diavolo, assim como este não pode discernir o seu. A mão da Sombra repousou na fronte de Pietro — será que lhe percebia a transpiração? O polegar parecia, com efeito, demorar-se mais que o necessário. Pietro ainda conservava o sangue-frio, mas o suor o inundava. Teve de repente a terrível impressão de que o Mestre o sentia, o farejava, como uma besta selvagem fareja a presa antes de sobre ela se abater. Nesse gigante erguido sobre ele, percebeu algo de profundamente bestial. E a voz... por um instante, lhe pareceu nada ter de humana. Finalmente o dedo do Diabo desenhoulhe sobre a testa a cruz invertida de cinzas. — Você será Elaphon, dos anjos do Abismo, tendo Lúcifer como mestre. Pietro levantou-se lentamente para não ser traído pelos movimentos. Girou nos calcanhares e aproveitou-se da procissão, não para retomar seu lugar próximo ao altar, mas para ir até o fundo da sala, bem perto da escadaria. À medida que avançava nessa direção, suspirava de alívio. Nem tudo terminara, mas era inútil permanecer ali por mais tempo. Tinha sido loucura aventurar-se sozinho nesse vespeiro. Era preciso esquivar-se discretamente e apressar-se em avisar Vindicati sobre o que vira. Mas, perguntava-se, quem seria louco o suficiente para acreditar? Atrás dele, a Sombra retomara seu posto junto ao altar e levantava novamente os braços: — Meus Anjos, meus Demônios, meus Pássaros de Fogo! Sigam, espalhem-se por Veneza e estejam prontos a responder ao apelo dos canhões! Mas antes disso... Pietro estava a poucos passos da escadaria — da liberdade. — Antes disso, peço-vos que a mim se unam em saudação. Pois hoje temos entre nós uma presença que enobrece nossa cerimônia. Um convidado distinto, meus amigos... Pois conosco se encontra uma das mais afiadas lâminas do país. Pietro se voltou. - Saúdem o Orquídea Negra! Pietro não deu mais um passo, paralisado. Já não daria tempo de voltar atrás e sentar-se numa das fileiras de bancos. Permaneceu parado enquanto um clamor crescia entre a assembléia. Os capuzes desconfiados viraram-se em todas as direções, à procura de um indício, um sinal, uma explicação. O riso da Sombra, um riso ininterrupto, ressoava grotescamente sob as abóbadas. Lentamente Pietro voltouse. A Quimera apontava para ele. Cinquenta rostos seguiram a direção indicada pelo Mestre. — Um impostor, meus amigos. Peguem-no. Eu bem desconfiava que isso acabaria mal. Sob o capuz, Pietro deu um riso crispado. Nada aconteceu durante um breve instante. A seguir, como um único homem, os cavaleiros do Apocalipse precipitaram-se sobre ele. Com um só golpe, Pietro levantou o burel e empunhou as duas pistolas colocadas no cinto. No movimento, o capuz foi jogado para

trás, desnudandolhe o rosto. Chegara a hora de ver se esses demônios eram mortais. Os tiros ressoaram, deixando um odor de pólvora e dois de seus agressores desabaram em meio a golfadas de sangue, no exato momento em que iam atacá-lo. O clamor transformou-se em rugido, de todos os lados os demônios atiravam-se sobre ele. Pietro girou nos calcanhares e correu para a escadaria. Subindo os degraus de quatro em quatro, desembaraçou-se do burel, atirando-o na cabeça dos perseguidores. Do lado de fora, dois dos Pássaros de Fogo montavam guarda. Pietro empurrou-os. Surpresos, caíram, um contra a arcada do jardim, o outro contra a entrada da escadaria. Pietro correu sem hesitação para o lado leste do parque e saltou a mureta, os Pássaros de Fogo em seu encalço. Corria pela planície, rumo à colina onde marcara encontro com Landretto. Este cochilava debaixo de uma árvore, os ombros enrolados numa coberta. — Landretto! — gritou Pietro. — Landretto, por piedade! Vamos embora! O criado horrorizado se livrou da coberta e montou a cavalo. Pietro subia a colina e um exército, uma horda sinistra portando armas e tochas corria atrás dele como uma matilha. Landretto não podia acreditar nos próprios olhos. Por um instante teve a impressão de ver nesse espetáculo o sinal de que os mortos tinham saído das tumbas e voltado à terra e perseguiam Pietro com pragas e bruxarias. O criado segurou as rédeas da montaria de Viravolta, fazendo-a relinchar e girar sobre si. Ainda correndo, Pietro saltou prontamente sobre a sela e bateu com vigor nos flancos do animal, que empinou e partiu a galope. Fugiram ambos, levantando tufos de grama e terra. A fuga noturna os levou às portas da cidade de Mestre, onde os aguardava a escolta de Vindicati. Pietro ordenou aos homens que o seguissem, sem dar maiores explicações. A própria escolta não era numerosa o suficiente para enfrentar os Pássaros de Fogo se, por acaso, fosse alcançada. Cavalgaram a toda velocidade em direção a Veneza. Pietro não se encontrava em tal situação há muito tempo — da última, ainda era sargento em Corfu a serviço da República e precisara escapar aos constantes ataques de hordas de camponeses que desciam das montanhas com fuzis e forquilhas. Embora tudo tivesse dado certo e só restasse a lembrança dessa noite, não podia evitar pensar, enquanto galopava rumo à Sereníssima, na estatura colossal e assustadora de II Diávolo e na voz saída dos Infernos. *Vexilla regis prodeunt inferni.* Avançam os estandartes do rei do inferno! Os anjos da Sombra se lançam sobre Veneza.

CANTO IX

OS GLUTÕES

Pietro deixou cair o livro sobre a mesa com um ruído surdo e começou a folheá-lo, depois de ter umedecido o dedo, à procura das páginas que lhe interessavam.

Os termos "diabo" e "demônio" foram introduzidos pelos tradutores da Bíblia três séculos antes de Jesus Cristo, na tradução grega chamada de "Septuaginta". Foi supostamente Aristéias, um egípcio, quem nos legou a história, numa carta endereçada a seu irmão, o rei Ptolomeu II Filadelfo, interessado em enriquecer sua biblioteca de legislação hebraica. O rei do Egito escreveu ao sumo sacerdote Eleazar para pedir tradutores instruídos e 12 hebreus foram escolhidos para a missão. O sumo sacerdote enviou-os ao Egito, cada um com um exemplar da Torá, transcrito em letras douradas. Concluíram o trabalho como eremitas na ilha de Faros, ao cabo de 72 dias. Diz a lenda terem sido trancafiados em celas isoladas; no entanto, ao final do trabalho, as traduções revelaram-se idênticas. Sem dúvida, as mãos foram guiadas pelo próprio Deus. O daimon, o grande divisor, conhecedor do Todo, como o do antigo Sócrates, não mais cessou de alimentar as obras de teologia e esoterismo. A literatura apócrifa não deixou de delas se servir e seus autores apropriaram-se dos nomes dos antigos patriarcas para melhor se fazer entender: Henoch, Abraão, Salomão, Moisés. Inúmeros eruditos estabeleceram as hierarquias da demonologia tradicional. A mais antiga devese a Michel Psellus que, em 1050, reuniu-os em seis categorias, em função das regiões que supostamente infestavam. Outros inventaram extraordinárias hierarquias diabólicas, dando nomes e sobrenomes a 72 príncipes e 7.450.926 diabos, agrupados em legiões de 666, em referência à profecia do Apocalipse.

O doge franzia os olhos examinando o livro. Pietro mudou o manuscrito de posição para que Sua Alteza pudesse ler com mais conforto. — Eis os nomes que escutei. Il Diávolo não se inspira apenas na A Divina Comédia. Também se diverte plagiando o livro As Forças do Mal de Raziél. Trata-se de um tratado de demonologia, bastante em voga no final da Idade Média. Nove legiões de anjos do Abismo preparando o Julgamento Final, selando a sorte escatológica do homem. Vossa Alteza pode vê-los aqui... O doge se curvou. No meio de gravuras evocativas figuravam os nomes, em caligrafia gótica, entrecortados de

fórmulas redigidas em linguagem incompreensível. — Os Serafins, os Querubins e os Anjos do Abismo — prosseguiu Pietro. — As Dominações, as Potestades e as Virtudes, os Principados, os Arcanjos e os Anjos; cada legião governada por uma entidade diferente emanando direto do Diabo; Belzebu, Python-Luzbel, Belial, Satã, Asmodeu, Abaddon, Meririm, Astaroth, Lúcifer. Todos afrontarão as legiões celestes no dia" do Julgamento Final. Francesco Loredan fizera-se lívido. Pietro fechou o livro diante de seus olhos com um ruído seco. O doge estremeceu. — Estamos diante de lunáticos, Sereníssimo, dos quais um em particular se vê como a encarnação do Diabo e se diverte com um jogo perigoso. Creio que ele representa não somente uma ameaça tangível, mas ainda a mais temível jamais enfrentada. Ele se dá vários nomes e o de Quimera apenas reforça seu gosto pela ironia. Tece metáforas com as quais se deleita para nos preparar armadilhas e nos arrastar pelos meandros de suas pequenas charadas. A mais importante de todas é clara. Veneza deverá atravessar os nove círculos, até ser dominada por nove legiões que a conduzirão ao Purgatório, antes da restauração da Idade de Ouro. Isso implica seu desaparecimento, uma vez ter ficado evidente que Vossa Alteza é o alvo. As Estriges querem matá-lo e instaurar um novo poder neste palácio, o Apocalipse sobre Veneza. Assisti ao ato de batismo das legiões preparadas por nosso Lúcifer visando um golpe de Estado. Ele tem uma hierarquia e sonha com suas futuras instituições. E ainda há mais... Pietro deu alguns passos, parou. - Ele sabia que eu estava lá. E sentou-se. O rosto de Loredan contraía-se num esgar. — Quanto tempo temos? — Estamos no Terceiro Círculo, Alteza. Lentamente, o doge elevou os olhos. A expressão era dura. Lançava faíscas. — Os nomes, Viravolta. Entende? Quero os nomes! Pietro cruzou o olhar de Vindicati. O silêncio voltou a se abater entre eles. — Que o Conselho dos Dez e a Criminale coloquem todo o efetivo em ação se necessário for — acrescentou Loredan... Mas encontrem-nos. O doge levantou-se agitando o manto de cor púrpura. —

Considerem estarmos em guerra. Emilio foi intimado a recrutar 72 agentes nos quais depositasse absoluta confiança. Numa das salas secretas dos Piombi, a poucos passos das câmaras onde normalmente os condenados eram submetidos a interrogatório, cada candidato foi entrevistado por Pietro e Emilio. Pietro quis aproveitar a ocasião para ter notícias de Giacomo. À entrada das celas onde ele mesmo se encontrava, há tão pouco tempo, estava o carcereiro bruto, Lorenzo Basadonna, que lhe sorriu revelando os dentes estragados e suspendendo a lanterna. — Então? Com pressa de voltar para cá? Recusou-lhe o acesso, sacudindo com vulgaridade as chaves no cinto, embaixo do ventre

barrigudo. — Posso ao menos falar com ele? — Se você quiser — disparou Lorenzo, com um riso cavernoso Pietro elevou a voz para chamar Casanova. — Giacomo! Giacomo! Sou eu, Pietro! Está me escutando? O prisioneiro logo respondeu e conseguiram conversar alguns minutos, apesar da presença de Basadonna, que se divertia mostrando o ínfimo poder e adorando encontrar-se, assim, na função de dama de companhia de distintos senhores, ou melhor, como mestre-de-cerimônias. Quando Pietro pôde penetrar um pouco mais nos escuros corredores, só distinguiu o olho e um pedaço do rosto de Giacomo, através da fresta. A conversa de vez em quando era interrompida por um grito ou por apelos lúgubres de outro prisioneiro, mas puderam conversar o suficiente para que Pietro se tranqüilizasse quanto ao estado de saúde do antigo camarada. Naturalmente, nada lhe revelou sobre suas preocupações; entretanto, ficou contente por sabê-lo bem. Adoraria aproveitar-se da situação para negociar junto a Vindicati o recrutamento de Casanova entre seus agentes, mas nem ele nem o chefe da Quarantia Criminale queriam ouvir falar do assunto. Julgavam, talvez, que não era o momento de libertá-lo. — E as damas? — perguntou Giacomo. — Pietro, como estão as mulheres lá fora? — Sentem falta de você, Giacomo! — brincou Pietro. — Envie-lhes minhas lembranças. Conte-me; você reviu a Santamaria? Pietro hesitou, olhando a poeira dos sapatos. — Quer dizer... É... Sim, ou melhor, não, eu... — Pietro! — gritou Giacomo em tom categórico. Faça-me um favor, encontre-a e partam dessa cidade sem olhar para trás! Pietro sorriu. Pensarei nisso, Giacomo. Sim, pensarei nisso. — E você? Continua resistindo? A voz de Casanova era clara ao responder: — Hei de resistir!

O recrutamento dos agentes prosseguia. Nenhum detalhe de suas vidas escapava ao controle de Pietro e Vindicati. Se a Sombra organizava suas legiões, era hora de preparar um contra-ataque. Cada um dos espões contratados para servir à República penhorava vida, bens e família como garantias da fidelidade ao juramento prestado diante de Emilio. O Conselho dos Dez fora inteiramente associado a esse processo. A traição, qualquer que fosse, equivaleria a uma ou várias execuções sumárias. Na ausência de um culpado, o Conselho dos Dez castigaria ao acaso e a morte se abateria como um raio, de forma arbitrária, para infundir medo aos que escapassem com vida. Em três dias, um segundo exército secreto foi formado e espalhado nos sestieri de Veneza. Nobres, Cittadini, artesãos, atores, moças de vida fácil se dispersaram da praça San Marco ao Rialto, das Procuratie às Mercerie, de Canareggio a Santa Croce, de Giudecca a Burano, tendo como

tarefa obter informações, cada qual fazendo uso de seus atrativos e atividades específicas. Mais do que nunca, a justiça de exceção dos Dez funcionaria a todo vapor e sem a menor piedade. A gravidade da situação exigia medidas sem precedentes e o próprio doge passou a ser guardado ininterruptamente por dez homens armados que, ao menor perigo, poderiam reunir outros cinquenta, se preciso. O primeiro momento de pânico dava lugar a uma organização rigorosa; se a Sombra tinha suas Dominações, seus Principados e Arcanjos, a República teria suas forças celestes, as legiões da laguna, Rafael, Miguel, Gabriel, Hesediel e Metatron. Minuciosa busca foi realizada no jazigo da villa Mora; obviamente nada foi encontrado, nem altar, nem edição do Inferno no púlpito, nem quadros nas paredes e muito menos qualquer presença humana. A escada que descia ao jazigo, entre as ruínas, foi murada.

Na noite do terceiro dia um Pietro exausto encontrou-se com Landretto na ponte do Rialto; durante esse período, a vida veneziana continuara como se nada de anormal acontecesse. Vieram pelas ruas de pedras quadradas de mármore da Istria, recentemente talhadas a golpes de cinzel para que se tornassem menos escorregadias. Com um largo arco de 25m de altura, a ponte passava por sobre o Grande Canal, abrigando cerca de oitenta lojas e habitações com tetos cobertos de chumbo, passagem dos barcos e gôndolas em meio a essa feira permanente. Depois de dias tristes, até tempestuosos, o sol voltara a brilhar sobre Veneza e o mercado estava em plena efervescência. Barcos não cessavam de descarregar legumes, carnes, frutas, peixes e flores. Ali se encontrava de tudo, mercadores de especiarias gritando em mangas de camisa, joalheiros exibindo às damas as últimas novidades em adornos, vendedores de vinho, óleo, peles, vestimentas, cordas e cestos, assim como funcionários em escapadela dos escritórios vizinhos, controladores, magistrados, seguradores e notários; as três ruas conduzindo à ponte resplandecente de brancura despejavam, sem cessar, novas torrentes de transeuntes, funcionários públicos e vendedores. Veneza vivia, vivia! E os gondoleiros continuavam a cantar. Viva Veneza, com todo prazer, que nos governa na paz e no amor... — Ah! — disse Pietro exausto, esfregando as têmporas — Querido Landretto, começo a sentir saudade de minha sossegada cela. — Não diga bobagem! O senhor é um homem de ação, não alguém para apodrecer no fundo de uma cela; tem ao menos a liberdade de mover-se. — Liberdade de correr mais rápido, na tentativa de escapar a corjas ensandecidas. É verdade. Virou-se para o criado e forçou um sorriso. — Talvez Giacomo

esteja certo. Talvez devesse procurar Anna, arrumar nossa bagagem esta noite mesmo. Pegaríamos três bons cavalos e fugiríamos, para correr em busca de aventuras noutra parte. Um pensamento passou de relance. Imaginava a fuga com Anna Santamaria para algum lugar do Vêneto, depois para a Toscana e depois, quem sabe, para a França. — Mas Emilio tem razão, estou demasiadamente envolvido para fugir. Considerando-se o que sei, poderia ser acusado de conspiração contra o Estado, o que me traria mais problemas. Virou-se e se apoiou na ponte, os olhos perdidos no Grande Canal. As villas ao redor assumiam, ao pôr do sol, uma maravilhosa coloração rósea e alaranjada. Veneza envolvida nas ilusões parecia saborear a doçura infinita da alegria de viver, uma doçura com a qual Pietro sonhava saciar-se. Gostaria de se deixar levar, se abandonar a essa contemplação tranqüila, oferecer à cidade seu mais belo adorno, sua mais bela denominação: Sereníssima. — Sabe, Landretto, qual será a ruína do homem? — Não, mas já imagino o que vai dizer. — Olhe essas villas, esses palácios, essa laguna magnífica! Olhe essas riquezas, escute os risos e cantos. Não é a miséria que acabará com o homem. —

Ah não? — Não — continuou Pietro. — Porque não é ela que desperta a cobiça. Ergueu-se, abrindo gravemente os braços. — A ruína do homem é a abundância. Por muito tempo Pietro e Landretto permaneceram assim, na ponte, observando a vida desenrolar-se em redor. Súbito, a mão de Viravolta crispou-se no ombro do criado. Aos últimos reflexos do poente, ela ressurgia.

Vinha ainda um pouco afastada, sorrindo sob essa luz doce e suave, essa luz de fim de dia, amarela e branca, com um toque alaranjado a cintilar nas fachadas das villas e na água do canal. Anna Santamaria sorria. Evoluía a alguns passos dele, no cais abaixo, onde se espalhavam as bancadas dos mercadores e comerciantes. Novamente Pietro parecia enfeitiçado. Admirava o louro dos cabelos, a graça do porte, a delicadeza dos dedos. Passava à sua frente, com uma graça mais natural que nunca e uma onda de vivo desejo apossouse de Orquídea Negra. Anna parecia ter se materializado, vinda de lugar nenhum, de algum paraíso para onde não tardaria a regressar. De repente estava ali, eis tudo. Desta vez não o via, anônimo em meio à multidão. Mas logo Viravolta entristeceu. Acompanhando sua deusa proibida, reconheceu o senador Ottavio, qae se aproximou oferecendo-lhe o braço. Ottavio! Ottavio e o nariz achatado, as bochechas adiposas e estragadas pela varíola, o queixo duplo, a testa lustrosa emoldurada por dois tufo de cabelos brancos. Ottavio o grave, o gordo e severo Ottavio, que no passado tinha sido

protetor de Orquídea Negra, também ele caminhava, falsamente imperial, trajando negro da cabeça aos pés, com a empáfia tão característica, os toscos medalhões de ouro a lhe penderem do pescoço como condecorações e a beretta na cabeça, à maneira de seu colega, o senador Campioni. Ei-lo também ali e Pietro já não gostava do que via. Mas então, desta vez, Anna ainda iria fugir? Ele a deixaria partir? A ocasião era perfeita. As palavras de Casanova. Ela, ali. Os sinais do destino. Finalmente, assim espero. Virou-se para Landretto, que ficou surpreso com a intensidade do olhar. — Senhor, não. Pietro hesitou um instante, depois tirou a orquídea da lapela. — Como eu temia — lastimou Landretto, meneando a cabeça. — Pense como bem quiser — disse Viravolta, estendendolhe a flor —, mas quero que a faça chegar-lhe às mãos e quero saber onde mora. Entreolharam-se longamente. Suspirando, Landretto pegou a orquídea. —

Está certo. Já girava nos calcanhares. — Landretto — reteve-o, Pietro. O criado parou. Pietro sorriu. — Obrigado. Landretto tocou o chapéu. A seu serviço, disse para consigo. Mas e eu? Quando é que se ocuparão um pouquinho de mim? Naquela mesma noite, em alguma parte de Veneza, uma dama chamada Anna Santamaria, sob a luz de uma única vela, se embriagava secretamente com o perfume de uma orquídea negra. Sorria, pensando nas mil noites em que sonhara com esse momento. E a lua parecia descer do céu até seus olhos, para molhá-los de lágrimas de alegria.

Federico Spadetti, capomaestro e membro da Associação dos Vidreiros de Murano, estava sozinho no imenso ateliê. A noite caíra. Sozinho? De fato, não poderia afirmar. Sabia estar sendo vigiado pelos agentes do Conselho dos Dez. Por pouco não terminara nos Piombi e seu destino estava longe de ter sido decidido. Mas Federico Spadetti tinha a cabeça no lugar, era um homem empreendedor e corajoso e a Associação o sabia, tanto que lhe tomara a defesa, inclusive os chefes dos ateliês rivais de Murano. A competição e a concorrência no seio da corporação era uma coisa, o ataque direto da República a seus representantes era outra bem diferente. O que não impedia Federico de se encontrar numa situação bem complicada. Normalmente gostava de ficar sozinho assim, ali, quando o som dos homens e das máquinas, enfim aplacados, traziam o silêncio. As forjas do vulcão em repouso, os fornos adormecidos, nenhum trabalhador, nenhum aprendiz circulando de um lugar a outro. Nenhum grito, exclamação, barulho de metal em fusão, fricção e sopros entrechocandose. Amava essa escuridão acolhedora, essa paz na qual estava mergulhado. Nessa noite, quase nada se enxergava. Imóvel em seu império,

Spadetti, os olhos perdidos nas trevas, reunia forças, tentava recobrar ânimo em meio ao silêncio e à solidão. O olhar recaiu sobre o vestido de cristal, o vestido de Tazzio, esse vestido inspirado pelo amor, com pérolas e lâminas de vidro opalino e cinto de diamantes. Mesmo no meio da escuridão, parecia brilhar. Seu filho o terminara hoje. Federico sorriu; nalgumas semanas, recomençaria o carnaval. Na verdade durava praticamente seis meses por ano, em Veneza, mas, por ocasião da Ascensão, a festa atingiria o apogeu. Respirou fundo. Correria tudo como desejava? Podia ainda esperar por isso? Tazzio e ele haveriam de mostrar o vestido ao doge. Com tamanha proeza, ganhariam o concurso da Associação. Já todos não os consideravam vencedores? Francesco Loredan os olharia com admiração, felicitaria pai e filho, absolveria Federico e os premiaria com coroas de louro, como mereciam. Depois, Tazzio iria ao encontro da bela Severina. Spadetti invejava o filho ao pensar na vida que tinha pela frente. Severina o amava loucamente; cobrir-se-ia de véus para proteger a pele acetinada e se prestaria ao miraculoso exercício de vestir esse vestido, o vestido de cristal. Ela cintilaria, ruborizada, expondo o brilho da juventude. Ambos se amariam e Federico Spadetti abençoaria a união, protegeria o casal. Conversaria com eles sobre a própria mulher, desaparecida tão cedo, e mil, dois mil, dez mil trabalhadores da Associação cantariam elogios. Federico passou a mão suja pelo canto dos lábios. Sim... Se tudo der certo. Diante das evocações, lágrimas tolas escorriam-lhe pelos cantos das pálpebras. Ele, Spadetti, cidadão, filho e neto de vidreiros de Murano, a deixar-se levar pelos caprichos do coração! Esta noite mesmo, Tazzio devia ter ido cantar uma serenata debaixo da varanda da bela, na esperança de escalar a altana para roubar-lhe um beijo. Como você tem sorte, meu filho! E como sua felicidade me faz feliz! Onde fora parar a sua juventude? E agora? O que aconteceria com ele? Um véu escuro desceu-lhe diante dos olhos. Havia se defendido bem por ocasião dos interrogatórios conduzidos pelos agentes do Conselho dos Dez e da Criminale. Afinal de contas, que motivos tinha para se reprimir? Você sabe muito bem, Federico. Um erro profissional. Um erro, sim. Por dinheiro. Por causa do ateliê, por causa de Tazzio e do vestido de cristal. Um erro que, na ocasião, não lhe parecera grave. Não se tratava de informações vendidas ao estrangeiro, tráfico ou algo semelhante. Só fizera seu trabalho; fabricar as lentes de vidro. Afinal de contas, se o comprador quisesa guardar o anonimato, tinha todo o direito. Por que, então, ser condenado? Talvez por esse Minos não querer constar do registro contábil normal, levando-o a falsificar a fatura. Talvez por ter tido a sensação, vaga, mas persistente, de comprarem seu silêncio no momento mesmo em que aceitara o pedido. A

perspectiva desses 12.000 ducados fizera calar-lhe a desconfiança. 12.000 mil ducados! Não era justo; sempre os que mais trabalhavam eram acusados de todos os males. Não, disse Federico cerrando os punhos, não chegaremos a esse ponto. Tinha ainda energia. Lutaria. Se fosse preciso, entregaria Minos. Tinha assumido com o homem um compromisso, mas nunca suspeitara que o Conselho dos Dez lhe viesse meter o nariz nos negócios. Por que as coisas tinham acontecido assim? Que buscavam? Minos também tinha um peso na consciência e, provavelmente, alguma coisa de bem mais grave, era claro como o cristal. Federico não podia mais adiar o momento de voltar à transparência. Quanto mais esperava, mais se arriscava a cair em desgraça junto ao governo — e em certos casos, isso representava o confisco dos bens, a prisão perpétua e até mesmo a morte. O Conselho dos Dez nada podia provar, era evidente. Tinham até sido gentis, os interrogatórios não muito pesados, não haviam tentado intimidá-lo, mas essa conduta não duraria. Sabia do que eram capazes. Então, amanhã, amanhã sem falta, iria procurá-los e sairia dessa situação crítica. Azar se isso o obrigasse a revelar a própria leviandade e, em troca miúdo, seu enorme apetite pelos ducados sonantes e de peso correto. Tentaria explicar a Tazzio o que acontecera. O filho compreenderia, não é? Compreenderia que agira assim pensando nele, para que... Ih! Algo está acontecendo. Elevou os olhos ao pressentir não estar mais sozinho. Alguém, atrás dele, o observava. E um forno acabava de ser aceso. — Quem está aí? Olhou um instante na direção da sombra. Vislumbrara uma silhueta de homem, mas não conseguia ver-lhe o rosto. Seria um dos agentes do Conselho? Ou seria...? — Sou eu — disse uma voz sinistra. Federico não pôde reter um grito de estupor. Recompôs-se rapidamente. Já havia pensado nessa possibilidade. Prometera a si mesmo não tremer. — Eu quem? — perguntou com voz firme. Durante alguns segundos, só percebeu uma respiração regular. Depois a voz respondeu: —

Minos. Spadetti não se alterou. Os olhos moveram-se furtivamente na direção da bancada de trabalho a alguns passos dele, mas o resto do corpo permaneceu imóvel. Ali, contra a bancada, encontrava-se um atizador, provavelmente ainda quente. Viu o forno iluminado a pouca distancia, as brasas avermelhadas subindo por trás da pequenina fresta gradeada. — Minos? O que o traz aqui? O homem pigarreou. — Os representantes do Conselho dos Dez e da Quarantia Criminale vieram vê-lo recentemente, não é Federico? Diga se estou enganado. — Está certo — respondeu. — Sabe que o homem que veio aqui bisbilhotar seus registros é o Orquídea Negra, um dos mais temidos agentes a serviço da República? Spadetti perscrutou a escuridão. Aparentemente o homem estava

sozinho. As vozes ecoavam na imensidão das galerias desertas. — E os Tenebrosos convocaram-no para um interrogatório, no palácio. Minos calou-se; em seguida suspirou. Lentamente, pegou uma cadeira e se sentou, perto do tanque usado para o resfriamento das peças de vidro fundidas. — O que lhes contou, Federico? — Nada. Nada mesmo. —

Mesmo assim, descobriram meu pedido, não é? — Não precisaram de mim para isso. Os Dez poderiam ter descoberto cedo ou tarde. Esse homem teve um pouco mais de sagacidade que os outros, é tudo. — Sim, é tudo, com certeza. Cruzara as pernas. Federico se calou por alguns segundos, antes de recomeçar: — Essas lentes, esses milhares de lentes de vidro. Eles, como eu, não têm noção da finalidade das lentes, Messer. O que fez com elas? — Receio, Federico, que isso não lhe diga respeito. No entanto, deixei claro que deveria fazer desaparecer qualquer traço desse pedido. —

Eles estavam prestes a interrogar meus aprendizes que conhecem cada uma das peças em que trabalharam. Assim sendo, eu me arriscava a ficar em maus lençóis. Não posso fazer desaparecer por milagre os livros contábeis, Messer. Minhas contas são inspecionadas, como todas da Associação. Não tenho necessidade de lembrá-lo dos termos de nosso contrato, não o violei. Simplesmente dei um jeito de não poderem chegar ao senhor, como tinha sido combinado. E eles não podem, pelo menos por enquanto. Minos soltou uma risada. A ameaça, apenas velada, não lhe escapara. Um riso curto, disfarçado, como se tapasse a mão com a boca. Pela primeira vez, Spadetti sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. — É seu ponto de vista, Federico. Eu acredito que, ao querer se preservar, você evitou tomar partido, como bom comerciante que é. Mas entenda Messer Spadetti, o Diabo execra os indecisos. — Escute. Toda essa bobagem de Diabo e Lúcifer não me impressiona. — É mesmo? Então, está errado em não temê-los, Messer Spadetti. Bem errado. O homem se inclinou. A voz soou implacável, incisiva. — O nome Minos ainda figurava no registro, não é? — E daí? Minos não quer dizer nada. — Acredita realmente que o nome daquele que julga as almas, o juiz dos Infernos não queira dizer nada, Spadetti? Por que aceitou nosso pedido se era incapaz de respeitar a integralidade do acordo? Vou lhe dizer. Porque foi muito ávido, mesquinho, meu amigo. Um péssimo defeito e um pecado capital. Só pensou em aumentar a fortuna com o novo pedido. E para quê? Talvez para que seu filho pudesse terminar a tempo esse vestido de cristal? Foi por ele, Spadetti? Ah, tranquilize-se, não é à Associação que quero mal. Você é como o resto de seus membros, Spadetti. Como aqueles que, no passado, venderam a honra da República, trabalharam a soldo dos agentes franceses e a serviço da

corja de Colbert. Dispostos a entregar todos os segredos do Estado por qualquer ouro cintilando no final da estrada. Você é como a metade das corporações corrompidas desta cidade, dispostas a se vender ao estrangeiro. Mas no final da estrada, Spadetti, não vai encontrar ouro. Não é ouro. Minos se levantou. Spadetti ficou

tenso. Voltou a olhar em direção ao atizador. — Eu já disse que não vou destruir o vestido de cristal. Spadetti viu-lhe pela primeira vez o sorriso. Um sorriso que brilhava como os olhos. — Vou destruir você. Federico se atirou aos berros em direção à bancada, na tentativa de pegar o atizador. Não o alcançou. Minos também saltara. Com toda força, enfiou-lhe uma lâmina no estômago. Manteve-a ali, revirando-a no fundo das entranhas. Girou o pulso, contorcendo o cabo na ferida enquanto Spadetti, os olhos aterrorizados e convulsos, cuspiendo sangue, desmoronava pouco a pouco contra ele. Só então retirou a lâmina e a exibiu diante dos olhos de Federico. — Olhe, Spadetti, e perceba a ironia. É através de um de seus próprios estiletos de vidro, com punho de madrepérola, serpente e caveira que você vai mergulhar nas trevas. Afinal, não é uma licença poética que o pecador pereça com o objeto fabricado por suas mãos corrompidas? Você é um dos representantes do Terceiro Círculo, Spadetti. Pouco importa que não o compreenda. Saiba apenas que este será seu último e único título de glória. Federico deu ainda um soluço antes de tombar no solo, enquanto Minos concluía: — No fim da estrada há o Inferno, Spadetti. Virou-se em direção ao forno e os olhos se perderam nas brasas avermelhadas. Uma hora mais tarde, a missão concluída, Minos deu um sorriso satisfeito. — Decididamente, você me deixou sem fôlego, Federico Spadetti — disse. Andreas Vicario, membro do Grande Conselho, célebre pela incomparável Libreria, a biblioteca satânica, situada em pleno coração de Veneza, voltou-se, depois de contemplar sua obra uma última vez. Depois se afastou, os passos ressoando no silêncio das vastas galerias do ateliê.

O estilete de vidro ensangüentado rolou tilintando pelo chão.

QUARTO CÍRCULO

CANTO X

ARSENAL E BELAS RENDAS

O tumulto no ateliê de Federico Spadetti nada deixava a desejar ao dos dias precedentes, à exceção de um detalhe importante. A presença de uns trinta agentes enviados pelo

Conselho dos Dez e pela Quarantia a interrogar, um a um, os operários, empregados e aprendizes da oficina de Murano, bem como o pessoal das outras fábricas de vidro da Associação, espalhadas em diferentes locais da ilha. Essa súbita exibição mascarava mal a perturbação do doge e de Emilio Vindicati. As autoridades acabavam de sofrer um novo golpe. Emilio encolerizava-se; de mãos e pés atados, amordaçados na entrada do ateliê, os quatro homens encarregados de vigiar Spadetti tinham sido agredidos antes mesmo de poder soar o alarme. O Minor Consiglio, o Conselho particular de Francesco Loredan, fora avisado do que se tramava e a comoção atingia o apogeu. Pietro encontrara Brozzi a dois passos do local onde, dias antes, havia descoberto o registro de Federico; precisamente onde Spadetti confrontara Minos, horas atrás. O vestido de cristal estava manchado de sangue. Lívido, calado, o olhar alucinado, Tazzio limpava a gola de vidro com gestos mecânicos. Eterno corvo, encarregado do trabalho sujo, Antonio Brozzi, médico da Quarantia, chegara há uma hora com a sacola negra e o insólito caduceu que balançava para a frente e para trás, enquanto alisava a barba branca. — Lamento lhe dar mais trabalho — disse Pietro. — Ah! — disse Brozzi — não se inquiete. Tinha um sorriso que mais parecia um esgar. — Já se tornou rotina, Viravolta; rotina. Depois, suspirando, dedicou-se ao novo enigma. O corpo de Federico Spadetti tinha sido primeiro cortado em pedaços e atirado ao forno. Cacos de vidro — comparáveis aos encontrados aos pés da cruz de Marcello Torretone, no San Luca — espalhavam-se pelo chão. Federico Spadetti havia sido soprado dentro dos cilindros de metal com pinças de ferro, como os vidros dos quais se ocupava tradicionalmente. O resultado eram carnes pendentes e ossos triturados em circunvoluções diversas, formando os arabescos mais surpreendentes e apavorantes. Uma nova obra-de-arte, de certa forma, que dispensava palavras. Por meio da aliança, miraculosamente caída no chão perto dos restos do cadáver, Tazzio identificara o pai. Federico não aparecera no ateliê naquela manhã e os primeiros aprendizes a chegar ao ateliê encontraram Tazzio, sozinho, no meio da carnificina. Tazzio, ao retornar da galante serenata embaixo da altana de Severina, procurara o pai durante parte da noite, em vão, antes de ir verificar no ateliê. Depois, não dissera uma palavra além das que os companheiros escutaram ao surpreendê-lo ajoelhado diante do vestido de cristal: —

Meu pai. Mataram meu pai. Mataram-no. Meu pai. — Eu começava a me inquietar — disse Brozzi. — Quase uma semana sem vê-lo, Viravolta, ao senhor e a outro cadáver inverossímil. Cruzes! O pouco que restava de Federico Spadetti, misturado à sílica, fora jogado numa tina sob a água corrente e daquilo restava, agora, uma lama pestilenta.

Sobre a tina, tinham escrito com giz:

Noi passavam su per l'ombre che adona

La greve pioggia, e ponavam le piante sovra lor vanità che par persona.

Caminhando entre as almas que aferroa

a densa chuva, estávamos pisando vaidade como pessoas.

— O castigo do Terceiro Círculo — disse Pietro. — Naturalmente. — Os Glutões — disse Brozzi, erguendo uma sobrancelha. — Deitados na lama, sob uma chuva negra e glacial. Pietro contemplou a lama enegrecida na tina. — A Quimera não perdeu o senso de humor; cada vez mais bizarra. — O que quer que eu deduza disso? — perguntou Brozzi mergulhando uma espátula na lama espessa que, no passado, havia sido Federico Spadetti. Pietro voltou o olhar na direção de Tazzio. O vestido resplandecia, mas o jovem continuava a limpá-lo. Pietro pegou um tamborete e foi sentar-se a seu lado. Em torno dele, no ateliê, os agentes da Quarantia davam prosseguimento às investigações. A aflição do jovem emocionava Pietro. A alusão do inimigo à cupidez de Spadetti sem dúvida escapara a Tazzio, que desconhecia os reais pormenores do drama. Mas essa visão de horror — o pai reduzido a barro informe, como o Adão bíblico antes mesmo de sua concepção — o perseguiria para sempre. Pietro também se achava consternado e furioso. Embora pesassem suspeitas sobre Spadetti, não lhe ocorrera que a Quimera pudesse tentar se desembaraçar dele tão rápido e com tamanha selvageria. Fervia de raiva. Era preciso reagir com urgência. — Você se lembra de mim, garoto? — perguntou Pietro. Tazzio, ausente, não respondeu. — Acredite em mim, quando prometo fazer todo o possível para encontrar o responsável. Conheço a dor de perder um ser amado. Posso imaginar seu sofrimento, mesmo sabendo que as palavras, nesta hora, não servem de consolo. Levantou a mão; hesitou. Lentamente pousou-a no ombro do jovem. — O momento talvez não seja o ideal, mas preciso de ajuda para encontrar esse Minos. Porque foi ele, não foi? Já ouviu falar dele? Tazzio continuava mudo, simplesmente piscando os olhos enquanto continuava a lustrar a superfície de cristal. Pietro ainda fez algumas tentativas para obter algo do rapaz. Em vão. Decidiu não mais insistir e juntou-se aos outros investigadores da Quarantia para interrogar os artífices. Ao fim de meia hora, foi preciso render-se à evidência: apenas três pessoas tinham ouvido falar de Minos, mesmo

que a maioria delas, numa ocasião ou outra, tivesse se envolvido na fabricação das famosas lentes de vidro. E nenhuma delas tinha condições de revelar a identidade do inimigo. Pietro voltara ao tamborete, tentando organizar os pensamentos, recapitular os fatos. Tazzio continuava ali perto. Primeiro Marcello e o broche da cortesã Luciana Saliestri, abandonado no palco do San Luca. O broche o conduziu ao senador Ciovanni Campioni. Pietro começou a falar sozinho. — Marcello Torretone, agente do governo. Vamos admitir que o padre Caffelli, a par da sua dupla identidade, descubra a existência dos Pássaros de Fogo e a revele a Marcello que, por sua vez, recolhe novas informações, já sem tempo de transmiti-las ao Conselho dos Dez; é assassinado no Teatro San Luca. Ao mesmo tempo, um dos Pássaros visita e possui Luciana Saliestri, rouba o broche dado pelo senador e o deixa no teatro para incriminá-lo. A menos que ela faça parte da seita e tenha entregado a jóia deliberadamente. Uma maneira de matar dois coelhos de uma só vez e forçar as autoridades a eliminar os doces reformistas, como nosso senador Campioni. Pietro passou a mão pela peruca empoadada. O salto do mocassim de fivela lustrosa batia regularmente no piso, pontuando o fio das reflexões como o bater de um metrônomo. — Bem, até aí, tudo se encaixa. Logo, Luciana é uma chave. Devo reencontrá-la. É possível que ainda me esconda alguma informação. "Sim querida, estou chegando; espere por mim e vai ouvir poucas e boas." Bem, depois disso, o padre Caffelli, aterrorizado, não ousa tomar nenhuma atitude. Também ele é descoberto. Quem sabe Marcello o delatasse, sob tortura? Caffelli é amarrado no alto da igreja de San Giorgio. Não obstante os Pássaros estarem satisfeitos, os cacos de vidro encontrados no San Luca terminam por nos conduzir a Federico Spadetti, membro da Associação, e ao misterioso Minos. Spadetti também é assassinado; nada sabemos de Minos, exceto a compra das lentes de vidro. Lentes de vidro, Santa Madonna, com que finalidade? Pietro suspirou, esfregando os olhos. — Só sei que Virgílio e Campioni conduzem meus passos: um em direção a Dante e às Forças do Mal; o outro em direção aos mesmos Pássaros de Fogo, na villa Mora. Estamos sendo manipulados. Il Diávolo detectou minha presença no jazigo de Mora — ou foi prevenido antes da minha chegada? Nesse caso, por que me poupou? A qualquer momento podia me pegar. Teria eu também outro papel a desempenhar nessa trama? Não. Creio, creio que tudo não passa de uma armadilha. Uma imensa digressão. E meneava a cabeça. Repentinamente, ouviu uma voz a seu lado. — Minos foi ao Arsenal. A mão de Pietro parou, suspensa no ar. Virou-se para Tazzio. — Repita. — Minos foi ao Arsenal. Curvou-se em direção ao jovem. — Você o conhece! Sabe quem ele é. —

Não. Mas sei que foi ao Arsenal. Ouvei meu pai conversar com um de seus homens há seis meses. — E quem era esse homem? — Não sei. Continuava a esfregar o vestido de cristal e o rosto nele se refletia, multiplicado em mil reflexos translúcidos e ondulantes. — Minos foi ao Arsenal — repetiu.

O Arsenal, no sestiere de Castello, era uma fortaleza extraordinária. Ocupava sozinha grande parte da superfície total de Veneza. Ali, há séculos, o poderio econômico e militar da República era articulado. O Arsenal empregava dois mil fabricantes de armas, de velas, carpinteiros, calafates, trançadores de cordas e outros grupos de profissionais. Era um mundo em si, rodeado de torres e sentinelas montando guarda acima dos diques secos, depósitos, oficinas cobertas, fundições e estaleiros. Dali saíram as cinco galeras e os oito galeões encarregados de patrulhar permanentemente o golfo Adriático; as galeras e galeotas que cruzavam de Zante a Corfu; as fragatas e navios de guerra com quarenta, cinquenta ou noventa peças de canhões, responsáveis pelo controle do Mediterrâneo, de Gibraltar a Constantinopla; os mude e os "navios camuflados", lutando contra a pirataria no mar. Assim que soube, por Tazzio, da ida de Minos ao Arsenal, embora desconhecesse as circunstâncias e o objetivo, Pietro avisou Emilio Vindicati antes de se pôr a caminho, chefiando uma tropa de vinte agentes aos quais se juntavam os inquisidores despachados pelo Conselho dos Dez. Certa noite, Tazzio surpreendera o pai em conversa com um homem do qual não pudera ver o rosto, mas que se dizia enviado por um certo Minos. Ouvira apenas algumas frases: o Minos em questão tinha ligação com alguns construtores do Arsenal, aos quais fizera, em segredo, uma encomenda particular, tal como agira com Spadetti para obter as famosas lentes. A suposição de que esse Minos, embora incógnito, fosse um nome conhecido na cidade confortava Pietro. A chegada do Orquídea Negra e dos esbirros dos Tenebrosos teve o efeito de um trovão. Viravolta marchava à frente, indicando com um gesto da mão ou sinal de cabeça que se dispersassem por toda parte. Os passos ressoavam entre os artesãos e operários dos canteiros navais, agentes se espalhavam pelos galpões e diques secos. A agitação deixava claro que algo de extrema gravidade ocorrera. Quando Pietro interrogava um dos empregados da fundição, vieram buscá-lo com novos registros; como de hábito, os Pássaros de Fogo tinham agido nas sombras, debaixo do nariz e das barbas dos Dez e da Quarantia. Minos tinha ordenado a construção de duas fragatas ligeiras, e não era tudo; o que Pietro descobriu lhe gelou o sangue. Não demorou muito a cruzar as informações do Arsenal com as das autoridades

militares da cidade. Quinze pessoas foram interpeladas. Nenhuma pôde revelar a identidade de Minos, já que o homem, claramente, operava fazendo uso de obscuros intermediários. Pietro circulou um momento entre registros, balas de canhão saídas das fundições, morteiros e barris de pólvora que guarneciam às centenas os entrepostos. No final da tarde, apressou-se em encontrar Emilio Vindicati. Embora ele próprio mal pudesse acreditar, o que tinha a lhe dizer era perfeitamente real. — Orquídea Negra! Pietro fora discretamente anunciado. Encontrou Emilio na Sala del Collegio. Francesco Loredan estava reunido, naquele momento, com os membros de seu Conselho particular. Emilio não estava sozinho. Um homem de uns trinta anos com rosto magro, pele marmórea, dedos de pianista e um ar etéreo, atenuado por uma barbicha cuidadosamente cortada, acompanhava-o. Trajava uma larga camisa branca e um casaco cuja aparência, cores e corte revelavam aos olhos de Pietro, familiarizados com a elegância, a procedência francesa. Emilio dirigia a esse convidado da República sorrisos largos e exagerava um pouco a bazófia. Falando ora em francês, ora em italiano, elogiava-lhe efusivamente o "prodigioso talento" e curvava-se diante do "privilegio de recebê-lo no coração da Sereníssima". Pietro não tardou a saber mais. — Ah! Messer, apresento-lhe Pietro Luigi Viravolta de Lansalt, um dos... conselheiros especiais do governo — disse Emilio, sempre em tom obsequioso. Pietro, este é o Mestre Eugène-André Dampierre, pintor de renome que acompanha Sua Excelência, o embaixador da França. Mestre Dampierre vai expor em breve suas obras no nártex da basílica San Marco. Obras de inspiração religiosa, belíssimas, Pietro. Mestre Eugène-André Dampierre curvou-se com compunção. Pietro retribuiu à altura. — Poderia me dar um momento de sua atenção, Emilio? — perguntou Pietro. — Talvez o momento não seja adequado, mas o assunto é de extrema importância. O rosto de Emilio crispou-se momentaneamente. Em seguida, virando-se para Dampierre e segurando-lhe as mãos com entusiasmo, disse: — Poderia me dar licença um instante, Mestre? Os negócios da cidade não nos dão trégua. Voltarei logo. —

Fique à vontade — disse Dampierre, voltando a se inclinar. Emilio conduziu Viravolta a uma sala vizinha. — O novo embaixador da França chegou, Pietro. Está em reunião com o doge e seu Conselho particular. A passagem do cargo teve lugar ontem à noite. Seu antecessor já partiu. A partir de agora, a proteção dele, desse Dampierre e de Loredan será minha maior preocupação. Não será tarefa fácil cuidar da segurança de toda essa gente e não devemos revelar nada do que se passa aqui. As recepções oficiais se limitarão, no momento, a entrevistas no palácio, mas nosso recém-chegado vai querer

visitar a cidade. A convite do doge, estará presente a todas as festas da Ascensão e somos obrigados a redobrar o cuidado. Participará das manifestações públicas e temos pouco tempo para nos preparar. Era só o que nos faltava, imagine que Sua Excelência quer aproveitar um pouco os pequenos prazeres de nossa cidade; se possível, incógnito. Já confirmou a presença amanhã no baile organizado por Andreas Vicario, em Canareggio. Você se dá conta da confusão que isso pode causar? Tenho a sensação de não saber mais como agir. — Bem, suas penas não chegaram ao fim, Emilio — disse Viravolta, com ar sombrio. — Nossa visita ao Arsenal me fez descobrir elementos novos e absolutamente preocupantes. Fez-se silêncio. Emilio lançou um olhar inquieto a Viravolta. — O que quer dizer? — Tudo foi planejado de longa data. Só Deus sabe como, mas Minos passou por cima do controle das autoridades. Mandou construir, custeando as despesas com o próprio dinheiro — ou com fundos desviados do Estado, quem sabe? — duas fragatas sobre as quais ignoramos tudo. Isso em si já é extraordinário e, no entanto, não é nada. Compreenda, há seis meses o Arsenal lançou ao mar duas galeras que deveriam cruzar o Golfo, a Santa Maria e a Jóia de Corfu. Preste bem atenção: as galeras desapareceram há dois dias num ponto qualquer do Adriático. Nem o Arsenal nem nenhuma de nossas magistraturas ou autoridades militares sabe o que aconteceu com elas. Novo silêncio. — Você, você quer dizer que... — balbuciou Emilio. Pietro segurou-lhe o braço: — A Santa Maria e a Jóia de Corfu estão equipadas com sessenta e noventa canhões, respectivamente, Emilio. Só Deus sabe o que farão quando voltarem ao porto. Vindicati levou a mão à testa. — Que loucura! Acredita realmente que Minos esteja armando as galeras contra nós? — Estou pronto a acreditar em tudo depois do que vi na villa Mora. Minos, Virgílio, Quimera, talvez sejam a mesma pessoa. Mas uma coisa é certa, os Pássaros de Fogo estão por toda parte, como o padre Caffelli afirmou, e a administração da República está nisso até o pescoço. Compreende? É muito pior do que pensávamos. Emilio ficou abalado. Ambos ouviram, ao longe, abrirem-se as portas da sala onde o doge reunira o Minor Consiglio para acolher o embaixador da França e dar-lhe as boas-vindas. Um fraco rumor, acompanhado de algumas exclamações de alegria, chegaram-lhes aos ouvidos. Emilio se apoiou no braço de Viravolta e tentou, desesperado, recompor o rosto. — E ainda me pedem para ficar bajulando todo mundo! Porca miséria! Pietro, devo ocupar-me deles. Por favor, enquanto não estiver disponível, dou-lhe carta branca para dar prosseguimento à investigação. Esteja amanhã à noite no baile de máscaras de Vicario. Nesse ínterim, cace os Pássaros de Fogo; eu me ocuparei do doge e

de nossos convidados de honra. Pietro concordou em silêncio e voltaram à Sala dei Collegio onde ainda se encontrava o pintor Eugène-André Dampierre. Finalmente, Emilio, abrindo os braços, um largo sorriso nos lábios, dirigiu-se ao doge e ao embaixador, um homem na faixa dos 50 anos, testa enrugada, cachos de cabelos brancos surgindo do chapéu. Usava um casaco vermelho e azul debruado de dourado e uma pantalona branca. Condecorações de todas as ordens cobriam-lhe o peito. Escutava Loredan que em sua estola púrpura e de arminho, o cetro na mão, falava-lhe, sorrindo como a um velho amigo. Pietro levantou os olhos e viu a tela da Vitória de Lepanto. É, a guerra estava longe de ser ganha.

Luciana Saliestri acabava de se levantar do divã vermelho, a alguns passos da altana dominando o Grande Canal, onde acolhera Pietro quando este viera interrogá-la na villa. À chegada do Orquídea Negra e sem deixar de fazer alusões engenhosas, propôs uma partida de dominó. Ela arrumava as peças, entre duas xícaras de café, sobre uma mesa baixa delicadamente trabalhada. Sorriu e piscou o olho enquanto Pietro, sentado à sua frente, admirava os encantos e as formas deslumbrantes da cortesã. Ela lhe lançou um olhar malicioso e passou o dedo nos lábios e nas maçãs do rosto acentuadas pelo colorido rosa, próximo ao sinal que trazia no canto dos lábios. O vestido de babados e renda deixava exposto o colo e os ombros; o pingente em formato de golfinho descia até a turgidez dos sublimes seios que se adivinhavam palpitantes sob o tecido. Um véu diáfano cobria-lhe o pescoço. Ao final de alguns instantes, decidiu ter perdido a vontade de jogar. "Vamos! Tenho outras idéias." Levantou-se e fez um gesto deixando o vestido cair lentamente a seus pés. O véu que lhe cobria o peito ondulou, deixando entrever a cor leitosa dos seios e as delicadas auréolas. Sim, Luciana era uma flor cujo doce gineceu permanecia escondido e cujas pétalas se ofereciam a seus olhos. Não era de se admirar ter o senador Campioni se enamorado dela. Colocou uma das longas pernas na mesa baixa onde Pietro repousara a xícara de café, varrendo os dominós. Viravolta examinou, deliciado, o torneado da coxa; mas não dispunha de tempo para sexo. É verdade que isso poderia ajudá-lo no plano, possibilitando-lhe a obtenção de informações através de armas mais agradáveis que pistola, espada ou arcabuz. Mas, desde a primeira entrevista com Luciana, muitas coisas tinham mudado. Na véspera à noite, Landretto fora ao encontro do patrão. Lá fora a chuva caía e Orquídea Negra se lembrava dos olhos claros e do cabelo revoltado do criado, quando ele tirara o chapéu para lhe dizer: "Anna Santamaria é vigiada

pelo marido ciumento, na villa de Santa Croce. Está ciente de que o senhor só tem olhos para ela; eu lhe dei a flor." Sim, Anna Santamaria estava ao alcance da mão. Bastava-lhe um gesto. E, apesar da proibição, estava disposto a enfrentar o que quer que fosse para revê-la. A voz clara de Luciana, ao mesmo tempo provocante e debochada, soprou-lhe à orelha: — O que acha de meus sapatos, Pietro? Quer que fique com eles? Pietro não respondeu. — Coloquei para você um de meus mais bonitos vestidos, sabia? Dizem, em Veneza, que sou coquete, mas não sou dessas que lhe agarram pelo tabarro nas Procuratie, meu doce senhor. Meus corpetes não escondem reforço de espuma e não coloco enchimento debaixo das saias, como elas fazem, para disfarçar os defeitos. Não uso cabeloira postiça e abri mão dos cachos artificiais. Meus cabelos lhe agradam assim? Espere que eu os solte. O que fez com gesto experiente. A cabeloira tombou em cascata sobre os ombros e, como por acidente, o véu também caiu. Levou as mãos aos seios, fingindo um pudor que não possuía, e depois as afastou lentamente. Os mamilos estavam a poucos centímetros do rosto de Pietro. — Deixo a maquilagem pesada, o ruge e as armações de saias para aquelas cuja beleza precisa de artifícios. Eu me presenteio com as mais belas toaletes, agradecendo sempre a meu falecido marido, é bem verdade. Que sua alma repouse em paz! Sabe, o pobre anjo só pensava em negócios e dinheiro. Era um avarento. Comigo é o inverso, tenho um gosto infalível para outro tipo de comércio ao qual não tenho coragem de me recusar. De que serve minha fortuna senão para me tornar mais desejável? No fundo, sempre me senti bem melhor em liberdade. Então, assim que os ducados aterrissam em minhas mãos, bum! Eu os gasto. Faço-os desaparecer. Tenho para tanto um talento de mágica. E em seguida enfio as mãos no pequeno tesouro deixado por meu querido esposo! Enfim, um santo homem... Ela acabava de inclinar e abanar a cabeça, pousando as duas mãos nos ombros de Viravolta. Simulava esfregar-se nele ondulando os quadris. Ele continuava sentado e ela de pé. — Quer verificar? —

Verificar o quê? — perguntou Pietro. — Verificar o que eu disse quanto aos enchimentos. Assim dizendo, deixou cair o que lhe restava das vestimentas e se virou, permitindo a Pietro admirar as ancas e o mais suntuoso, mais belo, mais aveludado par de nádegas que jamais vira. — Está vendo? Tudo natural. A cortesã concluíra o striptease. Virou-se de novo na direção dele. Olharam-se em silêncio. Pietro, com certa surpresa, acreditou ver um brilho de tristeza perpassar os olhos da jovem. Por uma fração de segundo, a atitude pareceu mais sincera, mais séria. Em seguida, ela inclinou a cabeça para o lado e voltou a sorrir. Um raio de luz trespassava duas nuvens brancas, por cima do

Grande Canal, atingindo a altana e penetrando no interior da peça, trazendo com ele o doce calor da tarde. — Tire sua capa, colete e redingote, Pietro Viravolta, e me fale de suas preferências. Pietro se levantou devagar. Hesitou um instante e abaixou-se para pegar o vestido da jovem. — Por favor, madame. Um brilho de incompreensão atravessou o olhar de Luciana. — Você tem beleza e atrativos suficientes para condenar às penas eternas todos os papas, e saiba que noutras circunstâncias não hesitaria. Mas o tempo urge e tenho outros planos. Peço-lhe que não interprete essa recusa como uma afronta, porque não é. Luciana, desencorajada, piscou os olhos. Demonstrou indecisão, por instantes, não sabendo se devia bancar a cortesã com orgulho ultrajado ou o pássaro ferido. Havia nela, nesse momento, algo de profundamente feminino. Parte de sua faceirice e afetação desapareceu de súbito e essa atitude inesperada infundia simpatia. Pietro não pôde se impedir de questionar como Luciana reagiria se, de repente, renunciasse às precauções e se atirasse sobre ela. Pietro não se deixava enganar por trejeitos; graças a um poderoso segredo e a uma longa experiência, com frequência era capaz de adivinhar, com certa clarividência, o estado psicológico das mulheres, pela maneira como faziam amor. Estava convencido de que Luciana se daria com furor, sim, uma espécie de furor arrebatado, que nela adivinhava premeditado, como o desejo de vingança. No auge do êxtase, a esse desejo se agarraria, como náufraga. Já dava a impressão de estar perdida. A intuição lhe dizia que, no fundo, por mais que tentasse dissimular, Luciana estava disposta a tudo para mendigar o grande amor. Só as variações do prazer lhe permitiam representar essa comédia que a colocava ao abrigo da própria angústia, alimentada com um sentimento de lassidão, de continuada fuga. Pietro compreendia tudo isso muito bem. Durante os poucos segundos em que, silenciosamente, animou-se o rosto da jovem, Orquídea Negra percebeu o quanto esses sutis arrebatamentos agitavam a bela Luciana e sentiu-se tocado. Eis como a disposição de espírito em relação àquela que viera encontrar se atenuava, ao vê-la como cortesã. A própria dureza se lhe desfizera. No entanto, devia ainda desconfiar. Se Anna Santamaria era uma Viúva Negra, Luciana se assemelhava à tarântula. Nunca se podia ter certeza de nada. Luciana, tens também teu lado negro; tu também estás perdida para este mundo. Finalmente ela adotou um tom neutro, um pouco frio. — Entendo. Talvez seu espírito esteja totalmente voltado para ela. A voz denotava um toque de amargura. — Para essa Anna Santamaria. Foi a vez de Pietro ficar desconcertado. — Desculpe? Ela elevou os olhos, os lábios retorcidos num sorriso constrangido. — Que pensa? Eu também,

querido amigo, me informei a seu respeito. Orquídea Negra. Pietro Luigi Viravolta, retirado das masmorras. Um agente do governo trancafiado depois de ter se intrometido nos negócios do senador Ottavio. Pietro umedeceu os lábios. Desta vez, Luciana marcou um ponto. — Pensa que sou apenas uma libertina impetuosa e estouvada? Ah não! Longe de pensar tal coisa. Ela prosseguiu: — Está vendo, eu também não lhe disse tudo. —

Onde obtive essas informações? Luciana desviou o olhar, buscando a xícara de café. — Diga-me, Messer Orquídea Negra, por que eu o ajudaria? Silêncio. — Por Marcello Torretone. Por Giovanni Campioni que, hoje, parece-me encontrar-se em situação bem precária. Vamos, Luciana, razões não lhe faltam! E realmente preciso de você. Acredite, o doge e o Conselho dos Dez saberão recompensá-la. Peço-lhe; se sabe algo, me diga. Ela hesitou. Depois de um longo suspiro disse: — Outro senador vem me ver de vez em quando — disse. — Alguém, Viravolta, que não gosta muito de você. Novamente mergulhou os olhos nos de Pietro. — O senador Ottavio. Pietro franziu o cenho. De repente as peças do quebra-cabeça começaram a se juntar. O broche roubado, os Pássaros de Fogo, as informações sobre Giovanni Campioni. E o fato de Pietro ter sido afastado dos negócios da República e trancado nas masmorras. Ele, um importuno da pior espécie. — Ottavio? Claro. Meu antigo mentor, naturalmente. Ele se virou para a bela cortesã. — Por que não me disse antes? Luciana deu de ombros. — Protejo meus visitantes, meu amigo. Todos os que vêm me ver. O que teria dito se eu tivesse revelado sua identidade para Ottavio? — O que espero não tenha feito — disse Pietro franzindo os olhos. Luciana lançou-lhe um olhar insistente. — Vamos, Messer Viravolta... Sei perfeitamente onde repousa meu interesse. Outro ponto para ela. Pietro calou-se e sorriu. Uma idéia esquisita acabava de lhe atravessar a mente. — Sabe, Luciana, você daria uma ótima espiã. Poderia sugerir ao Conselho dos Dez, se o desejar. Ela recebeu o gracejo com falso interesse. — Deixe os Tenebrosos onde estão e a mim onde estou. — De toda maneira, me agradaria bastante bancar o recrutador. Já escolhi um codinome. Olhou as peças do jogo espalhadas na mesa baixa e pegou uma delas. O seis duplo. — Luciana, tenho uma proposta a fazer. Seu sorriso se acentuou. — Aceitaria ser meu "Dominó"? Dois

dias depois, ao cair da noite, o duque Von Maarken deixara seu castelo gótico austríaco. Envolvido num largo manto negro, deslizava como uma sombra ao sair da gôndola que o conduzira a Canareggio. Levantou os olhos para a lua que desaparecia por trás das nuvens. Dois homens segurando tochas iluminavam-lhe os passos. Seguiu-os em silêncio

até a entrada da construção onde marcara um encontro. Trocaram senhas, as portas se abriram. Finalmente o duque penetrou no palácio. Alguns minutos mais tarde, encontrava-se diante de uma lareira, uma taça de vinho na mão. A sua frente, a Quimera. — O fruto está maduro — disse Von Maarken. Desde o Tratado de Passarowitz, Veneza está vulnerável. O que pretende agora? — Levei a termo o plano, como previsto. —

Sim, sim. Deixei-o divertir-se e fazer tudo ao seu modo, meu amigo. Mas duvido da eficácia de todas as suas fantasias e dissimulações. Acredita terem sido necessárias essas encenações? Crêem de verdade em seus jogos de salão? Uma seita diabólica... Ninguém sensato poderia acordar o menor crédito a um inimigo tão caricato. Satã e suas palhaçadas de biblioteca servem de pretexto... A Quimera soltou uma risadinha. — Não creia nisso... Estamos em Veneza. Meus jogos de salão causam pânico. O doge e seus partidários sentem-se desamparados. Nossos chamarizes e confusões são a isca para a armadilha. Estão perdidos, não sabem o que pensar. A coerência de nosso plano ainda lhes escapa porque assim o queremos. Sim, me divirto, é verdade. E todos caem nas ciladas que deixo à minha passagem. Nelas hão de continuar enredados até aplicarmos o golpe final. Então, agradecerá a Dante e à imaginação de seu humilde servo. — Uma imaginação completamente ao estilo italiano, concordo. Deveria escrever para o teatro. E sua representação em Mestre? Il Diávolo continuou a rir. — Já ouviu falar de Carlo Gozzi e da Academia Granelleschi? — Nunca. — São chamados de Ineptos. Trata-se, de certa maneira, de uma academia brincalhona que reúne divertidos pândegos, apaixonados pelas belas letras. Dizem ser inimigos da ênfase e pretendem conservar o estudo dos Antigos, preservando "a pureza do idioma". Na verdade, venezianos cultos. A cada ano nomeiam um gogo archiniais para presidir a Academia, encarregado de zelar por suas ovelhas com uma autoridade de comédia. Neles me inspirei. Meus Pássaros de Fogo são da mais alta distinção e minha farsa se desenrolou perfeitamente. Mas esteja certo; apesar da pilhéria, podemos contar com a fidelidade de todos os recrutados. — Veremos — disse Von Maarken. Os olhos brilharam enquanto olhava as chamas da lareira. —

Sim, em breve veremos... Veneza será derrotada em algumas horas. Então oferecerei à Áustria, numa bandeja de prata, a aldraba do mar. A mais bela, a mais sublime das jóias. E você será recompensado como merece, conforme combinamos. Meu governo se encarregará disso, pode acreditar. Eckhart von Maarken limpou maquinalmente uma poeira do casaco, estalou a língua e terminou de um só gole a taça de vinho.

Já era noite avançada quando Viravolta se aventurou debaixo da sacada da villa de Santa Croce, onde se encontravam os apartamentos de Ottavio. Chapéu e tabarro negros, máscara no rosto, longa capa, as mãos enluvadas, trazia apenas a espada de punho de ouro e a indefectível flor na lapela. Preocupado, avaliava a distância que o separava do terceiro andar. Hesitou por instantes e decidiu assobiar, como no passado. Uma vez, duas... Lá no alto nada se mexia. Já Anna dormiria? Havia luz, porém. Se por acaso Ottavio aparecesse, só precisaria mergulhar na escuridão sob o pórtico. Voltou a assobiar; olhou à direita e à esquerda. Ninguém. Precisava tomar uma decisão. Vamos, Anna, escuta-me! Preparava-se para a escalada quando algo se moveu. Levantou os olhos e vislumbrou a silhueta de Anna, o contorno da cabeleira loura penteada para trás, recortada contra a luz no postigo da janela. Não lhe pôde discernir os traços, mas ao ver-lhe a mão sobre o coração, soube que ela adivinhara a identidade daquele que se achava ao pé de sua villa. O peito da jovem elevou-se por um momento, sufocava uma exclamação. Depois, sem uma palavra, virou as costas e deixou a sacada. Pietro respirou fundo e procurou um ponto de apoio para o pé. Não lhe faltava agilidade. Em instantes, chegou às janelas do primeiro andar, e às do segundo, aproveitando-se das asperezas do muro e das grades das sacadas. A escuridão era sua aliada. Parou um instante quando, abaixo, um mensageiro passou cantarolando, seguido por dois Senhores da noite. Reteve a respiração; seria embaraçoso ser descoberto ali, suspenso como uma aranha. Viravolta temeu ver as botas escorregarem no instável peitoril onde conseguira apoio. A capa balançava docemente no vazio ao passo que, joelhos dobrados, imobilizava-se, colado à parede. Finalmente os homens desapareceram. Ergueu os olhos, continuou a escalada e, com a vestimenta esvoaçando, passou sem dificuldade por sobre a sacada. Aterrissou discretamente, como um gato. Diante dele, cortinas diáfanas balançavam. Avançou devagar. Percebeu o coração acelerado. Por trás das cortinas, sentiu uma forma recostada. Afastou os panos que lhe toldavam a visão. Achava-se recostada numa cama de baldaquim vermelho, fitando-o com os olhos enormes, uma expressão indecisa no rosto. Dividida entre a felicidade e o medo, espiava-o como um animal encurralado. Trazia uma camisola cor vinho onde a renda competia com o cetim, um broche de prata prendia-lhe os cabelos. Permaneceram assim por um bom tempo, ele quase emboscado entre o balcão e o quarto e ela recostada, sem nada dizer. Saiu, enfim, da imobilidade para se precipitar em seus braços e o beijo que se seguiu afastou para longe todos os infortúnios do encarceramento de Viravolta e os tormentos que não cessaram de acompanhá-lo desde a

saída das masmorras. Reencontrar a proximidade desse corpo quente, a sensação dos seios pesados comprimidos contra seu peito, essa língua delicada, esse perfume inebriante, tudo era puro deleite. Não compreendia como pudera adiar o encontro, ao sair da prisão, como não se lançara imediatamente à sua procura, esquecendo o resto. Subitamente, não havia mais ameaça. Ao mesmo tempo, sempre soubera que a encontraria e o que antes parecia milagroso soava agora como destino. Amava-a, tinha certeza. Quando ela se afastou, a contragosto, foi para mergulhar os olhos brilhantes nos seus. — Meu querido, você é louco! Louco de vir me procurar! Pietro notou as pétalas de uma orquídea, debaixo do travesseiro, visíveis no ingênuo esconderijo. A testa apoiada em seu ombro, Anna sussurrou: — Landretto conseguiu lhe dizer que eu estava aqui, não é? — Anna! Eu não poderia perdê-la, não passo um minuto sem pensar em você. Na prisão, tive medo de ser forçado a esquecê-la. Eu... — Oh, deveria tê-lo feito, sabe disso! Deveria! Pietro daria tudo para provar imediatamente desse fruto ofertado pelo destino. Anna Santamaria estava ali, em seus braços e refreava os soluços de terror e alegria misturados. Gostaria de carregá-la, com ela deitar-se e esquecer-se de tudo entre os lençóis, no silêncio da noite. Ou então raptá-la, levá-la para longe dali e realizar o doce sonho acalentado durante as piores horas de sua existência. Mas reconhecia estar num ambiente hostil. Segurou-a pelos ombros. — Anna! Não temos muito tempo. Ela o fitava apaixonada. Os dois tremiam. — Onde está Ottavio? — Saiu — respondeu Anna. — Caso contrário, não teria permitido que subisse. Mas pode voltar a qualquer instante. Foi uma loucura tentar me rever! No outro dia, quando nos revimos nas Mercerie, achei que ia morrer! E, no entanto, sabia, tinha certeza... Orquídea Negra percorreu o quarto com os olhos. — Pode dizer-me onde fica o escritório dele? Anna contraiu os dedos em torno dos braços de Pietro, incrédula. — O quê? — Mostre-me seu gabinete de trabalho, suplico-lhe! Rápido! Haverá de explicá-lo, prometo! Ela hesitou, mas acabou por dirigir-se à porta. — Mas o que está fazendo? Sabe que minhas damas de companhia devem estar por perto. Ao menor barulho, podem... — Conheço seus cães de guarda! — zombou Viravolta. — Não farei nenhum ruído, creia-me. Conduza-me ao escritório dele, imploro! E assim foi feito. Anna tomou uma vela e atravessaram um budoar silencioso; um toucador com espelho de moldura de ouro esculpida, como a mais bela peça de ourivesaria, refletiu brevemente a luz da vela. Contornaram uma chaise longue confortável e depois Anna, colando-se a uma porta, escutou por instantes. — É aqui. Lentamente, girou a maçaneta. Enquanto Pietro se dirigia à mesa e acendia outra vela, ela atravessou a

peça para se colocar perto da porta seguinte, à espreita. — Apresse-se! — murmurou, com ar assustado. — Dois coelhos numa só cajadada, pensou Viravolta. Se ousar dizer... A ocasião era perfeita. O escritório era uma peça com uma estante de madeira escura e um astrolábio que provavelmente nunca fora utilizado. Nas outras paredes, dezenas de mapas de Veneza, testemunhos da expansão e desenvolvimento histórico da cidade ao longo dos séculos. Veneza, a cidade-paixão; Ottavio era um colecionador de mapas antigos. Retratos dos ancestrais com ar enfatuado, cujos olhares exprimiam soberba e desdém, entremostravam-se à parca luz da vela, parecendo zelar, com austera gravidade, pela rica mobília de cedro e mogno; uma cômoda com fechaduras douradas, um aparador de seis gavetas, uma escrivaninha transbordando de cartas abertas e, sobretudo, uma mesa de três metros de comprimento cujo gaveteiro Pietro tentava arrombar. Enfiou a mão por baixo do chapéu, mexendo na peruca colocada para a ocasião. A máscara o incomodava. Livrou-se dela. Com um grampo entre os lábios e outro entre os dedos, começou a mexer no mecanismo enquanto Anna, recostada na porta, banhava-se em suor, a respiração acelerada. — Mas o que procura? Por favor, seja rápido! Tomado, por sua vez, de uma surda tensão, Pietro pelejou ainda alguns segundos contra a fechadura. Calou um grito de vitória quando ela cedeu. Abriu a gaveta. Folhas sem interesse, uma espátula. Finalmente um cilindro de pergaminho enrolado com fita violeta. Pietro aproximou o castiçal e desenrolou o pergaminho no mata-borrão de couro que repousava na mesa. Não compreendeu o que tinha sob os olhos. Uma espécie de plano, entrecortado por rosáceas, símbolos matemáticos, flechas dispostas em todos os sentidos; cálculo de ângulos e hipérboles; reproduções de frontões de villas desconhecidas como se fossem esboços de algum arquiteto demente; vagos desenhos de construções junto a traçados detalhados executados a régua, nos quais se distinguiam fórmulas matemáticas caóticas. Pietro franziu os olhos. Dois nomes lhe chamaram a atenção: PANÓPTICO e, sobretudo, na margem, quase invisível e, no entanto, gravado na filigrana, como se a pena ou o lápis, nesse local, tivesse apenas roçado o pergaminho, o nome MINOS. Quase soltou um grito, mas o reteve quando o olhar voou em direção à sobressaltada Anna. Ruídos no andar de baixo. Virou-se para Viravolta, em pânico. - Ele voltou! A vela tremia-lhe nas mãos. Pietro teve poucos segundos para decidir-se. Empurrou com força a gaveta, abandonando os planos misteriosos. Tentava agora trancar a fechadura. Anna, tremendo ainda mais, implorava com o olhar. — Pietro, lhe suplico! A testa de Pietro brilhava de suor. — Já vou, estou indo — sussurrou, um grampo entre os dentes, o outro se

agitando entre os dedos. Ouviam-se passos na escadaria. — Anna? — chamou uma voz surda. — Uma voz que Pietro conhecia muito bem. — Anna, não está dormindo? Anna tinha os olhos aterrorizados. A vela se agitava, quase a ponto de cair. — Estou aqui. —

PIETRO!!! — Anna? Ouviu-se um clique suave. Pietro levantou a cabeça, empurrou a cadeira da escrivaninha e apagou a vela. Suspendendo a barra da camisola, Anna atravessou o escritório, praticamente aos pulos. Desapareciam atrás da porta do budoar no instante exato em que Ottavio abria a da ante-sala. Permaneceu parado um momento, os olhos franzidos, o ar astuto. Levou uma das mãos ao queixo duplo; avançando a seguir. Tinham atravessado o budoar e Orquídea Negra precipitavase para a sacada. Antes de saltar, virou-se para Anna e, com as mãos cobertas pela capa, estreitou a jovem com todas as forças, tocando-lhe os lábios num beijo. — Voltaremos a nos ver, juro. Eu a amo! — Eu também amo você — soprou ela. Ottavio abriu a porta. A capa de Pietro voou por sobre a sacada e desapareceu na noite. — Está tudo bem, meu querido anjo? — perguntou Ottavio, desconfiado. Junto à sacada, Anna voltou-se. Uma lua pálida se abria como um olho no céu. A brisa agitava as cortinas. O rosto de Anna Santamaria iluminou-se com um belo sorriso.

CANTO XI

O BAILE DE VICÁRIO

O PROBLEMA DO MAL

Por Andreas Vicario, membro do Grande Conselho

Da mentira na política, cap. XIV

A principal manifestação do Mal, na política, consiste no emprego da mentira, que ali é não apenas freqüente, mas sobretudo essencial. Muitos acreditam ser o Mal necessário, seja para proteger, seja para subjugar o povo, mantendo-o num estado em que não haja risco de opor obstáculo ao poder; assim, todo regime funciona segundo o princípio de uma mascarada, onde as promessas de felicidade vêm a ser sutilmente renegadas pela realidade, por meio de talento e habilidade. À fatalidade oligárquica da organização em grupos de interesses contrapõe-se a utopia da defesa do interesse geral. Declaro, então, que Atenas está morta e que resta apenas a sombra do egoísmo humano. Não é Satã o

príncipe dos mentirosos? Eis porque ele se acha tão à vontade nas ante-câmaras do poder. Landretto aguardava Viravolta na gôndola que os levaria à villa de Andreas Vicario. Em circunstâncias normais, a perspectiva de um baile à fantasia ofereceria a Pietro a oportunidade de conquistar alguns corações — ou pelo menos se divertir um pouco, como nos bons tempos. Mas a idéia de encontrar Emilio Vindicati, os agentes disfarçados da Quarantia e o recém-chegado embaixador da França, em nada lhe agradava. Os diplomatas estrangeiros normalmente pediam, de maneira mais ou menos discreta, para desfrutar das festividades e belezas de Veneza. A cidade sempre o encorajara, pois o sonho de prazeres e felicidade associado à Veneza era, de longa data, um dos pilares de sua reputação. Em 1566, um catálogo listava as duzentas "cortesãs mais importantes da cidade", com endereços e tarifas. Por muito tempo, esse catálogo circulou em segredo, até mesmo nas ante-salas do poder. O próprio Henrique III, no passado, usufruía da companhia de Verônica Franco, uma dessas cortesãs de luxo, para alegrar sua estada na Sereníssima. Naturalmente, em nome da decência, o doge não participava dessas orgias semiprivadas, semipúblicas. E se a chegada do novo embaixador francês coincidia com a Sensa, mantinham-se os costumes oficiais, havendo mesmo começado a tratar dos assuntos diplomáticos em curso. Habitualmente, desde a chegada, os representantes das nações estrangeiras recebiam uma suntuosa gôndola, chamada de Négronne pelos franceses; esta, entretanto, só viria a estar disponível no auge das festas da Ascensão, quando o embaixador assistiria ao desfile oficial da República em companhia do doge. Ao desembarcar, Pierre-François de Villegieu, o embaixador, apressara-se a enviar o camareiro ao encontro do secretário do doge para solicitar uma audiência e apresentar os cumprimentos. Posteriormente, seu secretário apresentara ao Senado a memória contendo as instruções e a cópia de suas cartas de fiança. O cerimonial era, de hábito, respeitado com o maior zelo; desde a conspiração de Bedmar, no século XVII, os nobres não deveriam manter qualquer relação com os diplomatas estrangeiros, exceto durante as reuniões do Colegiado, Conselhos ou do Senado. Isso explicava também porque o doge e o senhor de Villegieu cuidavam para que os primeiros divertimentos organizados para agradá-lo transcorressem sem que o público estivesse a par das idas e vindas do querido embaixador. A isso se acrescentavam as segundas intenções do doge e as circunstâncias excepcionais da situação. Favorável a esse jogo ao qual não faltava um sabor picante e que ele mesmo em parte iniciara, Pierre-François de Villegieu entregava-se à expectativa com alegria. Levaria em sua companhia o protegido, o pintor Eugène-André Dampierre,

que em breve exporia, na basílica San Marco, as obras com que Veneza seria presenteada. Pietro passara o dia a reunir as informações de que dispunham o Conselho dos Dez e a Quarantia sem, no entanto, avançar nas buscas. A desagradável sensação de andar em círculos aumentava-lhe o aborrecimento e a inquietude. E, para completar, tinha de comparecer ao banquete, trajando fantasia a rigor. Máscara negra e dourada nos olhos, chapéu ornado de plumas brancas e redingote multicolor, parecia ao mesmo tempo o Arlequim ou um dos pássaros exóticos que avistara nos antigos périplos por Constantinopla, durante os intervalos da campanha turca, quando navegava nas fronteiras do Oriente e encontrava grandes navegantes. Conservara a espada e as pistolas, assim como uma adaga escondida na bota. Como de costume, Landretto o esperaria até que voltasse à gôndola, mas a noite seria longa. Com um choque surdo, a gôndola atracou diante das escadas que conduziam à villa; cessado o marulho das ondas, Pietro desembarcou. De todos os lados, outras embarcações aportavam. Homens e mulheres com perucas, mascarados e empoados chegavam rindo à margem. Os cavalheiros ajudavam as mulheres a saltar da gôndola e conduziam-nas ao interior do palácio. Criados em libré seguravam tochas e os acolhiam. A entrada coberta de guirlandas estava flanqueada por dois leões que Vicario mandara colocar para a ocasião. Pietro levantou o olhar em direção à rica habitação, verdadeiro palácio com balcões elegantes e cornijas em estilo gótico, mourisco e bizantino; uma inspiração divina permitira casar as diversas influências numa fachada de imensa beleza, sem paralelo em Veneza. Um pouco mais afastado, à esquerda, Pietro vislumbrava o frontão e o muro da libreria esotérica onde consultara a edição do Inferno de Dante e outras obras maléficas. Fez sinal a Landretto e adentrou a villa. Penetrara noutro universo. Ao atravessar o pórtico, chegava-se a um vestíbulo ornado com uma fonte interior que lembrava o átrio das villas romanas. Ali, um grupo de serviçais verificava a identidade dos convidados, pegava as capas e casacos e recebia os presentes destinados ao dono da casa. Andreas Vicario usava um traje negro e prata e uma máscara solar que tirava para acolher os recém-chegados, respondendo aos elogios e convidando-os a lançar-se no mundo imaginário que concebera. A poucos passos, Emilio Vindicati, num conjunto de colete, casaco e pantalone avermelhado, máscara de leão e asas nas costas, espiava igualmente o afluxo de venezianos convidados para o banquete. Ao vê-lo assim, Pietro experimentou um instante de hesitação. Constrangia-se. Difícil confessar que, apesar de todas as imposições de seu mentor, havia desobedecido às ordens para procurar Anna Santamaria, apressando-se a lançar-se em

seus braços. Emilio confiara nele, suas instruções tinham sido claras e sua liberdade repousava na promessa feita. Ao mesmo tempo, precisava contar-lhe o que encontrara no escritório do senador; Ottavio estava implicado, evidentemente. Viravolta vacilou por um segundo; devia lhe falar o mais rápido possível, ainda que na contingência de confessar a pequena traição. Afinal, aquilo não representava grande coisa em comparação com o que estava em jogo e não matara ninguém. Mas o momento não era aquele. Amanhã. Contarei amanhã. Respirou fundo e foi ao encontro de Vindicati. Sabiam ambos das respectivas fantasias e examinaram-se de alto abaixo, julgando-se ridículos, sem emitir comentário. Tinham mais o que fazer. Pietro abordou diretamente Emilio para discretamente apresentá-lo a Andreas Vicario, que sorriu e acenou a cabeça em silêncio. Em seguida, afastaram-se. — O embaixador já chegou, Pietro. Você não vai deixar de identificá-lo, pois está fantasiado de pavão, o que convém perfeitamente ao personagem, acredite. Ele oscila como nós entre a majestade e o ridículo. O amigo pintor está com uma toga branca e uma coroa de louros. Esses franceses não são nada humildes, não é? Isso os faz encantadores! carnaval, Pietro! O doge está bem guardado no palácio. Dez de nossos homens, anônimos como você, estão aqui presentes. Misture-se aos convidados e fique de olhos bem abertos. — Certo — disse Pietro. Do vestibulo chegava-se a uma imensa loggia, com vidraças decorativas de um lado a outro do andar térreo, dando para uma segunda entrada ornamentada com um portal, o cortile, que se abria para a rua. Imensa arcada atravessava o teto do salão, enfeitada com mil velas e guirlandas, uma escadaria conduzia aos apartamentos no andar superior e duas lareiras foram dispostas a leste e oeste. Tapeçarias, móveis luxuosos, quadros de pintores famosos cercavam o vasto espaço escolhido para as festividades. Mesas enfileiradas apresentavam os pratos mais deliciosos: codornas, galinhasd'angola, perdizes, capões, assados de vitela acompanhados de toda sorte de legumes; linguados, congros, polvos, caranguejos, fritadas, queijos, cestas repletas de frutas, verdadeiras cornucópias, um festival de sobremesas multicores a ser regados pelos melhores vinhos italianos e franceses. Os criados ocupavam-se dos talheres de ouro e prata, pratos de porcelana e copos de cristal. Estátuas de madeira pintada, evocando escravos com cestos de especiarias, dispostas dos dois lados do bufê, pareciam montar guarda. Cortinas vermelhas e lambris, divãs e poltronas dispostos em círculos, aqui e ali, convidavam a conversas tranqüilas, enquanto o centro do salão destinava-se aos dançarinos, pouco numerosos nesse início de noite. No fundo, defronte à cortile, uma orquestra com músicos também fantasiados. Cerca de quarenta convidados já tinham

chegado e conversavam; quase cem ainda eram esperados. O lugar era bem maior do que prometiam a fachada e o vestíbulo de entrada da villa, o piso de mármore recoberto de losangos em tons pastel, bege e azul-celeste. Pietro perambulava entre Colombina, Pulcinella, Pantaleão, Truffaldin, Brighella, Scapin e tantas outras figuras emplumadas, os rostos escondidos por mascarilhas, máscaras brancas de nariz adunco, maquilagens extravagantes que as mulheres mal disfarçavam por trás de leques venezianos finamente trabalhados. Um mar de jaquetas, coletes, fantasmas com tricórnios, corpetes, capas rutilantes e decotes profundos, vestidos ondulantes, sinais artisticamente pintados numa bochecha ou na curva de um seio. Pietro não tardou a notar o embaixador, que trazia um chapéu preto com um penacho,

todo em azul, deixando deslizar às costas uma capa evocando as plumas de um pavão; na mão uma bengala prateada. Já rodeado por um arco-íris de cortesãs que Vicario, sem revelar a identidade exata do dignitário francês, encarregara-se de juntar ao seu redor. Não longe, o pintor em sua toga romana avançava em direção a uma das mesas para encontrar algo que acompanhasse sua taça de chianti. Os agentes da Quarantia também deviam se encontrar espalhados pelo salão, misturando-se aos convidados que chegavam, enquanto a orquestra começava a tocar em surdina. O álcool já corria à solta. A direita e à esquerda dessa ampla peça, a maior do andar térreo, outras portas se abriam para salões cuja decoração era de igual riqueza, com sofás espaçosos, poltronas aconchegantes, cômodas carregadas de bibelôs caros. Dois balcões de madeira permitiam aos convidados refrescar-se e contemplar os canais vizinhos ou a lua cheia. Pietro sabia que, além dos salões, Vicario arrumara quartos e alcovas onde os casais, bêbados de vinho ou desejo, terminariam a noite, a dois ou em maior número, em busca de outros prazeres. Viravolta sorriu ao reconhecer, a pequena distância, Luciana Saliestri, luxuosamente vestida. Usava uma moretta, máscara sem boca, de contornos leves e estilizados, que mantinha diante do rosto, e um vestido de incandescente esplendor. Prendera os cabelos num coque; os brincos brilhavam. Ela também o reconheceu, quando ele se aproximou. — Boa noite, meu Dominó. Estou feliz por ter decidido vir. — Não podia recusar o convite de Messer Vicario, querido amigo. E não comece com esse "Dominó" para cá e "Dominó" para lá porque ainda não aceitei sua proposta. Como sabe, sou independente. A idéia de trabalhar para os Tenebrosos não combina com meu temperamento. O sorriso de Viravolta tornou-se mais largo. — Vamos, você é perfeita. Sem querer atentar contra sua liberdade, Dominó, por favor, fique de olhos abertos. Talvez descubra alguma informação

capaz de ajudar nossa boa causa. Afinal de contas, há tanta gente aqui e as línguas se soltam. Por trás da máscara, um clarão de divertimento fez-se notar nos olhos de Luciana. — Mas claro que farei o que estiver ao meu alcance. Ultimamente tornei-me uma verdadeira santa a serviço da República. E quem sabe irá você também considerar minha proposta? Pietro não respondeu. Finalmente Luciana riu e girou sobre os calcanhares. —

Até breve, meu querido anjo. Ele a observou afastar-se. Decididamente, ela estava radiante, mas ele percebia uma ponta de tristeza inconfessada. A imagem da doce Ancilla Adeodat infiltrou-se em seu pensamento. O que fazia naquele momento? Sentia falta dele ou de seu oficial de marinha? O capitão teria voltado? Outro corpo, outros prazeres. Prazeres aos quais estava disposto a renunciar pela bela Anna Santamaria. E quando pensava no encontro da véspera, tão rápido, em circunstâncias tão singulares, o coração disparava. Tinha sido tudo quanto desejara, a paixão, o perigo, a sensação de viver. Ah! Decididamente era bem melhor do que se perder entre esses anônimos convivas que continuavam a chegar. Quando já ninguém faltava, Andreas Vicario deu-lhes boasvindas num breve discurso, convidando-os a beber e comer, e abriu o baile. Logo giravam os casais pelo centro do salão, em graciosos minuetos, a orquestra redobrada de animação. Muito riso, muito flerte, os homens murmurando aos ouvidos das mulheres, outros tomando-as pela cintura, a declamar-lhes versos. Luciana não tardou a ser rodeada de admiradores. O embaixador não se cansava de discorrer na pequena área a ele reservada, rindo quando debochavam do seu italiano, ao tentar exprimir-se nessa língua. Dampierre, usando um talher como pincel, piscava o olho observando um esboço de Veronese, entre as duas estátuas de escravos. A loggia de Vicario era um jardim de delícias. As conversas tornaram-se mais animadas, exclamações de alegria brotavam de toda parte, não cessando de aumentar. As danças sucederam-se durante horas; grupos tinham se formado, alguns se dirigiam aos salões vizinhos. Pietro observava Monsieur Villedieu. — Madame — dizia ele, beijando a mão de uma morena misteriosa — parece dispor de tantos encantos que faria empalidecer as mais belas da Europa. E, pode crer-me, sei do que falo. Quanto à senhora — e se virava para uma loura com sorriso devastador —, é bem simples; a senhora é seu reflexo na sombra, ou melhor, a considerar o ouro de seus cabelos, diria que não é nem reflexo nem sombra, mas sim o maravilhoso sol. Estou diante de dois astros, duas estrelas e não sei qual delas pode realizar as mais belas revoluções. As duas bundas — quer dizer, as duas bandas de uma moeda que, sozinha, vale mais que todos os tesouros do mundo. Imaginem então meu dilema, senhoras! Como

decidir-me entre a água e o fogo? Permitiriam-me provar uma e outra? Fez uma reverência, rindo em falsete e levando a mão à boca. Diante dele, as duas cortesãs inclinaram-se, sorrindo com afetação. A festa continuava, a noite estava no auge. Durou o jogo ainda algum tempo, quando enfim o embaixador, observando o resto da sala, julgou oportuno o momento para deixar a loggia e aventurar-se por trás das cortinas púrpura que levavam aos quartos. Certo de uma vitória fácil e tão astuciosamente preparada, adiaava, com deleite o momento final. Vicario havia ainda reservado uma surpresa; liberou duas redes, habilmente dissimuladas no teto, e uma nuvem de pétalas caiu como uma cortina ondulando sobre os convivas, rosas brancas e vermelhas vinham atapetar o piso de mármore, a dança recomeçava e voltavam a se reunir em volta do bufê. Atiravam, aos risos, arroz e serpentina. Alguns copos foram derrubados e escorregava-se nas poças de vinho. Criados solícitos ocupavam-se, aos pés dos farristas, em elidir os estragos. Bem, pensava Pietro, ainda não ouvi nada que pudesse ser útil à minha causa. Duas horas antes do alvorecer, o embaixador ainda pavoneava, alisando as plumas. Os convidados se haviam dispersado, cessara a dança, a cansada orquestra limitava-se a tocar alguns trechos de tempos em tempos, sem convicção. A maré tinha baixado tão rápido quanto subira, no início da noite. Grupos de dois ou três, junto às cortinas, conversavam em voz baixa, mas os salões começaram a esvaziar-se. Alguns partiam, outros achavam refúgio nos quartos e alcovas. Andreas Vicario havia preparado vários aposentos dos apartamentos no andar de cima para os amantes de uma noite. O embaixador, a seu turno, foi desaparecer por trás das cortinas, acompanhado das duas cortesãs. De tanto vagar e observar, Pietro reconhecera já metade dos agentes da Quarantia. Fez um aceno de cabeça aos companheiros e seguiram discretamente os passos do embaixador. Teve tempo de perceber Emilio Vindicati que, durante todo esse tempo, não deixara o vestíbulo. Pietro atravessava os salões quando uma das mãos se lhe deteve no veludo de um canapé. Ouviu distintamente sussurros e suspiros. Elevando os olhos por cima de uma poltrona, viu uma mulher, estendida num tapete com uma perna levantada, tomada de assalto por um fantasma mascarado. Sorria, as maçãs do rosto rosadas de prazer, as mãos percorrendo as costas do homem que a satisfazia. Pietro levantou a sobrancelha. Um pouco mais afastado, outro homem estava de pé, o rosto semi-coberto pelas cortinas, uma cortesã ajoelhada à sua frente. O embaixador subira ao quarto que lhe fora reservado. Pietro galgou a escadaria e viu o francês desaparecer com as duas companheiras. Uma porta se fechou e Pietro, com um fatigado suspiro, aproximou-se. Lá

estava de novo escutando atrás das portas. A imagem do padre Caffelli na casa Contarini e os versos do Minueto da Sombra, passaram-lhe, de relance, pela mente. Outro suspiro. Ali estava, à porta desse embaixador que não apreciava, fitando as próprias botas lustradas. Ele, Orquídea Negra! Pietro Luigi Viravolta de Lansalt transformado num vulgar lacaio! Por tal sujeição o condenava, vez por outra, o querido Landretto. Experimentou, de repente, uma onda de simpatia, pensando nas torpezas que, por vezes, ousava infligir ao rapaz. Passou a mão pela nuca. Em breve precisaria partir, alguém ocuparia o posto e basta! Enquanto montava guarda, a procissão de máscaras do baile que chegava ao fim invadiu-lhe o espírito. Máscaras. Um atordoante jogo de máscaras; uma analogia totalmente apropriada com a situação em que se encontrava há alguns dias. Carnaval. Ouviu os primeiros suspiros; agitou-se nervoso. Depois outros gemidos. Mas, dessa vez, não se tratava de gemidos de prazer. Reconheceu a voz de Luciana. Ah, não. Ela pedia socorro. Pietro alarmou-se. Desesperado, tentava descobrir de onde vinham os gritos. Escancarou uma porta. Uma mulher cavalgava o amante; tinha mantido a máscara. Outra porta — não, ainda não. Mais outra... Estacou. Um homem voltou-lhe o rosto. Estava junto à sacada com vista para o canal, vestido de larva com tricórnio e bauta, longos véus negros descendo-lhe até os ombros em volta da máscara branca. Ao ver Pietro irromper no quarto, virou-se com rapidez, a capa ondulou e de um salto agarrou-se à grade e às pedras da fachada, com surpreendente agilidade. Pietro precipitou-se, aos brados. Podia ouvir gemidos estrangulados; Luciana estava pendurada no balcão. A seus pés, o homem havia amarrado uma rede cheia de rochas negras, da qual não conseguia desvencilhar-se. Dividida assim entre a tensão da corda e a exercida pelas rochas, levava as mãos crispadas à garganta arquejando em agonia. As tranças da corda partiam-se sob o efeito do peso. Pietro precipitara-se, mas já demasiado tarde. Com ruído seco, a balastrada de madeira cedeu e a corda lhe escapou sibilando, cortando-lhe as mãos até sangrarem. Gritou de dor, em desespero. Luciana acabava de cair; a cabeça bateu contra o parapeito do cais, alguns metros abaixo e afundou ao atingir o canal. Dois homens atônitos — provavelmente agentes da Quarantia atraídos pelos gritos

— mergulharam para tentar salvá-la. Pietro, suando, levantou os olhos. Agarrou-se nas grades e subiu, como pôde, em direção ao teto, arrancando a máscara que ainda trazia sobre os olhos e já se ia levada pela corrente do canal. Oscilou por um momento no topo da villa Vicario. Recuperando o equilíbrio, atingiu um dos terraços de madeira aonde as mulheres venezianas se aqueciam ao sol, para clarear os cabelos. Recostou-se numa

chaminé para retomar o fôlego, olhando em todas as direções. A aurora nascendo o fez entrever a sombra do fantasma que fugia pelos tetos contíguos, no meio de florestas de fumaioli de onde nenhuma fumaça saía. Pietro saltou e, já do terraço vizinho, o pulo seguinte se fazia mais perigoso; cerca de três metros separavam os beirais. A capa do assassino misterioso — um dos Estriges, sem dúvida — voava-lhe às costas quando ele girou e estendeu o braço. Um estrondo; o homem atirava com sua pistola de pólvora. Pietro se deitou no terraço, quase escorregando no vazio. Foi o momento azado para o fantasma descer pela parede da villa. Pietro seguiu em seu encalço e chegou à borda do teto a tempo de ver o assassino tentando alcançar o solo em segurança. Abriu o casaco, pegou as pistolas no cinto e mirou no fugitivo. — Messer! — gritou. O outro parou, ergueu os olhos. Trocaram um olhar, paralisados. Na pressa, porém, de atingir o chão, o mascarado perdeu o apoio. Tentou, em vão, agarrar-se, uma das mãos a debater-se no vazio. Depois, perdeu definitivamente o equilíbrio e caiu com um barulho surdo. Ofegando, Pietro desceu, cuidando para não seguir a mesma trilha. Aterrissou finalmente no calçamento da ruela onde o fugitivo estava estendido. Curvou-se e o agarrou pela gola. Sob a máscara, um rubro filete lhe brotava da boca. — Seu nome — disse Pietro. — Diga seu nome! O fantasma soltou um soluço, seguido de um vago sorriso, os dentes brilhando na aurora. — Ramiel — anunciou. — Da ordem dos Tronos. Ainda sorria, até a mão crisar-se num espasmo sobre o ombro de Pietro. O corpo enrijeceu-se, antes de afrouxar. A cabeça bamboleou e tombou de lado, expirando. Pietro levantou-se e enxugou a fronte suada, deixando o cadáver no calçamento. Eles estavam lá. E tinham assassinado Luciana.

CANTO XII

AVAROS E PRÓDIGOS

Quarto Círculo: Avaros e Pródigos rolando rochedos e entrechocando-se. A rica viúva Luciana Saliestri foi retirada das águas escuras pelos agentes da Quarantia. O canal era fundo, para dar passagem aos barcos. A dragagem foi realizada o mais rápido possível e, ainda assim, demoraram a localizar o corpo. Não tinha importância; estava morta antes de afundar, sob o efeito conjugado da corda que lhe ferira o pescoço e da queda contra o peitoril do cais. Ao ver o cadáver retirado das águas, Pietro nela reconheceu os ares de Ofélia, a água escorrendo dos longos véus, o rosto lívido, a boca aberta como a de um

peixe morto. As pedras ficaram no limo, submersas. Gôndolas negras cruzavam o canal, fúnebres, silentes. Numa parede do quarto onde Pietro surpreendera o agressor, encontraram a inscrição ritual que dessa vez dizia Todos foram tortuosos na mente; em sua terrena vida ignara nos seus gastos não foram judiciosos. Luciana. Luciana, cuja fortuna fora dissipada em toaletes elegantes para torná-la ainda mais atraente; a fortuna herdada do marido, negociante de tecidos, célebre em sua época pela avareza — exatamente como Pantaleão, o personagem da Commedia deWarte. A voz melodiosa da jovem ressoava ainda nos ouvidos de Pietro. Que sua alma repouse em paz! dissera a propósito de Messer Saliestri, o falecido marido, de quem dilapidava a herança. Sabe, o pobre anjo só pensava em negócios e dinheiro. Era um avarento. Comigo é o inverso, tenho um gosto infalível para outro tipo de comércio ao qual não tenho coragem de me recusar. Quisera sempre ser livre, ela cujo frescor e juventude tinham virado a cabeça do senador Giovanni Campioni e de tantos outros, em breve se acharia a seis palmos sob a terra, tendo os vermes por companhia. Outra espécie de prodigalidade da carne. Abatido, Pietro continuava sentado, recostado na parede, a alguns metros da entrada principal da villa Vicario, com Landretto. Emilio Vindicati conversava com o anfitrião, enquanto os agentes da Criminale, exaustos, foram convocados a interrogar cada um dos participantes do baile. Pietro estava convencido de que isso não os levaria muito além das poucas "pistas" precedentes. Luciana. Efêmero Dominó. Assassinada. Mais um crime. Pietro não estava em condições de refletir. Lamentava não ter mantido a cortesia por perto; mais ainda, provavelmente a pusera em perigo, por querer brincar de recrutador. À simples idéia de que tal sorte pudesse — e ainda podia — caber a Anna Santamaria, sentiu o sangue congelar. Agora chega! Era preciso advertir Emilio do que descobrira no escritório de Ottavio. Culpava-se, Luciana não merecia isso, sua morte poderia ter sido evitada. Tivesse ele mais presença de espírito, tivesse falado antes. Teve vontade de vomitar, de chorar. Quanto ao embaixador, adormecera nos braços de suas venezianas, feliz como criança, prostrado pelas proezas sexuais e pelo álcool. Nada ouvira de todo o rebuliço. A certa altura, apareceu nas escadas da villa, em sua fantasia de pavão, os olhos sonolentos. Assistia às manobras de resgate do corpo e soltava exclamações horrorizadas até Emilio tranquilizá-lo e mandá-lo embora, sob escolta armada, para sua residência oficial em Veneza. Um rude golpe para as boas relações diplomáticas! Mas Vindicati saberia encontrar uma explicação e o embaixador se deixaria persuadir de que tudo não era assim tão terrível. Quanto ao pintor, desaparecera na noite, provavelmente para ir se

deitar. Os Pássaros de Fogo davam andamento à vasta maquinação. E enquanto todos os olhos se voltavam para Pierre-François de Villedieu, abateram Luciana. Pelo rumo que os acontecimentos tomavam, o senador Giovanni Campioni tinha todas as chances de ser o próximo da lista. E, até o momento, os aliados do doge continuavam em desvantagem, a começar por Pietro. Il Diávolo os conduzia a seu belprazer, pois conhecer as penitências associadas aos círculos dantescos não bastava para adivinhar a identidade das futuras vítimas. Nesse jogo, o Conselho dos Dez arriscava-se a sair sempre perdedor. Orquídea Negra enfiou a mão no bolso para examinar a última descoberta. Tivera tempo para inspecionar seu "fantasma", Ramiel, da ordem dos Tronos. Nada encontrara; nada, a não ser essa carta que fazia dançar sob o olhar. Uma carta de tarô. O Diabo, naturalmente. Parecia feita para a ocasião. Via-se Lúcifer, diante de uma espécie de orbe zodiacal, convocando as Nove Legiões descritas por Raziel nas Forças do Mal, três das divisões encobertas pelo corpo da Besta. A mão direita, nodosa e retorcida, sustentava uma mulher pendurada com pedras amarradas aos pés; à sua esquerda, uma forma indistinta rolava uma rocha. Mais uma vez a Quimera se prestava a metáforas, ora transparentes, ora turvas. E, mais uma vez, ela ou seus emissários surgiam como uma sombra evanescente, atacavam e desapareciam, sem deixar ao adversário a menor chance de reagir. Botes de serpente. Pietro voltou à carta de tarô. A cara do Diabo era assustadora, os olhos faiscando sob os chifres de bode. Pietro, que no passado havia se entregado a todos os jogos de cartas e a todas as formas de astrologia, estava acostumado a esse gênero de representação. Dessa vez tinha o estranho pressentimento de que a "mensagem" lhe era dirigida. Levantou os olhos quando o amigo Emilio Vindicati se aproximou. — A identidade de seu fantasma estirado na ruela é desconhecida, pelo menos por enquanto. Sabia, Pietro, que a fortuna de Luciana Saliestri era ainda maior do que podíamos imaginar? Decididamente, tinha obrigação de acender várias velas para o marido. Era também tão perdulária quanto ele era sovina. Isso, com certeza, deve ter divertido Il Diávolo. Teria medo que ela confessasse algo a você? Pietro levantou-se, exausto. E ainda tinha um momento difícil em perspectiva. — Você deveria repousar — prosseguiu Emilio. — Eu também vou tirar algumas horas de sono. Precisamos descansar. Pietro suspirou. — Sim, irei daqui a pouco. Antes, Emilio, tenho algo a lhe dizer. O tom intrigou Vindicati. Que catástrofe haveria de lhe anunciar, agora? — Com efeito, Luciana falou comigo. Imagine que ela recebia, ocasionalmente, a visita de alguém, alguém que não gosta nada de mim. Emilio franziu o cenho. — Você quer dizer... —

Sim, meu amigo, quero dizer Ottavio. E não é tudo. Preste atenção, o Conselho dos Dez deve definitivamente convocá-lo ao palácio. E, se possível, organizar uma busca surpresa na villa de Santa Croce. Sem demora, Emilio. Ele pode desconfiar. — Espere, espere. De que está falando? Pietro, por acaso...? O rosto se iluminou e quase imediatamente voltou a ficar sombrio. — Você a viu. Você a viu, é isso? Foi procurá-la! — Era uma pista, Emilio! Era preciso! Tive acesso ao escritório de Ottavio! Descobri plantas incompreensíveis que faziam menção a Minos! Não pode ser coincidência, Emilio! Vindicati meneou a cabeça. Não acreditava no que ouvia. Empalidecera. A fadiga da noite e os últimos acontecimentos começavam a abatê-lo. — Pietro, está tentando me dizer que foi à casa de Anna Santamaria? Que mexeu, de maneira ilícita, no escritório particular do senador? Você, você foi ao único lugar onde... Não, devo estar sonhando! — Emilio, você me escutou? — E VOCÊ, Pietro, me escutou? Pelo amor de Deus! Você me fez um juramento! Estava realmente colérico. Fuzilou Pietro com o olhar. — Ottavio está envolvido, estou convencido! É sério, Emilio! É preciso realizar uma busca em sua casa, esta manhã mesmo! — Vamos! Acha que posso virar sua villa de pernas para o ar com um simples estalar de dedos? Você me falando de busca? Mas com que provas, Pietro? Com base em suas alegações? As alegações do Orquídea Negra, o prisioneiro que tirei do cárcere e que me retribui dessa forma? O Orquídea Negra que me prometera esquecer a Santamaria? O Orquídea Negra, inimigo jurado de Ottavio? Mas vou passar por fanfarrão, sem dúvida! Quem acreditará que não está tentando vingar-se? Quem acreditaria...? —

Mas eu sei o que vi Emilio, não sonhei! — E você viu o quê? — exclamou, abrindo os braços. Plantas! Formidável! E o nome de Minos! Desde a morte de Spadetti, esse nome está em todas as bocas de Veneza! Pietro, onde estão as provas? O que me disse não levanta um pinga de suspeita! O que quer que eu faça? Que em nome do Orquídea Negra mande os inquisidores buscar Ottavio à força? — Afinal de contas, estaria se fazendo justiça, Emilio. Pietro pegou Vindicati pelo braço. — É preciso confiar em mim. Ottavio é a pista mais concreta que temos. Fatigado, o maxilar contraído, Emilio olhou o agente por um bom tempo. Depois, moveu negativamente a cabeça, suspirando. — Vou tentar conseguir uma reunião com a Criminale no palácio. Mas em segredo, Pietro. E você não participará. Compreende? Ninguém pode saber que está por trás disso. Senão, perdemos o pouco que nos resta de credibilidade. E não posso me arriscar a expor-me ao ridículo. Solto um palavrão. — Não, isso já não posso! — Evidente. Mas não o deixe solto! Ele é um dos Estriges, tenho certeza! Talvez o próprio Diavolo! —

Ottavio, Il Diávolo? Claro, claro, com certeza. Emilio suspirou. — E agora, Pietro, diga-me o que pretende fazer. — Vou encontrar um velho conhecido. A mão de Pietro brincou novamente com a carta de tarô no bolso. Levantou a gola do casaco. Nuvens escuras, a chuva caía. — Fregolo, um cartomante.

Andreas Vicario, em sua fantasia negra e prata, a máscara solar na mão, estava sozinho no meio da loggia deserta. Os agentes da Quarantia tinham recomendado não tocar em nada, até procederem à investigação. Andreas sorriu. Ao redor, pétalas de rosas, arroz, serpentinas, bandeirolas e guirlandas desfeitas cobriam o chão. O baile fora um sucesso. Manipulara, com o maior talento, as vítimas e os ridículos nobres. Não fora difícil realizar a farsa, era parte da sua natureza. Estava só em seu império e se felicitava pela nova demonstração de força. Em breve, o Grande Conselho tomaria conhecimento do ocorrido, era inevitável. A poucos dias apenas da Ascensão, Veneza estaria em plena ebulição. Todos haviam partido, os convidados, a Criminale, e tão logo recebesse autorização oficial, ordenaria aos criados colocar em ordem a casa. Apenas um detalhe saía errado, Ramiel fora descoberto e estava morto. Mas não havia evidência que levasse o Orquídea Negra e a Quarantia Criminale a conectá-lo ao crime. Talvez já alimentassem suspeitas a seu respeito, mas achava pouco provável. Andara investigando acerca desse Pietro Viravolta; tivera suficientes informações, o homem possuía uma reputação e tanto. Andreas compreendia sua forma de pensar. Não se satisfazia com verdades transparentes, embora a verdade lhe permanecesse ao alcance da mão — tão luminosa que brilhava como o sol. Minos olhou a máscara e soltou uma sonora gargalhada.

Em algum lugar nos confins do golfo Adriático, entre 16° de latitude Norte e 40° de longitude Leste, não distante do canal de Otrante, um jovem marinheiro descia da ponte para a cabine do capitão. Mergulhou alguns passos na escuridão e abriu uma porta depois de bater três vezes. Atrás de sua mesa, o capitão envergava a jaqueta militar azul com dragonas, botões dourados e peruca, os mapas da região desdobrados aos seus olhos, sob o sextante e o compasso. O marinheiro o saudou e bateu continência, mas o capitão divagava, cansado das horas sem nada fazer. Pensava em Ancilla, sua querida Ancilla Adeodat que deixara em Veneza. Esperava rever em breve a sua doce mestiça, cujo corpo e alegria lhe faziam falta. Era uma questão de dias. E a novidade que lhe trazia o marinheiro confortou-o, reafirmou-lhe a convicção. — Uma delegação da Santa Maria vem

nos visitar, meu capitão. Três oficiais chegaram de barco, há pouco, para entregar-lhe isso. E as fragatas já se aproximam. O capitão pegou a carta, abriu-a e leu rapidamente. Um sorriso desenhou-se no rosto. Olhou o marinheiro, mordeu o lábio e disse: — Bem. Inútil fazê-los esperar. Encontro-o na ponte. Alguns instantes depois subia, a madeira úmida estalando sob seus pés. Grumetes esfregavam e lavavam as tábuas em volta, sob um sol escaldante. Luneta na mão, aproveitou a leve brisa, elevando os olhos ao céu límpido enquanto reabituava-se à súbita luminosidade. Encheu os pulmões desse ar salgado que exercia sobre si o efeito de uma bênção, reanimando-o. Acima, marinheiros balançavam suspensos nas enxárcias, mastros e cabos, como gaivotas. O capitão contemplou o horizonte na direção da enseada da ilha de Corfu, onde os navios estavam atracados. Depois foi ao encontro da delegação da Santa Maria. Passou subrepticiamente a mão pela jaqueta, acariciando as condecorações que a ocasião lhe permitia exhibir. Com a outra, apertava o punho do sabre que pendia ao lado. Em pouco tempo, estava diante dos três oficiais da Santa Maria. Tivera início a verborréia enfadonha. Discussões e acertos duraram quase meia hora. Em seguida a delegação desceu ao barco e partiu em direção à própria galera. O capitão os viu afastar-se, antes de reunir a tripulação e dar as últimas instruções e palavras de encorajamento. Ao marinheiro a seu lado adiantou: — O encontro com os navios de guerra de Von Maarken terá lugar na costa de Palagruza. Depois respirou satisfeito. — Adiante! Levantou os olhos para o mastro principal. —

Icem as velas! Vamos partir. Homens escalaram as cordas em direção à gávea, outros tomaram lugar nos remos e no leme. As velas imensas lentamente enfunavam-se, grumetes abandonaram os baldes para acorrerem às amarras, crescia o som ritmado dos remos sobre a água. Não longe, a Santa Maria também se aparelhava. Houve gritos, risos, exclamações, cantos por muito tempo contidos. O navio inteiro estremeceu, as velas se encheram de vento, a proa cinzelada na figura de sereia cortou as águas. Da proa à mezena, verificavam-se balas e canhões. Na cabine do capitão, sextante e compasso agitavam-se sobre os mapas abertos. Majestosas, banhadas pelo sol, a Santa Maria e a Jóia de Corfu, ladeadas por duas fragatas, pássaros brancos perfiladas no mar de azeite, deixaram o litoral rumo ao alto-mar. Algum tempo mais tarde, em Palagruza, em pleno Adriático, duas outras galeras e quatro fragatas suplementares a elas se juntaram. E a armada cruzou rumo à Sereníssima.

Após poucas horas de um sono pesado e agitado por pesadelos, Pietro vestiu-se e partiu

com Landretto ao encontro de Messer Pietro Fregolo, que atendia na rua Vallaressa, a dois passos da praça San Marco. Fregolo era um astrólogo admirado e consultado pelas cabeças coroadas. Pietro também já fizera uso dos seus talentos como astrólogo, quando o senador Ottavio, num passado que lhe parecia sempre mais distante, o tomara sob proteção. Mas esse gênero de "profissão" era cuidadosamente vigiado pelo Estado. Fregolo atendia nos fundos de uma loja cuja frente era bem mais respeitável. Sua atividade principal consistia na venda de móveis, "estratagema" que a ninguém enganava, mas permitia-lhe relativizar a importância de sua segunda ocupação, da qual debochava com os céticos, ao passo que a levava extremamente a sério junto aos clientes. Depois de uma olhada na famosa placa verde com letras douradas, Pietro entrou. Como esperava, encontrou Fregolo atrás da mesa, em meio a secretárias de madeira lustradas, armários com portas marchetadas e outras peças, o ambiente rico e aconchegante cheirando a madeira e a cera. Pietro expôs resumidamente a razão da visita, enquanto Landretto errava entre a mobília, divertindo-se em descobrir e abrir as pequenas gavetas secretas. Ao escutar Viravolta, Fregolo franziu o cenho e assumiu um ar grave. Convidou os dois a segui-lo, indicando com a mão os fundos da loja. Abriu cortinas e convidou-os a sentar-se, já num aposento que em nada se assemelhava ao anterior. Cortinas azuis e negras, salpicadas de estrelas, cobriam as paredes. Mal se enxergava. Uma mesa redonda, recoberta por um dossel púrpura, expunha alguns tratados esotéricos que causavam grande efeito, bem como uma bola de cristal e um pêndulo artisticamente deposto num estojo de couro aberto. Pietro sorriu e cruzou as pernas; Fregolo pedia aos recém-chegados que esperassem, enquanto desaparecia por um ou dois minutos por trás de uma cortina. Voltou transformado, havia trocado tabarro e calça marrons por uma túnica, também estrelada, com mangas largas, lembrando um kaftan oriental, e um turbante. Tinha a barba grisalha cortada em ponta, sobrancelhas cerradas e um rosto enrugado. Uma espécie de doge, de bruxo dos astros. Pronto, o personagem entra em ação, pensou Pietro. Sabia a que ponto todo o aparato impressionava os espíritos crédulos. — Mostre-me essa lâmina. Pietro entregou-a e o cartomante examinou-a com atenção. — O Diabo. Essa carta foi pintada há pouco. É a primeira vez que vejo uma assim e não estou certo de que faça parte de um baralho completo. Mas, tendo em vista o que me contou, isso nada me surpreende. Com efeito, talvez tenha sido feita tendo-o em mente. O mito do Diabo assemelha-se em parte ao do dragão ou serpente. Costuma ser o décimo quinto arcano maior do tarô, situado entre a Temperança e a Torre. Simboliza a união dos quatro

elementos para a satisfação das paixões, seja qual for o preço. Na astrologia, corresponde à terceira casa do horóscopo. Representa em parte o contrário, não de Deus, mas da Imperatriz, que simboliza o poder e a inteligência soberana — ou a Vénus da mitologia grega. — Vénus simbolizando Veneza.... — disse Pietro ao criado. — Em geral, o Diabo simboliza o caos, o arremedo de Deus, as forças do mal; as mesmas forças que você notou com alusão às Nove Legiões. Mas a versão tradicional é diferente. Aqui ele está seminu, como de hábito, mas costuma estar sentado numa esfera sobre um pedestal de seis degraus. É hermafrodita, com asas azuis de morcego, um cinto vermelho abaixo do umbigo e patas providas de garras. A mão direita está levantada e a outra aponta para o solo uma espada sem punho nem guarda. Usa uma touca amarela, feita de crescentes lunares e cinco chifres de cervo. Dois diabretes ladeiam-no; um macho e uma fêmea, com cauda e chifres ou então coroados de chamas. O enforcado que vê aqui — ou melhor, a enforcada, com as rochas — e o espectro embaixo à esquerda, que empurra outras rochas, são puras invenções feitas para essa ilustração. Mas a alusão é evidente. As rochas são a imagem do pecado que arrasta a enforcada, enquanto o espectro as rola diante de si tentando delas se desembaraçar, como Sísifo, ou para mostrá-las ao mundo. — Faz idéia de onde pode vir essa carta? — Nenhuma — respondeu Fregolo. Pietro inclinou-se em direção ao cartomante. — Já ouviu falar dos Pássaros de Fogo? Essa fórmula mágica funcionaria com Fregolo? Certamente, pareceu preocupado, mas não assolado pelo vento do pânico, como acontecera com o padre Caffelli e o senador Campioni. Recostou-se na cadeira e fixou intensamente Pietro. — Digamos que tenho por hábito estar a par de diversas intervenções ocultas. — Dizem que o Diabo está em Veneza, Messer Fregolo... — É preciso levar essa crença muito a sério. — Suspeito ser um assunto político e me parece estarem alguns de nossos senadores envolvidos. — Apolítica — disse Fregolo — é um terreno de jogo privilegiado para o confronto entre o Bem e o Mal. Se lhe dizem que as trevas chegaram, isso não depende apenas do homem, mas da inspiração por trás disso. Essa inspiração, o próprio Lúcifer, não é apenas um mito, mas uma realidade. Não se recuse a aceitá-la; sairia sempre perdendo. É preciso preparar-se para o impensável. — Certamente, meu amigo, certamente. Mas o que sabe sobre os Pássaros de Fogo? — Trata-se de uma espécie de seita, não é? Alguns de meus clientes me falaram a respeito, por palavras encobertas. Um deles, acredito, é membro. Propôs-me, de modo subreptício, unir-me a eles. Mas não aprecio a conspiração nem a magia negra. Recusar o jogo das forças da sombra pode conduzir seu corpo à

morte, mas aceitá-lo é perder bem mais. É perder a alma, meu amigo. Pietro umedeceu os lábios; entendia perfeitamente o que o astrólogo queria dizer. — Esse cliente do qual falou, o que tentou fazê-lo participar da seita, quem é ele? Fregolo hesitou, coçando lentamente a testa. Ah, não! pensou Pietro. Dessa vez você vai me dizer! Não partirei antes de saber, mesmo que precise torturá-lo e obrigá-lo a comer uma por uma todas as suas cartas! Fregolo acabou por aproximar-se de Viravolta. Disse em voz baixa: —

Com efeito, como sugeriu, é um senador de Veneza. — Quem? — perguntou Pietro, franzindo os olhos e estirando o pescoço. — Seu nome é... Giovanni Campioni. Pietro, estupefato, virou-se para o criado. Landretto fez uma careta. Então é o outro.

QUINTO CÍRCULO

CANTO XIII

CARTOMANCIA E PANÓPTICA

— Não é verdade! Trata-se de uma abominável mentira, um complô, uma nova tentativa de me desestabilizar! O senador Campioni, sentado diante de Pietro, dos membros do Conselho dos Dez e do chefe da Quarantia Criminale, numa das salas secretas dos Piombi, desdobrava-se em recriminações ultrajadas, num esforço evidente para aparar o novo golpe. Era sábado e o Senado devia reunir-se dentro de algumas horas. Sua Excelência vestira o traje de arminho e a beretta. O rosto se lhe desfizera, haviam-lhe contado as circunstâncias da morte de Luciana Saliestri e ele parecia ter envelhecido uma década. A fronte pálida, encanecida, o olhar alucinado, febril. De quando em quando se interrompia, o pranto mal contido. Havia, no entanto, se transformado num suspeito principal. Restava apenas saber se Fregolo era confiável, mas o Conselho dos Dez e a Quarantia não podiam negligenciar indício algum. Mantinham-se sentados lado a lado, diante das mesas dispostas em semi-círculo, um verdadeiro tribunal. Ernesto Castiglioni, Samuele Sidoni, Niccolo Canova e outros, habilidosos urdidores da polícia secreta veneziana, também vestidos de cores escuras, carrancudos, pareciam prestes a cair sobre o pobre senador e destroçá-lo sem piedade, ao menor equívoco. Campioni representaria, teria tanto talento — ou seria sincero, como Pietro acreditava? Aquela altura já não tinha certeza. Mas a coisa era sem dúvida cômica. Pietro sabia que, naquele momento, numa sala vizinha, Ottavio devia estar sendo interrogado por Emilio Vindicati — duplo duelo contra senadores. Pietro enraivecia-se, daria tudo para se encontrar na outra sala, diante do

marido de Anna Santamaria. Estava certo de que Ottavio roubara o broche de Luciana encontrado no San Luca e de que ela havia sido assassinada por esse motivo. Quisera conduzir o interrogatório ao seu modo, sem todas as precauções que Emilio tomara em nome de um protocolo que não apenas se mostrava inadequado como também elástico. Queria, de fato, encurralar Ottavio. Sim, apesar das palavras de Fregolo, Orquídea Negra tinha a impressão de se enganar de inimigo. — Reflitam — disse finalmente Campioni —, suplico-lhes. — É esse broche no San Luca e agora essa carta de um jogo qualquer de fanfarrões a conduzi-los a mim! Tudo isso não lhes parece bem conveniente? Sou inocente! Podem acaso imaginar-me comandando um exército secreto para tomar o poder? Enlouqueceram?! — Nossos adversários já nos deram provas suficientes de sua perspicácia, Excelência, e de estarem afeitos a todas as estratégias. Veneza enfrentou pior, no passado; nossa bela cidade sempre excitou a cobiça. Quem nos garante que essa culpabilidade, transparente demais para ser verdadeira, segundo afirma, não terá sido orquestrada pelo senhor, por essa mesma razão? Vamos, não subestime nossa inteligência, estamos cansados de hipóteses, queremos fatos! O senhor bem conhece nosso poder, é pelo menos equivalente ao seu e o tempo urge. Tememos o pior, para a Ascensão. Vossa Excelência amava Luciana Saliestri, não é fato? — Oh! — exclamou Campioni, visivelmente emocionado, a ponto de levar uma das mãos ao coração. — Não misture a paixão mais pura a essas horríveis atrocidades. Como podem imaginar, um só instante, pudesse eu levantar a mão contra aquele anjo? Sua morte atroz me destroça com mais eficácia que uma malta de cães! — A "paixão mais pura" — ironizou Ricardo Michele Pavi, chefe da Quarantia. — Chega a ser cômico evocá-la, Deus a tenha! — uma cortesã que tinha por hábito entregar-se ao primeiro que viesse! Pietro tossiu. — Os crimes passionais são velhos como o mundo — continuou Pavi. — Não lhe roía acaso o ciúme dos outros amantes? Sabia que eram numerosos! — Sim, era um drama, com efeito, um drama que só dizia respeito a mim. Mas que importância têm meus sentimentos por ela quando se trata de perseguir os Pássaros de Fogo? Vá procurar seu cartomante e... — Nega ter usado seus serviços no passado? — cortou-o Vindicati. Diante da pergunta o senador baixou os olhos por um momento. — Eu... É verdade que fui vê-lo, umas duas vezes... Mas não tinha nada a ver com a política, era... Vendo o senador chafurdar, Pietro decidiu intervir. — Houve outros antes do senhor — disse de um tom menos incisivo. — E não menos ilustres; falo de Augusto e de todos os imperadores romanos. Não se inquiete quanto ao astrólogo. Se ele mentiu, estará a ferros ainda essa noite e,

dessa vez, não o soltaremos. O que queremos saber é o que nos esconde a respeito dos Pássaros de Fogo. Quem é Minos? Quem é Virgílio? Quem se faz chamar por Il Diávolo? Campioni voltou-se para Viravolta. — Sim, direi o que sei. Mas compreenda... Um dos senhores... talvez seja um deles. Foi demais para Niccolo Canova, um sexagenário gordo, mas aprumado como uma lâmina. Ergueu-se, por sua vez, despejando enfática chuva de perdigotos. — Não piore sua situação com acusações de tal gravidade, dirigidas àqueles que tentam salvar a República! Após um longo silêncio, Campioni voltou a baixar os olhos. — Ameaçaram-me, mas isso não é o mais grave (novamente, tentava obter apoio de Pietro); ameaçaram minha família e outros senadores, não posso assumir a responsabilidade de colocá-los em perigo. O senhor foi à villa Mora, em Mestre. Viu como são, não é? E eu mesmo lhe ofereci a chance de avaliar o perigo. O senhor talvez tenha perdido a chance de exterminá-los. São agora ainda mais fortes, são eles a ditar as regras. Eu sei que não vão parar. Novo silêncio. Muito bem! Vou contar tudo. Se eu tivesse mais informações, não demoraria a fazer a verdade aparecer! Os Dez, Pietro e o chefe da Quarantia eram todo ouvidos. Minos é membro do Grande Conselho, mas ignoro sua identidade. Suponho ter sido ele a tentar cooptar o astrólogo Fregolo, como fez com tantos outros. Os Pássaros de Fogo não são todos nobres, longe disso. Muitos são Cittadini, infiltrados nas administrações ou pobres, facilmente impressionáveis, fanatizados por um sonho que não existe. É bem provável que esse Ramiel, assassino de minha querida Luciana, fosse um deles. Não sei se os cabeças da seita dispõem de cúmplices no estrangeiro, mas é possível. Não têm rosto, o que os torna mais fortes. São mestres na arte da chantagem com o objetivo de obrigar-nos a aderir à causa, primeiro com pequenos presentes, promessas indignas e toda sorte de corrupção, depois pelo terror, quando a persuasão e o convencimento não surtem efeito. Colocamnos em situações inextrincáveis, como a que me encontro no momento. O golpe de Estado que preparam não tardará e os senhores têm razão em temer as festas da Ascensão; o momento poderá ser propício, o doge estará a descoberto. A mascarada da qual se cercam é um vasto engodo, destinado a fazer correr os boatos e a consolidar sua capacidade de intimidação. Sei, sobretudo, que um deles está instalado a dois passos das Procuratie, onde alugou apartamentos caros, dos poucos que permitem, de seu teto, dominar toda a laguna. Para quê, não saberia dizer. — Queremos nomes, Excelência — atacou novamente Canova. — Nomes! — Existe alguém... Alguém que julgo estar por trás disso tudo, e que... — Alguém que o senhor julga? Não queremos suposições, senador, mas nomes! Fez-se

um longo silêncio. Ninguém se mexia. Finalmente algumas palavras vieram brotar, num murmúrio, dos lábios de Campioni. — Falo do senador Ottavio. A assembléia foi tomada de agitação, ouviam-se exclamações. Canova afundou-se na poltrona e o olhar de Pietro se iluminou. Depois, novamente o silêncio. Campioni fechara os olhos, tocando mansamente o septo nasal. Quando voltou a olhar aqueles que o encaravam, tinha retomado um pouco da fleuma. Canova arqueou-se e inquiriu, a voz tremulante: —

Tem noção da gravidade do que acaba de dizer? Campioni assentiu. Suava. — Vá às Procuratie e veja. Ouça bem; haverei de tomar, daqui a pouco, meu lugar no Senado e, enquanto ali permanecer, não estarei seguro, em momento algum. Repito, em momento algum, pois não posso estar certo de que os negócios dos quais falaremos, as decisões tomadas, os relatórios não venham a ser ventilados àquela gente, ou pelo menos aos que conhecem o peso e a instabilidade dos negócios públicos. Concluiu: — Messere, há um ponto sobre o qual todos estamos de acordo; tudo isso durou demais. Devemos nos unir, não importam os riscos. Nem eu nem meus leais partidários, no Senado e no Grande Conselho, podemos mais fugir. Comprometo-me diante dos senhores a pressioná-los de forma que venham também a dizer tudo quanto poderiam saber. Os senhores terão seus nomes e poderão contá-los entre nossos aliados. Sei que a traição campeia mas, nesse ponto, devem confiar em mim. Haverei de trazê-los a nós e conduziremos o combate com todos os meios de que dispomos, mesmo se tudo tiver de ser levado a público. O doge acolhe o embaixador da França, é lamentável, mas afinal de contas, ele também pode estar ameaçado. Creio ser preciso colocar toda Veneza a par. Não cessarei de clamar aquilo em que sempre tive fé; há que se confiar no povo desta cidade que, como se lembram, já enfrentou outras provações. Mesmo sob os adereços e a alegria do carnaval, o povo sabe perfeitamente onde está o seu interesse. Esta última alusão foi recebida de várias maneiras pelos membros da assembléia; para alguns, em quem o medo do povo ainda vivia e a lembrança do doge Falier ainda não se achava tão apagada, as palavras do senador pareciam suspeitas. O nome de Ottavio ressoara como algo inesperado e outros começavam a ficar razoavelmente convencidos. Deliberou-se e, ao cabo de uma hora, pôde Giovanni Campioni dirigir-se à sala do palácio onde a sessão oficial do Senado começaria. Tinham-no escutado, a ele, que não podia ignorar os riscos que qualquer falsidade para com os Dez e a Quarantia faria pesar sobre sua cabeça. Tinham portanto um plano; era hora de recolher as ovelhas desgarradas e cerrar fileiras. O cartomante Pietro Fregolo foi preso imediatamente, para interrogatório,

a despeito do ceticismo quanto a suas possíveis confissões. Teria ele se comprometido em suas declarações? Ricardo Pavi, chefe da Criminale, voltou-se para Pietro. — Acredita que ele disse a verdade? — Acredito. Não penso que ele possa agir com duplicidade. Precisamos é de Ottavio. Pavi era o superior direto de Brozzi, o médico perito da Quarantia. Tinha apenas 30 anos, mas os olhos ardentes, o semblante carregado, e era reputado pelas posições reacionárias. Aqueles que o conheciam murmuravam que, em certas circunstâncias, não hesitava em conduzir ele próprio os interrogatórios. Tratava dos assuntos criminais com devotamente comparável à sua firmeza, impressionante capacidade lógica e um sentido de iniciativa que causava admiração aos políticos e magistrados venezianos, mesmo que estes últimos receassem seu rigor, por vezes excessivo. A desculpá-lo é preciso mencionar que presenciara o assassinato da própria mulher por um lanterneiro de Bérgamo, que mais parecia salteador de estrada. Depois disso, perdera toda a compaixão; só a satisfação do dever cumprido ainda o comovia. Pavi incomodava, mas não se podia duvidar de sua eficiência. Tinha a reputação de asceta e católico fervoroso. — Segundo Campioni, um dos Pássaros de Fogo se instalou nos apartamentos localizados perto das Procuratie... No número 10 da rua Frezzeria, a dois passos da loja de Fregolo, bem ao lado. Coincidência? Em todo caso, se Campioni disse a verdade, não deve ser difícil descobrir a identidade do locatário. — Irei agora mesmo — disse Pietro. — Mas diga-me, Mes ser... Seu semblante ensombrecou-se. —... O que aconteceu com as galeras do Arsenal? Pavi também se turvou, o rosto tenso. — Não sabemos mais. A Santa Maria e a Jóia de Corfu navegam em algum lugar no Adriático ou simplesmente foram a pique. Não podemos pôr a ferros todos os operários do Arsenal e nossas buscas se esgotam sem resultado positivo. Voltou-se para Pietro. — Vamos! Nossos agentes vão acompanhá-lo. Não demore. Pietro pegou o chapéu e se levantou. Assim que saiu da sala onde Campioni acabava de ser interrogado, precipitou-se ao encontro de Emilio Vindicati que, por sua vez, cumprira sua tarefa. — E então? Emilio deu um sorriso amargo, cerrando os punhos. — E então, e então! Ele nega, é óbvio! Não posso acusá-lo sem provas. Fui forçado a liberá-lo e, como temia, expus-me ao ridículo; ponto final. — O quê? Mas você sabe que nesse meio-tempo... — Sei, sei, por piedade! Eu sei! Mas Ottavio acusa Giovanni Campioni de manobras políticas! Não compreende? Nossos dois senadores acusam-se mutuamente e nos manipulam como bem entendem! Estamos colocados entre dois duelistas, debatendo-nos sem saída! Dessa maneira, em dois dias, transformaremos em inimigos todos os nobres; e nada temos para

combater, Pietro! Nada! O olhar do Orquídea Negra ensombreceu-se; trincou os dentes. —

Não. Nada. — Por piedade! — disse Emilio ao ver Pietro afastar-se com passos apressados. — O que pretende ainda fazer? — O que você me ensinou — disse Pietro, em tom irônico. — Improvisar.

Os apartamentos mencionados por Giovanni Campioni, no número 10 da rua Frezzeria, ficavam nas dependências de um palácio de propriedade de Lucrèzia Lonati que reconheceu ter negociado, no outono precedente, o aluguel do terceiro andar, bem como a livre utilização do terraço, com um homem que se dizia habitante de Florença e identificou-se apenas como Messer Sino. M. Sino. Um anagrama de Minos, como Pietro imediatamente reconheceu, entediado. A Sra. Lonati conduziu Viravolta e dois agentes ao terceiro andar enquanto os outros esquadrinhavam seus registros. Chegaram diante de grandes portas claras, enquanto ela informava ficarem vazios os apartamentos na maior parte do tempo. Vira, certa feita, o misterioso locatário receber uns tipos com máscaras carnavalescas e chapéus tricórnios, a carregarem inúmeras caixas de madeira escada acima; Lucrèzia as supusera bagagens desse M. Sino, provavelmente um cavalheiro importante em Florença, motivo pelo qual não se sentira à vontade para bisbilhotar. Segundo ela, os mascarados ficaram lá um dia inteiro até desaparecerem. Certamente ficara curiosa, dada a estranha aparência dos lacaios, mas M. Sino pagava bem e adiantado. Deixou de lado a curiosidade. O ocupante voltara bem raramente, sempre acompanhado de sujeitos enigmáticos. A descrição correspondia a físicos absolutamente comuns, nada proporcionando aos agentes do governo além de informações sem importância. A Sra. Lonati sabia que não havia ninguém nos apartamentos; mesmo assim, bateu antes de enfiar a chave na fechadura. Pietro e os dois agentes entraram num local luxuoso, composto de quatro aposentos de iguais dimensões. A atenção voltou-se de imediato para o segundo. Landretto, farto de esperar o patrão, subiu ao seu encontro, logo seguido pelo resto da tropa. Revistaram meticulosamente os apartamentos. Avante. Começo a me faltar de andar em círculos. O aposento que atraía a atenção de Pietro era mobiliado com todo conforto. Três poltronas dispostas sobre um tapete oriental; numa parede, pequena biblioteca onde figuravam algumas obras sem interesse — mesmo assim examinadas página por página, antes de sacudidas. Na parede oposta, um mapa detalhado de Veneza que, segundo a Sra. Lonati, não se encontrava ali antes. Não arrumava o apartamento há semanas, atendendo a ordens expressas do locatário, o que

muito agradava os empregados. Lucrèzia havia mais uma vez fechado os olhos diante da abundante soma a encher-lhe os bolsos. Uma camada de poeira cobria chão e móveis. No aposento vizinho, as caixas trazidas pelos "lacaiois" desconhecidos; vazias todas. Ao lado de um mapa-múndi, perto das enormes janelas dando para as Procuratie e a praça San Marco, descobriram instrumentos curiosos e miniaturas de caixões, talhados em madeira negra, de uns cinco centímetros de comprimento, cada qual com uma cruz e um nome gravado. Marcello Torretone. Cosimo Caffelli. Federico Spadetti. Luciana Saliestri. Viravolta sufocou um grito de estupor. Ali estavam catalogados os quatro primeiros assassinatos mas, naturalmente, o inimigo não fizera a gentileza de anunciar os seguintes. A alguns passos, meia dúzia de equipamentos bem singulares. Orquídea Negra curvou-se. — Eis o que se encontrava nas caixas, talvez — disse para Landretto. — Interessante, muito interessante. Telescópios em tripés, todos dirigidos para as janelas. Landretto aproximou-se de um deles e colocou o olho. Viu apenas a parede à frente ampliada. — Não se vê nada! — disse, limpando a objetiva e tornando a olhar pelo orifício. Pietro o imitou. Os dois tentaram mudar a direção dos instrumentos, mas estes sempre apontavam para a parede ou para o céu enevoado. Pietro ergueu-se e refletiu. Voltou-se para Lucrèzia e os agentes. — Que é isso? — perguntou ela. — Ajudem-me. Vamos subir ao terraço — ordenou Pietro aos homens da Quarantia. Giovanni Campioni não se enganara. O prédio era um dos mais altos de Veneza, onde as casas raramente ultrapassavam dois andares. Dali podia-se ver o Campanile, a Torre do Relógio e a laguna até San Giorgio e a Giudecca, assim como os diferentes sestieri de Veneza, de San Marco a Canareggio e Santa Croce. Pietro mandou dispor os telescópios em vários locais do terraço e o que descobriu não tardou a confirmar seu medo. Empalideceu. Meu Deus, perdi o hábito de Vos invocar, mas o faço agora. — O que é? — perguntou Landretto. — O que eu temia. De que é feito um telescópio, Landretto? — Um telescópio, bem, que pergunta... Pietro afastou o olho da luneta. — Vou dizer. Um telescópio é composto de lentes de vidro. Pequenos espelhos côncavos. Abriu os braços: — Veneza está coberta por doze mil ducados de lentes de vidro. Não demorou muito para confirmarem a teoria de Pietro. Era incrível. Descobriram uns quinze apartamentos alugados no mesmo período e em condições análogas a personagens com nomes falsos: Semiaza, Abaddon, Asmodeus, nomes dos anjos da Força do Mal, nos prédios mais altos da cidade. Cada um dispunha de um terraço semelhante onde foram descobertos outros telescópios. Ora, dependendo do local onde estivessem colocados, mergulhava-se no interior das casas das mais

importantes famílias patrícias da laguna, na intimidade dos casini, nos jardins do Broglio, até mesmo nos apartamentos do doge! Minos estendera por toda parte uma rede assombrosa e de extrema complexidade através da qual algumas lentes, astuciosamente dispostas sobre um teto ou uma chaminé, controlavam o frontão de uma villa, captavam a ondulante imagem no espelho d'água de uma bacia de fonte abandonada, serviam de retransmissores ao observador para espiar as alcovas mais inacessíveis. A engenhosidade da disposição era tal que esse gigantesco panóptico transformava a cidade inteira num vasto salão de espelhos e reflexos ópticos graças a cálculos inimagináveis e conhecimentos extraordinários. Panóptico, pensava Pietro lembrando-se dos planos que entrevira no escritório de Ottavio. Os desenhos elaborados que deviam ter servido de esboço a essa instalação desfilavam novamente diante de seus olhos; folhas rabiscadas com rosas-dos-ventos, números e equações cruzadas, flechas assassinas. Um olho, um olho onipresente perscrutava Veneza! Os apartamentos foram interditados, os proprietários interrogados sem descanso. Agentes da Quarantia invadiram todos os sestieri, todas as paróquias. Rumores espalharam-se pelas ruas de Veneza, não se falava noutra coisa. As novidades mais sombrias, misturando fantasia e verdade, circulavam nas Mercerie, espalhavam-se como rastilhos de pólvora sob as arcadas das Procuratie e do Rialto à Terra Ferma. Uma sombra desconhecida, imensa, cobria a cidade dos doges; ninguém estava a salvo, ninguém tinha mais privacidade. Em breve a quietude veneziana terminaria. Em suas camas, nobres e pobres tremiam de medo. — Que vigilância mais eficiente poderia haver, Landretto? Uma vigilância cujo objeto não tem consciência de ser observado. Com certeza, Ottavio não pôde planejar tudo sozinho. E Landretto voltou-se para o patrão: — Então, ainda duvida que o Diabo em pessoa esteja em Veneza?

CANTO XIV

OS COLÉRICOS

A sala do Grande Conselho era a maior do Palazzo Ducale; cerca de dois mil membros do Maggior Consiglio, cobrindo um espaço de mais de 50 metros de comprimento. O doge tomara o lugar ao lado dos membros de seu Conselho Privado, dos Dez e do chefe da Quarantia Criminale, acompanhado por Antonio Brozzi. Atrás deles, o famoso Paraíso de Tintoretto, pintado em 1590, uma das maiores telas a óleo do mundo, transbordante de personagens e alusões simbólicas. Palma il Giovane e Bassano pintaram os afrescos do

teto e, no arco central, em formato de coração, Veronese pintara A Apoteose de Veneza. Pietro a contemplava, pensando na sombria ironia do título, num momento tão difícil quanto aquele. Ao chegar à praça San Marco, uma hora antes, cruzara com uma multidão em fila diante da basílica. Percebera a figura de Eugène-André Dampierre, o pintor francês, pavoneando-se sob as faixas multicores que anunciavam a exposição de suas obras, instaladas no átrio, como previsto. O doge deveria, mais uma vez, fingir que nada acontecera, ao encontrar o embaixador da França para a inauguração oficial, a ser realizada durante o dia, com a bênção dos clérigos de San Marco. No momento, contudo, o ambiente não era de regozijo. De ordinário, o Grande Conselho reunia-se aos domingos e dias santos, as sessões terminando às cinco, quando Loredan punha termo às audiências e encerrava as magistraturas. Discussão que não tivesse sido concluída era adiada. Fosse grave ou premente a questão, diariamente se reuniria o correzione, como era chamado o Grande Conselho. Com efeito, a sessão dessa manhã de terça-feira assumia tal caráter excepcional. Todos os nobres de Veneza estavam lá, formais e afetados, ridículos com as grandes perucas e veste negra ou vermelha. Diante dessas centenas de venezianos empoados, Emilio Vindicati expunha as ameaças que pairavam sobre a cidade e os elementos que o Conselho dos Dez tinha em seu poder. Um exercício difícil, pois dada "a natureza delicada da investigação", como dizia tão bem, certas informações permaneciam confidenciais. O tema causara nova discussão acalorada com Pietro. — Nenhuma possibilidade de atacar Ottavio diretamente em plena sessão do Grande Conselho, Pietro! Pronuncie-lhe o nome e, sabendo quem você é, há de ser despedaçado. Acusá-lo em público poria fim a seus esforços. — Mas então, Ottavio era intocável? — bradara Pietro. — A descoberta do panóptico, essa invenção digna de Leonardo da Vinci não bastava? — Sim, acredito em você — respondera Emilio. — Temos finalmente alguma coisa substancial, mas é preciso agir com mais prudência. Ottavio não pode ter elaborado sozinho uma invenção dessas, e a Lonati não identificou ninguém. Vou conversar com o doge e me encarrego de enviar nossos inquisidores à casa de Ottavio. Lembro-lhe que nos falta ainda o essencial, uma prova, Pietro! Sem o documento que disse ter visto, nada posso fazer! E não esqueça estarmos em vantagem; embora suspeite correr perigo, Ottavio não sabe que está prestes a cair. Então, por favor, não ponha tudo a perder com um acesso temperamental! Certamente Pietro podia entender essa linguagem. Maldizia a sorte de não ter pegado os planos do panóptico quando os tivera na mão. Ao mesmo tempo, recordava-se do motivo e nada tinha a

lamentar. Teria sido muito arriscado colocar Anna Santamaria em perigo; um perigo mais do que nunca real. Inquietava-se, era preciso afastar Anna de Ottavio e colocá-la a salvo. Os Estriges não estavam de brincadeira; Orquídea Negra já tivera demonstrações de sobra. Se algo acontecesse a Anna, jamais se perdoaria. Devia pressionar Vindicati para obter a garantia de que a colocaria em segurança ou, então, agir sozinho, sem pedir nem seguir conselho. E sem se importar com os riscos. Enquanto isso, no palácio, nesse início do mês de maio, tinha-se a impressão de viver um pesadelo. Os nobres empalideciam, alguns soltavam exclamações, outros meneavam a cabeça em silêncio. Entre os presentes, Giovanni Campioni, sentado com alguns dos mais prestigiados membros do Senado, convidados a participar das deliberações do Grande Conselho. Ottavio também ali se achava, o que tornava a situação ainda mais complexa. A agenda fora alterada e uma reunião senatorial marcada para esse mesmo dia. O Collegio, que se reunia todas as manhãs com a presença de todos os membros, despachara os comandadori ao nascer do dia com convocações. Aos senadores, apesar de acostumados a conclaves extraordinários, mesmo à noite, não escapou o caráter pouco usual do procedimento. Atrás das portas fechadas do Maggior Consiglio, uma nuvem de notários do palácio, vestidos com ormesino, tecido precioso, cinto de veludo negro ornado com placas de prata, peles preciosas enfeitando mangas e bainhas, cochichavam, trabalhavam, andavam de um lado a outro, agitando-se em atividade febril. Ali se achavam reunidos todos os emblemas institucionais de Veneza; ali residia todo o poder da Sereníssima. Nas paredes, de um lado a outro da sala, enfileiravam-se em sucessão os retratos dos antigos doges; sucessão interrompida por um véu negro no lugar onde deveria se encontrar Baiamonte Tiepolo, herdeiro dos doges populares, que quisera pela força instituir a democracia, no momento exato em que os Conselhos se tornavam mais restritos. A lembrança de Falier e de Gian Battista Bragadin, chefe da Quarantia, acusado injustamente de entregar segredos de Estado à Espanha e condenado à morte, parecia ainda impregnar o ambiente. Por acaso Campioni, mais e mais pálido e suado, ocupava o lugar propício, a alguns metros do véu negro de Tiepolo. Passava a todo instante um lenço pela testa. Nem ele, nem o doge, ninguém mais estava em condições de impedir que os perigos da conspiração se tornassem públicos, o que, de certa maneira, podia ser uma sorte. Na verdade, servia de pretexto à formalização de um confronto latente no seio das instituições, que tinha todas as chances de ser ainda pior. Tomaram a decisão de revelar aos principais dignitários da República os diversos episódios ocorridos após o assassinato de Marcello Torretone. O

povo de Veneza parecia ter tomado consciência de que uma ameaça real pairava sobre a cidade, mas a proximidade das festas e a confiança no poder atenuavam as inquietações. Embora comentários perturbadores e, por vezes, delirantes, tivessem começado a se espalhar de sestiere em sestiere, o governo da Sereníssima ainda tentava acalmar os espíritos e evitar que os detalhes se tornassem públicos. Pietro não parava de encarar Ottavio que, sobrancelhas franzidas, coçava o nariz achatado e fuzilava com o olhar o Orquídea Negra. Já não podia mais ignorar a libertação do antigo protegido. Talvez tenha sido informado anteriormente, mas o fato de se encontrarem cara a cara dava implicitamente a medida do confronto em andamento. Ottavio, barrete na cabeça, trazia no pescoço um crucifixo que lhe dava um ar episcopal. Ajeitava vez por outra a gola e as gordas bochechas tremiam como gelatina. As pálpebras se lhe enrugavam com um ar sinistro; parecia prestes a explodir. Os dois se desafiavam silenciosamente. Depois, os olhares de ambos voltaram-se para um terceiro, Giovanni Campioni, que assim entrava no silencioso jogo de olhares suspeitosos; um triângulo perfeito. Pietro voltava a pensar no que dissera Vindicati. Não compreende? Nossos dois senadores acusam-se mutuamente e nos manipulam como bem entendem! Estamos colocados entre dois duelistas, debatendo-nos sem saída! A essa altura, Pietro estava pronto a crer em qualquer hipótese. Talvez os senadores Campioni e Otávio fossem cúmplices e se acusassem mutuamente, como dizia Emilio, para melhor semear a confusão no seio da Quarantia Criminale e da polícia dos Dez. Mesmo não lhe parecendo plausível, não podia ignorar a teoria. Esses olhares cruzados revelavam muitas coisas; a sala do Grande Conselho, nesse instante, não era apenas o centro de poder, mas uma arena, um palácio de olhadas enviesadas onde se avaliavam e onde começavam a se desenhar, nos bancos da assembléia, linhas de fissura e fendas invisíveis. Contudo, para além da violência das paixões dissimuladas ao longo desses mesmos bancos, cada um dos presentes tinha consciência da solenidade da hora. E cada nobre do Grande Conselho lembrava-se do juramento que prestara, com razões para temer, então, haver sido profanado. "Juro sobre os Evangelhos que em todas as coisas me devotarei à honra e riqueza de Veneza... Quando o Grande Conselho estiver em conclave, não posso ficar nas escadarias, na entrada da sala, no pátio do palácio, em nenhum lugar na cidade pedindo votos para mim ou para outrem. E não posso distribuir panfletos ou petições, nem solicitar ou fazer solicitar, através de palavras, atos, sinais, votos favorecendo qualquer causa e, se solicitado a fazê-lo, denunciarei. Dentre as soluções propostas, escolherei a que me pareça razoável, com toda sinceridade. Não

pronunciarei palavras injuriosas, nem cometerei ato ou gesto indigno e não me levantarei de meu lugar com palavras, atos injuriosos ou ameaçadores contra ninguém... Se ouvir blasfemar-se contra Deus ou a Virgem Maria, terei de denunciá-lo ao Senhor da Noite." Assim, as duas mil personalidades mais importantes na vida política de Veneza, já imbuídas de firme prevenção, não perdiam sílaba que fosse dos debates. Vindicati começou por expor as circunstâncias do assassinato de Marcello. Ao mencionar o broche de Luciana Saliestri, brados de protesto. Hipocrisia, no fundo, já que a maioria se cansava de saber das aventuras de Campioni com a cortesã, um tipo de libertinagem pública e notória. O senador, no entanto, parecia espantado ao ver a que ponto sua ardente paixão era familiar tanto aos inimigos quanto a seus amigos ou assim supostos. Pareceu concentrar-se — animal selvagem, besta prestes a atacar ou príncipe tentando manter a discrição? — quando metade do Conselho o conspurcava e outra o defendia com unhas e dentes. Em alguns segundos, ouvia-se o pior e o melhor. Os suores do senador dobraram, sentiu-se mal. Graças a uma intervenção de Loredan, Emilio retomou a palavra e anunciou sucessivamente os detalhes relativos aos assassinatos de Cosimo Caffelli, Federico Spadetti e da bela Luciana. Convocou-se Antonio Brozzi e o chefe da Quarantia Criminale. Em seguida, um arquiteto das magistraturas fez circular entre os nobres, perplexos, as plantas utilizadas por Minos para a construção do vasto panóptico. Discussões por todo lado. O tumulto atingiu o auge quando detalharam os resultados da investigação levada a cabo no Arsenal, através da qual ficou constatado o desaparecimento das fragatas e de duas galeras, perdidas algures no Adriático. Com efeito, há motivo suficiente para desespero, pensou Pietro. Não havia como se enganar; sob seus olhos desenrolava-se uma crise política de grande magnitude. Ainda mantida parcialmente em segredo, sim, mas nunca Pietro presenciara tamanho caos numa cidade conhecida por seu senso de equilíbrio, tranquilidade e segurança. Enquanto os debates equilibrados esmoreciam em meio a uma cacofonia sem precedentes, Pietro, os olhos erguidos para o teto, tentava pensar com clareza. Quantos dentre os nobres ali presentes participaram, da cerimônia esotérica da villa Mora? Quantos faziam parte dos Pássaros de Fogo? Os dedos apertavam uma folha de velino.

Primeiro Circulo: Marcello

Torretone - PAGANISMO

Segundo Círculo: Cosimo

Caffelli - LUXÚRIA

Terceiro Círculo: Federico

Spadetti - AVIDEZ

Quarto Círculo: Luciana

Saliestri - PRODIGALIDADE E AVAREZA

Marcelo Torretone, que renegou seu batismo e procurava Deus sem jamais encontrá-lo, crucificado. Cosimo Caffelli, luxurioso, entregue à tempestade infernal, no topo de San Giorgio. Federico Spadetti, atraído em excesso pelos ducados, inconsciente promotor do panóptico da Sombra, reduzido a massa informe. Luciana Saliestri, libertina dilapidando a fortuna que o falecido marido acumulara ao longo de meio século de avareza, presa à rocha de seus pecados e atirada no fundo dos canais de Veneza. Dante e as Forças do Mal presidindo a sábia, delirante orquestração dessas encenações realizadas, como tantas obras-de-arte, com uma preocupação estética beirando a mais terrível das loucuras. Uma bela obra, na verdade. Particularmente horripilante. Pietro já se preocupava com a iminência do castigo dos Círculos seguintes. O Quinto Círculo era o dos Coléricos, aqueles cuja fúria cega e impulsiva faz esquecerem toda moral. Os espiões estavam infiltrados em todos os pontos da Sereníssima. Pietro elevou os olhos e abandonou momentaneamente a pena, assim como o papel onde começara a anotar o triste quadro de equivalências. Emilio, tentando fazer cessar as vozes exaltadas, baixava os braços. — Proponho dar a palavra a Pietro Viravolta de Lansalt. Muitos aqui sabem quem é ele, inútil tentar esconder. Esse homem é chamado de Orquídea Negra. Podem lhe fazer as perguntas que desejarem. Emilio voltou ao assento que lhe estava reservado, convidando Pietro a ocupar seu lugar entre a tribuna do doge e a assembléia nobiliárquica. Longe de acalmar os ânimos, contudo, o anúncio do pseudônimo de Pietro desencadeou entre a assembléia nova comoção. Alguns se levantaram, protestando com veemência. Ottavio aproveitou a ocasião para também levantar a voz, cuidando em manter a dignidade. — Viravolta de Lansalt! Que faz ele, a vergonha da República, entre nós? Como pode um prisioneiro dos Piombi estar ligado ao destino da Sereníssima? Um crápula, um criminoso! — Outros, curiosos e inquietos, instaram os confrades a retomarem seus lugares. Acabavam de tomar conhecimento de informações que os punham todos face a uma surda verdade, recebida como uma bofetada. Como receara, o próprio Francesco Loredan foi acusado, de forma mais ou menos explícita. Como era possível não se haver informado o Grande

Conselho dos assassinatos, da ameaça de uma conspiração identificada pelos Dez? Uns cinquenta nobres resolveram abandonar a sala e foi preciso todo o peso de uma chamada à ordem convencional para que fossem provisoriamente dissuadidos. Pediram que a sessão fosse suspensa, ao que outras vozes se ergueram para exigir o prosseguimento dos debates até que ficasse esclarecida a situação. Pietro levantara-se, cabeça erguida, para passar entre as fileiras. Ante a tribuna, deu ainda alguns passos, uniu as mãos e esperou. A cacofonia pouco a pouco se acalmava e o doge, embora assustado com os acontecimentos, recuperou a autoridade. Viravolta encontrou-se só diante da assembléia. O doge dirigiu-se a ele. — Pietro Viravolta, coloque-nos a par de suas reflexões quanto ao perigo que enfrentamos. Afinal, é o senhor quem está encarregado da investigação. Novos gritos indignados. Como ousaram confiar tal missão a um ateu amoral, pior até que o Mal que devia combater! O doge, felizmente, foi apoiado pelos Dez e pelo Minor Consiglio que, sem propriamente louvar a conduta do Orquídea Negra, pelo menos ressaltaram sua utilidade. Diante de uma assembléia prestes a explodir, Pietro, franzindo os olhos, aguardava uma vez mais, impassível, que o tumulto se acalmasse. Não lhe escapara o sentido das palavras de apresentação do doge; designá-lo como responsável pela investigação era também fazê-lo endossar a incúria geral das autoridades e transformá-lo num bode expiatório bastante conveniente para todos, já que trazia consolidada a péssima reputação. Talvez isso tivesse sido levado em conta ao recrutá-lo. No instante em que esse pensamento atravessou-lhe a mente, não pôde conter um olhar a Emilio Vindicati. Na Sala do Conselho, a vaga da tensão começava a refluir. Pietro esperou que o silêncio se firmasse ainda um pouco mais, enquanto unia as mãos nas costas e fitava o piso de mármore. Limpou a garganta. — Compreendo, Alteza Sereníssima, Excelências, Messere, que tudo isso represente um grande golpe e ponha em desordem tanto suas imaginações quanto seus princípios. Podem julgar ter sido loucura dos Dez confiar a alguém como eu a condução das investigações e que todos os nobres de Veneza deviam ter sido prevenidos desde o início, ainda que sob o risco de levar a população ao pânico e, sobretudo, alertar um inimigo que, devo lembrar, ainda não identificamos. A esta altura, creio, pouco importa discutir o que deveria ou não ter sido feito, mas sim definir como encarar a ameaça imediata e tangível. Elevou os olhos e aprumou-se. — A prioridade é garantir a segurança do doge, bem como de nossas instituições. Sereníssima, o que vi e escutei em Mestre não deixa nenhuma dúvida sobre os planos de um atentado contra o senhor. Acredito, de algum tempo, que os assassinatos cometidos não representam apenas uma

cortina de fumaça, mas constituem um artifício com a finalidade de desviar nossa atenção, um subterfúgio cujo objetivo é nos desorientar. Só há uma coisa a temer; refiro-me às festas da Ascensão. Tumulto. — Acredito devam ser canceladas todas as manifestações oficiais. O final da frase foi imediatamente pontuado de clamores ressoantes. — As festas da Ascensão! As Núpcias do Mar! O auge do carnaval! Não pode estar pensando nisso, não quando milhares de pessoas se preparam! — A Ascensão, Viravolta, é a vitrine da República! Todo o povo nas ruas, representantes de toda nobreza da Europa! Será preciso lembrá-lo de que o novo embaixador da França tomará parte das cerimônias e é vital que de nada saiba? — A última atitude a tomar é ceder! Veneza não deve capitular diante de nada, de ninguém! Pietro deu alguns passos, virando-se ora para a direita, ora para a esquerda. — Precisamente, todos aqui estarão expostos, principalmente o doge. Como agiremos se, por infelicidade, nossos inimigos atacarem quando milhares circularem fantasiados e anônimos? Que segurança podemos garantir aos cidadãos, no meio da multidão e da balbúrdia? Já fomos espionados, traídos, nossos menores movimentos esmiuçados! E preciso pôr em alerta o Arsenal, monitorar as entradas da laguna por terra e mar, localizar as galeras Santa Maria e Jóia de Corfu. Não nos iludamos, algo de enorme envergadura vem sendo tramado, medidas mais radicais se impõem. Messere, lembremos de uma coisa, Minos talvez esteja entre os senhores e alguns conspiram nas sombras, aqui mesmo, nesses bancos! Foi demais. Dessa vez, o senador Ottavio ergueu-se, a toga farfalhando enquanto o ventre colidia com a trave de madeira do parapeito; tomou a palavra, num tom de ironia mordaz: — Mas quem é o senhor, Viravolta, para nos vir dar lições? Já dura bastante essa pilhéria odiosa, é hora de tomarmos as rédeas da situação! Quanto a esse, esse homem, não merece nada além de retornar ao local de onde o tiraram. Já brincou bastante com a República e com nossa lamentável credibilidade, Viravolta. Volte para onde veio, para i Piombi! — I Piombi! I Piombi! — bradavam quatrocentos membros do Conselho. O tom aumentava, os gritos ainda reverberavam. Pietro permaneceu imperturbável. Andreas Vicario, também presente, mãos unidas contra os lábios, como em oração, olhos vivos como os de uma raposa à espreita, semblante impassível, assistia em silêncio ao espetáculo. — Examinemos, por um instante, o que se passa aqui! Sejam imparciais e consideremos aquele que tenta nos dizer como nos conduzir! — prosseguiu Ottavio, olhando à volta, em sua toga negra de arminho, como se tomasse os nobres por testemunhas, melhor do que qualquer procurador faria. Vamos permitir que um prisioneiro dos Piombi dite condutas ao governo? Devo estar sonhando!

Pietro cerrou os dentes. Sentia a tensão invadi-lo. Nenhuma possibilidade de atacar Ottavio diretamente em plena sessão do Grande Conselho, Pietro! Pronuncie-lhe o nome e, sabendo quem você é, há de ser despedaçado. Acusá-lo em público poria fim a seus esforços. — Que ponham um ponto final nessa brincadeira e que Orquídea Negra desapareça — gritou Ottavio. Os lábios de Pietro tremeram. Olhou Vindicati e precisou de um controle sobre-humano para não deixar explodir a fúria. O doge, então, tomou a palavra. Os olhares convergiram para a bacheta, o cetro que trazia consigo. Levantou a mão. — Creio... A voz desaparecia entre as exclamações. Pouco a pouco os senadores calaram-se. — Creio, com efeito, fora de questão cancelar-se a cerimônia de celebração da festa da Ascensão. Quanto a pôr em alerta o Arsenal e o Exército, é indiscutível. Reforçaremos os controles em todos os pontos da cidade e caberá aos Dez e à Criminale garantir a proteção dos venezianos, inclusive a minha e a de nossos visitantes estrangeiros. A tarefa é árdua, mas não temos escolha. Enquanto aguardamos, Pietro Viravolta... Fez uma pausa, pareceu hesitar um instante e depois terminou, num tom mais baixo: — Penso que está na hora de afastá-lo de sua incumbência. Deixo-o provisoriamente nas mãos de Emilio Vindicati. Resolveremos seu caso mais tarde. Foi um choque. Pietro franziu a testa e mordeu o lábio. Lançou um olhar a Emilio. — As festas da Ascensão serão realizadas — concluiu Francesco Loredan.

Pietro estava só.

Voltou aos apartamentos da casa Contarini, sob escolta. Seria mantido sob vigilância, à espera da decisão oficial que, segundo as evidências, haveria de reconduzi-lo aos cárceres de Veneza. Tenso e amargurado, contou a Landretto os últimos acontecimentos e pediu-lhe ir imediatamente ao encontro de Emilio Vindicati que, após a sessão do Conselho, viria-se forçado a ignorá-lo. Embora soubesse que Emilio também se encontrava em situação bastante delicada, Pietro não conseguia aceitar o destino. Ainda tinha tempo de aproveitar-se da suspensão da pena para fugir. Fugir, fugir! Cerrou os punhos. E então, tudo fora em vão. A Quimera vencera. Seu plano, engenhosamente concebido, bastara para condená-lo pela segunda vez. Nunca cessara de temer essa possibilidade; a perspectiva de voltar à cela lhe parecia, pela primeira vez, tão próxima que podia sentir-lhe o cheiro. Não! Impossível, fora de questão! Não renunciaria à liberdade. Mas que fazer? Entrar em guerra contra os Pássaros de Fogo e contra a República? Não havia mais solução. Sentia-se encurralado, perdido. A manobra funcionara até o fim, mecânica fatal

da qual não passara de uma engrenagem, um joguete entre tantos outros. Isolado, não poderia nem mesmo contar com os raros apoios. A partida estaria perdida caso não reagisse com vigor. Reagir, mas como? Enfrentava a mesma situação de sempre: colocado no banco da nobreza, de volta à vilania de seu nascimento, condenado a todas as suspeitas. Tudo isso para nada. Um retorno ao ponto de partida, definitivo, talvez. As esperanças desmanchavam-se como neve ao sol. Ao menor sinal, dissera Loredan, os leões de Veneza vão se atirar sobre o senhor até estilhaçá-lo. E longe de impedi-los, vou encorajá-los com toda a força de minha autoridade. Bem, não mentira. Pietro, contudo, não cometera traição alguma. Poderia ter avançado com mais rapidez? Correr mais riscos? De que era culpado, agora? Sob pressão do Conselho, Loredan decidira sacrificá-lo mais uma vez, publicamente, servir-se dele como contrapartida necessária à restauração da ordem. Refletindo melhor, tinha sido ingênuo em pensar que as coisas pudessem ter terminado de outra forma. Ingênuo? Acaso tivera escolha? Não! Essa era a verdade, a maldita verdade. Podia compreender a evidente pressão pesando sobre o doge; nas circunstâncias, a política mais elementar era livrar-se de tipos como ele. Quanto à gratidão... Poderia esperar a menor gratidão por parte de Veneza? Teria, na verdade, alimentado tal ilusão? Landretto voltou ao cabo de três horas. Trazia um bilhete assinado por Vindicati. — As coisas se complicam, meu amigo — disse Pietro. — Estou em liberdade condicional por um dia, talvez dois; mas já me vejo na prisão. Não posso voltar, Landretto. Tente conseguir cavalos para nós. Na pior das hipóteses, fugiremos da cidade aproveitando essa breve prorrogação. Abriu o bilhete

Pietro,

Não é mais possível ser visto com você a não ser em presença de homens armados, como pode imaginar. Ainda não recebi a ordem formal de enviá-lo de volta à prisão. O doge sente-se constrangido, apesar de tudo. Entretanto, não o abandono, meu amigo. Nossos negócios vão mal, mas reconheço o quanto fez por nós. Encontremo-nos na basílica San Marco à meia-noite, providenciarei tudo. Não tente fugir, seria a última atitude a tomar. Haverá de interferir em seu favor, quando os ânimos tiverem se acalmado. No momento, é preciso cair no esquecimento; a hora não é oportuna. Poremos em ação nossa estratégica hoje mesmo, especialmente quanto a Ottavio. Nem toda esperança está perdida. Revi o senador Campioni e, embora ainda desconfie dele, garantiu-me ter reunido seus aliados para apoiar nossa causa e há de defendê-lo quando chegar a hora. Coragem!

E, devo dizer-lhe, através de Campioni obtive novas informações. E.V.

Orquídea Negra ergueu os olhos, intrigado.

Abriu a porta; três homens armados, quatro outros lá fora, montando guarda. Voltou-se mais uma vez para seu criado. — Escute, Landretto, preciso sair esta noite. Devo encontrar Vindicati, talvez pela última vez. Tentarei convencê-lo a colocar Anna Santamaria a salvo, é minha única prioridade. Se, por acaso, as coisas não correrem como espero, eu mesmo irei procurá-la e partiremos. Consiga um cavalo para ela, não importa como, e esteja pronto. Landretto, meu amigo, conto com você para distrair a atenção dos sentinelas à nossa porta. Saltarei pela janela, irei pelos telhados e voltarei antes do amanhecer. Suspirou. — Assim espero.

CANTO XV

O ESTIGE

O PROBLEMA DO MAL

Por Andreas Vicario, membro do Grande Conselho

A inspiração do Mal, cap. XVII

Seria errado pensar que o Mal é necessariamente fruto da má- fé. Ele encontra, amiúde, justificativas na mais nobre causa, tem por nome a Utopia, provém da mais pura das inspirações e seu percurso está coberto de cadáveres. O Mal só poderia desaparecer com a raça humana; ele é a expressão pervertida do Sonho que cada um traz dentro de si, e também o meio para alcançá-lo. Isso me conduz à indagação, quiçá perturbadora, de que se o Mal é, como pretendo, célula do homem e de seus sonhos destruídos e, ao mesmo tempo, fonte que ultrapassa o próprio homem, é possível que sua extrema encarnação, em Lúcifer, seja também produto de um sonho, do sonho do próprio Deus? O sonho maldito, o pesadelo do Todo-Poderoso, cuja criação renegou a perfeição imaculada, no momento mesmo em que, saído do Nada, perdeu-se para sempre no rio turbulento da História. A encenação preparada por Landretto, simulando a embriaguez e a algazarra noturna, foi suficiente para distrair a atenção dos guardas e permitir a Pietro esgueirar-se para os telhados. Havia se acostumado a esse tipo de acrobacias e, diante da desordem

reinante, a vigilância de uma tropa, ela mesma espantada com os acontecimentos, representava uma vantagem. Pietro dirigiu-se, como combinado, no meio da noite, à basílica San Marco onde eram preservadas as relíquias mumificadas do evangelista sírio, trazidas de Alexandria pelos famosos comerciantes que, para conservar o corpo, mergulharam-no em pedaços de toucinho salgado. Desde então, os restos de São Marcos passaram a fazer parte indissociável da história e do destino da laguna. A basílica fora reconstruída no século XI, edificada sob a forma de cruz grega e, segundo os projetos igualmente em uso em Constantinopla, era dotada de cinco portais ornados de mosaicos em estilo oriental, com domos recobertos de lâminas de chumbo. Influências bizantina, islâmica, gótica e renascentista uniam-se nessa harmonia, elegância e leveza, tão características da arquitetura veneziana. Da sacada, o doge oficiava, todo ano, as cerimônias na praça San Marco, tendo acima os célebres cavalos de bronze roubados de Constantinopla na quarta cruzada. A balaustrada oferecia à vista quatro cenas que repercutiram, de forma curiosa, no espírito de Pietro, ao aproximar-se das portas de entrada; uma nova Descida da Cruz, uma Descida aos Limbos, assim como duas outras representações evocando a Ressurreição e a Ascensão. A leitura do bilhete de Emilio o deixara bastante intrigado e, na verdade, só contribuíra para aumentar-lhe a inquietação. Devo dizer-lhe, através de Campioni, obtive novas informações. Naturalmente, a prioridade de Pietro era resolver, ao mesmo tempo, a própria sorte e a de Anna; mas, se o chefe dos Dez o convocava assim, para um encontro secreto, na basílica, em horário tão tardio e desprezando todos os protocolos, isso só podia indicar assunto de extrema gravidade. De quais informações Emilio disporia? Teria identificado Minos ou Il Diávolo? Saber mais sobre o papel exato desempenhado por Ottavio na conspiração? Pietro temia o pior, tinha a sensação de estar com as horas contadas mas, fosse o que fosse, não retornaria ao calabouço. A praça estava praticamente vazia nessa hora avançada da noite. A basílica deveria estar fechada e, no entanto, Pietro bateu apenas três vezes nas portas até que uma se abrisse, como por magia. Entrou, os olhos adaptando-se à escuridão. Mármore e mosaicos dourados cintilavam fracamente no escuro. Os quadros de Dampierre, o protegido do embaixador da França, estavam instalados por toda a extensão do átrio. A inauguração aparentemente ocorrera sem incidentes, atraindo centenas de visitantes para apreciar as obras do artista. Uma surda intuição invadiu Pietro no momento exato em que penetrava no grande vestíbulo. Com todos os sentidos em alerta, estacou, instintivamente em posição defensiva. No fundo da basílica, atrás do altar, cercada de

peças de ourivesaria, cálices, vasos para incenso, estojos engastados de pedrarias, brilhava a Pala d'Oro, o retábulo de ouro engastado de esmalte representando a vida de Jesus e seus apóstolos. Mosaicos de sublime beleza compunham uma espécie de imensa Bíblia ilustrada; pareciam inundados de ouro ao qual se misturava, por vezes, a prata, para criar uma espécie de "vibração celeste" que proporcionava ao altar uma profundidade e brilho únicos. Embora o vasto recinto estivesse quase inteiramente mergulhado na penumbra, Pietro distinguiu duas silhuetas que o colocaram imediatamente em guarda. Compreendeu, de súbito, o que o deixara alerta ao entrar, um cheiro pesado, característico, com o qual se familiarizara há algum tempo. A certeza o dominou. Uma armadilha. Evidentemente, uma armadilha. À medida que o olhar se acostumava à penumbra, o instinto levou-o a voltar-se para as telas expostas em toda a extensão do nártex, no exato instante em que os versos de Dante lhe vieram, precisos, à memória. Não cessara de lê-los e relê-los, na esperança de descobrir um indício que lhe permitisse antecipar o próximo ardil de Il Diávolo.

Estige é o nome do vasto palude onde essa triste corrente deságua, chegando ao pé da fusca encosta rude. E eu, atento a um remexer na água, gentes lodosas vi no lameirão, todas nuas, demonstrando irada mágoa. Estavam-se a esmurrar, não só de mão, mas co'a cabeça, o corpo todo e os pés, lanhando-se co'os dentes de roldão. Disse o bom Mestre: "Filho, aqui tu vês as almas dos vencidos pela ira...

O Quinto Círculo, os Coléricos, comedores de lama, mergulhados no Rio Negro, o Rio de Sangue. Pietro aproximou-se de um dos quadros do pintor francês, o mais próximo das flâmulas da exposição, pendendo do teto. Temas de inspiração religiosa, dissera Emilio acerca das obras de Dampierre. De extraordinária beleza. Pietro estendeu a mão a uma das telas, notando-lhe o tremor. Confirmou seus piores temores e recuou alguns passos. O polegar e o indicador estavam impregnados de uma substância vermelha e viscosa. Sangue. Recuou mais ainda, voltou-se para o centro da basílica, considerando com o olhar a tenebrosa perspectiva da qual tomava consciência; pois cada uma das telas estava maculada de sangue fresco, salpicada, desfigurada com rastros sombrios formando, por vezes, símbolos, pedaços de carne colados nas pinturas! O Estige... As telas de sangue! Atravessou o rio de sangue, uma pistola na mão e desembainhando a espada com a outra. Avançava em direção ao altar e às duas formas que se tornaram mais precisas.

Compreendeu, de imediato, a natureza da nova "obra-de-arte" preparada por Il Diávolo. Um homem seminu, amarrado diante do altar. Presos ao que restava das vestimentas — ou talvez na própria carne, a julgar pelo sangue que o maculava —, quatro ganchos, nos ombros e pernas, ligados com cordas à base e ao topo das colunas que demarcavam a nave. Da vítima semiesquartejada, deposta numa cadeira comum, queixo tombado sobre o peito, uma escura lama escorria, parecia jorrar, como uma horripilante fonte. Pietro notou que ainda estava vivo. Viu os olhos a revirar, a cabeça tombando de um lado para outro, implorando por ajuda antes de entregar a alma. De repente, a respiração, rouca, ofegante, cessou para sempre, num suspiro, um longo suspiro de agonia, como um sibilo a se perder no silêncio da basílica. Pietro reconheceu então o rosto desse que haviam disposto de forma tão aterrorizante. Ficou atordoado, as mãos trêmulas, sem crer no que via. — Emilio.... — murmurou. Sim, era ele, Emilio Vindicati, chefe do Conselho dos Dez. O coração de Pietro contraiu-se. Então uma voz vibrou no interior da basílica, com o efeito de uma tempestade, reverberando de todos os lados, entre essas colunas imponentes, no meio das estátuas, desse exagero de mosaicos, ecoando à direita, à esquerda. —

Assim devia perecer aquele que a cólera venceu, Viravolta. Seja bem-vindo. Pietro franziu os olhos. Atrás da vítima, triste espantalho negro, encontrava-se a sombra encapuzada, Il Diávolo, tal como já o vira por ocasião da intrusão na cerimônia secreta da villa Mora. De pé, imóvel, hierático, numa postura solene de empáfia e loucura, parecia presidir esse novo espetáculo. — Meu querido, estava ansioso para que pudesse contemplar esse quadro antes de jogar o corpo de seu amigo na laguna. Emilio Vindicati terminará sua marcha num outro rio, onde finalmente mergulhará na lama da qual se cercou, para sempre. É hora de compreender de que maneira terminam os que me atravessam o caminho. — Emilio! — gritou Pietro, a garganta seca. Compreendeu. Não sabia como, mas Emilio caíra na armadilha antes dele, talvez por intermédio de uma carta idêntica à recebida por Pietro na casa Contarini. Quanto à sua, a Quimera devia ter forçado Emilio a redigi-la, antes de torturá-lo, como fizera com Marcello Torretone e o padre Caffelli. Uma onda de fúria o invadiu. Sem refletir, deu um salto à frente, com a espada numa das mãos e a pistola na outra. Num átimo, caiu sobre o inimigo. Atacou Il Diávolo, enfiando-lhe a espada e deixando escapar um brado. — Morra! Morra! Retirou a espada ao escutar um ruído seco. Atônito, viu a capa negra tombar ao chão. Um capacete metálico rolou a seus pés, uma estaca forrada de feno partiu-se. Marionete. Uma simples marionete! Novamente um riso ecoou. — Você me decepçiona, meu amigo. Esperava

mais do Orquídea Negra, foi bem aquém de sua reputação. Pietro não teve tempo de compreender a enormidade de seu erro. Ágil como uma flecha, saltou o inimigo de trás de uma coluna, em direção ao altar, lançando-se sobre ele. Recebeu um violento golpe no crânio e, durante ainda um segundo, permaneceu de pé, vacilando, o olhar perdido. Depois se sentiu engolfado pela escuridão e as pernas cederam. Caiu; o corpo rolou alguns degraus do altar, a pistola e a espada escaparam-lhe das mãos. A silhueta encapuzada avançava sobre ele. — Ah, Viravolta... Agora que está sob meu jugo, merece que eu o abata. Mas tem sorte... Ajoelhou-se, acariciando-lhe o rosto. —

Ainda faz parte do plano. Pietro, você é o instrumento, o supremo culpado, o bode expiatório. Soltou novamente uma gargalhada, pensando no rio de sangue borbulhante onde se afogavam os danados.

Quando Pietro despertou, uma grande confusão reinava no interior da basílica iluminada. Sentiu dois soldados segurarem-no pelas axilas para levantá-lo à força. Recebeu sucessivamente água e uma bofetada. Como num pesadelo, viu o rosto assustado de Landretto e, mais afastado, o de Antonio Brozzi a dançar diante das telas profanadas de Dampierre. — Adiante! Levem-no aos Piombi e que nunca mais lhe seja permitido abandonar a cela! — Mas, onde está Emilio? Lançou um olhar por cima do ombro, em direção ao altar. Viu vagamente o resto do espantelho de feno que simulara a presença da Sombra, a cadeira onde antes se encontrava Emilio estava vazia. Só restavam as poças de sangue e as cordas espalhadas no chão. Pietro foi arrastado, apesar dos protestos de Landretto. Em seus ouvidos, uma voz berrava: — O que fez com Emilio Vindicati? Você é culpado, culpado! Lutando contra um novo desmaio, Pietro foi levado da basílica San Marco. Fora, a aurora rosa e alaranjada anunciava o novo dia. Encontraram farrapos das vestes de Emilio Vindicati algumas horas depois, num dos canais de Veneza. O doge, acabrunhado, devastado por essa ironia do destino, tomava conhecimento da notícia no exato momento em que Pietro era conduzido aos Piombi. O guarda, Lorenzo Basadonna, com um brilho debochado nos olhos, acolheu-o com obsequiosidade estudada, antes de abrir um sorriso lascivo: — Estou feliz em revê-lo... minha florzinha!

SEXTO CÍRCULO

CANTO XVI

DITE

I Piombi.

Mais uma vez.

Talvez para sempre — ou até a execução pública. E, lá fora, a inatingível Quimera continuava a circular, impune.

Pietro sentia-se derrotado. Por sorte, não fora colocado nos Poços, os Pozzi, no térreo do palácio, as piores celas, onde mofavam os condenados mais infelizes, calabouços escuros.

No meio da imundície e do salitre, sofriam com a acqua alta e a rarefação do ar. Como único consolo, as lembranças da vida passada e as invocações aos santos gravadas nas paredes da prisão, afrescos de rabiscos decorando-lhes tanto o inferno particular quanto os paraísos artificiais. Pietro não estava livre da ameaça de tortura. Ao chegar, cruzara com um prisioneiro conduzido ao suplício da corda — ajoelhado, as mãos nas costas presas numa corda levantada por pesos.

Certamente urrara ao ser submetido ao terrível instrumento que causava entorses, fraturas e distensão de músculos — e ainda não regressara. Quanto a Pietro, estava vivo, gozando ainda de boa saúde, mas algo dentro dele se partira. Havia mantido o controle tanto quanto fora capaz, contando com seu sangue-frio, sua energia e a convicção de que a sorte acabaria por virar a seu favor. Agora, tudo chegara ao fim.

Não sabia o que acontecia além-muros. Impossível adivinhar o que fazia e pensava o doge, nesse exato momento, nem o chefe da Criminale, nem Brozzi, ninguém. Basadonna lhe contara que Landretto tentara vê-lo. A bela Ancilla Adeodat tomara conhecimento da prisão, mas não conseguira atravessar as portas do palácio. Quanto a Anna Santamaria, Pietro se roía de preocupação, sem saber o que lhe acontecera. Tudo se passara demasiado rápido; tão logo suspeitara de Ottavio, deveria ter deixado tudo de lado, raptado Anna e fugido. Mas nada podia ser assim tão simples, e o silêncio, agora, era intolerável.

Pietro andava de um lado a outro na cela, dava com a cabeça nas paredes, falava sozinho. Cerrava os punhos, procurava ainda uma saída, quebrando a cabeça para encontrar um meio de fazer com que a cidade inteira o escutasse, enquanto os nobres que a

representavam só viam nele um condenado, culpado de alta traição e, provavelmente, do assassinato de Vindicati. A loucura levada ao paroxismo. Enquanto Il Diávolò dava os toques finais no plano, ignorância, brutalidade e incompetência reinavam. Pietro não era tolo; versões alternativas dos fatos se espalhavam. Acusavam-no de cúmplice da conspiração, talvez um de seus principais instigadores, pronto a deixar o cárcere para combater o Conselho dos Dez. Rumores de toda sorte, calúnias começavam a circular. E ele não teria direito à defesa. - Não!

NÃO!

O mais grave é que não conseguia mais pensar. O rosto de Emilio continuava a persegui-lo. Via Marcello crucificado, Caffelli pendurado no capitel da igreja, Spadetti ardendo no forno, Luciana e Emilio afogados nos canais, o ritual de sombras próximo aos jazigos da villa Mora. Parte de sua mente procurava ainda entender, enquanto outra rejeitava.

Enlouquecia, isolado, vulnerável como a criança que fora no campo Sança que fora no campo San Samuele. Os mecanismos de defesa desapareciam e ele voltava à infância.

"Veneza, eu que te amei tanto; tanto quanto todas as mulheres que tive nos braços, todas, que junto a ti, são uma única; que eram teu reflexo, tua alma, teu corpo! Veneza, tu que me abrigaste como mãe, hoje, que fazes? Remete-me de volta ao meu lugar! O lugar do renegado, do plebeu, do miserável! Por que serás sempre aquela que eu não soube conquistar? Por que não cessaste de ser amante tirânica, tu que tanto adoro, tanto quanto me abandonas?" Desesperava.

Sua cidade, aquela de quem sempre quis ser o herói, renegava-o como um de seus vulgares bastardos. Veneza deixara de ser Veneza, transformara-se na cidade de Dite, a Dite do Inferno, por trás de suas muralhas austeras:

E o bom Mestre me disse:

Prenuncia-se agora Dite, a cidade que habita culposa gente e infernal companhia.

Enfim chegamos à profunda vala que circunda essa terra desolada, e à muralha que duro ferro iguala... Dos caídos do céu grande coorte vi sobre as portas que, raivosamente, gritavam: "Quem é esse que, sem morte

Pelo domínio vai da morta gente?"

Veneza era as Três Fúrias. Veneza era a Medusa, a Górgona que o petrificava ali, no fundo do cárcere. Procurava em vão recompor-se e, a cada tentativa, percebia uma nova fissura desenhar-se na imagem que construía da própria segurança. Rachava, como os quadros antigos de imperadores petrificados no mosaico que, no passado, enchiam-no de tão misteriosa admiração. Só uma aniquiladora constatação lhe parecia clara: como se afastara dos próprios sonhos! Como tudo isso, levando-o à beira da demência absoluta, o arrastara para um caminho que não era, não podia ser o seu! Orquídea Negra, agente da República! E, de repente, em meio a essa angústia insuportável, quando o mundo inteiro lhe parecia um engodo, Pietro via ressurgir a torrente de suas lembranças, farrapos de lembranças ligadas a esse culto, o único culto que valia a pena, o prazer, a arte do encontro, o jogo sutil da sedução, a plenitude do êxtase. Uma mulher, mulheres, esses anjos extraviados na terra, o único credo que sempre quis professar, o credo do amor. O amor tal como era, belo, efêmero ou eterno, trágico e inseguro, a única verdade! Uma coxa, a curva de um seio, corpos colados, beijos perdidos entre cabelos sedosos, rostos desatinados, lábios trêmulos murmurando-lhe o nome no instante eterno da posse! E, dentre todas, deusa inacessível, Anna Santamaria! O que lhe acontecera? Por que não fugira com ela desde o primeiro dia? Que orgulho absurdo levava-o a renegar a tal extremo sua natureza? Mesmo abatido, Pietro recusava-se ainda às lágrimas amargas que selariam seu fracasso. Costas contra a pedra da parede, escorregou lentamente até encontrar o frio contato do chão, o olhar voltado para a fresta que dava para o corredor onde, de tempos em tempos, passava a sombra de Basadonna, tão pronto a apertar um pouco mais os parafusos do caixão, uma brincadeira carregada de ironia. Não longe, Giacomo Casanova continuava preso. Pietro mal tivera coragem de explicar-lhe o que acontecera, limitara-se ao mínimo, o suficiente para que compreendesse que tudo parecia perdido para o amigo. Pedira-lhe notícias de Anna, reforçando, sem saber, o terror de Pietro. Propusera-lhe uma partida de cartas entre as celas, como nos velhos tempos; um dos pequeninos jogos a que se entregavam, com o consentimento tácito de Basadonna. Logo todo traço de humor desapareceu da voz de Casanova; começava a desesperar-se com o desenlace do mau passo dado. Aguardava indefinidamente o julgamento de seu processo, sem compreender o motivo da lentidão da corte de justiça. Pietro compreendia bem demais os motivos. Você deveria ter fugido, como lhe havia recomendado — disse Casanova. Fugir para a França. E o silêncio não tardou a cair entre eles. Um silêncio de chumbo. A primeira noite fora um pesadelo. Às lembranças do enclausuramento anterior

misturava-se a amarga realidade do presente. Outros demônios rodeavam-no, perseguiram-no. Rolava de um lado a outro, apertava o colchão de feno com as mãos de um náufrago prestes a afundar em abismos sem retorno. Ora era assaltado pelo frio, ora pela febre, a tez empalidecia ou inflamava-se à medida que a escuridão fechava-se sobre ele, mergulhando-o no esquecimento. Não tinha outro horizonte além desse reduto sufocante nem outra sensação que a do fracasso, o que reavivava com vigor ainda maior o desespero contra o qual, no passado, achara forças, mas que agora o invadia por inteiro. A voz, aquela vozinha interior que o estimulava a manter-se firme, ia aos poucos enfraquecendo. Pela manhã, calara-se. Pietro voltara a se sentar, escorado numa das paredes da cela. Uma sombra passou no corredor, iluminada por tochas. Pietro a entreviu pela fresta e, ouvindo o ruído das chaves, pensou tratar-se de Lorenzo Basadonna trazendo sua comida numa tigela de lata, acompanhada de uma daquelas brincadeiras de mau gosto da qual conhecia o segredo. A porta abriu-se... Pensou estar sonhando. Uma silhueta elegante, uma forma encapuzada de negro. Apenas o farfalhar da capa interrompia o silêncio ao atravessar os corredores iluminados por tochas. Duas mãos delicadas como renda, cor de aurora, aproximaram-se do capuz para retirá-lo. E o rosto de Anna Santamaria emergiu da sombra. Pietro levou alguns instantes para compreender. Mais que nunca, teve a impressão de achar-se na presença de um anjo. Sentia-se, pela primeira vez, à beira das lágrimas, desvairado. Agradecendo ao destino que lhe enviava esse milagre, quase caiu de joelhos aos pés da amada. Levantou-se. Sentia-se fraco; os joelhos oscilaram, quase caiu para trás. Finalmente, encontrou o equilíbrio e tomou-a nos braços. — Você! É você! — Sim, meu amor, sou eu. Soube o que aconteceu. —

Mas, mas como? Anna, é preciso fugir, compreende? Fuja enquanto é tempo! Meus receios tinham fundamento, Ottavio está envolvido na conspiração, você corre perigo! Achei que não conseguiria preveni-la... — Agradeça a seu criado, Pietro. Mais uma vez, você tem com ele uma dívida de gratidão, e eu também, talvez. Ele conseguiu me prevenir, não se inquiete. Por enquanto, Ottavio ausentou-se de Santa Croce. Não sei de que se ocupa, mas raramente aparece e apenas por breves momentos. Nada mais significativo para ele. — Sem dúvida, significa bem mais do que pensa — disse Pietro. Permaneceram um longo momento abraçados. Pietro não sonhava; novamente podia estreitar esse corpo. Acariciava os cabelos de Anna, respirava-lhe o perfume, apertava-a contra si com mais força, coração dilatado de alegria, ao mesmo tempo em que uma nova onda de inquietação se apoderava dele. — Anna, a despeito do que possa pensar, não

deve ficar em Veneza! Parta para longe daqui, diga a Landretto para conduzi-la a algum lugar seguro! Ficarei mais tranqüilo se... — As circunstâncias são bem mais complicadas do que imagina. Não temos muito tempo. Fugir agora só agravaria a situação. Ottavio já me parece meio louco. Pietro, tive uma conversa com alguém, alguém que você conhece e é nosso aliado. Viravolta fitou-a com ar cético. — Não vim sozinha — disse. Então a silhueta de Giovanni Campioni delineou-se no vão da porta. — Sou eu, Viravolta. Pietro fixou-o, incrédulo. Giovanni adentrou a cela, enquanto Anna afastava-se. As mãos unidas à frente, continuou: — O doge consentiu que eu viesse vê-lo, talvez pela última vez. Seu criado explicou-me como Anna é importante para você, por isso decidi vir com ela. Não esqueci o que tentou fazer por mim e por Luciana. Suspirou, e com visível esforço foi recobrando a firmeza. — Mas peço-lhe que me escute, os eventos se precipitam. Nosso encontro é confidencial; Loredan tem pés e mãos atados, mantém-se em difícilíssima situação e muitos no Senado olham-no já com desconfiança. Sei que o acusam do assassinato de Emilio Vindicati e que, bem verdade, é a vítima ideal, embora isso não o surpreenda. Não o julgo culpado, pelo menos desse assassinato. Você soube me escutar quando foi ao meu encontro, é minha vez de retribuir. E essa jovem convenceu-me de sua honestidade. Ninguém mais vê com clareza; comemoramos, nesse exato momento, o triunfo da anarquia e da cegueira, como era desejo dos Pássaros de Fogo, sem dúvida. Temos que lhes creditar esse novo sucesso. Pietro tentou concatenar os pensamentos. A voz de Giovanni ressoava na cela e em sua cabeça. Atrás de Anna e do senador, Lorenzo Basadonna voltara e os observava. Giovanni o fuzilou com o olhar. O guarda inclinou-se compungido, lançando-lhe um olhar insolente e retirou-se, com seu passo pesado e claudicante. A aparição teve, a Pietro, o efeito de uma larva voltando à seda brilhante de seu casulo, arrastando atrás de si miasmas rastejantes. Levou as mãos à cabeça, tomando consciência de que a inesperada visita de Anna e do senador era sua última chance. — Giovanni, sozinho nada posso fazer! — disse. — Estão loucos, acredite em mim. Caí numa armadilha. Foi Il Diávolo em pessoa que vi na basílica, matou Vindicati antes de atirar o corpo no canal. Se tivesse visto o estado em que o deixou... Recebi um bilhete que me forçou a deixar a casa Contarini para ir ao encontro de Emilio e só demasiado tarde percebi a cilada. Depois do que presenciei no Grande Conselho, convenci-me de que o doge corre perigo diante da multidão, sobretudo agora que o chefe dos Dez foi eliminado. Por sorte, resta Pavi, da Criminale, em quem confio; mas é bem pouco face ao que se anuncia. Senador, preciso sair daqui! Giovanni meneou a cabeça

com amargura. — Isso, infelizmente, não está ao meu alcance — pelo menos por enquanto. Mas há outra coisa que deve saber. Inspirou profundamente e, com gesto largo, tirou da vestimenta, como num passe de mágica, um rolo de papel preso com fita vermelha, abrindo-o diante dos olhos de Viravolta. — Não fiquei inativo nos últimos dias, continuo seguindo a pista de Minos. E os nobres que me cercam também se mantiveram ocupados com investigações. Um deles obteve revelação surpreendente, o que descobrimos me deixou sem voz. Pigarreou. — Tenho em minhas mãos o esboço de um tratado, Viravolta. — Um tratado? — Um tratado de assistência mútua, encontrado quase reduzido a cinzas na lareira de um dos apartamentos alugados para o panóptico, que passou despercebido durante as buscas de Pavi e da Criminale. Esse documento não traz selo nem assinatura, mas designa claramente as duas partes. Uma delas é a Quimera. E a outra... — A outra? Campioni franziu os olhos, o ar grave. —

Trata-se de um homem cujo nome é Eckhart von Maarken. Fez uma pausa. —

Esse nome lhe diz alguma coisa? — Não — respondeu Pietro. O senador prosseguiu: — Von Maarken é uma das maiores fortunas da Áustria. Entretanto, é considerado um renegado aos olhos do próprio governo. Foi acusado de desviar fundos do Estado para fins pessoais; na ausência de provas, contentaram-se em afastá-lo. E um tipo cuja ambição e megalomania não lhe permitem acostumar-se com a distância do poder. Serviu, durante muito tempo, no Ministério dos Negócios Estrangeiros e conhece

Veneza como a palma da mão. Conviveu até mesmo com Loredan! Há muito a Áustria deseja o Adriático, Viravolta. Lembre-se de que o império austríaco se estendia dos Países Baixos a parte da Itália. O império está saindo de uma sangrenta guerra de sucessão. A imperatriz Maria Tereza só conservou a coroa graças ao apoio da Inglaterra e crêem-na mais preocupada com Frederico da Prússia e a perda da Silésia do que com uma tentativa de domínio sobre Veneza. Mas murmuram em Viena, na Hungria e na Boêmia que ela prepara uma vingança com grandes chances de nos atingir, direta ou indiretamente. Seja o que for, Von Maarken é um peão incontável ao qual não falta apoio ou recursos. Age com total independência e não ficaria surpreso de saber que tentaria um golpe de força para servir a um império que o despreza e assim reconquistar-lhe a indulgência. Até o momento, uma ameaça dessa ordem não era levada a sério por nenhum de nós. Há, contudo, uma última coisa; parece que Von Maarken deixou o castelo de Knittelfed há cerca de duas semanas. Talvez esteja aqui, no coração da República. — Von Maarken seria Minos? — Ou Il Diávolo, a menos que não se trate de uma só pessoa. Ele visivelmente

fez Ottavio aderir a sua causa. Mas, em hipótese alguma, poderia fomentar tamanha conspiração sem um aliado aqui em Veneza. O tratado prevê colocarem forças conjuntas, navais e terrestres, à disposição. Parte dos Pássaros de Fogo talvez seja composta de austríacos, mas ele deve igualmente contar com um recrutamento local. A questão no momento é desemboscá-lo antes das festas da Ascensão, que começam depois de amanhã, o que não nos deixa muito tempo. Pietro refletiu alguns segundos, sacudindo a cabeça, abismado. — Esse tratado é um elemento bem providencial. Diga-me, algo me escapa. Não compreendo mais nada de todos esses cálculos. O doge está a par? —

Ainda não. Não tenho nenhuma prova do que lhe conto e esse tratado talvez não passe de uma aberração suplementar. — E falou disso a Emilio Vindicati? Giovanni olhou Viravolta, surpreso. — Não. — Não? Bem, escute-me Excelência, eu lhe peço. Se Von Maarken está em Veneza, esforcemo-nos por encontrá-lo. Mas a outra chave é a identidade de Minos. E se ele é de fato veneziano... — Ele é — interveio uma voz estranha. Pietro pensou, por um segundo, tratar-se de Casanova, pois a voz lhe era familiar. Escapara de repente, como um brado de entonação trêmula, de uma cela vizinha. Com certeza já a ouvira antes. Enquanto fazia um esforço de memória, o senador virou-se para o corredor. — Ele é — repetiu a voz. — Fregolo — murmurou Viravolta. O astrólogo! Fregolo apodrecia nos Piombi desde sua conversa com Pietro. Tinha sido interrogado, espancado, sempre clamando inocência. Quanto a Casanova, também se manifestou: — Escutem, não compreendo nada do que dizem, mas me parece que lá fora o ambiente anda um pouco tenso. E essa prisão é cada vez mais surpreendente. Posso me convidar a participar da discussão? Parece que aqui é o último salão onde se discute. O rosto de Campioni ruborizou-se. Pietro lhe fez sinal para não prestar atenção ao amigo. — Fregolo! — chamou Viravolta, aumentando a voz. — Foi você quem me denunciou aos Dez! — gritou o senador. — Esse falso testemunho deveria lhe custar a vida! Um pouco mais afastado, o rosto barbudo do astrólogo estava colado à fresta. Pudessem ver sua fisionomia e ficariam bastante surpresos. Longe o tempo em que Fregolo lia cartas e bolas de cristal com grande pompa, a túnica estrelada, sob um dossel. A roupa suja e rasgada, o olhar desvairado, o rosto inchado. A magreza e a fraqueza dos membros descarnados lhe impediam praticamente qualquer esforço muscular. No interior da masmorra, escorado na porta, deixava escapar uma respiração penosa e irregular. Ouviu-se o barulho de correntes, seguido de um longo silêncio. Em seguida, voltou a falar: — Perdoe-me, Excelência, mas fui ameaçado, como outros. Os Pássaros de Fogo me

procuraram e o designaram como culpado. Mas agora que temo morrer a cada minuto e que o senhor está aqui, não tenho mais motivos para me calar. Não ousou crer que será suficiente para demonstrar a seus olhos minha redenção, mas ainda posso lhe ser útil. Pietro e Campioni entreolharam-se. — Minos não pode manter o anonimato — continuou Fregolo. — Então o conhece! Sabe seu nome? — exclamou Pietro. — Não. Mas sei quem sabe. Acho que negligenciaram uma das pistas nesse sórdido negócio. Falo do primeiro assassinato, o do teatro San Luca. — O assassinato de Marcello? O que quer dizer? — Não me refiro a Marcello, mas à sua mãe, Arcangela Torretone, hoje praticamente inválida e louca. Passa o resto dos dias no convento de San Biagio de la Giudecca. Uma irmã do convento me disse que Arcangela conta, a quem quiser escutá-la, ter encontrado o Diabo em pessoa. As freiras acreditam ser o delírio de uma pobre mulher, mas não de concordar que a coincidência é perturbadora. Pietro voltou a olhar o senador, elevando a voz. — E... é tudo? — Talvez seja muito — respondeu o astrólogo, fungando. Confiem em mim, falem com ela. Um novo silêncio reinou. — Bem, e quanto a mim? — perguntou Casanova. Pietro segurou o braço de Campioni. — Excelência, eis o que lhe proponho. Se revelarmos nossas conjecturas, não seremos ouvidos, principalmente numa hora em que cada qual tem as suas próprias e que o Conselho dos Dez se vê privado de Emilio e sério perigo nos ronda os passos. Por isso lhe peço, vá a San Biagio e tente falar com Arcangela, a vermos se o que ela diz significa algo. Em seguida — peço-lhe, para isso, depositar em mim sua confiança — interceda em meu nome para que possa obter uma última audiência com o doge. Se conseguir novas informações, o senhor poderá me salvar deixando-me negociá-las com ele. Não proteste, eu lhe suplico. Sei que lhe peço muito, mas é minha única chance. E dou-lhe minha palavra de honra de que hei de empregar todos os meios a meu dispor para apoiá-lo. Certamente não tenho mais crédito junto à República, mas posso lhe ser útil de outras maneiras. Preciso de sua proteção, Excelência, entrego-me ao senhor. Meu destino está em suas mãos. — O doge saberá que eu... — Estamos no mesmo barco, Excelência. Nós também precisamos formar uma aliança, sem o que Veneza está perdida. — Mas... É que... Dá-se conta de que... minha posição... Vindo aqui já... — Giovanni, Luciana está morta, o doge corre perigo de vida, não podemos ficar parados! O senhor veio me procurar e tinha razão. É preciso... Viravolta calou-se. Giovanni hesitou longamente, mergulhando os olhos nos do prisioneiro. — Bem — terminou por dizer —, vou a San Biagio. Quanto ao resto... veremos. Afastou-se. Anna Santamaria aconchegou-

se novamente nos braços de Orquídea Negra. — Precisamos partir — disse ela. — E você, que há de fazer? — Estarei pronta, serei prudente, juro. E Landretto me protegerá, mas não partirei sem você, meu amor. — Anna... Campioni voltou-se e gritou: —

Guarda! Pietro ouviu os passos pesados de Lorenzo aproximando-se. — Anna! Os dedos entrelaçados soltaram-se com tristeza. Trocaram um último olhar. Depois ela saiu da cela. O senador também observou Viravolta uma última vez e girou nos calcanhares. —

Amém! — disse Fregolo da cela. — Não se vão! — gritou Casanova. — Alguém pode me explicar o que está acontecendo? A porta da cela se fechou. E enquanto Campioni se afastava, Viravolta pensava: Avante, Giovanni! Sucesso! Por vezes é preciso contar com os outros, você é minha única esperança. Imediatamente corrigiu: Nossa única esperança.

CANTO XVII

ARCANGELA

Giovanni Campioni chegou ao convento de San Biagio, na Giudecca, ao cair da noite. Trajando uma capa e a toga negra, beretta na cabeça, desceu da gôndola e, na companhia de dois homens, atravessou algumas ruelas antes de contornar a massa escura do convento. O silêncio pesava. A entrada, o senador declinou o nome e rogou permissão para visitar Arcangela Torretone. A madre superiora, mulher de seus 60 anos, rosto pálido e enrugado, examinou-o por um instante, com desconfiança, por trás da portinhola gradeada, mas a visão da toga senatorial dissipou rapidamente seus temores. Abriu a porta. Três irmãs a ladeavam. Um sino soou; uma das irmãs dirigiu-se rapidamente aos corredores. A superiora ordenou aos soldados esperar Giovanni no vestíbulo e convidou o senador a acompanhá-la. Penetraram no claustro, sob a luz das estrelas, e atravessaram o refeitório até chegar a novos corredores. — O senhor sabe, Excelência, que Arcangela perdeu o juízo. Faz tempo ela é uma de nós. O filho vinha visitá-la, de vez em quando. Nem sempre o reconhecia, pode imaginar? Ela envelheceu e engordou muito, a invalidez a impede de movimentar-se como gostaria. De tempos em tempos, suas noites são agitadas por pesadelos. Triste destino, Excelência! Fazemos o possível para atenuar-lhe as inquietações e a loucura. Mas, por vezes, este convento parece um hospício e nada é pior que ouvi-la, no meio da noite, a soltar uns gritos lúgubres, de cortar o coração. Clama por socorro a Nosso Senhor e não temos coragem de abandoná-la, apesar de nos tornar difícil

a vida e bem conturbado o recolhimento. — A senhora diz que o filho a visitava, às vezes. Quando foi a última? A superiora refletiu um instante, continuando a caminhar a seu lado. — Dois dias antes de morrer, acredito. Porque Marcello foi assassinado, não foi? Devo dizer que desconhecemos em que circunstâncias, mas isso não lhe hei de perguntar, Santa Maria! Nem mesmo sei se Arcangela entendeu que o filho não faz mais parte deste mundo. Mas, Excelência, andamos inquietas. O que está acontecendo em Veneza? —

Nada que deva perturbar ainda mais a vida de sua comunidade — respondeu Campioni, com um tom que pretendia ser reconfortante. — Sabe o que diz Arcangela? Ela não pára de repetir que viu o Diabo. Sim, o Diabo, o Diabo! É o único nome que pronuncia. Cruza as mãos em direção ao céu, reza o terço. Acredito ter sido depois da vinda daquele homem que... Os olhos de Giovanni brilharam. Parou. — Quem? Outra pessoa veio aqui? Mas quem? Quem e quando? Tinha repousado a mão no braço da madre superiora, apertando-o mais do que seria razoável. Intrigada, um brilho angustiado no olhar, tentou desvencilhar-se. O tecido do hábito, também negro, fremiu, por um instante, no silêncio do corredor. O senador pediu desculpas. Voltou à carga: — Quem? —

Não sei, Excelência. Disse ser seu primo... Conversaram durante uma hora e, ao partir, encontrei Arcangela quase em transe, aterrorizada, o olhar perdido. Mas isso lhe acontece por vezes. Ela se esquece, ela... — Meu Deus, ele veio aqui. O astrólogo tinha razão! Apressou o passo, a madre superiora tentando acompanhá-lo. — O que quer dizer, Excelência? Que tem ele? Eu deveria... Ela é louca, compreende, ela... — Quando foi isso? Antes ou depois da morte do filho? — Depois, eu acho. Alguns dias depois. Giovanni esfregou os olhos e parou de novo. — Tentaram intimidá-la, creio — murmurou. —

Intimidá-la? Mas por quê? Uma pobre mulher como ela, trancada no convento! —

Não se inquiete. Cerque-a somente de toda atenção. Acha que ela seria capaz de reconhecer esse homem? Ela sabe o nome dele? — Ignoro-o. O melhor é perguntar a ela, se estiver lúcida para falar com o senhor ou se lembrar do que quer que seja. E ali, no meio desse convento de luzes difusas, um sepulcro prematuro, Giovanni Campioni encontrou Arcangela Torretone. A superiora bateu três vezes e, sem esperar resposta, introduziu Giovanni numa cela fria e despojada. Uma minúscula abertura atravessada por barras permitia ver o céu noturno. Por mobiliário tinha o cubículo de pedra apenas uma cama rústica sob um grande crucifixo, um tamborete e uma mesa de leitura, onde se achava Arcangela. Não lia; as mãos unidas nos joelhos, desvairada, os olhos no vazio, a face pálida e inquieta, parecia absorta em contemplação interior, entregue a um torpor

surdo. Giovanni não pode conter um arrepio. Não devia ser tão velha e, no entanto, sentada assim em silêncio, parecia não ter idade. Havia mantido a touca de religiosa que lhe ensombreava o rosto e de onde escapavam algumas mechas de cabelo grisalho. Não se moveu à entrada do senador e da superiora, nem mesmo voltou o olhar. A superiora aproximou-se e pousou-lhe a mão no ombro. — Arcangela, você está bem? Há aqui alguém que veio vê-la... Um membro do Senado. Nenhuma reação. — Messer Campioni gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre seu filho. Lentamente, Arcangela moveu a cabeça em direção a Giovanni. O olhar confirmava-lhe o desequilíbrio mental, como já percebera o senador, com um suspiro angustiado, desde a entrada na cela. Abriu a capa e sentou-se no tamborete. Arcangela desviou os olhos, dando-lhe as costas, e Giovanni, puxando o assento para junto dela, veio sentarse ao seu lado. — Bem, deixo-os a sós — disse a madre superiora. — Qualquer coisa, Excelência, mande me chamar. Assim dizendo, retirou-se e fechou a porta, deixando Giovanni e Arcangela sozinhos. Permaneceram silenciosos por longos minutos. Enquanto esmiuçava os traços daquele rosto delicado que, no passado, devia ter sido o de uma artista encantadora, pensava nas vozes que a cada dia elevavam-se, em Veneza — até mesmo entre as religiosas — , para testemunhar o inferno conventual vivido cotidianamente por certas "esposas de Cristo." Para a grande maioria, o serviço ao Senhor advinha de devoção e fé sinceras, mas várias eram forçadas à clausura, por vezes, desde tenra idade. Entravam no convento aos 10 ou 12 anos, forçadas pelos pais ou por tradição familiar. Algumas viviam 40, 50 ou 60 anos no silêncio dos mosteiros como esse de San Biagio ou o de Sant'Anna, em Castello. A estas se juntava um cortejo de vítimas de amores sofridos, casamentos frustrados, aquelas cuja juventude se recusava a vergar-se às exigências de uniões forçadas ou à indignidade de se entregarem a quem fizesse a melhor oferta, legiões de mulheres sem outra escolha a não ser o convento ou o casamento de conveniência. As mais educadas acusavam a República de tirania, por vezes, claramente. A imagem de Luciana Saliestri passou pela mente de Giovanni. Para escapar a esse destino, precisou usar de todas as armas que a natureza lhe dotara. Sentiu tremerem-lhe os lábios. Luciana, por quem teria se condenado às penas do inferno; Luciana, libertina e rebelde — mas pura, no fundo tão pura... Tinha certeza, sempre estivera convencido disso. Luciana e sua busca infinita, procurando sem jamais encontrar o paraíso na terra. Giovanni quis dar-lhe tudo, sem jamais tê-la conquistado de verdade. Luciana e seus loucos vãos no ilusório jardim dos prazeres. Não havia meio termo para uma mulher, entre a reclusão absoluta e a liberdade sem freio;

freiras e cortesãs tinham diante de si o mesmo vazio. Arcangela continuava perdida em meditação. Sim, pensava Giovanni, ela devia, talvez, à compaixão da superiora estar ainda aqui e não num asilo de loucos, aquele sumidouro lúgubre na ilha de San Servolo, onde eram abandonados ao esquecimento; outro inferno, real. Em que pensava Arcangela, enquanto a observava? Talvez recordasse o próprio funeral, o dia em que, durante uma cerimônia fúnebre, prostrara-se, o rosto no chão, velas ao redor, em meio a litanias. Já não estaria morta, antes mesmo de chegar a San Biagio semilouca, semi-paralisada? Tomou o véu na odiosa noite das segundas núpcias com esse Deus que lhe levara o marido e a quem, talvez, culpasse secretamente pelos pecados do filho. Marcello devia entender, devia ler a incompreensão nos olhos devotos e enevoados da mãe como uma insuportável renegação, em benefício de um outro Pai que também se recusava a reconhecê-lo. Giovanni passou maquinalmente a mão pelos lábios. Lembrava-se do opúsculo de uma religiosa, lido dois anos antes, escrito por uma das duas irmãs de Morandini. Fé, entre a luz e o inferno. Por vezes, três ou quatro jovens da mesma família iam para o convento. Inevitável ocorrerem certos deslizes. Freiras haviam sido vistas dançando diante dos locutórios ao som de pífaros e trompetes; soube-se de festas proibidas, discussões políticas organizadas pelas reclusas com a ajuda dos amantes. O próprio Pietro Viravolta devia seu encarceramento a esse tipo de escândalo, por haver, no passado, se encontrado com a condessa Coronini no santuário do monastério, ou então a misteriosa M que, aparentemente sem grande dificuldade, fugia do convento de Santa Maria degli Angeli, em Murano, para encontrá-lo num dos casini de Veneza. Mas os Dez tinham a responsabilidade de descobrir ligações ultrajantes como essas e punir com rigor os culpados. A imagem de Emilio Vindicati passou como uma sombra diante dos olhos de Giovanni. Inclinou-se. — Arcangela, eu me chamo Giovanni Campioni. Queria lhe falar sobre a última vez em que Marcello veio vê-la. Ela franziu a testa, um vago sorriso iluminou-lhe o rosto. Estendeu um longo pescoço de cisne, revelando uma graciosidade que surpreendeu Giovanni. Ao mesmo tempo, o sorriso não deixava de ser inquietante. —

Marcello... Claro! Como vai ele? Giovanni pigarreou e remexeu-se no tamborete, constrangido. Uniu as mãos. — Arcangela, lembra-se do que ele lhe disse durante a última visita? — Marcello é meu filho, o senhor sabe. Amo tanto meu Marcello, que está nos braços de Deus, como eu! Uma criança abençoada, ora se é! Sempre presente em minhas orações. Como vai ele? — Ele veio vê-la? Falou com a senhora sobre o teatro, sobre seu trabalho no San Luca? Arcangela imobilizara-se, como se houvesse

visto ou escutado algo estranho. Acabava de erguer a mão e punha sobre os lábios o indicador. — Silêncio! — disse. Fixou longamente um ponto da parede, com ar concentrado. Giovanni seguiu-lhe os olhos, mas nada havia ou, pelo menos, nada que pudesse atrair a atenção. Entretanto, Arcangela parecia claramente ver algo. — De vez em quando Marcello vem me ver — disse. Às vezes de dia, outras de noite. — Quando foi a última vez? — Ontem. Acho que foi ontem. Foi a vez de Giovanni franzir a testa, o semblante perpassado de grande tristeza. Adoraria estender a mão a essa mulher, arrancá-la desse outro mundo onde se refugiara. — Não, Arcangela. Não é possível. Está certa de que foi mesmo ontem? Fez-se carrancuda, mão no queixo, voltando a refletir. De repente, gesticulava como uma menina. Procurava, longe, bem longe... — Ontem... Não, não foi ontem. Amanhã, talvez. É isso; ele virá amanhã, não é? Giovanni refreou um suspiro. Temia ter vindo em vão. Calou-se enquanto Arcangela continuava a repetir para si mesma: Ontem? Amanhã ou depois de amanhã... Ele ainda hesitava. Talvez houvesse um meio mais eficaz de despertá-la. Repugnava-lhe à caridade natural renunciar à delicadeza, mas o tempo era contado e não tinha escolha senão a brutalidade das palavras. Talvez um choque bastasse para trazer mais clareza às lembranças da religiosa. — Arcangela, fale-me do outro homem que veio vê-la. Faleme do Diabo, Arcangela. O resultado não se fez esperar. O rosto assumiu a imobilidade da máscara. Procurou com frenesi o terço na mesa e, com dedos trêmulos, começou a murmurar uma prece. Nos olhos luzia agora um clarão de pânico. — Ah, sim, eu o vi, Messer, ele veio para me assustar. Veio uma noite... Ah, não disse que era verdadeiramente o Demônio, mas eu o reconheci. O Senhor me havia colocado em guarda quanto à sua vinda, eu o vi em sonhos. — Arcangela, é muito importante. Quem era ele? — Quis me amedrontar, disse que eu morreria e sofreria os mil tormentos do inferno, antes e depois; que ficaria completamente paralisada e que nada, nem mesmo a luz de Deus, poderia me salvar. Falava com doçura, aquela doçura amarga que só o Tentador, o ímpio, o anjo rebelde pode usar... Disse que me calasse para todo o sempre, no silêncio desse monastério, ou ficaria em suas mãos por toda a eternidade. Achava que Marcello tinha me falado dele. Sim, conversávamos longamente e, por vezes, Marcello me contava seus tormentos, bem como ao bom padre de San Giorgio Maggiore. Talvez tenha tentado pegar meu filho Marcello! O Diabo já tomou conta de você? — Quem era esse homem, Arcangela? Ela levantou os olhos pela primeira vez em direção a Giovanni, com ar alucinado, as pálpebras tremendo. — Como, o senhor não sabe? Tentava esconder-se, mas havia assumido a aparência de um nobre de Veneza, eu

sei! Veio ao meu encontro em forma humana. Falo de Andreas Vicario, Messer! O homem da Libreria de Canareggio, a Libreria do Diabo! VICARIO! Repetiu esse nome várias vezes, até que lhe morressem as palavras num queixume terrível, longo e doloroso.

CANTO XVIII

OS HERÉTICOS

Vieram buscar Pietro na manhã seguinte, colocando assim termo, embora provisório, a nova noite de angústia. Recebeu a notícia de Basadonna com tamanho alívio que, num gesto inédito, quase bendisse o carcereiro. Fregolo e Casanova suplicaram-lhe não esquecê-los e Viravolta prometeu interceder por eles, na medida do possível, assim que as condições o permitissem. A esperança voltava, tudo agora dependia da entrevista com Loredan. Foi encontrar Campioni diante da Sala del Collegio. Estava a ponto de abraçá-lo quando o senador cochichou-lhe o que lhe tinha contado Arcangela, poucos minutos antes de serem recebidos pelo Príncipe Sereníssimo que, dessa vez, não estava sozinho, mas na presença dos membros do Conselho privado. — Precisei usar todas as manobras da diplomacia para garantir-lhe esta última audiência — disse Giovanni. Minha experiência de negociação nas cortes da Europa me valeu; não imagina como precisei me desdobrar para consegui-la. Demonstre ser confiável, Viravolta, uma vez na vida, pois esses instantes serão para você — e talvez para mim — definitivos. Loredan não é tolo, sabe que foi forçado a encarcerá-lo por pressão do Grande Conselho, mas só lhe concederá alguns minutos antes de reconduzi-lo ao calabouço, caso não consigamos convencê-lo. Ninguém mais quer ouvir falar do Orquídea Negra. O Conselho privado está pronto a armar um novo escândalo, encara-o com hostilidade e só concordou com esse "favor" por termos amigos em comum. Mas a amizade já não pesa no jogo político que enfrentamos, face ao perigo que nos espreita. Foi também a iminência do perigo que os forçou a recebê-lo, pois, afinal, sem Vindicati, sem o senhor e sem mim, não têm muita esperança de avançar e a Sensa é amanhã. — Vicario — murmurou Pietro. — Não foi então o acaso a me conduzir à biblioteca de Canareggio, e sob seu teto é que assassinaram Luciana! Tem em suas mãos o assassino dela, Giovanni, há que fazê-lo pagar. Vamos convidá-lo a outro tipo de baile. Sua influência no Grande Conselho e o segredo que cerca nossos negócios foram o suficiente para isentá-lo de todas as investigações. Ele deve ter se divertido como louco fazendo papel de vítima... Mas os livros de sua Libreria já faziam supor a perversidade

doentia desse homem. Ele, Ottavio, e o misterioso Von Maarken. Não desanimemos, senador! O inimigo começa a ter um rosto. E não apenas um, mas vários! —

Certamente. Mas não esqueçamos um detalhe crucial, Viravolta. Além do esboço de um tratado surreal, não temos outras informações além das palavras de uma religiosa à beira da demência. E não me refiro aos planos do panóptico que você afirma ter achado em casa de Ottavio. Tudo isso não terá muito peso. — Mas as coisas começam a fazer sentido. É preciso que o doge e o Minor Consiglio escutem esse discurso. Falavam em voz baixa, homens armados os cercavam. Afastaram-se quando se abriram as portas da Sala del Collegio. — Sua Alteza Sereníssima e o Conselho irão recebê-los, Messere. Pietro e o senador trocaram um olhar e juntos adentraram a sala.

... Na presença de Sua Alteza Sereníssima, príncipe e doge de Veneza Francesco Loredan, dos dignos representantes do Minor Consiglio, de Sua Excelência Giovanni Ernesto Luigi Campioni, membro do Senado, e de Pietro Luigi Viravolta de Lansalt

Fica decidido o seguinte:

1. Tendo em vista as novas informações trazidas por Messere Campioni e Viravolta, dito Orquídea Negra, o Minor Consiglio decide convocar Messer Andreas Vicario, dentro do menor prazo possível, ao palácio para interrogatório, ficando a cargo da força pública garantir seja essa convocação respeitada, sob pena de prisão imediata de Andreas Vicario sob acusação de morte e alta traição.
2. Fica a cargo de Ricardo Michele Pavi, chefe da Quarantia Criminale e do chefe supremo do Arsenal dar prosseguimento às investigações quanto ao suposto envolvimento do duque Eckhart Von Maarken e o desaparecimento das galeras Santa Maria e Jóia de Corfu, bem como assegurar, com o apoio das forças da cidade, a manutenção da ordem pública, a segurança dos cidadãos da República e a do doge, durante o carnaval e as festas da Sensa, até a erradicação completa da ameaça que pesa sobre a cidade.
3. Tendo em vista que Pietro Luigi Viravolta de Lansalt parece ter sido vítima de uma conspiração visando atribuir-lhe a culpa pelo assassinato de Emilio Vindicati, quando não existe nenhuma prova capaz de estabelecer o acima exposto e que o referido senhor

apresentou fatos que podem se provar decisivos, será beneficiado com liberdade condicional, antes de seu encarceramento nos Piombi, sendo mantido sob controle e supervisão direta de Ricardo Michele Pavi. A pedido de Sua Alteza Sereníssima, ficará encarregado da defesa da cidade, no mais completo anonimato, apenas durante o dia das cerimônias das Núpcias do Mar, após o que será novamente entregue à Justiça. Da eficácia de sua ação dependerá a clemência ou o castigo da magistratura competente, com base nas peças de acusação que sobre ele pesam.

4. Sua Excelência Giovanni Ernesto Luigi Campioni...

Francesco Loredan comprimiu as pálpebras. Revia o rosto do Orquídea Negra e acreditava novamente ouvir suas palavras. Mas... e quanto a Ottavio? O que faremos?... Loredan suspirou. Corria grande risco. Ergueu as mãos ao céu implorando à Virgem Maria, antes de voltar-se para o escrivão, meneando a cabeça. — Vincenzo... — Alteza? —

Esse relatório... — Sim, Alteza. — Faça-me um favor; queime-o. Vincenzo lançou um olhar perplexo ao príncipe. Loredan limpou com um peteleco uma poeira na manga de sua roupa. — Por piedade, Vincenzo... Já disse, queime-o. Mas... e quanto a Ottavio? Que faremos? O doge hesitara. Cabe a você desmascará-lo, mas suplico-vos... Começou a tossir. Faça o que for preciso discretamente! Lembrava-se também da expressão de Viravolta no momento de deixar a sala. A fronte severa, os olhos reluzentes. Eu me ocupo disso. Devolveram-lhe a espada. O doge levantou-se do trono e caminhou com passo lento, a mão no cetro, os ombros curvados. Via desabarem, uma após outra, as instituições, sua tranqüilidade e os mínimos sinais do protocolo. Sim, o mundo inteiro caía-lhe sobre a cabeça. E no dia seguinte teria lugar a cerimônia das Núpcias do Mar.

O senador Ottavio subia a escada de sua villa em Santa Croce e, nessas horas atormentadas, trazia, mais que nunca, a expressão grave. Verdade, conseguira novamente afastar do caminho aquele diabo, Viravolta. Mas a descoberta do panóptico era um duro golpe. Montar o aparato absurdo exigira um ano de trabalho; três décadas antes de Bentham, os planos, concebidos por um arquiteto e matemático napolitano, desaparecido desde então, demonstravam o caráter único da invenção. Obcecava-o a idéia de que pudessem chegar a comprometê-lo. Não se deve subestimar o adversário; não precisava ter quarenta anos de experiência em política para sabê-lo. Tudo aconteceria em poucos

dias. Era a última cartada, mas sentia a necessidade premente de encontrar um plano alternativo. Qual? Essa a questão. Em qualquer hipótese, tudo seria definido rapidamente, como ficara claro durante as recentes conversas mantidas com Minos e Il Diávolo. E, enquanto subia os degraus da escadaria para o escritório, as pernas pesavam-lhe. Tirou a beretta e mudou sua toga senatorial negra por outra, vermelha. Manteve os medalhões, um com a efígie da Santa Maria, outro um retrato em miniatura dos pais. O pai era também senador e a mãe fora íntima do doge. No cinto, pendiam duas chaves de cobre que utilizava, por vezes, para trancar Anna Santamaria em seus aposentos. Quando a afastara de Veneza, depois de ter garantido o envio do Orquídea Negra para a prisão, não teve necessidade de utilizar esse método. Ana não podia deixar Marguera sem seu consentimento mas, tendo voltado ao coração da laguna, sua paranóia retornara. E aquele Viravolta novamente solto! Felizmente, a sessão do Grande Conselho ficou a seu favor e desacreditara o antigo protegido, aquele Brutus cujo lugar era nos Piombi. Quanto à querida esposa, compreendia melhor porque, havia alguns dias, parecia mais feliz e animada por uma alegria que mal conseguia disfarçar. Sim, havia entrevisto os sorrisos fugazes quando lhe dava as costas, e esse olhar pensativo, tão diferente do olhar sombrio e quase apagado exibido em Marguera. Mostrava-se mais calma; convinha lembrá-la sobre quem ali mandava, se ainda fosse preciso. E, quando tivesse definitivamente esquecido esse Viravolta que a perseguia há um bom tempo, voltaria para ele, Ottavio — mesmo que apenas por necessidade. Impossível servir a dois senhores, como o senador bem sabia. Por vezes, era preciso escolher um deles. De preferência, o vencedor. Mas a sorte ainda não estava lançada. Ottavio parou, sem ar. Preocupava-se também com a saúde; havia algum tempo, o coração andava fraco. Suava, tentava esconder na manga o lenço bordado com as iniciais e enxugava a testa. Chegando ao alto da escadaria, a testa franzida, fungou, os dedos perpassando o nariz. Pegou as chaves de cobre para abrir a fechadura. Para sua enorme surpresa, as portas estavam abertas. Davam diretamente para seu escritório, depois para o budoar e, enfim, para o quarto de dormir de Anna, pois ela se recusava ao senador havia muito tempo, imbuída que estava de sonhos imbecis. Ottavio tentara forçá-la várias vezes, mas sabia que, enquanto pensasse no Orquídea Negra, haveria uma sombra entre eles. Era preciso abolir essa sombra, anulá-la, varrê-la para sempre, sem vestígio. Quando Ottavio recebeu da Quimera a missão de surrupiar o broche da cortesã Luciana Saliestri — o broche abandonado no teatro San Luca com o objetivo de incriminar o senador Campioni — aproveitara para possuí-la várias vezes. Ao

menos, isso lhe trouxera um pouco de consolo. Mas hoje, as recusas da esposa se lhe tornavam intoleráveis. Não importava o que custasse, haveria de se curvar a seus desejos. Intrigado e subitamente inquieto, Ottavio franziu os olhos. O escritório se achava mergulhado na semi-escuridão. De súbito, a intuição invadiu-o. Os sorrisos de Anna, seu ar "distante"... Já o teria revisto? No momento em que Ottavio considerava essa hipótese — havia pensado nisso sem acreditar, mas nesse instante lhe parecia curiosamente provável, quase palpável — sentiu o suor novamente porejar. E se o doge, graças ao Orquídea Negra, viesse a saber mais sobre ele? E se... Acabava de acender uma vela e, chegando-a ao rosto, que pareceu tremer à luz da chama, percebeu uma forma escura; alguém se encontrava no aposento. Sentado atrás da escrivaninha. — Estava à sua espera, Ottavio. — Viravolta — sussurrou entre os dentes. Longo silêncio. Nesse hiato suspenso, estranhas lembranças invadiram-lhe a memória. Aquela noite, em Santa Trinità, no palácio Mandolini, onde se havia encantado com aquele rapaz extraordinário, que tocara violino antes de discorrer sobre Ariosto, dirigindo às mulheres piscadelas bem menos intelectuais. A noite em que se conheceram, quando Pietro o salvara da ruína no jogo, graças a conselhos sensatos e passes de engenhosas trapagens. Viravolta o fascinara com seus relatos picarescos, parte inventados, parte autobiográficos, entre Corfu e Constantinopla; seu gosto pelas cartas e numerologia. Mas por que, por que Ottavio fizera daquele jovem, mal saído da adolescência, seu protegido e até mesmo filho adotivo, prometendo-lhe, de um dia para outro, mundos e fundos? Sim, Pietro o seduzira, ludibriara... Sua companhia lhe agradara. Ottavio tinha conversado sobre ele com Emilio Vindicati e acompanhado os primeiros passos do Orquídea Negra. Ele e Emilio, de certa forma, haviam-no criado. Graças a esse apoio, tornara-se o agente da República cujas aventuras eram contadas entre risos ou palavras encobertas, nas mesas das tabernas e dos nobres venezianos. Até o maldito dia em que Ottavio lhe apresentara Anna. Vira fulgir a luz nos olhos de ambos, o constrangimento pouco usual, o brilho da paixão. Poderia tê-los esfolado vivos. Pietro, igualmente, pensava nisso. Sentado, na penumbra, não se lhe distinguiam os traços do rosto. Somente eram visíveis sobre a mesa as mangas claras da camisa. Pousara o chapéu no mata-borrão de couro. Uma gaveta havia sido arrombada, a famosa gaveta onde achara os planos do panóptico, na última visita, e que haviam, naturalmente, sumido. — Pensei que estivesse preso mais uma vez — disse Ottavio, com voz surda. O senador pousara a mão na secretária de gavetas lotadas, perto da porta. —

Você me conhece. Não lido bem com a solidão. Pietro olhou para um canto do

aposento, em direção a uma pequena lareira que não percebera da primeira vez. —

Você os queimou, não foi? Ottavio não respondeu. Os dedos agitavam-se sobre a secretária. — Que veio procurar aqui, Viravolta? Sabe que me basta um gesto para jogá-lo novamente no fundo do calabouço! E, creia-me, vou enviá-lo tantas vezes quantas forem necessárias. Até obter sua cabeça! — Receio que não dure tanto tempo, Ottavio. Orquídea Negra suspirou. — Vamos. Retorne à razão... e a nós. Sabemos que conspira com Andreas Vicario e o duque Von Maarken. O projeto de vocês é uma loucura. Jamais Veneza tombará nas mãos de gente desse tipo. Fez mal em ajudá-los. Por que o fez, Ottavio? Ottavio estava encharcado de suor. Fazia um esforço sobrehumano para manter o controle. Não era hora de se trair. O corpo todo se lhe retesara, os músculos tensos. Deu livre curso à raiva. — CONVERSA-FIADA! Você não sabe nada, Viravolta! Não tem nenhuma... — Prova? — perguntou Pietro. Novo silêncio. Pietro continuou. —

Talvez não, mas pelo menos tenho... uma testemunha. Então a porta do budoar se abriu. Ottavio viu a silhueta de Anna Santamaria, o rosto também mergulha do na sombra, cercado de cabelos louros, num vestido de renda negra. Mostrava-se altiva e orgulhosa. Entre os dedos trazia uma flor. Uma orquídea. Um vinco amargo deformou a boca do senador. — Ah, entendo... — disse com ironia, a voz trêmula. — Em resumo, é um complô! Nunca cessaram de conspirar... Contra mim! Os dedos acariciaram uma das gavetas com puxadores de ouro. — Acabou — foi só o que disse Anna. Calaram-se os três. Ottavio tremendo, Anna reta como a Justiça e Pietro sentado atrás da mesa. A atmosfera era sinistra, carregada. — Terminou — repetiu ela. Ottavio então soltou um berro. — Ah! Isso é o que veremos! Escancarou a gaveta, a mão ali dentro tateando febrilmente à procura de algo. — É isto o que procura? Ottavio voltou-se para ele, pálido. Orquídea Negra fez oscilar diante dos olhos do senador uma pequena pistola de pólvora com coronha de prata. Quase uma miniatura. Ottavio olhou à volta frenético, como se buscasse uma saída. Ao perceber-se acuado, estacou; olhar fuzilante, lábio inferior trêmulo, pareceu fechar-se sobre si mesmo. Os ombros se curvaram... Precipitou-se contra Viravolta. Pietro ficou surpreso quando os 92 quilos do senador atiraram-se sobre ele por sobre a escrivaninha, o ventre varrendo na passagem o chapéu, o mata-borrão de couro e alguns papéis de velino que lá se encontravam. Não teve coragem de apertar o gatilho, atirar em Ottavio, mas conservava a arma na mão. Anna encolhera-se, abafando um grito. A luta que se seguiu tinha qualquer coisa de grotesca, confusa e bárbara. Os olhos do senador faiscavam, espumava, os dedos se crispavam convulsivamente, os grandes

medalhões no pescoço tilintando. Achava-se parcialmente deitado sobre a escrivaninha e Pietro parcialmente sentado. Ottavio tentava apossar-se da pistola como uma criança a quem tivessem tirado o brinquedo. Por um breve instante, pensou ter alcançado sucesso. De repente, uma detonação, quando a arma disparou. Depois, nada. Anna soltou outro grito enquanto Pietro afundava-se na cadeira. Com o pé, virou o cadáver de Ottavio. Tinha as pupilas reviradas e um filete de sangue escorria-lhe da boca. Pietro recuperava o fôlego. Olhou Anna. Estava lívida. — Era... Era ele ou eu — murmurou apenas.

Já fora da villa Santa Croce, Anna, encapuzada de negro, esperava a gôndola que a levaria definitivamente dali. Ergueu os olhos para a fachada de tons desmaiados, com suas rosáceas pintadas sob o balcão. Pietro permanecia junto dela, com Landretto. Pousou a mão no ombro do criado e o fitou longamente. Os cachos louros, puxando para o castanho, esse nariz um pouco comprido demais, esse sorriso sempre insolente. De fato, no dia em que o tirara da rua — Landretto completamente bêbado, cantando canções indecentes para a lua — tivera uma das inspirações mais brilhantes e decisivas da vida. —

Não esquecerei tudo que fez, meu amigo. Nunca. Sem você, estaria ainda a apodrecer no fundo dos Piombi. E não estaríamos aqui, nós três. Landretto sorriu, tirou o chapéu e inclinou-se. — Para servi-lo... Messer Viravolta, Orquídea Negra. — Você tem apenas uma missão agora. Proteja-a, peço-lhe. Encontre um lugar seguro e não saiam de lá. Vou encontrá-los assim que possível. — Assim será feito — afirmou Landretto. —

A morte de Ottavio vai gerar tumulto. Devo encontrar Ricardo Pavi, o chefe da Criminale, com urgência. Virou-se para Anna. Fitaram-se sem uma palavra. Ele acariciou-lhe os cabelos e deu-lhe um beijo nos lábios. A Viúva Negra. Viúva realmente, agora. A viúva e a orquídea. — Aonde vai? — perguntou ela. — Onde está esse Pavi? Pietro acariciou-lhe o rosto uma última vez. — A Sereníssima ainda precisa de mim. Inspirou e virou-se. abruptamente, sacudindo a capa. — Pietro, lhe imploro... Seja prudente! — gritou Anna enquanto ele se afastava. O sol se punha. Orquídea Negra desapareceu na esquina.

Giovanni Campioni não compreendia bem o que se passara; fora tudo tão rápido. Imediatamente após a entrevista com o doge, apressara-se em ir ao encontro do chefe da Quarantia Criminale, Ricardo Pavi, que recebera do Príncipe Sereníssimo as novas instruções. Orquídea Negra o seguira. Nesse ínterim, um destacamento de uma dezena de

soldados do palácio seguira para a villa de Andreas Vicario em Canareggio. Giovanni e Viravolta não puderam acompanhá-los; esperavam, com impaciência, o resultado dessa intervenção. No início da tarde, Viravolta ardia de vontade de deixar finalmente o palácio para ir à villa de Santa Croce, encontrar Anna Santamaria e o senador Ottavio. O Conselho dos Dez, ou melhor, dos Nove, enfurecido com a morte de Vindicati, tomara conhecimento das últimas peripécias com estupor e consternação crescentes. Embora ainda encarassem Pietro com desconfiança, compreendiam a decisão do doge e a lembrança da amizade dedicada a Viravolta por Emilio tranqüilizava-os um pouco. Pavi também apreciava Pietro e inclinava-se a defendê-lo. A revelação sobre a provável implicação de Vicario no complô mergulhara-os em novas e não menos terríveis disposições de espírito e ansiavam pela chegada do réu, preparados para um pesado interrogatório. As informações do senador Campioni sobre a existência de um acordo secreto e o nome de Von Maarken tinham-lhes feito tomar consciência da amplitude do perigo. Como de hábito, em circunstâncias onde reinava a maior confusão, alianças e opiniões mudavam como um cata-vento. Alguns chegavam a concordar com Pietro e sugeriam considerar o cancelamento das festas da Sensa, a Ascensão; mas tudo já estava pronto e era demasiado tarde para uma contra-ordem. Em todo caso, a sombra de uma associação entre Vicário e Von Maarken começava a formar o elo que dava sentido a tudo quanto acontecera desde o assassinato de Marcello Torretone, e a hipótese da cumplicidade do senador Ottavio tornava-se suficientemente plausível para tomarem a decisão de recorrer a métodos menos convencionais que de hábito. Quando Giovanni o deixara, ficara já decidido que o impaciente Viravolta iria a Santa Croce, à tarde. Como dissera Pietro, o inimigo já não era invisível. A ameaça terrorista difusa dos Pássaros de Fogo tornara-se menos angustiante, embora não menos real, já que tinham identificado as cabeças da hidra, uma hidra bicéfala ou, aparentemente, tricéfala, mas de quem finalmente começava-se a delinear contornos. Parecia evidente que o ritual secreto de Mestre e os elementos esotéricos auferidos das Forças do Mal de Raziél simplesmente simulavam uma espécie de delírio sectário que, na verdade, era uma ameaça política, real e organizada, que muito ultrapassava o mero ativismo de uma ou outra facção infiltrada nas engrenagens do Estado. À espera do resultado da intervenção dogal em Canareggio, os Nove e a Quarantia ocupavam-se em ouvir os relatos dos agentes espalhados pela cidade. Apresentavam-se um a um, estranho desfile de corcundas, cortesãs vestidas de rendas, velhas zarolhas, falsos mendigos e outras figuras inesperadas atravessando uma sala, depois outra, numa

exibição fantástica. Finalmente, ao pôr-do-sol, informação decisiva chegou ao palácio; os soldados haviam encontrado a villa de Canareggio deserta. Andreas Vicario desaparecera. Fugira. Quanto ao Orquídea Negra, dele ainda não se tinha notícia; tudo devia ter acontecido simultaneamente. Diante do desaparecimento de Vicario, Pavi praguejou contra a sorte e a própria lentidão, mas tal sumiço podia ser considerado uma espécie de confissão. Andreas Vicario! Quem poderia acreditar? O homem, célebre por sua Libreria maldita, membro do Grande Conselho, exercera múltiplas funções no seio da República; dirigira os escritórios judiciais do Rialto, antes de imiscuir-se no controle das corporações e dos registros e contas do Arsenal, em seguida... Giovanni compreendia melhor a inspiração secreta que presidira a elaboração daquela edificante coleção, bem como suas implicações ocultas. À medida que recompunha o quebra-cabeça, tudo passava a fazer sentido. A fascinação pelo oculto, essa erudição obsessiva que o fizera publicar o famoso opúsculo intitulado O problema do mal; as manobras de intimidação que deveria ter conduzido junto ao astrólogo Fregolo e talvez ao vidreiro Spadetti, algum tempo antes; a facilidade com que pudera eliminar, debaixo do próprio teto, sua querida Luciana Saliestri. Ante tal pensamento, Giovanni sentiu-se inundado por uma dor e uma raiva sem limites. Havia jurado fazer Vicario pagar pelos crimes cometidos. Lutaria pela execução capital, em praça pública e, fosse Vicario efetivamente culpado de alta traição, o doge e os Conselhos acatariam o pedido e fariam justiça, abatendo-se sobre o traidor. Ele, se pudesse, estraçalharia o homem com as próprias mãos; consumia-o um arrependimento profundo de ter sido tão cego, como todos, inclusive Pietro Viravolta, apesar dos talentos indiscutíveis que até então demonstrara. Poderiam ter impedido a morte de Luciana? Essa indagação, mais que tudo, corroía sem descanso o senador, consumia-o. O luto terrível, a devastadora dor da perda já não era segredo e, não obstante, era-lhe tão profundo e íntimo o sofrer que ninguém poderia compartilhá-lo. Evidentemente, vinha a ser mais fácil recompor todo esse sinistro quadro a posteriori. Mas não poderiam ter sido menos ingênuos? Como Vicario e seus comparsas haviam conseguido, durante todo esse tempo, escapar? E quantos Pássaros de Fogo ainda restavam? Quantos discípulos conseguira Il Diávolo arregimentar para urdir na sombra as mais terríveis conspirações? O suficiente para formar um Senado tenebroso, uma Quarantia ilícita, a Quarantia do Diabo? Giovanni não tinha resposta a tudo, mas seus pensamentos não lhe davam um segundo de repouso. A todo instante vinha o rosto de Luciana pairar diante de seus olhos. Via-a sorrir, murmurando-lhe palavras doces com os lábios insolentes, ora deliciosas, ora perversas,

dessa perversidade que ao mesmo tempo magoava e seduzia Giovanni, como o canto da adorável sereia. Ah, Giovanni... Sabe o que me agrada em você? É esse seu jeito de acreditar que vai salvar o mundo. Salvar o mundo! Sim, que tolice! Não conseguira nem mesmo salvá-la. Giovanni cerrava os punhos, os nós dos dedos alteando, pálidos; tentava recuperar o controle, mas era pura cólera. Sem dúvida, ela pertencera a outros homens, sem dúvida não cessara de fazê-lo sofrer, ora mordendo, ora soprando; mas certos êxtases só a ele haviam pertencido. Revia-a, esse rosto feminino dançando de um lado a outro, corado de prazer. Giovanni, Giovanni... Em parte era ilusão, claro, mas pudera confiar nela, conversar, deitar a cabeça em seu peito e dormir. Todas as coisas com as quais sempre sonhara, o conforto, a segurança. A tal ponto que uma vez, brincando, ela lhe dissera: Nossa, Giovanni, senador, parece que está à procura de sua mãe!... Sim, por ela, talvez por ela e só por ela, poderia ter traído a República. Para possuir aquela cuja natureza era livre, incapaz de admitir no pescoço uma coleira, depois das núpcias malsucedidas, e sempre à procura de um amor em que mal podia crer, entregando-se sem nunca se dar. Por ela, Giovanni poderia ter traído, se lhe tivesse pedido. Mas Vicario? Por que havia traído? Pelo poder. Nada além do poder. Para possuir a jóia do Adriático, os vestígios do Império. Antes de ouvirem os soldados despachados para Canareggio, quando Viravolta ainda não tinha partido, Giovanni e ele tinham se trancado com Pavi e os Nove para definir o mapa dos posicionamentos da polícia nos diferentes sestieri, tendo em vista as festividades da Sensa e as idas e vindas do doge. Os agentes da República tinham por obrigação dobrar os esforços para colocar as mãos em Vicario e Von Maarken. Diziam que o austríaco talvez já estivesse na cidade. Seria possível? Ah, claro, pensava Giovanni Campioni, com profunda convicção; não há dúvida. O renegado veio assistir ao que acreditara ser o seu triunfo. Há de ocultar-se nalguma caverna escura, como víbora no fundo da gruta, antes de fazer ribombar os últimos canhões! Mas a batalha não está ganha, Von Maarken, creia-me, ainda não! Não, a batalha não estava ganha, repetia Giovanni; mas que fazia ele, agora que a noite caía, no meio desse cemitério de Dorsoduro, batido pelos ventos? Pois era ali que se encontrava e, enquanto avaliava incansavelmente os últimos acontecimentos, voltava-se ora à direita, ora à esquerda, a mão segurando a tocha, os olhos tentando sondar a escuridão. Começava a sentir frio, apesar do manto de arminho — a menos que esses arrepios fossem provocados pela inquietação crescente. Num instante, sua mão enluvada remexeu no bolso do manto e tirou um bilhete que releu com atenção.

Estais no Sexto Círculo, o dos hereges.

Na borda de um barranco derrocado, em círculo, de rochas em detrito, viemos ao mais duro amontoado, Aí então, recuando do inaudito miasma que esse báratro liberta, ao procurar um resguardo, este escrito lemos sobre uma grã tumba deserta, que dizia: "Anastácio papa eu guardo, que Fotino arredou da estrada certa. Vinde, portanto, senador, às doze badaladas da meia-noite Vinde, mas sozinho, contemplar o túmulo daquela que amastes, pois na tumba de Luciana Saliestri ainda encontrareis um presente." VIRGÍLIO

O bilhete tinha o linguajar elíptico das mensagens recebidas por Viravolta. Esse VIRGÍLIO, sobre quem lhe falara Pietro, membro da Profana Trindade ou novo heterônimo de um Vicario com mil rostos, convidava-o a ir ao local onde haviam enterrado o pobre cadáver de Luciana. Giovanni, parado entre lápides em destroços e sob centenas de estrelas, sentia soprar o vento frio, a entorpecê-lo aos poucos e a fazer bruxulear a chama de sua tocha. O bilhete lhe chegara pelas mãos de um mensageiro bergamasco, quando se apressava em voltar para casa, perto da Ca'd'Oro. Tardara a dar por si e não pudera interceptar o misterioso mensageiro. O convite para ir à tumba de Luciana era de incrível crueldade, mas não o surpreendia, conhecendo já o estilo do inimigo. Pois na tumba de Luciana Saliestri/ainda encontrareis/um presente. O que poderia significar? Naturalmente, pressentia a armadilha. Não fora assim que Viravolta chegara ao átrio da basílica San Marco, no meio da noite? Pediam que fosse só; mas, embora assolado pela dor, não era louco. Com o consentimento do doge, o cemitério fora discretamente cercado por uns trinta agentes. Esperava que esses movimentos noturnos não tivessem sido notados pelo adversário. No entanto, nesse momento exato, pressentia-se espionado, como se o olhar de Minos ou desse Diabo que tanto impressionara Arcangela transpassasse a cortina de trevas e lhe observassem os mínimos gestos. Enxugou a testa suada. Servia de isca, na verdade. Pavi e seus homens deviam estar por perto, igualmente ocultos na escuridão, prestes a intervir, o que lhe dava certa tranquilidade, mas Orquídea Negra ainda não tinha reaparecido. Talvez estivesse a caminho, talvez a "entrevista" com Ottavio tivesse acabado mal. Pavi propusera a Campioni ser substituído por um soldado sob disfarce, mas recusara-o, temendo fosse descoberta a manobra e se comprometesse a captura da Quimera. Já não tinha tanta certeza. Inspirou profundamente e avançou entre as aléias de cascalho, a sepultura de Luciana a poucos metros. Giovanni não vira o corpo depois de

retirado do canal. Fora enterrada no dia seguinte, sem cerimônia ou trombetas, e não a pudera acompanhar de todo, detido para interrogatório pelo Conselho dos Dez, tentando provar a própria inocência. Já tarde no cemitério, vira apenas o caixão negro, desses que singram os canais a balançar sobre a gôndola funerária, destino simples e trágico desse corpo antes sedutor, implacavelmente abandonado no sepulcro. Giovanni caminhava, ao som do vento e de seus passos no cascalho. Suava copiosamente e os arrepios redobravam. Nada enxergava além da luz da tocha. Respiração entrecortada, avançava, voltava-se a mirar uma estrela, prosseguia. Indeciso numa bifurcação, virou à direita, percorreu alguns metros e finalmente parou. Estava diante da sepultura de Luciana. Deteve-se um instante, paralisado de dor. Depois se curvou. Na pedra tumular, outro bilhete, preso por pequeninos seixos. Tomou-o, febril, e leu:

Pape Satan, pape Satan aleppe!

Ei-lo também, senador, no Minueto da Sombra

Uma volta à direita, avança seis passos, depois outra à direita e mais vinte passos.

Diante da nova sepultura,

Excelência,

Vede como beijar Luciana.

VIRGÍLIO

— Que farsa é essa? — berrou Giovanni, trêmulo. Levou alguns segundos a conter-se. Depois, a inquietas olhadelas ao redor, obedeceu. O coração batia-lhe como a explodir. Ao cabo dos seis passos, deparou-se com uma bifurcação; os vinte seguintes conduziram-no rumo ao canto nordeste do cemitério. Voltou a parar, estupefato, o rosto lívido. — Mas... que... que significa... Voltou a olhar à direita e à esquerda, quis agitar a tocha para sinalizar aos homens de Pavi. Nesse instante, uma sibilante flecha lançada pela besta cruzou o espaço e lhe veio atravessar a garganta. O senador levou a mão ao pescoço, o sangue jorrando sobre o manto. Quis articular palavra, mas a dor dilacerou-o. Os olhos rolaram, transidos. A tocha caiu-lhe aos pés. A tocha... A tocha servira de sinal ao inimigo, que o atingira como nem o mais hábil dos atiradores de elite venezianos seria capaz! Fora, todo o tempo, um alvo ambulante e, com certeza, não esperara esse golpe. Não acreditava, não quisera crer — nem ele nem os outros! Tarde demais. Ouviu gritos vindos de todas as direções em torno do cemitério, o ruído das grades apressadamente abertas,

passadas no chão de cascalho... Mas ele morria. Depois de vacilar um ou dois segundos, que lhe pareceram uma eternidade, tombou. Caiu na cova que lhe haviam cavado, buraco cheio de terra negra, profundo e escuro, tendo acima uma lápide com uma estrela e uma cruz invertida, e a seguinte inscrição gravada:

AQUI JAZ GIOVANNI CAMPIONI

Senador herege de Veneza

1696 -1756

Foi reunir-se à amada

O rosto chafurdou na lama. Seu último pensamento registrou a ironia da situação; ele, Sua Excelência, estirado prematuramente nessa sepultura preparada para ele pelo Diabo, pronto a beijar Luciana, no reino das sombras, revolvendo-se na lama como o simoníaco papa Anastácio, encarnação do poder herético, ele que tentara reformar a República, sonhara todas as utopias, sem convencer o Senado, o Grande Conselho ou o próprio doge.

Anastácio papa eu guardo,
que Fotino arredou da estrada certa.

Giovanni Campioni estava morto e Ricardo Pavi diante da mais malsucedida operação jamais conduzida. Orquídea Negra chegou tarde demais. Bravo! Acabavam de entregar tranqüilamente o senador à vindita da Sombra.

SÉTIMO CÍRCULO

CANTO XIX

OS VIOLENTOS

Ottavio e Campioni estavam mortos.

O primeiro pelas mãos do Orquídea Negra, o outro por um dos Estriges. Desse ou daquele modo, os dois senadores tinham sido neutralizados. Não era assim tão grave. Obviamente, Ottavio não tivera tempo de nada revelar e poderia, noutra hipótese, tornar-se incômodo. Assim como Minos, que há algum tempo mostrava tendência a sair dos limites, sem dúvida por excesso de zelo. Mas, essa noite, encontraria uma solução para o problema.

Em algum lugar em Veneza, Il Diávolo, diante de um grande espelho oval com moldura de madeira lavrada no estilo das penteadeiras, sorria, levava aos lábios a mão recoberta de anéis. O carnaval recomeçaria no dia seguinte e divertira-se imenso preparando essa fantasia, embora jamais, definitivamente jamais, fosse usá-la por ocasião das festividades. Era proibido fantasiar-se de doge. Não era isso que o impedia, pois adorava o proibido; é que em breve não teria a Sereníssima doge algum. Riu. Alegrou-se ao se ver assim disfarçado, usando o traje como um símbolo funerário dedicado àquele a quem garantiria um iminente desaparecimento, joguete que a fornalha tragara em breve sem remissão. Adeus, Francesco Loredan! Continuou a rir e, levantando um braço, pôs-se a cantarolar a copla entoada na investidura de um novo doge.

O Conselho escolhe trinta
Dos quais nove permanecem na liça
E elegem quarenta;
Aqueles dentre estes que obtêm a glória
são os doze que escolhem
vinte e cinco; mas destes
só restam os nove
que se colocam de acordo
sobre apenas quarenta e cinco,
dos quais onze exatamente
elegem os quarenta e um
que num recinto fechado
com pelo menos vinte e cinco vozes
elegem o príncipe Sereníssimo que governa
Os estatutos, os decretos e as leis.

Era assim, seguindo um procedimento de extrema complexidade e com um grupo de 41 nobres que se entronizava o doge de Veneza. À saída da igreja ducal, o mais jovem dos conselheiros da Sereníssima designava um menino, o ballottino, para tirar de uma bolsa os ballotte, pequenas bolas que designavam os trinta primeiros eleitores. Essa etapa inicial podia durar vários dias e terminava com o sorteio e eleições parciais em cascata, até que, ao final de um incrível torneio entre sorte e vontade aristocrática, o novo doge reunisse as

25 vozes que lhe permitiriam ascender ao trono. Quantas manobras e complicadas intrigas urdia para precaver-se, como sempre, de conluios ainda mais engenhosos! Ah! Ilusões de glória que desmoronam! Il Diávolo contemplava seu reflexo, murmurando incessantemente aqueles versos. Cansado, afinal, tirou o come, o conhecido chapéu ducal de inspiração bizantina, feito de resplandecentes brocados recamados de ouro; a zogia, a jóia, como o chamavam os venezianos, salpicado com setenta das mais raras e brilhantes gemas, rubis, esmeraldas, diamantes e 24 pérolas em forma de gotas. E Il Diávolo dela só tinha uma cópia vulgar. Fez uma careta diante do espelho e atirou ao chão o chapéu. Lenta e cuidadosamente pisoteou-o com o maior empenho. A hora de Francesco Loredan chegara. Conquistada Veneza, poderia, uma última vez ainda, expor-se na sala do Piovego. Seu cadáver seria velado pelos novos inquisidores, bem como pelos oficiais escolhidos para exercer as funções pela Sereníssima e os inevitáveis cónegos de San Marco. O corpo seria exibido à multidão, antes de ser conduzido à igreja San Giovanni e Paolo, para o mausoléu onde seus predecessores se achavam enterrados. Na procissão, nobres trajados de vermelho, já aderidos ao Estado renascente, religiosos de San Marco e músicos da Capela real, representantes das Scuole Grandi, clero secular e regular, corporações do Arsenal, os três Avogador di comun, procuradores do Estado, pensionistas das quatro grandes operaldi, notários e secretários da Chancelaria ducal e o chefe, o Grande Chanceler. E, à frente do cortejo, Il Diávolo, o único baluarte, o único depositário do poder capaz de defender a Sereníssima e restaurar a antiga primazia imperial, a de Rainha dos Mares. Mas adiante! Il Diávolo era esperado. As peças do xadrez achavam-se arrumadas no tabuleiro, os lances sucediam-se. As Forças do Mal se reuniam para enfim dar o golpe de misericórdia na velha República. Sob a impressionante abóbada do salão da villa Morsini, em Marghera, Eckhart Von Maarken e o aliado terminavam os preparativos. Havião decidido estabelecer o novo quartelgeneral na Terra Ferma, nas margens de Brenta, onde agrupariam suas forças. Reunidos sob as complicadas circunvoluções da cúpula barroca, os Pássaros de Fogo preparavam-se para o assalto. O olho orgulhoso de um deus antigo parecia perfurar o céu da pintura para fixar os filhos extraviados. Em toda a extensão do vasto e oval aposento, grandes espelhos refletiam ao infinito as formas encapuzadas que ali se acotovelavam. A noite caíra e grandes lustres inundavam de luz o estrado montado para a ocasião, recoberto de um tapete vermelho-sangue. O recrutamento dos Pássaros de Fogo fora demorado e difícil. Esse exército heterogêneo repousava numa organização das mais insólitas. Agregado improvável de motivações com

frequência díspares e até contraditórias, tinha a arquitetura do caos; mercenários atraídos pelo brilho do ouro, funcionários corruptos, nobres e intrigantes cansados da letargia das instituições, gente pobre e miserável, sem contar o reforço de Von Maarken. Este havia contratado dois batalhões austríacos, compostos de sua guarda pessoal, embarcada em galeras ao largo do canal de Otrante, e de soldados da Coroa austríaca que o renegado arregimentara pacientemente. A decepção com a guerra de sucessão imperial havia nutrido muita frustração, permitindo assim a Von Maarken engrossar suas fileiras. Na verdade, os venezianos decadentes representavam apenas metade das tropas mobilizadas em segredo. Húngaros, boêmios e até mesmo alguns prussianos associaram-se à operação. Von Maarken fizera chegar aos ouvidos de Frederico da Prússia vir agindo em seu interesse e pretendê-lo como aliado e chefe de Estado na Sereníssima. Jogo perigoso, pois o duque austríaco, em caso de sucesso, contava depor aos pés da imperatriz Maria Tereza os frutos da vitória, recuperando assim os favores da corte. Mas Frederico e Maria Tereza eram adversários declarados e a Silésia não era o único motivo de discórdia. Von Maarken fazia jogo duplo, mas estava acostumado a esse tipo de manobras. Nesse sentido, sentia-se dono de um temperamento tipicamente veneziano. O inusitado projeto de tomar Veneza de assalto começara a germinar em seu espírito. Não era simplesmente audacioso, era pura loucura. Sem dúvida nenhuma, seria totalmente impensável há algumas décadas e ainda o pareceria a quem continuasse a crer na aparente supremacia da Sereníssima. Mas bastara arranhar o verniz para que Von Maarken tivesse a confirmação do que todo mundo suspeitava; a República abatida contemplava-se no espelho reconhecendo o declínio, sem reagir. A nobreza cada vez mais ociosa, as administrações frouxas, os negociantes prontos a seguir as ordens de um novo patrão. Outros impérios haviam tombado bem antes de Veneza. Adeus, Império! Veneza já não passava de uma cidade. E tomar uma cidade era muito simples. Os intrincados labirintos do planejamento de tal golpe não bastavam para dissuadir Von Maarken de sua temerária empreitada; ao contrário, excitavam-no. Dedicar-se a considerar seriamente a questão e, à medida que arregimentava aliados de todas as condições, servindo-se de práticas tão velhas quanto as usadas nas sociedades secretas e na franco-maçonaria, seu sonho começara a tomar forma. Pusera-se a refletir com mais seriedade, em busca de um verdadeiro plano de batalha e determinara o momento propício ao desencadeamento da ofensiva. Se um ataque devia ser praticado, teria de ocorrer durante as festas da Ascensão, no auge do carnaval. Uma trégua por excelência, um interlúdio em que as

autoridades da cidade, dispersas na multidão mascarada, submersas na extravagância da população, hesitavam, elas mesmas, em deliberar. Os pontos nevralgicos estariam desguarnecidos, desertos. A esse pensamento, o duque rebelde sorria. Veneza bem valia uma guerra e, uma vez conquistada, o Adriático, o Mediterrâneo lhe estariam franqueados. Uma forma de redenção final junto a Maria Tereza. E nunca mais seria tratado como um pária, um herege entre os seus. Mas o que, na origem de seu plano, fizera toda a diferença entre a concepção e a prática fora a cumplicidade que encontrara no coração das instituições da República. Eis o que o levava a convencer-se da viabilidade de tal operação. Von Maarken não ignorava que a arte da *combinazione* também fazia parte da alma italiana e soubera jogar com virtuosismo. Seus aliados, autoridades e gente do povo, continuavam, entretanto, como faca de dois gumes. Necessário reconhecer que Il Diávolo, a Quimera, semeara o pânico nas alas da Sereníssima com talento consumado. Quanto aos homicídios programados, todos respondiam a uma estrita necessidade. Nada fora deixado ao acaso. Haviam, assim, sido forçados a desvencilhar-se sucessivamente de Torretone, do padre de San Giorgio ou ainda do vidreiro Spadetti; sem falar daquele que constituía o mais belo dos troféus, o temido, poderoso Emilio Vindicati, responsável pela eficácia do Conselho dos Dez! Von Maarken prendeu o riso diante desse pensamento. Quanto a Luciana Saliestri, habituada a receber no travesseiro todo tipo de confidências, também constituía um perigo, real mas previsível. No estágio em que a preparação do golpe ainda era incerta, não podiam correr o menor risco. Von Maarken impressionara-se com a lucidez de Il Diávolo. Já durante o primeiro encontro na villa de Canareggio, principiara ele a alinhar os peões e, prevendo inevitável sacrificar as peças incômodas, tecera um elaborado plano de assassinatos cadenciados, uma homenagem ao maior poeta italiano que jamais existira. Eckhart compreendera que, a princípio, somente a necessidade imperiosa de manter em segredo a conspiração e a identidade de seus autores havia guiado a mão da Quimera; pela virtude de seus quadros dantescos e esotéricos, encarregara-se de desnortear o adversário. Mesmo agora, tanto Viravolta quanto Ricardo Pavi continuavam às cegas. A própria preparação do panóptico e os desvios do Arsenal vieram a representar uma verdadeira proeza. Il Diávolo era um artista, mas precisamente isso incomodava Von Maarken. Qual a necessidade de tanto teatro? O espetáculo terminara por voltar-se contra eles. Exageravam, pecavam por orgulho. Semear falsas pistas era uma coisa; chamar exageradamente a atenção, outra. Il Diávolo era um jogador. Mesmo Viravolta rapidamente percebera não seguir as pegadas de um louco

isolado, como a princípio acreditara — e como Il Diávolo divertira-se um tempo a fazer acreditar —, mas de um grupo com objetivos políticos. Compreendera sem dificuldade a implicação do vidreiro de Murano, descobrira em seguida as manobras no Arsenal e ainda a existência do panóptico. E, embora as descobertas não tivessem produzido frutos, a investigação empreendida pelo doge parecera-lhe haver avançado demasiado rápido. A vigilância das autoridades não ficaria adormecida durante o carnaval, como contava; pelo contrário, seria reforçada. O Arsenal entraria em alerta. Esse poderia revelar-se o ponto decisivo, consequência do colossal ego e das preocupações estéticas do aliado. A Quimera esbanjava segurança, divertia-se com a situação. Inconsciência? Megalomania? Com certeza, a última, aliada a um talento de organizador a toda prova e uma clarividência de primeira ordem na preparação meticulosa do plano. Por isso, no fundo, Eckhart inquietava-se. Recusava-se

ainda a vislumbrar o fracasso, pois inevitavelmente o fracasso representaria a morte, a sua em primeiro lugar. Ia longe, contudo, de compartilhar o otimismo incondicional de Il Diávolo, por quem nutria ora uma admiração mesclada de inveja, ora uma desconfiança crescente. E Eckhart não era tolo; caísse a República, II Diávolo seria capaz de ambições bem maiores do que as que podia efetivamente nutrir. Uma vez Loredan eliminado, o poder dogal conquistado, as instituições vencidas, um confronto de outra ordem podia delinear-se. Von Maarken tinha consciência de não estar livre de brigas internas e da possibilidade de se ver ameaçado. Uma eventualidade para a qual precisava desde já se preparar. Il Diávolo, a pouca distância, discursava para a multidão, como de costume. Era fascinante assisti-lo, oscilando entre o exagero da opereta e a maior seriedade. Empoleirado no estrado de veludo, recapitulava o plano de batalha. Haveria quatro principais teatros de operações: o primeiro, perto do Rialto e dos escritórios do Judiciário, que precisariam tomar com a máxima rapidez. Os escritórios estariam fechados e a ação teria de ser decisiva e exigir o mínimo de força. O segundo, o Arsenal, para impedir que zarpassem navios destinados ao reforço inimigo, quando as galeras de Von Maarken, portando a bandeira austríaca, e as fragatas de apoio fizessem sua aparição na laguna. O terceiro, o Bucentauro, o barco oficial que conduziria o doge pelos canais. Por último, a praça San Marco e o palácio, naturalmente as partes mais delicadas da ofensiva. Pontos nevrálgicos a serem sucessivamente capturados na oportunidade da algazarra festiva. Inteiramente dedicado à mobilização dos aliados, Il Diávolo desfiava o rosário de suas diretivas. E no foro íntimo, já redesenhava as instituições venezianas à imagem de seus

sonhos. Sonhava abolir pura e simplesmente o Senado e concentrar os poderes num Conselho único, limitado à administração das magistraturas e das Quarantie, cujo número seria reduzido à metade, pondo fim à alternância de poder através da qual a Sereníssima acreditara por muito tempo evitar qualquer tomada unilateral de poder. O Arsenal seria posto sob cerrada supervisão, submetido ao Conselho dos Dez, cujo número aumentaria em vinte novos inquisidores governamentais; manteria sob rédeas curtas as corporações, bem como as Scuole Grandi e as associações beneficentes da cidade. O poder supremo seria delegado a um monarca de origem nobre que governaria o Estado (ele mesmo, naturalmente), decidindo em última instância todos os negócios políticos de importância. Sentenças de prisão e execuções capitais aumentariam a fim de erradicar o banditismo e a prostituição. O fluxo de imigrantes estrangeiros seria controlado através da criação de uma nova permissão de circulação. E, o mais importante, a reconquista territorial no Adriático e no Mediterrâneo. Os oponentes do regime seriam cassados sem piedade; as contas dos casini e casas de jogo seriam submetidas à auditoria mensal, enquanto taxas e direitos alfandegários seriam aumentados para alimentar o Tesouro. Faria retroceder o direito de edição de gazetas e de informação aos poderes oficiais; transformaria os Senhores da Noite em milícias do Estado, patrulhando diariamente os sestieri, para rastrear fraudes e criminalidade, fiscalizando também a regularidade dos comércios. E a lista não terminava aí. Veneza inteira teria uma justiça apenas, dependente do poder político, responsável pela segurança e desenvolvimento. E ele, Il Diávolo, exercendo vigorosa soberania, haveria de tirar a máscara para levar a cabo sua missão. O fim das charadas, dos sequazes e dos quadros dantescos; ele mesmo personificaria o poder, à luz do dia. Se obstáculos restassem, tombariam um a um, à imagem de Giovanni Campioni e suas vãs utopias. Uma bela operação! Il Diávolo sorria. Nunca mais o senador lhe atravessaria o caminho e ninguém mais ousaria fazê-lo. A Quimera voltou-se, por um momento, em direção a Eckhart von Maarken. O austríaco fitou-o e o rosto fendeuse num ricto que se pretendia sorriso cortês. Sim, em breve hei de me ocupar de você, pensou Von Maarken. Por sua vez, Il Diávolo, sorriso oculto por trás da máscara, respondeu-lhe com um aceno de cabeça. Pobre duque imbecil. E pensar que ignora mesmo não passar de um peão. Uniram as mãos e, juntos, elevaram-nas em sinal de vitória diante da assembléia dos Pássaros de Fogo.

Quando já todos haviam partido, Andreas Vicario deixou finalmente o esconderijo. Apurou

o ouvido; silêncio absoluto, o lugar novamente deserto. Sorrindo, tocava levemente os lábios. Brilharam-lhe os dentes por um breve instante, à luz das velas, como os de alguma criatura pérfida subitamente emergindo da escuridão. Com um gesto elegante, a comprida manga elevando-se no espaço, Andreas afastou uma cortina e acionou a alavanca dissimulada na parede. Uma larga seção da biblioteca fechou-se com um barulho surdo, pontuado por um longo rangido. Sempre soubera que, um dia, as plantas concebidas a seu pedido pelo arquiteto haveriam de tornar-se sua tábua de salvação. Toda a ala oeste da villa fora remodelada, primeiro para abrigar os livros, depois para prover Andreas de uma saída discreta e eficaz. À medida que circulava pelos corredores peçados de manuscritos, procurava, pela centésima vez, recapitular os últimos acontecimentos. Durante as horas em que se escondera, tivera tempo de refletir. Não sabia como, mas o doge descobrira seu envolvimento na conspiração contra o Estado. Traíra-o um dos Pássaros de Fogo? Alguém, talvez o astrólogo Fregolo, falara demais? Talvez tivessem dado ouvidos à clarividência paradoxal daquela louca, Arcangela Torretone, mergulhada no silêncio do monastério de San Biagio. Teria reconhecido aquele que, a seus olhos, se fizera passar por Lúcifer? A Quimera recusara-se a eliminar Arcangela, argumentando que seus delírios não ultrapassariam os muros do convento. Depois daquela conversa decisiva, quando lograra aterrorizar Arcangela a ponto de enlouquecê-la, tornara-se-lhe impossível retornar aos recintos de San Biagio, a superiora e as freiras em guarda. Fora preciso, portanto, não intervir. Hoje se arrependia, mas o que estava feito fizera-se. Não se podia crucificar todos em Veneza! Não obstante, a situação era grave. Assim pensando, o sorriso de Vicario apagou-se e o seu rosto se fez sombrio, mas a certeza de que a hora da verdade estava próxima o acalmava. Só precisava reunir as provisões para que se mantivesse à espera do momento oportuno em que também ele poderia retornar à luz do dia. Precisava igualmente encontrar, a qualquer preço, meios de contatar seus companheiros, mas precisava de prudência. Nesse mesmo instante, cuidava para não assinalar sua presença. Uma breve espiada pela janela, por trás de uma pesada cortina, bastou para confirmar seus temores; um grupo de soldados guardava a entrada da villa, diante do canal. Vicario franziu a testa, mordeu o lábio, para em seguida retomar o passo. As lombadas de milhares de livros, reunidos por sua família durante tantas gerações, desfilavam ao seu lado.

Bruxas e da Bruxaria — Loudon, 1642. William Terrence — Na Sombra da Catedral — Londres, 1471.

Pensou em deixar a Libreria pela porta que conduzia à outra ala do prédio. De lá, iria a seus aposentos buscar as centenas de ducados que escondera no interior do mapa-múndi. Pegaria suas armas e o selo oficial, do qual precisava. Com um pouco de sorte, teria tempo de encontrar também algo para beber e comer. Depois voltaria à biblioteca e, através da passagem secreta, à escadaria, dali atingindo os fundos do edifício pela entrada secreta, onde lhe aguardava uma gôndola. Escaparia sem dificuldade. Quando vieram os homens do doge e da Quarantia, horas antes, mal tivera tempo de ocultar-se no painel removível do segundo andar. Desta vez, teria todo o tempo para preparar a partida, sem ser visto nem reconhecido, e chegar a Marghera. Sim, ele estaria assim são e s... Parou. Por um instante, tivera a sensação de sentir mover-se uma sombra. Preparado para tudo, olhou nervoso em derredor. Os soldados não poderiam tê-lo visto, a não ser que houvesse outros dentro do prédio. Permaneceu imóvel, ouvidos atentos. Nada. Continuou a caminhar.

Anônimo — Melkitsedeq — Milão, 1602

Anônimo — As invocações ao Diabo — Paris, 1642. E. Lope-Tenezar — Diabolus in Musica — Madri, 1471.

Se a sorte estivesse do seu lado, pensou, poderia chegar a Marghera ainda hoje. Talvez já estivessem preocupados com sua ausência. Mas nada era menos seguro, em razão da regra de anonimato absoluto que devia prevalecer quando dos encontros secretos. Precisaria encontrar um cavalo na saída da laguna e convocar alguns dos seus. Depois iria ver a Quimera e Von Maarken, pessoalmente. Franziu a testa. Sim, com sorte, chegaria antes da aurora, não apenas por uma questão de "comodidade pessoal", mas também de vida ou m... Parou novamente, os membros retesaram-se. Escutara algo desta vez, tinha certeza. Algo como um grunhido, surdo, profundo, nítido. Algo que nada tinha de humano. Andreas Vicario sentiu suores frios escorrerem das axilas. Viu olhos brilhando, não longe — olhos numerosos, três pares pelo menos, como os de algum Cérbero escapado dos Infernos. Mas o que está a... Naquele instante, um relâmpago varou-lhe o raciocínio e uma clara evidência o assombrou num terror sem nome; mas não houve tempo de refletir

sobre a súbita revelação. De todos os lados da Libreria, sombras atiraram-se sobre ele.

O PROBLEMA DO MAL

Por Andreas Vicario, membro do Grande Conselho

Da desconfiança quanto ao Mal, cap. XXI

Talvez seja preciso explicar por que ainda há quem imagine achar-se o Mal, enfim, condenado a desaparecer. Não sendo, em essência, nada além de revolta e traição, não poderia alicerçar base estável, nem impor poder e dominação, exceto de maneira transitória e corrompida. Em outros termos, a traição encarnada pelo Mal iria a tal ponto que terminaria por se trair a si mesma, como Pedro renegando Cristo ou Judas empurrando-o para a cruz, se esses dois homens não tivessem procurado, um no apostolado, outro no enforcamento, alguma forma de redenção. Segue-se que não podendo o Mal confiar em si mesmo, estaria fadado a coveiro da própria sepultura e artífice da própria ruína, preparando assim, sem querer, o que mais temera desde a Noite dos Tempos — o triunfo do bom Deus que ele execra.

Em suma: não se podia confiar em ninguém.

Andreas Vicario tinha razão.

Orquídea Negra chegou algumas horas antes do amanhecer. Um dos Senhores da Noite, ao fazer a ronda às margens do canal, ouvira gritos lúgubres a escapar da Libreria e percebera achar-se patinando em sangue — o sangue dos soldados deixados pela Quarantia em guarda, diante da villa de Canareggio. Já a noite havia começado mal, Pietro chocado com a morte de Giovanni Campioni. Pavi e o senador haviam longamente debatido os riscos de aceitar-se o misterioso convite para ir ao cemitério de Dorsoduro. O senador insistira, esperando assim propiciar aos homens da Criminale a oportunidade de identificar um ou vários dos Pássaros de Fogo. Mas o que Pietro mais temia aconteceu. Outro crime, o do Sexto Círculo, e Campioni fora atirado na sepultura como herege e apóstata, por ter imaginado outra forma de política. Familiarizado com o habitual cinismo da Quimera e seu gosto pelo espetáculo, Pietro sabia insensato esse encontro noturno. Nenhum argumento, porém, dissuadira o senador, ainda perturbado pela lembrança de Luciana e desejoso de vingá-la. Uma seta disparada por besta, provavelmente da altana

de uma villa com vista para o cemitério, pusera-lhe termo à dor e à vida, sem distinção. Mas que podia Campioni esperar? enraivecia-se Pietro. O senador só tardiamente se abriu a Pavi sobre a mensagem recebida, quando já tomara a decisão e preparava-se para ir ao cemitério. Fora preciso improvisar, num momento em que a maioria dos agentes e forças de polícia se achava mobilizada na busca de Andreas Vicario. E, apesar de todas as precauções, Pavi e os auxiliares não tiveram tempo hábil para cercar Dorsoduro de forma eficaz. Não puderam evitar o tiro nem identificar sua proveniência, antes de evadir-se o assassino, tranqüilamente. Em resumo, a determinação de Campioni voltara-se contra si próprio, a impulsividade o conduzira à morte; mas na ausência do Orquídea Negra, Pavi cometera grave erro decidindo segui-lo em vez de impedi-lo de ir. Fora também vítima da curiosidade e da necessidade de agir. Teria sido preciso, ao contrário, reter o senador, mesmo empregando a força. Mais fácil, contudo, a conclusão depois do fato consumado, e o próprio Pietro talvez agisse da mesma maneira, sob tais circunstâncias. Aparentemente, Campioni, naquele momento, não deixara margem a dúvida ou a contradição. As coisas continuavam longe de se esclarecerem, e se Pietro, assim como os Nove e a Quarantia, viam aumentar a raiva e o desejo de vingança, duvidavam, contudo, encontrar na Libreria de Vicario alguma pista. A vergonha abatia-se sobre eles e temiam o pior. Pelo menos, Ottavio estava fora do jogo. De sua parte, Viravolta contara o episódio de Santa Croce a Pavi, que imediatamente o transmitira a um transtornado e desesperançado doge, já indisposto a tomar qualquer iniciativa, inteiramente absorvido pela iminência da Sensa que agora se sobrepunha a qualquer outra consideração. O Senhor da Noite, em seu casaco negro, ergueu a lanterna diante do próprio rosto mascarado para fixar o de Pietro. Pavi ficara no palácio, mas um novo grupamento de soldados acompanhava Viravolta, que percebeu uma silhueta curvada sobre um amontoado de corpos num ângulo da villa. Por um momento, pensou reconhecer o perfil de Antonio Brozzi, o médico da Criminale. Os ombros caídos, as costas curvadas, a barbicha pontuda, enfiava a mão na sacola soltando um "Uf!" de cansaço e aborrecimento. Tiveram que acordá-lo no meio da noite. Pietro voltou-se para o homem com a lanterna à sua frente. Uma chuva fina começava a cair. —

Todos foram mortos? — Aparentemente. Ninguém entrou ou saiu da villa desde que foram encontrados. Esperávamos pelo senhor. Pietro ergueu o rosto para a fachada da Libreria, ajeitando o chapéu. Gotas de chuva caíram-lhe nos olhos. Tinha a impressão de que o céu chorava, no momento em que ele mesmo era pura cólera e desejo de vingança. Pegou as pistolas e fez sinal aos soldados, também armados de pistolas, lanças, espadas e

arcos, ordenando-lhes que o seguissem. Pouco atrás, Landretto, que voltara para avisar achar-se Anna Santamaria em lugar seguro, na casa de uma de suas antigas amigas, no sestieri de Castello, e que haveria de montar guarda a garantir-lhe proteção. Sem ter recebido autorização, seguiu os passos dos agentes e do patrão. Entraram pela porta principal da villa. Atravessaram o vestíbulo, contornando os murmúrios da pequenina fonte antes de adentrar a loggia do térreo. Pietro deixou alguns guardas perto do cortile dando para a rua. Um simples olhar bastou para que revivesse todas as sensações experimentadas na noite do baile. Ali também conversara com Luciana pela última vez. Viu as lareiras, de cada lado do aposento; as mesas vazias ladeadas pelas estátuas de escravos. Não teve dificuldade de se lembrar das luzes, das evoluções dos casais mascarados, das pétalas de flores e dos bufês transbordantes de deliciosos pratos. Mas, essa noite, a loggia tinha um aspecto bem diferente. Mergulhada na penumbra, despojada de todos os enfeites, estava entregue à poeira e à penumbra de uma casa que abrigara um assassino, um perjuro. Ninguém dançava, calara-se a orquestra; e nesse ambiente repleto de poltronas e sofás, por onde passava agora Viravolta, não mais havia mulheres retorcendo-se, gemendo de prazer, meias-máscaras pelo chão, mãos abandonadas nos cantos dos sofás. Subiu a escadaria e chegou ao corredor, à porta atrás da qual surpreendera o Pássaro de Fogo fantasiado de larva com véu negro, quando acabava de pendurar Luciana. Os soldados escancaravam aposentos, espalhando-se por toda a villa. Viravolta aventurou-se até o fundo do corredor; lá ficava a passagem para a Libreria, na outra ala do edifício. Pietro inclinou-se e colou a orelha à porta. Nada. Franzindo os olhos, torceu a maçaneta. A porta abriu-se devagar. A Libreria achava-se ainda iluminada e uma dezena de estantes alinhavam-se diante de Pietro. Permaneceu parado, imóvel na entrada do labirinto, para em seguida retomar um passo já abafado pelos longos tapetes verdes que cobriam os corredores. Virou numa esquina, depois noutra e noutra mais, até finalmente atingir a aléia central. Uns 15 metros o separavam do fundo desse primeiro salão da biblioteca. Dali percebia movimentos furtivos, sombras curvadas sobre outra forma indistinta. Os arquejos chegavam até ele. Achava-se no centro da vasta peça, e uma disposição em estrela fazia dele o ponto de convergência dos vários corredores que, depois de uma dupla curva, retomava um plano mais retilíneo e convencional. Pietro ainda avançou alguns passos. A visão da cena ao fundo do recinto tornou-se nítida; interrompera um festim bem perturbador. No momento em que refletia a respeito, dos corredores à sua frente saltaram os monstros. Precipitaram-se uivando sobre ele, massas

negras, famintas. Mas o que é... Solto um brado e recuou. A pistola já engatilhada, mirou um dos cães que, espumando, latiam selvagens, correndo em sua direção. O tiro ressoou em meio a uma nuvem cheirando a pólvora. A fera recebeu o projétil no focinho e, parando, encolheu-se, ganindo, antes de desabar no chão. Ao mesmo tempo, Pietro tinha girado à esquerda para usar a segunda pistola. Outro cão caiu, erguendo-se em seguida nas patas claudicantes, apenas ferido. Um brilho de fúria cega perpassou os olhos faiscantes, enquanto ainda arrastava-se para a frente. Pietro deixou cair as armas de fogo no tapete, quando dois soldados irromperam vociferando na Libreria e desembainhou a espada. Um mastim saltava nesse instante, pronto a estraçalhar-lhe a garganta, e Pietro recebeu-o com a espada. O cão foi atravessado e Viravolta acompanhou sua queda ao chão. Os dois soldados tinham se colocado a seu lado e ali se mantiveram, entre os ganidos de agonia das bestas enraivecidas. O alerta fora dado, a tropa convergiu para a Libreria. O rosto de Landretto apareceu na soleira da porta, ansioso por saber do patrão. Pietro avançava até o fundo da biblioteca. Foi então que descobriu o corpo de Andreas Vicario. As roupas negras estavam estraçalhadas e maculadas de sangue. Aqui e ali, focinhos úmidos, mandíbulas e dentes afiados deixaram expostos os ossos, sob tiras de carne. Pietro, agachado, a mão no joelho, murmurou: — Dissipadores, estraçalhados pelas harpias... Landretto aproximara-se. — Que disse? Pietro levantou o olhar. Cerrou os dentes. — Os Violentos, Landretto... Os suicidas transformados em árvores que falam e se lamentam; os dissipadores, estraçalhados pelas harpias, dividem o sétimo círculo do inferno com os sodomitas, os inimigos de Deus e da arte... — Quer dizer que... Pietro contemplou mais uma vez o cadáver. — Mais uma vez, tudo foi premeditado. É evidente que Vicario não passava de um cúmplice que se tornara incômodo. Foi ludibriado, traído por seu próprio bando. Sem dúvida, também ele se tornara um perigo. Talvez tenham sabido que fora desmascarado. Mas como? Haverá, Landretto, um traidor entre nós? Outro informante? Viravolta e o criado trocaram olhares. — Volte para onde Anna está — disse Viravolta — e não a deixe um segundo sequer. Encontramo-nos quando tudo tiver terminado. O grupo de soldados se aproximou. Um deles, descobrindo o corpo, tapou o nariz numa mímica de repugnância. Andreas Vicario, dito Minos, juiz dos Infernos e braço direito de Lúcifer, havia deixado a cena, exterminado pelos seus.

CANTO XX

O MINOTAURO

O carnaval de Veneza remonta ao século X.

Durava seis meses ao ano: do primeiro domingo de outubro até 15 de dezembro; depois da Epifania à Quaresma. Por fim, ressurgia na SENSE, a Ascensão. A cidade inteira se ocupava com os preparativos. Os Dez, dos quais restavam Nove até substituírem Emilio, foram incumbidos da impossível tarefa de controlar e inspecionar as festividades, com a ajuda dos agentes da QUARANTIE e do comandante-em-chefe do Arsenal. Como a cada ano, a administração das manifestações públicas era delegada aos oficiais das RASON VECCHIE, órgão de verificação das contas e da utilização dos bens do Estado. Este ano, a CRIMINALE e os magistrados foram encarregados de zelar pela rigorosa observância das regras de segurança. Nenhum disfarce, em particular o de soldado, podia servir de pretexto para portar ilegalmente armas perigosas, incluindo bastões, clavas, bengalas ou lanças. Os agentes do governo, igualmente disfarçados e espalhados por toda a cidade, eram as exceções. No entanto, que poderiam esperar face à afluência de dezenas de milhares de pessoas, todas anônimas? O Arsenal, não obstante, colocara diversas galeras em alerta, prontas a cruzar a laguna, de Giudecca a Murano, Burano e San Michelle; os barcos ligeiros navegariam mais ao largo, em patrulhas de reconhecimento. Na terra como no mar, Veneza formigava de atividade. O momento chegara: aquele de todas as euforias, de todas as liberações, aquele onde o vulgar podia se imaginar rei do mundo, onde a nobreza imitava a corja; onde o universo, de repente, punha-se de pernas para o ar, onde se invertiam e se trocavam os papéis e onde todas as licenciosidades e excessos eram permitidos. Gondoleiros em traje de gala conduziam os nobres pelos canais. A cidade se enfeitava com inúmeros arcos do triunfo. Na Piazzetta, uma máquina de madeira em forma de bolo cremoso tentava os gulosos; ajuntamentos se formavam em torno dos malabaristas, das cenas de comédia improvisadas, dos teatros de marionetes. De pé sobre tamboretes, astrônomos de araque, os indicadores levantados em direção a estrelas invisíveis, anunciavam o Apocalipse. Gritava-se de espanto, gargalhava-se, ria-se muito ao derrubar sorvete ou bolo nas calçadas, gozava-se da alegria e da doçura de viver. Saiu, então, das sombras, aquela conhecida como Dama de Copas. Escondida até então sob as arcadas, deu alguns passos hesitantes abrindo o leque. Os longos cílios se curvaram por

trás da máscara. Os lábios vermelhos se arredondaram. Deixou cair o lenço aos pés ao ajeitar uma prega do vestido. Abaixou-se para pegá-lo e lançou um olhar a outro agente postado mais adiante, na esquina da Piazzetta, para se certificar de que ele havia compreendido. E esse gesto queria dizer: ele está aqui. De fato ele estava lá, no meio da multidão. Aquele cuja missão consistia em abater o doge de Veneza. Chifres de falso marfim de cada lado do crânio. Máscara de touro munida de um focinho em proporção alarmante. Os olhos dissimulados brilhavam por trás do peso da máscara. Entretanto, a armadura feita de malhas e placas de prata era verdadeira e suficientemente leve para permitir-lhe mover-se com toda a rapidez exigida. Uma capa vermelho-sangue escondia duas pistolas cruzadas nas costas, de que necessitaria para cumprir a tarefa. Trazia joelheiras de metal por cima das botas de couro. Um gigante, uma criatura imponente cuja respiração atoadora tinha-se a impressão de escutar. O Minotauro. Pronto para devorar as crianças de Veneza no labirinto da cidade em plena efervescência, o Minotauro se preparava para mudar o curso da história. O carnaval havia começado.

CANTO XXI

A SENSE

Orquídea Negra achava-se perto do Fondaco dei Tedeschi, entre a praça San Marco e o Rialto. Na vizinhança dos mercados, os entrepostos do Fondaco ocupavam posição estratégica no Grande Canal. Como vários prédios venezianos, sofrera o assalto do tempo; fora preciso reconstruí-lo inteiramente, após um incêndio, em 1508. Pietro encontrava-se no pátio interno, na última das três galerias de arcadas, sob as clarabóias. Conversava com um mascarado trajando negro dos pés à cabeça, diante da porta que dava para o canal. Os agentes do palácio e da Quarantia, assim como numerosas forças militares, patrulhavam a cidade o mais discretamente possível. Pietro decidira trazer descoberto o rosto, na esperança de servir de isca e provocar um movimento imprudente por parte do inimigo. As posições do Arsenal, do Rialto, do Palácio Ducal e do Fondaco haviam sido reforçadas. Uns cinquenta oficiais da reserva, bem como armas, barris e munição espalhavam-se, formando pequenas praças-fortes por todos os sestieri de Veneza. A população certamente ignorava achar-se sobre barril de pólvora; a situação era delicada, para não dizer explosiva. Depois de trocar algumas palavras com o colega, Pietro ajeitou o chapéu, a flor na lapela e, jogando a capa nos ombros, saiu em direção ao campo San

Bartolomeo. Logo foi tomado pela animação e barulho da cidade. As últimas conversas com Ricardo Pavi tinham sido agitadas, a noite longa, infernal. Dormira apenas uma hora; mais que nunca, precisava estar vigilante. Percorria as ruas, atento ao menor movimento. Dois mil agentes assim cobriam a Sereníssima, para cercar ou dispersar grupos suspeitos ou revistar quem pudesse esconder armas sob as roupas. Dispersos na multidão inconsciente do que se tramava, estavam no mínimo tensos. Preocupados em não estragar as festividades, viam-se obrigados ao perigoso jogo da dissimulação, esforçando-se por mostrar-se amáveis, simulando sorrisos por trás da expressão grave, respondendo aos cumprimentos com estudada cortesia. Os escritórios da Fazenda e da Justiça haviam sido providencialmente fechados. Mesmo no interior do palácio, cuidaram para não deixar aberto nenhum dos acessos, o pátio repleto de homens armados. Pietro deteve-se um instante a dois passos do Rialto, onde soldados fantasiados fingiam jogar cartas, conversar entre si, observar os passantes ou mendigar, esfarrapados. Combinaram sinais de reconhecimento, de forma a evitar as múltiplas confusões possíveis entre soldados disfarçados, oficiais em traje civil, tropas de patrulha e sargentos. Pietro aproximou-se primeiro de uma jovem que, há horas sob uma arcada, pusera-se a observar idas e vindas do povo, uma adaga oculta sob a capa negra. Trocaram algumas palavras. — Nada a assinalar até o momento, cavalheiro — disse, abrindo o leque e escondendo a boca. Logo depois, falou com outra, máscara nos olhos, sinal no canto dos lábios e audacioso decote, a abanar-se. O penteado sofisticado caía em cachos, emoldurando-lhe o bonito rosto. Nos corredores do palácio, era chamada de Dama de Copas. E acabava de assinalar a presença do Minotauro. Mal tivera tempo de inquietar-se e ele desaparecera-lhe da vista. É preciso encontrá-lo. Um pouco mais afastado, um homem usando uma larga capa escura e um tapa-olho misturara-se aos apostadores de um dos jogos de rua que infestavam a cidade. A *lotteria della venturina* consistia em pescar ao acaso, num saco, cartas marcadas com um número ou uma imagem — a Morte, o Diabo, o Sol, a Lua, o Mundo — na esperança de receber como prêmio algum saboroso quitute. Pietro plantou-se junto ao caolho e observou o jogo, em silêncio. Mãos ávidas mergulhavam no saco e gritos de alegria ou decepção enchiam o ar. — Messer, quer jogar? — perguntou uma voz. Pietro entregou maquinalmente uma moeda, murmurando algumas palavras ao vizinho. Remexeu no saco e, quando tirava uma carta, percebeu o tipo de tapa-olho a apontar com o dedo um canto da praça. Foi então que viu o Minotauro, de pé, a alguns metros, estático, solene, como a exibir um ar de deboche por sob a máscara. Pietro franziu a testa. — E então? E

então? — perguntavam à sua volta as vozes que lhe chegavam distantes. Abriu a mão, sem olhar a peça. — A Morte! A Morte. Não vai ganhar nenhum quitute, Messer... — Pietro desinteressara-se do jogo para concentrar-se interrogativamente no Minotauro, que não se movera senão para voltar-se, em sobressalto, ao distinguir na esquina das Mercerie uma tropa de soldados, girando então nos calcanhares e embarafustando-se noutra direção. Intrigado, Pietro decidiu seguir-lhe os passos. Uma rua após outra, o Minotauro parecia encaminhar-se à praça San Marco. Num dado momento, virou-se e pareceu ter percebido que o seguiam. Apressou o passo, imitado por Pietro. Não demoraram a desembocar na piazzale dei Leoni, atrás do palácio, onde depararam com novo tumulto. Ali, com efeito, exibiam-se as Forças de Hércules, pirâmides humanas erigidas por grupos de diferentes sestieri: os Castellani pelas paróquias de citra, em torno de Castello, os Niccolotti pelas de ultra, em torno de San Niccolo, em Dorsoduro. Os primeiros exibiam boinas e cintos vermelhos; os segundos, negros. Os acrobatas de ocasião reuniam-se para rivalizar em audácia diante do povo, empilhavam-se uns sobre os outros, sob aplausos que coroavam cada etapa da manobra. Os olhos de Pietro não abandonavam o Minotauro. Não fora o acaso que o levara a fixar-se de imediato na curiosa fantasia do monstro que agora caçava e, provavelmente, não por acaso o Minotauro deixara-se avistar por ele.

... à beira do talude derruído
O desdouro de Creta se estirava
Que foi na falsa vaca concebido...
Como o touro que enfim se desenleia
Após o golpe mortal o colher.
E tentando escapar só cambaleia,
Assim o Minotauro eu vi fazer.

Bramiu um palavrão enquanto atravessava a aglomeração festiva, temendo a cada instante perder de vista o Minotauro. Ao vê-lo sumir do outro lado da praça, hesitou um breve instante e, em vez de contornar a multidão, lançou-se bem no meio da piazzale. Assim fazendo, em meio a nova aclamação, esbarrou sem querer num dos Niccolotti, verdadeiro pilar de sustentação de uma das duas pirâmides concorrentes, já atingindo o quarto estágio. O rapaz soltou um grito, tentando manter o equilíbrio. Vacilou um segundo, dois... A pirâmide inteira oscilou. No topo, um garoto que acabara de erguer-se

voltou a flexionar as pernas, pendendo para o lado direito. Tentando desesperadamente recompor-se, agitou os braços. Conseguiu agarrar o vizinho, ameaçando arrastá-lo na queda inevitável. Então a pirâmide inteira balançou à direita, à esquerda, num movimento de pêndulo sob exclamações do público incrédulo... Depois desabou, de uma só vez, como um castelo de cartas. A multidão enraivecida e assustada fechou-se em torno dos homens que caíam uns sobre os outros, precipitando-se na mesma pulsação convulsiva, a avançar e refluir como uma onda, em meio a dezenas de cabeças e membros apontando para o céu. Mas o erro fatal de Pietro não passara despercebido e alguns tentaram barrar-lhe a passagem. Orquídea Negra rugiu, debateu-se como um louco. O punho voou no rosto de um atrevido que se dispunha a agarrá-lo, conseguindo desvencilhar-se com o golpe. Aproveitando-se da desordem e estupefação, lançou-se rumo à praça San Marco, próxima. Mal tinha alcançado seu objetivo, quando foi parado por uma garota com olhos claros e pele morena. — Bom dia! Somos noviças da Santa Trinità! Ah, não, justo agora! Ela estendia uma caixinha de papelão com uma fenda, sacudindo-a debaixo do nariz de Pietro. Um grupo de meninas recolhia doações dos bons paroquianos, já usando hábitos de noviciado ou em camisa branca e saia azul, e trança nos cabelos. — Messer, um donativo para o convento de Santa... Pietro acabava de colocar distraidamente uma moeda na caixa e afastava-se, esbarrando na menina, na tentativa de encontrar o Minotauro. A praça estava ainda mais movimentada. O doge apresentara-se ao povo, do alto da tribuna da basílica, para abrir oficialmente as festividades da Sensa. As corporações de ofícios desfilavam ostentando flâmulas, santos, estátuas e relicários. Uma dentre elas superava todas as outras em beleza, a dos Vidreiros de Murano. Enquanto procurava uma pista do Minotauro, Pietro divisou o jovem Tazzio, filho do falecido Federico Spadetti, e essa visão, ainda que fugidia, tirou-lhe o fôlego. De pé, sobre um carro decorado de múltiplas bandeirolas, tinha ao lado uma jovem de rosto corado, sorriso radiante, resplandecente em seu vestido de cristal brilhando com mil reflexos. A moça parecia uma visão de conto de fadas, opinião compartilhada por muitos, dada a profusão de murmúrios de admiração e novos aplausos a elevar-se. No carro, essa encantadora ninfa, a fronte celestial coroada por um diadema, agitava suavemente a mão. Seria essa a Severina que Tazzio desejava tão ardentemente e de quem Spadetti lhe falara quando de seu encontro em Murano? Fácil compreender, qualquer um ficaria apaixonado, devia admitir. Severina, sublime em seu vestido de vidro feito de lascas de cristal, com o cinto de pérolas e fecho em estrela, a gola de fios de vidro, os mil arabescos translúcidos que

ora refletiam o Palácio Ducal, a flecha da Campanile, as asas vingadoras do leão dominando a laguna, ou ainda os rostos da multidão deslumbrada. Sim, nesses reflexos lia-se toda a história de Veneza, como se ardesse em fogos de artifício de cores e cintilações. E Severina continuava a agitar a mão, sorrindo. A seu lado, Tazzio, seu apaixonado, anjo louro de rosto pálido, Adónis espiando o sol ou Apolo conduzindo seu carro, desafiando o firmamento com suas hipérboles. Empunhando uma bandeira, Tazzio aparentava um ar grave, contrastando singularmente com o luminoso sorriso de Severina. Não depusera o luto e trazia uma longa capa preta, por cima do gibão negro, com mangas debruadas de dourado. Erguia a cabeça como um capitão na proa do navio, seguido de dois mil artífices da congregação desfilando em passo ritmado, numa nova profusão de estandartes e flâmulas. Martelos e compassos amarelos sobre fundo púrpura, navios recebendo os ventos nas bandeiras azuis, bestas rugindo em estandartes brancos ou pretos, a longa procissão se estendia da praça até o Arsenal, em Riva Ca'di Dio. Logo detia-se o carro de Tazzio sob a tribuna da basílica. A mão sobre o peito, Tazzio inclinou-se em sinal de deferência. Sob as famosas bicéfalas esculpidas que ornavam a tribuna, Sua Alteza Sereníssima, o doge de Veneza, acenava convidando o jovem a erguer-se. Este assentiu com humildade e apontou a bela Severina e seu vestido de cristal ao príncipe. Nova torrente de aplausos. Como única resposta, Francesco Loredan pegou um punhado de flores de um cesto que lhe trouxeram e atirou-os no jovem casal. Em seguida ergueu diante do povo a medalha dourada em formato de estrela que Tazzio, ao cair da noite, receberia de suas mãos. O rosto do jovem, lentamente, desanuviou-se, trocou com Severina um sorriso franco e depositou-lhe um beijo nos lábios. Pietro, enquanto isso, continuara a procurar o Minotauro. Finalmente o encontrou, no lado oposto do cortejo. Após as homenagens recebidas e rendidas sob a tribuna da basílica, o desfile avançava diante das Procuratie, começando a circundar a praça em torno de uma arena de madeira montada para a ocasião, para depois rumar à Piazzetta. Pietro e o Minotauro achavam-se agora separados por essa multidão incontável, imóveis, frente a frente. O tempo voltou a parecer deter-se. Ali ficaram, um monstro enigmático e cornudo, a cabeça acima de duas cortesãs, graças à elevada estatura, enquanto o outro escondia as armas sob a capa, o cenho carregado, espreitando apenas o momento de atacar. Finalmente, quando a última das corporações terminava de passar, Pietro sentiu o momento azado e avançou, apenas para se ver novamente obstruído pela vaga humana que engrossava no compasso das corporações, sempre a festejá-las, ora por aclamações, ora imitando-lhes os movimentos. A

multidão voltava a se fazer compacta e o Minotauro desaparecera. Tentou ainda algum tempo varar a cortina intransponível dos ajuntamentos que o arrastavam inexoravelmente em direção às Procuratie. Desde cedo celebravam-se missas por toda a cidade, o repicar dos sinos onipresente. Após um breve retorno ao palácio, Francesco Loredan ressurgiu ocupando um lugar no pozzetto, grande assento conduzido sobre ombros humanos, em companhia do comandante supremo do Arsenal. Atravessava a multidão, que ia ao delírio, e lançava moedas com sua efígie, lembrando no gesto a cerimônia de sua entronização. Em seu rastro, membros da nobreza lançavam pão, dinheiro e vinho. Entre uma cabeça e um braço agitados à frente, Pietro percebeu de relance o rosto severo de Ricardo Pavi, o chefe da Quarantia Criminale, que acompanhava com os próprios agentes a guarda do doge, cercando o pozzetto. Sob as arcadas das Procuratie, os concertos voltavam a se fazer ouvir. As "pobrezinhas" do palácio, essas doze velhas de notoriedade pública, antigas empregadas caídas na miséria, recebiam ao menos uma vez grandes somas ao estenderem a mão, empurrando com o pé as concorrentes atraídas por igual necessidade. Essa noite, o palácio haveria de se iluminar de tochas, o Grande Baile reuniria a nobreza estrangeira e local, os fogos de artifício coroarão Veneza com novas estrelas e San Marco resplandeceria como se brilhasse ao sol. Um desesperado Pietro distribuía cotoveladas, na tentativa de escapar ao caos da aglomeração e, à passagem, provocando comentários mordazes: — Ei, calma, meu amigo! — Ei, não tem só você! Stia calmo, cavalheiro!... — De vez em quando, erguia-se na ponta dos pés, tentando reencontrar o Minotauro, já sem esperança; parecia haver definitivamente sumido. Ao longe, no canto da praça, o pozzetto do doge também sumia. Sua Alteza Sereníssima provavelmente chegaria ao Arsenal para embarcar na galera oficial, o Bucentauro, e singrar os canais. Mas e se algum imprevisto acontecesse no caminho, antes mesmo que o doge atingisse o Arsenal? Pietro despejava uma nova avalanche de injúrias. Galerias de madeira cobertas tinham sido instaladas debaixo das Procuratie, bem diante do palácio; esgueirou-se como pôde, caminhando contra a multidão, entre lojas de rendas, quadros, jóias e cristais. O fluxo incessante o deixara indeciso por muito tempo, sem que tivesse podido reagir, o progresso entravado a cada instante. Os insultos redobram. Depois, de repente, parou. A seus pés, como por milagre, uma máscara. A do Minotauro. Pietro pegou-a de pronto. Viu um bilhete escondido no interior. Com gesto febril, abriu-o.

Você perdeu, Viravolta!

Estamos no Sétimo Círculo.

Mas olha abaixo e verás lá adiante o rio de sangue onde estão, na fervura, os réus de violentar seu semelhante.

Sim, Orquídea Negra, no rio de sangue Loredan perecerá e por tua culpa, no Círculo seguinte.

Qual de nós dois irá prostrar-se primeiro a seus pés? VIRGÍLIO

Cada vez mais nervoso, Pietro olhou para cima, para os lados. Um súbito clamor o fez virar-se. Vinha da arena montada na praça, em torno da qual passaram as corporações. Tratava-se, na realidade, de uma espécie de vasto anfiteatro construído para a ocasião e que imitava o de Tito, em Roma. Um novo desfile começara, composto de 48 personagens mascarados, representando as nações amigas de Veneza. Hungria, Inglaterra, Suíça, Espanha inclinavam-se diante do público antes de desaparecer sob o portal de madeira. Empoleirados na arena, outros personagens, estes da comédia, tocavam trompete ou tambor. Ouviam-se confusamente mugidos e latidos. Em instantes, começariam as lutas de touros, no centro do anfiteatro; duzentos animais de largos flancos e narinas fumegantes a sucederem-se na arena durante três dias. A imagem do touro, associada à do sacrifício, ressoou, então, curiosamente no espírito de Pietro. Seu olhar ia de um lado a outro de San Marco, seguindo os movimentos da multidão, sem mais saber a que santo recorrer. Ouviu, subitamente, uma série de assovios. Achava-se num canto entre San Marco e a Piazzetta. Levantou os olhos para o Campanile. Não longe, uma aglomeração principiava, concorrendo com a do anfiteatro. Pietro olhou preocupado. O Salto da Mortel Também chamado de "Vôo do Turco", um jogo perigoso, no qual os operários do Arsenal deslizavam por uma corda estendida entre a Campanile e o Palazzo Ducale, executando as mais temerárias acrobacias. Alguns azarados, por vezes, viam-se perfurados contra a fachada; dessa feita não uma, mas quatro, cinco cordas estendiam-se, lançadas por disparos de besta até o outro lado, sobre os balcões do palácio, onde eram recebidas por operários que verificavam a segurança do dispositivo. Ouviu mais um silvo, depois outro. Mas o que é... Vendo avançarem para as cordas as primeiras silhuetas mascaradas, Pietro teve um lampejo e compreendeu o que se passava. Voltou-se para a Campanile. Depois, para o palácio. Surpreso com a descoberta, balbuciou ainda um "mas... mas...", sem poder controlar as idas e vindas do olhar de uma a outra das extremidades: o alto da torre de um lado, os balcões do outro. Depois, sob aclamação, cinco homens de negro

deslizaram no espaço acima dele. O Vôo do Turco. E Pietro soube que não se tratavam dos operários do Arsenal. Acabava de compreender o plano dos Pássaros de Fogo para penetrar no interior do palácio. Os Pássaros de Fogo! E lá se iam Orinel, da ordem do Abadom; Halan, da ordem de Astaroth; Maggid, dos Principados; Diralisen, das Dominações; e Aseal, dos Tronos. Sucediavam-se em grande velocidade acima de Pietro, cinco de cada vez, e recepcionavam-se mutuamente sobre os balcões. O olhar os acompanhava de um lado a outro, vendo-os deslizar pelas cordas, sob o olhar festivo de toda população, inconsciente do que se tramava. Nos tetos da basílica, outras silhuetas encapuzadas assomavam e, do outro lado do palácio, novas cordas estendiam-se das construções vizinhas. Pietro, sobressaltado, assistia pasmo a esse espetáculo. Em torno dele, ria-se a gente e apontavam os acrobatas! Pietro olhou na direção do palácio, depois para o local onde o doge desaparecera, no pozetto. Então, abrindo a capa, procurou no cinto uma pequena caçarola com colher de metal. Bateu com todas as forças, procurando alertar um grupo de soldados aglomerados perto da porta del Frumento; três deles, com ar zombeteiro, contemplavam também as sombras deslizando pelas cordas, sem compreender. Outro, mais atento, ouviu o barulho e pôs-se a gritar ao perceber Pietro. De todos os lados da praça, novos barulhos de panelas; repercutindo ali, nas Procuratie, mais adiante nas Mercerie, e uma algazarra sem par começou a espalhar-se por toda parte. O alerta havia sido dado! Mais uma vez Pietro hesitou entre os dois campos de operações. Deveria se precipitar no interior do palácio, com a guarnição, ou lançar-se em auxílio ao doge? Preferiu confiar nos soldados do palácio e correu para o cais. Contanto que eu chegue a tempo! Mal andara alguns metros quando se deteve. Na laguna acabava de delinear-se a silhueta imponente e majestosa do Bucentauro. O doge ia sentado, cercado de senadores, damas da nobreza, bem como famílias que, após haver representado a Sereníssima junto aos monarcas estrangeiros, receberam o título de Kavalier. A Négronne, galera oficial do embaixador da França, seguia-lhe o rastro, mas, a convite de Loredan, Pierre-François de Villedieu viera a bordo do Bucentauro e assentava-se ao lado do doge. O trono, na popa, era uma espécie de gabinete constituído por um imenso baldaquino vermelho, ornado com brasões e insígnias de todos os príncipes europeus, resplandecente em ouro e púrpura. O Leão de Neméia, junto às cabeças da Hidra, tendo aos pés o deus Pan a sustentar o Mundo e, acima, tapeçarias e pinturas em formato oval e medalhões ricamente enfeitados apresentavam, em função das estações e dos meses do ano, as virtudes de Veneza, longo relato da glória da República: Verdade, Amor à Pátria, Coragem,

Generosidade, Conhecimento, Vigilância, Honra, Modéstia, Piedade, Pureza, Justiça, Força, Temperança, Humildade, Fé, Castidade, Caridade acompanhavam as alegorias das Ciências e das Artes e a suprema Magnificência. Os leões alados de San Marco cruzavam os emblemas do Arsenal e das principais corporações de Veneza, ferreiros, carpinteiros e calafetadores de navios, arquitetos da conquista do Império. Na proa, os símbolos da Justiça e da Paz, reinando acima dos representativos dos rios da Terra Ferma, o Ádige e o Pó, emblemas da dominação pacífica de Veneza sobre seus territórios. Em volta do Bucentauro e da Négronne, dezenas de escaleres lançavam reflexos sobre as águas, gôndolas, bissone — grandes gôndolas conduzidas por oito a dez remadores —, e os iates da nobreza rivalizando em fausto, laureados nas últimas regatas, mas também grandes barcos alegóricos, representando baleias, Tritão ou golfinhos. As mulheres, em trajes leves, acomodadas em conchas flutuantes, acenavam em direção às margens onde se espremia a população, encantada com o deslumbrante desfile. Falsas grutas incrustadas de algas e corais, batalhões de sereias, monstros saídos das profundezas subterrâneas jorrando jatos d'água como fontes, pareciam em disputa sob o olhar altaneiro de um Netuno de torso musculoso. Pouco a pouco, essa paisagem mágica organizava-se, cada embarcação ocupando seu devido lugar, convergindo, alinhando-se e deslizando segundo uma complexa coreografia. A multidão, em êxtase, presenciava o longo desfilar de uma sucessão de quadros barrocos, cada qual em homenagem a uma divindade: Vênus à frente, é claro, e Marte em seguida, faziam sua aparição, depois Juno, Apolo e Minerva; Pégaso, o cavalo alado, levantado como se pronto a deixar o mar, passava finalmente diante de um sol que o fazia empalidecer. O Bucentauro e sua armada multicolor estavam de saída.

OITAVO CÍRCULO

CANTO XXII

AS NÚPCIAS COM O MAR

Pietro precipitou-se ao cais, onde animais selvagens eram expostos em casotti. Uma leoa agitava-se atrás das grades, um rinoceronte da Ásia, o chifre abaixado, mastigava sem convicção um bocado de feno sujo do próprio excremento. Um guepardo exibia caninos e garras e, enfim, um árabe montava um dromedário, passeando com desenvoltura entre os transeuntes curiosos. Pietro parou um instante à beira do cais. Imensas jangadas

transformadas em jardins artificiais decoravam a margem; gramados com potes de plantas e buquês de flores conferiam ao local beleza deslumbrante. Novos concertos aconteciam por toda parte e passeava-se de uma jangada a outra ao som da música barroca, com o auxílio de passarelas de madeira montadas para o evento. Atravessou uma delas; cruzou, de um salto, três ou quatro, antes de entrar numa gôndola, fazendo-a oscilar perigosamente e quase atirando na água o gondoleiro que, se equilibrando com dificuldade, saudou o inesperado passageiro com uma saraivada de insultos inflamados. Nesse instante, notou que outras gôndolas convergiam em direção ao Bucentauro, semeando a confusão no desfile aquático, obstruindo a passagem das Náiades acomodadas em suas conchas e dos Netunos empunhando tridentes. — Leve-me ao Bucentauro — disse Pietro, baixinho. — É uma questão de vida ou morte! O gondoleiro era um tipo de uns 40 anos, rosto queimado e pálpebras caídas, cujo ar perplexo misturava-se à cólera. Pensava, sem dúvida, em livrar-se do passageiro, mas algo no olhar autoritário de Pietro dissuadiu-o, bem como o novo salvo-conduto assinado de próprio punho por Ricardo Pavi, chefe da Criminale, com o selo dogal. — O doge corre grande perigo. Ande logo, reme, amigo! Rápido! O gondoleiro olhou o documento sem compreender; observou Pietro, o semblante iluminado, embora hesitante, enquanto continuava a apressá-lo. Finalmente, sorriu e ajeitou o boné. — O senhor tem sorte, Messer. Veio parar no gondoleiro mais rápido da República. — Está na hora de prová-lo — disse Pietro.

As Núpcias com o Mar. A viagem do doge através da laguna, nesse dia da Sensa, era um dos mais importantes eventos na vida da Sereníssima. A simbólica e breve odisséia o conduzia até San Niccolo del Lido. Todos os anos, do Bucentauro, um anel abençoado pelo patriarca era atirado ao mar pelo doge enquanto pronunciava as palavras: "Nós te esposamos, ó mar, em sinal de eterna dominação. Desponsarnus te, mare, in signum veri perpetuique dominii." O gesto de comunhão e renovação da aliança celebrava o triunfo de 1177, quando o soberano de outrora, em recompensa pelo apoio da cidade contra Barbarossa, inclinara-se diante do papa sob o pórtico da basílica de San Marco, concedendo a Veneza a dominação dos mares. Retrospectivamente, o acontecimento podia ser interpretado como uma profecia, pois fora assim que a Sereníssima começara a construir sua reputação. No Bucentauro, em seu trono, Francesco Loredan conversava com o embaixador Pierre-François de Villedieu, que não abandonara a vida licenciosa

desde o baile de Vicario, quando chegara à Sereníssima; ostentava um ar extasiado diante da sucessão de maravilhas a que assistia. Cercado de algumas damas ricas da nobreza, curvava-se ora à direita, ora à esquerda para contemplar a laguna e os barcos a rodeá-los, entre exclamações de alegria e cumprimentos de admiração. Loredan dissimulava um ar profundamente preocupado por sob o sorriso beatífico. Não longe, Ricardo Pavi, cenho franzido e semblante marmóreo, tentava igualmente conter o nervosismo. As mãos cruzadas à frente, lançava de quando em vez um olhar sinistro em direção às margens do Lido. No palácio, os vidros do andar superior voaram em estilhaços. Um dos Pássaros de Fogo, encapuzado de negro, rolou sobre o chão antes de se levantar empunhando uma pistola. Dez de seus comparsas correram para a Sala do Conselho enquanto 15 outros se dirigiam à Sala del Collegio. As primeiras escaramuças tiveram início e, sob o afresco de Tintoretto, Veneza recebendo os dons do mar, ouviam-se tiros, o que atraía mais atenção, uma vez que as armas haviam sido proibidas nas festividades. Lá fora, ainda aplaudiam, acreditando tratar-se de simples bombas, prelúdio dos tão aguardados fogos de artifício da noite, que sempre acompanhavam o Grande Baile da Dominante. Depois das primeiras salvas, desembainharam-se espadas e punhais. Soldados em grande número escalavam a Scala d'Oro e precipitavam-se para a ante-sala. Os Pássaros de Fogo continuavam a aterrar das cordas em três locais do palácio, enquanto outros ainda desciam pelos tetos. As tropas não perceberam de imediato o que se passava nem a gravidade da situação e, tardiamente, tentavam dispersar a multidão reunida na praça, para impedir o curso da investida inimiga a partir da torre da Campanile. Ao mesmo tempo, a algumas centenas de metros dali, em torno do Rialto, Barakiel de Python-Luzbel, Turiel de Belial, Ambolin de Asmodeu e outros mercenários de Von Maarken invadiam os escritórios judiciários, a chancelaria e a magistratura, no meio de um caos que a multidão inocente só fazia aumentar, atrasando a marcha das autoridades policiais. — Mais rápido, mais rápido! — exclamava Pietro, irado por não dispor de um remo extra para ajudar o gondoleiro, já arfante pelo esforço. Pietro, de pé na proa, a mão no joelho e outra no flanco, via aproximar-se o Bucentauro, imponente no coração da armada, mas ainda bem afastado, enquanto a gôndola era forçada a freqüentes desvios para evitar os barcos oficiais cuja trajetória cruzava. Os insultos choviam, a gôndola perigou emborcar pelo menos uma dezena de vezes. — Atenção! — gritava Pietro, passando de raspão ora um barco com alegorias, ora uma das grandes gôndolas que cortavam as ondas.— À direita! À esquerda! — Olhou à volta para constatar que outras gôndolas navegavam da mesma maneira.

Notava distintamente, em algumas, silhuetas encapuzadas bastante familiares. Cerrou os dentes, exortando o gondoleiro Tino a redobrar os esforços, que já vinha dando tudo de si para acelerar uma cadência já vigorosa. Gotas de suor pingavam-lhe da testa, os músculos saltavam sob o colete e das mangas enroladas da camisa, mas ao aproximar-se da ponte da Giudecca, Pietro percebeu que Tino não agüentaria muito mais nesse ritmo. Avistou então uma das bissones de dez remadores que singrava perto, na esteira do Bucentauro, entre um grupo de outras semelhantes. Ordenando a Tino que se aproximasse, gritou aos remadores, tentando fazer-se ouvir em meio ao barulho reinante. Voltou-se em seguida para o gondoleiro. — Que Deus o acompanhe, amigo! Pode voltar em paz, chegou a hora da despedida! Assim dizendo, tomou a flor da lapela e atirou-a nos pés do gondoleiro, que arregalou os olhos. Uma orquídea negra. A gôndola tocou a embarcação vizinha e Pietro ali subiu enquanto os ocupantes apertavam-se para abrir-lhe espaço. Os remadores, vigorosos, acabavam de participar de uma acirrada corrida no Grande Canal; mesmo assim recomeçaram a remar, cantando e arfando, empregando todo o esforço como se disputassem nova competição — o que, de certa forma, era verdade — e puseram os bíceps em vigorosa atividade. Em San Niccolo, o Bucentauro pareceu jogar uma última vez, um tremor percorrendo-lhe o costado, oscilando e girando lentamente para que a proa ficasse diante da embocadura da laguna. Não longe, a Négronne fez o mesmo, colocando-se ao lado. O momento solene chegara. O doge levantou-se do trono, convidando o embaixador francês a acompanhá-lo. Senadores, damas da nobreza e representantes das grandes famílias locais postaram-se dos dois lados do ponto central, guarda de honra em forma de suntuosa guirlanda por toda a extensão da galera. Loredan avançou lentamente, tendo a seu lado o embaixador. Caminhou alguns passos, a boa distância do baldaquino vermelho, observando a fileira de sorrisos e olhos luminosos convergir a si. Pajens alinhados nas extremidades da embarcação ergueram trompetes em direção ao céu, tocando pela primeira vez, e pareceu a Loredan que além do alarido atroador, ouvia o leão de Neméia rugir. Seguiu até a proa do navio, onde outro pajem o aguardava, uma criança de terras longínquas, de pele morena, a cabeça enrolada num turbante azul onde brilhava um diadema, a erguer uma almofada de veludo vermelho e dourado onde trazia a aliança. Com a mão pousada em seu ombro, o patriarca de Veneza, em traje cerimonial completo. Loredan juntou-se aos dois e surgiu distintamente aos olhos da multidão, a roupa dançando no vento, a zogia resplandecente na frente, o cetro na mão, os anéis brilhando ao sol. Parou, dominando o mar e olhando à volta. Uma segunda

salva de trompetes logrou serenar a laguna. Barcos pararam, a armada inteira imobilizou-se depois de um último vagar sobre as ondas e, de San Marco à Giudecca, fez-se o silêncio, os olhos voltados em expectativa para o Bucentauro. A uns cinqüenta metros, num barco comum voltado para a galera dogal, um encapuzado acabava de erguer-se tranqüilamente. Retirou, da proa, um pano roxo e acomodou-se numa almofada que lhe elevava ligeiramente a parte superior do corpo, de forma a facilitar-lhe a respiração antes do momento decisivo. Apoiando-se nos cotovelos, ajustou lentamente a mão ao gatilho do arcabuz que acabara de descobrir, a outra sustentando o cano comprido, cuja extremidade repousava numa forquilha de metal destinada a assegurar a estabilidade da arma no momento do tiro. Era chamado de Arqueiro, o Arcabuzeiro ou ainda Gilarion de Meririm, dos Principados. Fora quem, em plena noite, a 150 metros, guiado apenas por uma chama, atingira Giovanni Campioni com um único tiro, no cemitério de Dordosuro. Do lugar onde agora se achava, com o doge em evidência na proa do navio, Gilarion não poderia errar. Mas não viera sozinho a essa empreitada. Antes de voltar novamente a atenção para a luneta que ele mesmo fabricara e que lhe permitia fixar o alvo em questão de segundos, franziu os olhos em direção do costado direito do Bucentauro. Ali, outro barco acabava de atracar e, enquanto na galera a gente absorvia-se inteiramente na cerimônia conduzida por Loredan, servia-se o Minotauro de uma das escadas para içarse com agilidade a bordo, a capa cor de sangue esvoaçandolhe às costas. Ali está ele! Está no barco! pensou Pietro. O Bucentauro havia parado no meio da laguna. Por um instante, as águas pareceram acalmar-se. Que bela imagem! O Bucentauro, a Négronne, gôndolas e embarcações de todos os tamanhos, imóveis, as velas brancas enfunadas, as guirlandas agitando-se suavemente ao vento. O doge levantara-se do trono e, afastando-se do baldaquino para aproximar-se dos emblemas da Justiça e da Paz, tomou solenemente a aliança entregue pelo pajem. Ergueu-a ao sol, em sinal de triunfo, assistido por toda a população de Veneza e da Terra Ferma e pelos estrangeiros vindos da Europa e do Oriente, a zogia cintilante, de pé sob o mastro dourado. Então a voz clara soou no silêncio, pronunciando as palavras de aliança fraternal e comunhão que, por sete séculos, haviam celebrado a união do poder e glória de Veneza ao Adriático. E o pequeno pajem de turbante azul sorriu. Desponsamus te, mare... Gilarion preparava-se para apertar o gatilho do arcabuz quando um esbarrão ameaçou derrubá-lo. Surpreso, virou a cabeça, o capuz a incomodá-lo. Não teve tempo de atirar, embora o doge estivesse num ângulo ideal. Franziu os olhos ao deparar-se com um homem que acabava de arremessar-se sobre ele.

Com um pontapé, Pietro fez voar o arcabuz, arrancando-o da forquilha de metal e lançando-o pela borda do barco para um mergulho quase na vertical nas águas da laguna. Gilarion demorou a reagir. Com um grito de surpresa, tentou recuperar o arcabuz antes que desaparecesse e, tão logo ergueu os olhos, defrontou-se com o Orquídea Negra. A luta foi de curta duração. Pietro atirara o inimigo por cima da borda. Por um breve instante, inclinado com as mãos nos joelhos, olhar voltado para o

fundo da embarcação, retomou a respiração, o rosto suado. Depois se ergueu. Do barco, fazia sinais, agitava os braços, quase saltava sobre a frágil embarcação, que balançava de um lado a outro. *Desponsamus te, mare, in signum veri perpetuique dominii*. O doge lançou a aliança que foi tragada pelas ondas. Então, de San Marco, de toda parte, ressoou um clamor sem igual. A população em júbilo deu livre curso à exaltação. Ricardo Pavi cruzava a ponte do Bucentauro, com ar grave, procurando sinais, olhando à direita e à esquerda, incomodado com tanta exaltação, galhardetes, lenços ao vento, fantasias de carnaval. Passou a mão pela nuca, nos cabelos negros, curtos, e acreditou, por um breve instante, distinguir um pequeno barco, entre os inúmeros que o cercavam, sobre o qual se agitava uma silhueta familiar. Parou, os olhos franzidos. Uma dama, com vestido malva de seda, passou-lhe à frente. Viravolta... É ele! O coração parecia parar. E tentava dizer-lhe algo! Muito longe, Pietro! Você está muito longe! Tentava interpretar os gestos do Orquídea Negra que, em outras circunstâncias, poderiam parecer cômicos. Viravolta dançava como todo o povo, a boca abria-se visivelmente, mas Pavi, sob o clamor geral, era incapaz de distinguir qualquer som. O quê? Mas o que quer me dizer? Fazia mímica, apontava o alto do crânio assinalando a presença de... de chifres? A visão turva, Pietro voltou-se e olhou na direção do doge. *Desponsamus te, mare, in signum veri perpetuique dominii*. Loredan, distraído momentaneamente pela cerimônia, voltou-se também, deixando a proa do navio. Afagou o rosto do pajem e dirigiu um sorriso satisfeito ao embaixador Pierre-François de Villedieu, assim como aos membros da nobreza reunidos no Bucentauro. E, de súbito, um colosso agigantava-se diante dele. O Minotauro e sua máscara com chifres, ombreiras de metal e capa vermelho-sangue. — Francesco Loredan?... — disse a voz gutural que soava como uma sentença. Mas olha abaixo e verás lá adiante o rio de sangue onde estão, na fervura, os réus de violentar seu semelhante. Com um gesto, o Minotauro afastou a capa dos ombros e tirou das costas, como num passe de mágica, duas pistolas. Gritos de estupor fizeram-se ouvir. Loredan, pasmo, acreditou adivinhar um sorriso por trás daquela máscara e pensou: Desta vez, é o fim.

Num berro, Ricardo Pavi atirou-se com toda força sobre o Minotauro. O colosso oscilou. Dois tiros foram disparados, cruzando o ar numa nuvem de fumaça, perfurando velas e baldaquino, enquanto ele desabava de costas. Os soldados, como despertados de um sonho, precipitaram-se e seis lutavam na ponte contra o Minotauro, na mais absoluta confusão, punhos e piques abatendo-se sobre ele, em meio ao horror e à estupefação. Do lugar em que se achava, Pietro não distinguia com clareza o que ocorria. Aparentemente lutavam, via silhuetas, o brilho das alabardas e também ouvira tiros. Finalmente avistou o doge, no traje cerimonial, retornando à proa do barco e Pavi levantando-se. A surpresa foi tamanha que por pouco não caiu n'água, despencando do convés da embarcação. Suspirou, num alívio que durou pouco tempo *Desponsamus te, mare, in signum veri perpetuique dominii*. No horizonte, na orla da Giudecca e do Lido, as galeras apareceram. A Jóia de Corfu, a Santa Maria e os navios de guerra austríacos resplandeciam ao sol. O alarme soou e, dos navios do Arsenal, que aguardavam junto à ponte de San Giorgio o sinal para obstruir a entrada da baía, brotaram surdos clamores. As galeras inimigas, de dois e três mastros e velas quadradas como as antigas naus portuguesas, guarnecidas de duzentos remadores, abarrotadas de armas e pólvora, pareciam prontas a disparar, surgidas das ondas, avançando à velocidade máxima. Arqueiros de elite e arcabuzeiros espalhavam-se nos conveses; 320 canhões voltados para a Sereníssima e os barcos inimigos. Embora diante de fortalezas móveis, ladeadas de seis fragatas, o Arsenal certamente encontrava-se em condições de contraatacar; mas a laguna formigava das embarcações da festa e os espaços livres, fora da península, eram reduzidos. Quanto mais se aproximava o inimigo, mais complicadas seriam as manobras e maiores os riscos de danos irremediáveis à cidade. Para a ocasião, a frota de guerra fora mobilizada e, tendo à frente a legendária galera *Sottile*, seguida das escunas ligeiras normalmente encarregadas das patrulhas no golfo, convergia em direção aos invasores; mas nada garantia que a interceptação se daria a tempo, antes que San Marco e o próprio Bucentauro estivessem ao alcance dos tiros. Umas vinte unidades de reserva, sob o comando do comandante-geral da Armada, preparavam a artilharia. Pietro, no escaler, e Pavi, no Bucentauro, pensaram a mesma coisa e, angustiados, voltaram-se em direção à saída do cais do Arsenal, a atenção atraída por duas explosões consecutivas partindo de outro ponto estratégico de Veneza, de onde se via subir nuvens de fumaça, uma evidência de que outros combates tinham lugar nesse exato momento. Mas quem venceria? O chefe do Arsenal ou as Estriges? Prenderam a respiração. Nos cais de San Marco, o povo, desconcertado, via tudo sem compreender se

eram outras surpresas preparadas para as festividades ou algo bem mais grave. E então uma fragata, todas as velas içadas, cortou as águas em meio à fumaça e às chamas da súbita explosão de barris de pólvora. Elegante, orgulhosa como um pássaro, uniu-se à esquadra legalista, logo seguida por outras. SIM! SIM! berrou Pietro. São dos nossos! Fez-se silêncio, seguido do primeiro troar de canhão. Desponsamus te, mare, in signum veri perpetuique dominii. Então, nova tempestade explodiu.

CANTO XXIII

OS FALSIFICADORES

Sofia, jovem lavadeira por profissão, trazia pela mão o filhinho de seis anos. Achavam-se ambos no extremo da multidão, no cais vizinho ao Arsenal, no único lugar onde ainda reinava a festa. Ettore, o menino, devorava um sorvete em espirais brancas e rosadas, quase tão grande quanto sua cabeça, lambendo os lábios, virando-o em todos os sentidos para tentar sorver as gotas que escorriam e lhe sujavam os dedos. A todo instante, o sorvete ameaçava vir ao chão. Com um grande sorriso, Sofia, dengosa, saudou o rapaz que se afastava, após ter percorrido com eles um bom trecho. Em seguida observou o filho e franziu a testa, um tanto irritada. Curvou-se, suspirando. — Ettore, estou avisando! Quer prestar atenção? Se segurar o sorvete assim, ele vai cair no c... Um zumbido assustador se fez ouvir, quase imediatamente seguido de um estrondo medonho. A princípio, Sofia pensou tratar-se de um terremoto. Foi projetada ao solo e protegeu Ettore com o corpo. A alguns metros, a fachada inteira de uma villa parecia dissolver-se sobre si mesma e desabou, entre gritos, num dilúvio de pedras. Nuvens de poeira e acessos de tosse elevaram-se em torno de Sofia. A jovem abriu o olho no meio da cortina de fumaça e constatou que a villa, agora privada da fachada, tinha dois andares, e admirava já o interior dos apartamentos ricamente decorados. Na soleira de um deles, um velho atordoado, desvairado, aproximava-se da abertura dando para o vazio, articulando palavras incompreensíveis. Uma bala de canhão da Jóia de Corfu atingira a casa, numa assustadora explosão. A lavadeira olhou seu melhor vestido, sujo e rasgado. Assegurou-se de que Ettore estava bem; quanto a ela, machucara-se de leve ao cair e um corte lhe atravessava a testa, de onde escorria um pouco de sangue. Atônita, fitava Ettore e o sorvete esparramado no chão. — M... Mamma mia, Ettore, o que foi que eu disse? Nesse

ínterim, Pietro voltara à praça San Marco. Atrás dele, o Bucentauro e a Négronne davam meia-volta com dificuldade, no meio da laguna, para pôr-se definitivamente fora do alcance de eventuais tiros inimigos. A miríade de barcos em torno, cuja harmoniosa disposição fora subitamente quebrada por toda a balbúrdia, girava sobre si mesma procurando organizar-se, o que causava uma série de transtornos. As naves se cruzavam em todos os sentidos, num quadro dos mais caóticos. Mas o principal perigo fora afastado e, enquanto prosseguiram mais ao largo os combates da frota, Pietro precipitara-se em direção ao palácio. A população acorria de toda parte, sem compreender ainda o que se passava, hesitando entre o riso e a inquietação, os aplausos e o pânico diante do espetáculo. Pietro ergueu um rápido olhar na direção da Campanile, notando que os homens da Quarantia haviam cumprido sua missão, cortando as cordas que serviram ao pretenso "Vôo do Turco". Quando, por entre a multidão que as autoridades tentavam controlar, conseguiu chegar à entrada principal, deu com um dos agentes que tentavam formar, como podiam, um cordão de isolamento. O homem, banhado em suor, prestes a barrar o recém-chegado. — Ah! É o senhor! — E, reconhecendo Viravolta, deixou-o passar. Dentro, a luta prosseguia; os últimos Pássaros de Fogo, nos tetos do palácio e nas lâminas de chumbo da prisão, tomaram, entretanto, consciência de que fracassara a tentativa de assassinato de Loredan e viram que os barcos que incessantemente zarpavam do Arsenal logravam manter ao largo a frota da Quimera. Fracassara também a tomada do porto e a novidade propagou-se quase instantaneamente. Tudo correria como previsto, de modo simultâneo e rápido, mas certamente não a favor das Estriges. E, enquanto lá fora os soldados tentavam conter a multidão em pânico, Pietro avançava pelo pátio, onde renhidas escaramuças aconteciam. Se alguns haviam se rendido, outros, em desespero, deslizavam pelas lâminas de chumbo para entrar no palácio, as capas esvoaçando ao vento. Em torno da Scala d'Oro, sob as estátuas de Sansovino, espadachins em luta atiravam-se nas escadarias, giravam em torno das colunas, saltavam de toda parte, nas sacadas; ouvia-se o entrecocar de passos sobre o chão cinza e branco, dos ferros cruzando-se, os gritos dos feridos e, a intervalos, a detonação das pistolas espalhando nuvens de pólvora. Considerou um instante o caos e deixou escapar um suspiro cansado. Que dia maldito! Em seguida, recompondo-se, desembainhou resolutamente a espada. Bom! Acho que está na hora de pôr um ponto final nisso. Ao longe, na laguna, os combates entre as frotas inimigas poderiam, noutra circunstância, evocar um quadro de Canaletto, mesclado ao talento de um Turner egresso de alguma obscura academia e

especializado em temas militares. Ao fim do dia, pesadas nuvens brancas no céu, navios com as velas desfraldadas e lampejos de artilharia davam a essa surpreendente representação a dimensão de um apocalipse. Ao lado das galeras, silhuetas entrelaçadas de fragatas e Sottili, singrando as águas, girando segundo as manobras de ataque e defesa, acentuavam a sensação de movimento ininterrupto do conjunto. Podia-se discernir no Bucentauro, num ponto recuado da laguna, minúsculas silhuetas de combatentes pendurados aos mastros ou batendo-se nos conveses. O doge voltara a seu trono, na popa do navio. A seu lado, o embaixador da França contemplava os confrontos, os grandes olhos bem atentos, mas seu sorriso congelara. Vinha de assistir a tantos acontecimentos sucessivos, desde a chegada, que não sabia que atitude tomar, dividido entre o susto e o alívio. Voltou-se para Loredan. — Alteza... Tudo isso... O doge, recompondo-se das emoções enquanto Pavi e a tripulação encarregavam-se da manobra do galeão, contraiu num esgar a máscara de gesso do semblante. Tinha escapado por pouco. — É... humm... uma reconstituição. — Ah é? — perguntou Pierre-François de Villedieu, incrédulo. — Sim... É repetida todo ano... Uma espécie de... — pigarreou — de tradição, se assim podemos chamá-la. O olhar do embaixador ia e vinha do doge à entrada da laguna. De súbito, uma gigantesca nuvem de negra fumaça subiu aos céus. Numa infinita lentidão, a Jóia de Corfu, atingida várias vezes nos costados, jogava. Um dos mastros voou em pedaços, chamas elevavam-se da proa, água entrava por todo lado. A popa não tardou a erguer-se. A galera ia a ponto de afundar e os marinheiros atiravam-se ao mar, do convés. Mais afastada, vendo perdida a batalha, a Santa Maria virava de bordo sob o fogo cruzado dos navios do Arsenal, içando as velas ao sol poente. Algumas fragatas inimigas, sozinhas, persistiam em lançar-se ainda à batalha enquanto outras imitavam a galera e batiam em retirada. Pierre-François de Villedieu havia sucessivamente perdido e retomado o sorriso. Voltou a olhar o doge. — Mas... É tudo tão real... — surpreendia-se. — Não é mesmo? — perguntou o doge, contrito. O embaixador soltou de repente um gritinho histérico, aplaudindo com frenesi. A Jóia de Corfu acabava de desaparecer tragada pelas ondas, soltando ao céu faíscas de incêndio. — Oh! Bravo! Esplêndido! Maravilhoso! Decididamente, Veneza proporcionava muitos divertimentos. — Inimigo em fuga! Inimigo em fuga! Com essas palavras, precipitara-se o soldado no pátio do palácio, seguido por nova tropa de homens armados despachada das Mercerie. De imediato encontrou Pietro Viravolta, que se erguia após trespassar com a espada um dos Estriges a contorcer-se no chão, encapuzado. Pietro retirou a lâmina ensangüentada e

olhou à volta. Os Pássaros de Fogo. Dos vários que haviam escorregado pelas cordas, chovido dos tetos, voado sobre os balcões, só restava um punhado. Pietro caminhou através do pátio coberto de cadáveres. Um homem precipitou-se sobre ele. Esquivou-se do primeiro golpe, deteve uma estocada, fletiu o joelho e atacou, atravessando a garganta do adversário. Pouco depois, subia as escadas do Scala d'Oro onde outros se estendiam, alguns implorando ajuda. Chegando ao alto, percebeu à direita um dos Pássaros que, cercado pelos homens de Pavi, abria os braços para deixar cair a espada e se render. À esquerda, escondido nas sombras e tomado de pânico, outro tentava livrar-se da capa, aproveitando a confusão. Levantou os olhos e deparou-se com a ponta da lâmina de Viravolta, pronta a acabar com ele. Pietro sorriu. — Então? Decidiu mudar de lado?

Por sorte, os combates tinham sido raros nos andares superiores do palácio, sendo fácil encontrar os últimos Pássaros refugiados na sala e ante-sala do Grande Conselho. A tentativa de libertar os prisioneiros dos Piombi não havia sido proveitosa. Os Estriges compreendiam, enfim, que acabariam por encher as masmorras que haviam esvaziado. Quando Pietro deixou o palácio, na companhia dos vitoriosos oficiais da Criminale, deu com uma menina de saia azul. Toda sorrisos, estendia-lhe a caixa de cartolina, radiante. —

Messer! Para as noviças da Santa Trinità... Pietro sorriu. Por um efeito miraculoso, cá fora, a festa e o carnaval não tinham sido interrompidos. Como por encanto, os venezianos não haviam perdido uma gota de entusiasmo. Apesar do barulho e da violência, os combates se haviam misturado à confusão geral — alguns ocultos ao olhar da população, outros tão evidentes que pareciam uma farsa, boato que começou a ser espalhado, e que as autoridades, sorridentes, apressaram-se em confirmar. O comandante-em-chefe do Arsenal ganhara a batalha. Nos escritórios do Judiciário do Rialto, também teatro de lutas encarniçadas, os Estriges isolados acabaram por capitular. A honra de entrar nos escritórios onde haviam se entrincheirado os aliados de Von Maarken e da Quimera coube à Dama de Copas, que estendeu a mão para recuperar a última pistola a disparar naquele dia. Na verdade, as festividades da Sensa e do carnaval do ano de 1756 jamais foram igualadas. No Bucentauro, o embaixador curvou-se, sussurrando ao ouvido do doge: — Fantástico! Mas, lembrando ser preciso mostrar, por vezes, certo espírito crítico: — Entretanto, um pouco... teatral demais. Francesco Loredan sorriu sem responder. Deixou escapar um profundo suspiro de alívio. As Núpcias com o Mar haviam terminado.

CANTO XXIV

O POÇO DOS GIGANTES

Seis cavalos atrelados à carruagem de Eckhart von Maarken, chicoteados com vigor pelo cocheiro, partiram pela estrada que deixava Marghera assim que o duque renegado, em fuga, terminou apressadamente de fazer as malas. Examinava o desfilar da paisagem com olhar sombrio. Em poucas horas, seu desvairado sonho virara cinzas. De quando em quando, o austríaco levava as mãos à cabeça, esforçando-se por refrear o pavor e a cólera que o dominavam, na estrada que o afastava para sempre da República de Veneza, sozinho com suas visões quiméricas e o espectro vivo do degredo, esse desterro que não terminava. Nunca mais haveria de recuperar os bens, já em grande parte distribuídos pela imperatriz Maria Teresa; a honra, muito menos. Os berros secos e fustigantes do cocheiro, as chicotadas, o relinchar dos cavalos, as nuvens de poeira em redomoinho à sua volta, tudo parecia invadir-lhe a consciência como gotas d'água num poço sem fundo, dando-lhe a sensação de um véu a encobrir toda a realidade. Vivia um pesadelo e esse pesadelo não o abandonara desde o funesto dia do primeiro banimento. Tudo está perdido, pensava. Tudo. Cerrou os punhos. Partira às pressas, da mesma forma como chegara, como conspirador, aristocrata deposto, sem outra causa que a própria. O doge vencera, vivia. Ottavio e Vicario, eliminados; os Pássaros de Fogo, Estriges saídos de outros pesadelos, haviam deposto as armas. Só ele e a Quimera tinham conseguido escapar, transformados em mortal ameaça recíproca — como sempre haviam sido na realidade, pensava Von Maarken. Tudo por culpa de um único homem, estava convencido: Orquídea Negra, Pietro Viravolta, que por obscuras razões, Il Diávolo optara por deixar vivo quando o tivera à sua mercê, ao invés de abatê-lo de uma vez por todas. Naquele momento, seus destinos foram traçados. Eckhart ainda enraivecía-se. E agora? A fuga. Seguir fugindo. Regressar à Áustria era impossível. Lá, só a prisão o aguardava. Fugia para a França, onde tinha algumas amizades; talvez encontrasse alguma proteção e os meios de reaparecer, após um período de ostracismo. Enquanto assim pensava, uma raiva impotente, misturada ao desespero, dele se apossava. Lágrimas vieram morrer-lhe nos cantos dos olhos. Bem! Então estava só, absolutamente só, mas encontraria uma solução. A primeira coisa a fazer era safar-se; depois, haveria de retomar o fio do que sempre fora a sua vida, lutaria para conservar os andrajos da antiga honra, ultrajada, ridicularizada, que o transformaram em

motivo de deboche. Lutaria pelo pouco que lhe restava. Duque, era ainda um duque, o que não era pouco! Nunca se sentira, até então, como um apátrida a quem tudo haviam arrancado, rei solitário no exílio. Avante! Eu me salvarei. Talvez uma vaga intuição, misturada a uma apreensão surda, levaram-no a debruçar-se, quase distraidamente, à janela da carruagem. Encantou-se um pouco com o horizonte dessa estrada ladeada de ciprestes, lagos e vales brilhando ao pôr-do-sol. Notou primeiro um pequeno ponto escuro, a que não deu maior atenção; à medida, contudo, que o via mais próximo, franziu os olhos, intrigado. Um homem a cavalo o seguia, os cabelos ao vento, a capa esvoaçante, as amplas mangas da camisa infladas, galopando a rédeas soltas. Esporeava vigorosamente os flancos da montaria. Ele! É ele! Praguejou entre dentes. Pietro Viravolta lançara-se a seu encalço e cavalgava a toda brida. Tão logo tomara conhecimento da existência da villa de Marguera, onde os Pássaros de Fogo tinham por hábito encontrar-se, depois de abandonar o desolado jazigo de Mestre, Pietro precipitara-se para lá. Acompanhado de alguns soldados e oficiais da Criminale, esperava ainda desmascarar a Quimera e Eckhart von Maarken, que acreditava tratar-se da mesma pessoa. Achara-se diante de uma construção ladeada por duas imponentes colunas antigas, a grande fachada enfeitada com sacadas e um domo de vidro atravessado pela luz, iluminando os salões. Embora sinais evidentes atestassem presença recente, como os mantos com capuz abandonados, espalhados pelo chão — lembrança dos dias festivos —, o lugar estava deserto... ou quase. Um criado, visivelmente lerdo, que ajudara Von Maarken a fazer as malas, escondia-se num canto da villa. Quando quis fugir, viu-se forçado, à aproximação dos soldados de Veneza, a dar meia-volta e esconder-se num armário, debaixo de uma escadaria. Não fora muito difícil encontrá-lo e fazê-lo falar. Pietro ainda via o dedo trêmulo a indicar a direção em que Von Maarken tinha fugido. De imediato, saiu-lhe no encalço, distanciando-se até mesmo dos soldados da escolta. Cavalgava sozinho, errante cavaleiro no caminho das quimeras, mergulhado nas brumas da noite, à medida que o sol desaparecia. Achava-se a pouca distância da carruagem em fuga. Esporeando os flancos da montaria, tirou uma pistola do cinto. Tentava mirar a carruagem mas, ainda muito afastado, seria inútil atirar. Manteve o punho estendido, a pistola como o prolongamento do braço. Viravolta, mais uma vez! Precipitadamente, enfiou a cabeça no interior da carruagem. Chocado, enxugou a fronte, percorrido por suores frios. Tentou controlar o tremor que o dominava, as mãos enluvadas crispando-se na bengala que trouxera consigo. Depois de alguns instantes, respirou fundo e novamente colocou a cabeça para

fora da portinhola, gritando para o cocheiro: — Mais rápido! Mais rápido! Precisou segurar o barrete negro a cobrir-lhe os cabelos com medo que voasse. O chicote e as rédeas estalaram. Orquídea Negra ainda os seguia e aproximava-se. — Mais rápido, por todos os santos! — gritou Von Maarken. O coche sacolejava com mais intensidade. Von Maarken desequilibrou-se no interior da carruagem e, à medida que as rodas pareciam quase pular no chão, foi projetado à direita, à esquerda sobre o assento e precisou agarrar-se a uma das cortinas internas da portinhola, de cor malva. Xingou e passou, pela terceira vez, a cabeça para o lado de fora. Seu perseguidor, a quem a capa negra emprestava a aparência de morcego, surgia-lhe aos olhos tal qual um demônio. Curiosa ironia, os Estriges não estavam mais do mesmo lado. Voltou a observar esse demônio — sim, um mito, uma lenda a persegui-lo. O barulho dos cascos. A poeira. Os solavancos. —

Mais RÁPIDO! — berrou Von Maarken e o sangue batia-lhe nas têmporas. O rosto assumira uma tonalidade avermelhada. Pietro continuava a se aproximar e em pouco tempo chegara tão perto que recebia as nuvens de poeira a elevar-se à passagem do veículo; o barulho assombroso parecia-lhe mais caótico e ensurdecedor do que todas as festividades carnavalescas a que assistira nesse mesmo dia em Veneza. Alcançava já a traseira da carruagem, pelo lado esquerdo. Pensou um instante numa acrobacia que lhe permitisse saltar do cavalo e aterrissar acima das rodas, bem perto da portinhola. Disposto a tudo, quase cedeu ao impulso. Escolheu, afinal, esporear ainda mais a montaria; e com tanta força que ultrapassou a portinhola, sem olhar o duque que, por sua vez, arregalava os olhos, apavorado, ao ver esse diabo passar assim à sua frente. Por um instante ficaram quase lado a lado, Pietro curvado sobre o cavalo, os cabelos dançando ao vento; e Von Maarken, o rosto congestionado, as pupilas azuis dilatadas qual bolas de porcelana ou os vidros redondos de cristal que, no passado, Federico Spadetti produzia para a Associação dos Vidreiros de Murano. Sim, Federico! Lembro-me de você, seu filho, Severina e o vestido de cristal. Então Pietro mirou o cocheiro e atirou. — NÃO! — berrou Von Maarken. O homem abriu os braços, o chapéu voou e as mechas de cabelos estranhamente ruivos, presos com uma fita negra, agitaram-se como marionete atrás da nuca. Tombou à frente, o colete cinza perfurado. O corpo pareceu oscilar um breve instante, como se hesitasse entre a passagem empoeirada sob as rodas ou a queda do lado direito. Por fim, não seguiu nem uma nem outra direção. Permaneceu lá, morto, segurando as rédeas de um veículo rumando na direção de outros mortos. Imagem infernal! Os cavalos enlouquecidos, espuma escorrendo das mandíbulas, olhos iluminados como tochas, galopavam sem mais

saber aonde iam, conduzidos por um cadáver. O carro fúnebre, a solavancos, forçara Pietro a afastar-se momentaneamente. Assim que voltou a se aproximar, cerrou os dentes... Você não vai.. Sem refletir, ajeitou-se na montaria e saltou. As mãos agarraram as cordas que ainda retinham no teto a bagagem sacolejante de Von Maarken. E eis que se encontrava agora na parte traseira da carruagem, os joelhos dobrados, a capa voando ao vento, as botas apoiadas na suspensão, perigosamente próximas das rodas girando a toda velocidade. Von Maarken olhou novamente para fora e a surpresa redobrou, o cavalo de Viravolta galopava sozinho. O duque torceu o pescoço para ver o que se passava atrás e percebeu a presença do Orquídea Negra pelas abas da capa. — Mas que cesse! Que pare! Pietro acabou por firmar-se. Liberando a mão, apesar do equilíbrio precário, tomou da espada e virou-a de forma a que o punho ficasse alinhado com as rodas da carruagem. Temia cair. Escorregou, retomou uma certa estabilidade no último instante, e enfiou o punho da espada entre os aros e o cubo. Precisou desistir da primeira vez, as vibrações subiram-lhe até o ombro e quase o fizeram desequilibrar-se. Em seguida, com um berro, repetiu a tentativa. Houve um estalido. Pedacos de madeira voaram para todos os lados enquanto a roda oscilava de repente sobre si mesma, ameaçando soltar-se do eixo. A mão enluvada soltou a corda à qual ainda se agarrava e pulou de costas, machucando-se, rolando em meio à poeira. Ofegante, afastou a aba da capa que se lhe enroscara no rosto, voltando o olhar para a carruagem. Vinte metros adiante, a roda finalmente soltou-se. Depois de um último solavanco, a carruagem pareceu vergar-se e, num rangido de madeira, virou, abrindo sulcos na terra seca, até tombar de vez. Arrastados pelo peso, os cavalos

desviaram-se para a direita. As malas amontoadas no teto desabaram uma a uma. Rompeu-se uma corda e a carruagem veio finalmente completar sua viagem numa vala, em meio a um turbilhão de pó. Pietro ergueu-se, constatando não ter nenhum osso quebrado. Precipitou-se em direção ao topo da vala. Estranho espetáculo. Ao pé da colina, o que restara da carruagem chafurdava num pântano. Os cavalos tinham fugido; um pouco mais adiante, o cadáver do cocheiro, estirado. As bagagens haviam vomitado ouro e tecidos e, quanto a Von Maarken, também se estatelara, lançado para fora no momento do mergulho. Uma das pernas descrevia um ângulo bizarro enquanto a outra repousava parcialmente na água. Na lama, Von Maarken, imóvel, o rosto maculado de sangue, respirava com dificuldade. Pietro desceu o pequeno declive e aproximou-se. Primeiro, o duque enxergou os bicos das botas, que ocupavam todo o seu campo de visão. Piscando,

tentou erguer a cabeça, o que lhe arrancou um gemido de besta ferida.

Qual lagartixa sob a chibatada canicular, que da sebe se aventa, como um corisco atravessando a estrada, assim chegava, para o ventre intenta de um dos dois outros, uma serpe ardida, Lívida e preta qual grão de pimenta.

— Reconhece esses versos, Von Maarken? — perguntou. — O castigo do Oitavo Círculo. Para os ladrões como você, metamorfoseados em serpentes... O Círculo dos fraudadores, dos falsificadores, dos hipócritas, fomentadores da cisma e da discórdia... Parece que os papéis se inverteram e são os condenados quem agora condenam. Permanecia de pé, sem prestar ajuda ao duque que lhe estendia a mão. — Terminou, Von Maarken — disse. O duque retorceu a boca num ricto amargo e um riso débil transformou-se em soluço. A mão voltou a tombar na lama. — Isso é o que você... pensa... Mas ainda falta um... A expressão de Pietro endureceu-se. Dessa vez, ajoelhou-se. — Il Diávolo, é isso? Quem é ele, Von Maarken? Se não é você, quem é ele? Novo soluço. Pietro observou os olhos pequenos e frios, de um azul duro, os traços deformados pelo ódio, os cabelos claros tingidos de sangue. Von Maarken respirava cada vez mais dificilmente. -É...É... Pietro chegou mais perto. — Quem? Mas quem é ele afinal? O duque sorriu. — Seu pior pesadelo. Um último soluço, espécie de riso estrangulado, gemido rouco; depois, os traços crispavam-se. Então o duque Eckhart von Maarken entregou a alma e retornou ao inferno. Por muito tempo Pietro permaneceu ali, de pé, acima do cadáver. A carruagem no pântano do diabo, na lama, as malas espalhadas, os mortos nessa paisagem de desolação. Suspirou de cansaço. Estou verdadeiramente, verdadeiramente cansado, disse a si mesmo. E Lúcifer continuava em liberdade.

Dois mil nobres voltavam a reunir-se na esplêndida sala do Grande Conselho sob o comando do doge sentado ao trono, no fundo da sala, abaixo do Paraíso de Tintoretto. Algumas fileiras, entretanto, achavam-se vazias. Aqueles dentre os aristocratas que tiveram a infelicidade de dar apoio aos Estriges e cuja identidade fora revelada eram submetidos a interrogatório; alguns sujeitos à execução pública e outros, tendo conseguido escapar às malhas da investigação, aplaudiam de seus assentos os mesmos homens contra quem conspiravam ainda ontem. Mas, no momento, o importante era retomar a unidade da República, reafirmá-la com vigor em torno da figura do doge. Era

esse o intuito da cerimônia, e ao mesmo tempo recompensar os que, na recente e surpreendente provação enfrentada pela Sereníssima, haviam demonstrado coragem e devotamento. O grande ausente nessa manhã era Ricardo Pavi, que continuava a conduzir os interrogatórios nas antecâmaras dos Piombi, mas já exaltado como herói no Bucentauro e na praça San Marco. A Dama de Copas, vitoriosa no Rialto, causava furor nessa assembléia e dúzias de animados pretendentes amontoavam-se em torno de seu leque. O chefe do Arsenal, exibindo todas as condecorações e o porte altivo, a mão apoiada no punho dourado da bengala, mantinha-se ereto e orgulhoso ao lado de Loredan. Nobre e majestosa, após o retiro em Castello, Anna Santamaria inspirava respeito a todos. Ainda trajava luto e ninguém ignorava os perigos que enfrentara ou o terrível papel desempenhado por Ottavio na abortada tentativa de golpe de Estado. Aos olhos da nobreza, era considerada vítima e princesa, e alegravam-se em saber do amor que dedicava a Viravolta, esse agente encarregado das tarefas menores, execrado, na véspera, a ponto de exigirem-lhe a cabeça. Curvavam-se diante de Anna que, em seu comprido casaco escuro, estendeu a mão a um e a outro, antes de juntar-se ao amante. Acompanhado de seu criado, Landretto, Pietro Viravolta saboreava finalmente o reencontro com a paz. Loredan preparava-se para discursar e todos retomaram seus lugares. Pouco a pouco, risos e conversas cessaram e os olhares puderam contemplar o grupo postado diante do trono do doge; o Orquídea Negra e Anna Santamaria, a Dama de Copas e o chefe do Arsenal. Formavam um conjunto curioso: dois agentes da República, um homem e uma mulher, uma viúva, um militar ereto como numa parada. Loredan sorriu e, sem nada dizer, fez um sinal. Do canto da sala, por entre dois alabardeiros, surgiu o pequeno pajem mestiço de turbante azul, trazendo uma almofada de veludo. Loredan levantou-se, colocando-se diante do pequeno grupo, sem abandonar o sorriso, o pajem ao seu lado. Francesco piscou-lhe o olho e confiou-lhe a bacheta, o seu cetro. A situação era bastante cômica, pois tendo necessidade das duas mãos para segurar a almofada, o pajem, sem conseguir conter o riso, passou o cetro por baixo do braço, o punho resplandecente ultrapassando-lhe a cabeça. Loredan aproximou-se do chefe do Arsenal, distinguiu-o com a primeira medalha, que foi juntar-se às outras condecorações e, tomando-lhe as mãos, honrou-o com algumas palavras. Em seguida, a Dama de Copas e Anna Santamaria puseram-se de joelhos, ao mesmo tempo... e um frêmito tomou conta dos presentes ao ver as duas beldades inclinarem-se diante do Príncipe Sereníssimo. O doge ergueu-as e a cada uma deu um broche incrustado com pedras preciosas, nos quais

figurava o leão alado de Veneza. Finalmente, pôs-se diante de Viravolta. — Sei que uma medalha não é o bastante — confidencioulhe o doge. Então, procurou algo no manto vermelho. Tirou dali uma flor, uma orquídea negra que Pietro aceitou a sorrir. — Ei-lo novamente entre nós — sussurrou Loredan. Depois afastou os braços, convidando-os a facear a assembléia. — Eis Veneza! — proclamou. Com mão firme, retomou o cetro do pajem. Pietro, Anna, a Dama de Copas e o chefe do Arsenal voltaram-se. Uma salva de palmas ressoou por toda a extensão da sala e o Paraíso de Tintoretto pareceu descer sobre a terra, enquanto quatro mil mãos aplaudiam veementemente, sob os ornamentos do teto, acompanhadas por gritos de alegria e aclamação.

Ao redor do Orquídea Negra, Anna, de braços dados com ele, Landretto, a Dama de Copas e alguns admiradores. — Bem, Messer — disse a Dama de Copas, considerando Viravolta com ar interessado. O que fará agora que não há mais pássaros a caçar? Continuará a serviço da República ou partirá rumo a novos horizontes, agora que sua querida liberdade lhe foi devolvida? — Bem, é que... — Em todo caso, meu amigo, quero que saiba uma coisa — disse, sem esperar a resposta. — Se algum dia precisar de um guia para mostrarlhe novas paisagens, estarei inteiramente a seu dispor. O sorriso de Anna Santamaria desapareceu. Içou-se na ponta dos pés e sussurrou para Pietro: — Se olhá-la mais uma vez, eu mato você. Viravolta conteve o riso, enquanto Anna dirigia um sorriso glacial à Dama de Copas, que lhe sorriu com insolência, em retribuição; vendo, contudo, que sua causa não tinha esperança, passou a considerar o rapaz que acompanhava o Orquídea Negra. — E você, jovem? — E... Eu? — perguntou Landretto, surpreso. — Sim, você — disse, abrindo o leque. A caça... interessalhe? Landretto abriu um sorriso, tirando o chapéu e tentando recuperar a compostura. — É que... Viravolta riu. — Querida Dama de Copas, a senhora encontrou mais que um criado. Landretto é um rei em mais de um domínio e sem ele, não estaríamos aqui. Não é, meu querido am... Pietro interrompeu a frase ao ver Ricardo Pavi entrar na sala. Sem dúvida, a expressão grave, em meio aos rostos sorridentes, atraiu-lhe a atenção. Todo vestido de negro, o chefe da Criminale — considerado sucessor de Emilio Vindicati na chefia dos Dez —, desviando-se lentamente entre os convidados do palácio, dirigiu-se ao Orquídea Negra. Ao alcançá-lo, pousou-lhe a mão no ombro. Pietro pediu licença a Anna Santamaria e ao areópago que os cercava. Pavi disse-lhe em tom confidencial: — Venho dos Piombi, meu amigo. Temia jamais atingir meu objetivo. .. Mas, esta manhã, um dos Estriges preso nos poços decidiu soltar a

língua. Depois de quatro horas sob tortura... cedeu. Era, sem dúvida, um dos raros, a saber, eu pressentia... Pietro! Fixou o olhar no de Viravolta. — Conheço a identidade de Il Diávolo. Pietro retesou-se, o sorriso desvaneceu-se. Ficaram assim alguns segundos, depois Pavi inclinou-se lentamente para sussurrar ao ouvido do Orquídea Negra. O chefe da Criminale pronunciou um nome, um só, que terminou num murmúrio. Viravolta empalideceu e se voltou de imediato em direção a Pavi, cuja atitude não o deixava duvidar do que dissera. Então, os diferentes enigmas encontrados pelo caminho encaixaram-se uns nos outros, tal como a última peça de um quebra-cabeça desenha, de repente, uma revelação maior. Levou a mão trêmula ao rosto. O quadro era ainda mais terrível do que jamais imaginara. A evidência saltou-lhe aos olhos e se maldisse. Lançou um olhar a Anna Santamaria, que pestanejou; assim como Landretto, compreendera que algo se passava. Pietro demorou um instante para assimilar as informações, fez sinal a Pavi para aguardá-lo um minuto e dirigiu-se a Anna. — O que houve? — perguntou, inquieta. Pietro cerrou os dentes e ajeitou o chapéu. — Receio que me falte uma missão a cumprir. Fique, peço-lhe, e não se preocupe comigo, voltarei logo. — Mas... Pietro já depusera um beijo na testa da Viúva, antes de se voltar. A Dama de Copas ergueu a taça em sua direção, sorrindo. — Sabe onde ele se encontra? — inquiriu Pietro. — Ele também fugiu, mas teve mais sucesso que Von Maarken... Preste atenção, segundo nosso "informante"... deve estar nalgum lugar de Florença. — Florença? Franziu o sobrolho. — Bem, ficarei ausente mais tempo do que previa. Novamente, fixou os olhos nos de Pavi. Il Diávolo. Florença. Evidente. A cidade de Dante. — Ricardo... Pietro trincou os dentes. — Ele é meu.

Chochariel, Querubim do Abismo, da ordem de Python-Luzbel jazia trancado no poço, no térreo dos Piombi, ferido, ensangüentado, depois da tortura. O peito doía, respirava com dificuldade. De tempos em tempos, soltava um gemido que se transmudava em ataque de tosse; sufocava. Nos Pozzi, era quase total a escuridão. Ainda trazia o disfarce dos Estriges, o capuz e o manto em frangalhos, encharcados. Em breve, a acqua alta voltaria a subir. Fremia ao ver a água infiltrar-se no calabouço, pingando de todas as fissuras da cela. Morreria ali, estava convencido, morreria ali, mas a Quimera também não escaparia. Com um pedaço de carvão, os dedos de unhas ensangüentadas rabiscavam na parede mergulhada na noite. Chochariel escrevia palavras invisíveis e sem sentido, cruces e figuras brotadas da mente doentia. Recriava seu paraíso imaginário, na noite do inferno.

Os Gigantes! Os Gigantes! Todos, agora, estavam como ele, os Pássaros de Fogo, que se supunham Gigantes, encarcerados para sempre. E com uma voz extraída da demência, repetia incansável: — Ver o Paraíso...

Qual de Montemaggiore a alta barreira circular que de torres se coroa, assim, na orla que à volta o poço beira, torreavam, de sua meia pessoa, os horríveis gigantes, ameaçados por Jove ainda, do céu, quando trovoa.

— O Paraíso... O Paraíso... Ver o Paraíso...

As palavras repetidas ao infinito perdiam-se no silêncio. Chochariel foi sugado pela escuridão.

NONO CÍRCULO

CANTO XXV

OS TRAIDORES

Uma pequena orquestra tocava na praça San Lorenzo. Passantes paravam, escutavam por alguns minutos e retornavam a suas ocupações. A praça era encantadora, guardara um pouco da Idade de Ouro florentina sob o reinado de Cosme, o Velho, esse grande mecenas das artes. Não longe, a igreja San Lorenzo, exemplo típico da arquitetura Renascentista, cuja bela fachada de tijolos é totalmente desprovida de qualquer ornamento. Trata-se da paróquia dos Médicis. Numerosas capelas, espalhadas pelos conventos vizinhos, decoradas com mármore preciosos e mosaicos, abrigavam os túmulos dos mais ilustres personagens da dinastia. Mausoléus adornados com estátuas majestosas, representando ora o Dia e a Noite, ora o Crepúsculo e a Aurora, testemunhas altivas do poderio secular de Florença. Na pequena orquestra, Pietro Viravolta, na segunda fileira, tocava violino, com imenso prazer. Seus colegas, por vezes, precisavam cobrir notas erradas mas, com um pouco de prática, poderia recuperar parte da virtuosidade do passado. O rosto empoado, peruca branca, colete claro, ornado com passamanarias douradas, deixando escapar mangas bufantes que dançavam acompanhando-lhe os movimentos das mãos. Enquanto tocava, antigas imagens vinham-lhe à memória. Por exemplo, quando de volta a Veneza, após ter servido por pouco tempo nas forças militares, compusera a formação do San Samuele, a animar as soirées da nobreza com

musicais barrocos, ou quando se divertia acompanhando com o arco de seu violino uma representação no teatro vizinho ao bairro onde crescera. Era uma bonita tarde de junho, o céu de um azul límpido. Sempre a tocar, observava o movimento na praça e, em particular, o homem de barba grisalha e curta que contornava a orquestra para dele se aproximar. Não esperou o final do trecho musical para se curvar e cochichar na orelha de Viravolta, apesar da música: — Está vendo aquele homem ali? A uns vinte metros, ia um anão relativamente corpulento, vestindo camisa branca com babados sob um jaquetão vermelho, pantalonas bufantes e botas escuras. Pietro aquiesceu. — Siga-o... Discretamente. O anão o levará até quem procura. Pietro franziu os olhos, que brilharam com intensidade. Fora de questão abandoná-lo. Acompanhou o fim do concerto executando uma cascata de pizzicato e, esticando o arco num gesto teatral, concluiu o movimento em uníssono com a orquestra.

Pietro abandonara o violino e seguia o anão pelas ruas da cidade. Florença. Dois séculos antes de Cristo, a cidade etrusca de Fiesole fundara uma colônia, denominada Florentia na era romana, cidade com guarnição militar encarregada de proteger a via Flaminia, que ligava Roma à Itália do Norte e à Gália. No século XII a cidade ascendeu à posição de importante centro de comércio livre, sob o controle de 12 cônsules e do Conselho dos Cem. Um governador — o podestà — substituiu o Conselho após intermináveis disputas internas. A cidade sempre fora palco de uma vida política agitada. Dante ali nascera, em 1265. Descendente de uma família da pequena nobreza, vira pela primeira vez o amor de sua vida, Beatriz, em 1274 e reviu-a mais duas vezes, sem jamais lhe ter sido apresentado — sem nem mesmo dirigir-lhe a palavra. No entanto, foi para ela que escreveu a *Vita Nuova*, antes de fazer dela o personagem central da *Comédia*. Órfão muito cedo, seguiu os estudos superiores em Bolonha, sob influência do filósofo Brunetto Latini e numerosos poetas, como Cavalcanti e Cino da Pistoia. Viu-se rapidamente envolvido na agitação política da época. Em Florença, os guelfos nacionalistas sustentavam o poder temporal do papa, contra os gibelinos, partidários da autoridade do Sacro Império Romano-Germânico. Uma verdadeira guerra civil explodira. Dante, simpatizante dos guelfos, participou da batalha de Campaldino, em 1289, que terminou com a derrota dos gibelinos de Pisa e Arezzo. Essa vitória partidária não mascarava desavenças internas: os guelfos brancos, mais moderados, pregavam a independência tanto em relação ao papa quanto ao imperador; opunham-se aos guelfos negros, extremistas, para quem o papa representava

o único poder legítimo. Pensando nesses tempos furiosos enquanto caminhava em direção à praça della Signoria, Pietro não podia deixar de fazer a ligação com o que há pouco vivenciara em Veneza. Teria sido realmente possível uma guerra civil no coração da Sereníssima? Provavelmente, não. Mas só Deus sabia aonde uma vitória dos Estriges poderia conduzir o destino da laguna; um golpe de Estado a mais e tudo mudaria. Enganavam-se em considerar consolidado o equilíbrio existente que, por vezes, só se mantinha por um fio. Um fio sobre o qual Orquídea Negra, no espaço de algumas semanas, havia se equilibrado. Enquanto avançava pelas ruas florentinas, Pietro experimentava a sensação de que a sombra do poeta caminhava a seu lado. Dante se casara com Gemma Donati, de uma importante família da cidade e apoiava os guelfos brancos, ocupando funções administrativas e diplomáticas. As tensões não haviam cessado de crescer. Após o exílio momentâneo dos dois chefes da facção rival, os guelfos negros tinham voltado a assumir o poder, em 1302, com o apoio do papa Bonifácio VIII. Dante teve que se exilar; viveu em Verona e em Paris. Nesse período, mudou de opinião e, acreditando que um imperador esclarecido poderia construir uma união européia que evitasse as guerras e os conflitos, desposou a causa dos gibelinos, exortando os príncipes italianos a reconhecer a autoridade de Henrique VII de Luxemburgo, recentemente entronizado como imperador. Mas sua morte prematura arruinou todas as esperanças do poeta. Em 1316, o Conselho da cidade autorizou Dante a retornar, mas ele recusou a anistia, alegando que não voltaria até ter sua dignidade e honra devolvidas. Assim seguiu a vida em Ravena, onde morreu em 1321. Havia começado a *Comédia* no início do exílio e terminou-a pouco antes de morrer. Atravessando a praça dei Duomo, Viravolta perdeu-se em contemplação à sombra da catedral e depois na praça vizinha, diante das três famosas portas de bronze do batistério. Uma delas, *O Paraíso*, fê-lo lembrar-se que a *Comédia* só recebera o epíteto de "divina" após a morte do autor, na edição de 1555. Porque tudo terminava bem, sem dúvida, na ofuscaante visão de Deus. E, se lograra salvar Veneza, continuava em busca do misterioso Lúcido, Il Diávoles, inspirado nos pesadelos dantescos. Não tinha nenhuma certeza quanto ao resultado dessa confrontação. Nada garantia que sua própria "comédia" terminasse sob os auspícios da beatitude. No fundo, temia não encontrar, como acontecia na de Dante, a glória inefável de Deus — pois seu percurso concluía-se no nono círculo do Inferno. Talvez Veneza estivesse no limiar do Purgatório; talvez Pietro só pudesse encontrar seu Paraíso ao unir-se a Anna Santamaria, sua Beatriz, ou seja, saindo com vida dessa cidade. O anão virou na esquina de uma rua que

desembocava na praça della Signoria. Pietro acelerou o passo, lembrando-se de cada uma das etapas de sua viagem nos meandros labirínticos dos fantasmas da Quimera.

Primeiro Círculo: Marcello Torretone – PAGANISMO Segundo Círculo: Cosimo Caffelli - LUXÚRIA Terceiro Círculo: Federico Spadetti — GULA Quarto Círculo: Luciana Saliestri - PRODIGALIDADE E CUPIDEZ Quinto Círculo: Emilio Vindicati — CÓLERA Sexto Círculo: Andreas Vicario - VIOLÊNCIA Oitavo Círculo: Francesco Loredan (atentado fracassado) / Eckhart Von Maarken - FRAUDE, CISMA E DISCÓRDIA Nono Círculo: TRAIÇÃO

Após a morte de Dante, a vida florentina conhecera outras tragédias. Se o governo começara a se democratizar, Florença transformando-se pouco a pouco numa república comercial, a grande peste de 1348 dizimara de um só golpe metade da população. Os Médicis, poderosa família de banqueiros, haviam consolidado, a seguir, o domínio sobre a cidade. Cosme de Médicis cercara-se dos maiores artistas da época, Donatello, Brunelleschi, Fra Angélico. No comando do grão-ducado da Toscana, cuja capital era Florença, Lorenzo foi o protetor de Botticelli, Leonardo da Vinci e Michelangelo. Mas enquanto a cidade florescia, o monge dominicano fanático Savonarola ali instaurou uma república puritana. Teve o bom gosto de perecer na fogueira antes da restauração do poder dos Médicis, apoiados pelas tropas pontificais e pelo Exército espanhol de Carlos V. Os Médicis reinaram ainda por dois séculos e, alguns anos antes do nascimento de Viravolta, em Veneza, o grão-ducado da Toscana passara à casa de Lorena. A Quimera provavelmente esperava encontrar nela um abrigo, ainda que provisório. A praça della Signoria, guarnecida de torres, era adorada pelos florentinos. Fórum da vida política, dava para o famosíssimo Palazzo Vecchio, magnificamente decorado por Vasari e que servia de prefeitura havia vários séculos. A torre característica que o ladeava fazia parte dos símbolos da cidade. Mais de uma vez, Dante devia ter se lembrado dessa praça com emoção. No meio, um curioso espaço havia sido arrumado; um tabuleiro de xadrez branco e preto fora desenhado no piso e, de cada lado, duas torres confrontavam-se. Normalmente este lugar devia servir a partidas de xadrez bem especiais, onde as peças eram representadas por florentinos de carne e osso. Uma maneira agradável de se divertir no coração da cidade. Nos intervalos dessas extraordinárias disputas, substituíam-se os participantes por peças de madeira leve, em tamanho natural. Um pouco mais afastado, o anão detivera-se e falava animado a um clérigo desengonçado que, as mãos cruzadas

sobre o hábito, meneava afirmativamente a cabeça, vez por outra, em resposta às apóstrofes do pequenino companheiro. Pietro passou por trás da Torre, depois do Bispo, continuando a observá-los a boa distância. Finalmente, com um aceno, o anão despediu-se do padre e girou nos calcanhares, retomando seu caminho. Pietro atravessou correndo o tabuleiro de xadrez, quase derrubando um dos rapazes que fazia as vezes de peão e desculpando-se com um sorriso à Rainha ali abandonada. No encalço do anão, entrou na galeria a céu aberto, conhecida como loggia. Seguiu-lhe os passos, saudando na passagem o Perseu de Benvenuto Cellini e as outras estátuas que, em sua vibrante austeridade, pareciam vigiá-lo e assistir à sua secreta perseguição. Na esquina da loggia, o anão desapareceu. Pietro apressou o passo e voltou a vê-lo, mais a oeste, caminhando ao longo do rio. Tinha a impressão que o anão dava grandes voltas sem, no entanto, chegar ao destino. Talvez tivesse recebido instruções de assim proceder e sua caminhada era enfeitada por diversos encontros: o padre com quem cruzara na praça della Signoria, um simples vendedor de legumes na margem do Arno e, no momento, um homem com aparência de nobre. Na ponte Vecchio, parou mais uma vez, contemplando com fascinação as jóias expostas nas bancadas dos ourives. Pietro esperou num canto da ponte, atrás dos fregueses, retomando a caminhada quando o anão fez o mesmo. Ainda demorou bem uma meia hora antes de chegarem ao final do percurso e Pietro começava a se cansar, temendo ter sido enganado com falsas informações. O sol se punha. A igreja Santa Maria Novella erguia-se logo adiante, banhada pela luz do final de tarde. O anão precipitou-se na igreja, atravessando as portas duplas encimadas por uma rosácea que evocava o estilo gótico e pelo capitel greco-romano, curiosa aliança que dava estilo e caráter único à basílica. Permaneceu alguns instantes diante dessa refulgente fachada de mármore marchetado branco e preto, que parecia ainda trazer a assinatura lapidar de Alberti. Outrora velha igreja arruinada, cedida aos dominicanos ao se instalarem no bairro, hoje rivalizava em fausto e beleza com a catedral. Recebera a visita de papas e abrigara até mesmo um concílio, quando tentaram, em vão, unir as Igrejas do Oriente e do Ocidente. Em pé, na calçada, Pietro abriu a capa e deixou a mão escorregar ao punho da espada. Inspirou profundamente e adiantou-se. Ao longe, sobre a Santa Maria Novella, as nuvens amontoavam-se no céu. Pietro empurrou as portas que rangeram ao se abrirem. Novamente, não se moveu. Levou alguns segundos a se habituar à escuridão. Ao fundo, na extremidade do transepto, o anão cochichava algo a um homem; obedecendo a um sinal, voltou-se em direção a Pietro, meneou a cabeça e desapareceu na escuridão. Il

Diávolo voltou-se e esperou, imóvel, altivo. A silhueta do Orquídea Negra recortava-se contra a luz da porta entreaberta, a mão sempre no punho da espada. Permaneceram calados, alguns segundos. A voz de Pietro ressoou na basílica. — Por quê? Um novo silêncio prolongou-se, interminável. Reiterou a pergunta. — Emilio... Por quê?

CANTO XXVI

LÚCIFER

"Eu já fui o que você é, você será o que sou." Era esta a frase inscrita sobre o esqueleto que aparece na Trindade de Masaccio — sem dúvida a primeira grande obra a aplicar os princípios da perspectiva. Se Emilio passasse diante dela, na terceira galeria superior sobre os arcos da nave, do lado inferior esquerdo da igreja, haveria de compor um efeito de profundidade dos mais surpreendentes, pois era fácil imaginar Il Diávolo empoleirado, acima da Vaidade contorcida em esgar, já parte do afresco, a estragar essa santa imagem arrancada ao mais profundo dos escrínios de trevas. — Por que, Emilio? — perguntou Pietro, passando entre as colunas do transepto. Vindicati sorriu. Recitou:

Vexilla regis prodeunt inferni,
pra cá, portanto tu pra frente mira,
começou o Mestre meu, "e bem discerne".

Pietro avançava lentamente entre as colunas e foi ele quem prosseguiu:

Esse é Dite, e onde mais de força armado convém que estejas, disse, "este é o lugar".

Como fiquei então fraco e gelado, não perguntes, leitor, e eu não direi que o fato restaria sempre apoucado.

Deu outro passo.

Não morri, e vivo não me conservei, julga tu, se de tino tens sobejo, como sem um nem outro, então fiquei. E agora o rei do triste reino eu vejo, De meio peito do gelo montante...

Finalmente deteve-se.

Vindicati mantinha-se sobre os degraus do altar-mor, Pietro a alguns metros, ligeiramente abaixo. — Lúçifer — disse Vindicati exibindo um sorriso. Abriu os braços, como um mestre-de-cerimônias. — Bem-vindo à igreja Santa Maria della Vigna. Sabia que era esse o seu nome? A Novella substituiu outrora o antigo oratório de Santa Maria delia Vigna. Cresci em Veneza, Pietro, mas foi aqui que nasci, em Florença, pátria de meus grandes inspiradores, Dante e os Médicis... Mas você tinha esquecido, sem dúvida. E aqui nos reencontramos, meu amigo, numa basílica, quase como quando nos vimos pela última vez. Na casa de Deus, você encontra Lúçifer. Não deixa de ser engraçado, não acha? Em todo caso, vejo que Feodor o trouxe aqui sem dificuldade... Pietro ouviu um ranger atrás de si. Virou-se. No fundo, o dito Feodor fechava as grandes portas da igreja, abaixando as traves de madeira com um ruído surdo e trancando-a com dois ganchos de ferro. Pietro franziu o cenho, voltando-se em seguida para Emilio. — Acreditei em você, Emilio. Aquela noite, em San Marco, eu... — Ah, Pietro! Você me fez passar momentos tão agradáveis. No dia em que o tirei dos Piombi, sabia que você ficaria cego, obrigatoriamente cego, até o momento em que me acreditou ver morrer. Um de meus Estriges soube representar o papel de Lúçifer enquanto eu fingia agonizar diante de seus olhos, mas lembre-se, nunca encontraram meu corpo. Vi você movendo-se para cá e para lá, sempre vigilante, sem jamais descansar! Você ganhou minha admiração. Você era — você é — o melhor. Eu sabia... Sempre soube, o que torna minha derrota menos amarga. Você foi minha maior proeza e meu maior erro. E eu, eu fui seu guia, seu Virgílio nos Infernos, seu diabo em Veneza. As duas faces da mesma moeda. Você nunca achou que Virgílio, conduzindo Dante aos meandros de sua alma pudesse ter outro aspecto que o de Lúçifer, o mal oculto em sua própria consciência? Virgílio não salva o poeta mostrando-lhe todos os pecados do mundo? — Mas naquela noite, Emilio, naquela noite em San Marco... Por que não me matou? — Uma testemunha, Pietro! Precisava de uma testemunha ocular de minha própria morte... Que bela ironia ter escolhido você... Meu plano desenvolvia-se às maravilhas. E aqui está você, no final da sua viagem, Pietro Viravolta de Lansalt, você que batizamos juntos de Orquídea Negra... No último Círculo. Você adivinhou, não foi? A vítima do Nono Círculo, Pietro, era você. Quem melhor poderia servir ao meu jogo e ser o instrumento privilegiado dos meus lances de dados? Orquídea Negra! Uma lenda! Só você reunia todas as faltas graças às quais construí minha pequena charada: ateu, luxurioso,

adúltero compulsivo, glutão, jogador, charlatão, impulsivo, mentiroso, libertino, a lista não teria fim! Imagine como me era doce vencer uma Veneza decadente usando como instrumento a personificação da decadência. Sim, Pietro, você! Ah, que prazer, na verdade. Sabia tudo sobre você e os outros; os Dez e a Quarantia andavam de mãos dadas e tinha como única atividade informar-me sobre todos, com a benção de Loredan e dos Conselhos! Marcello estava sob vigilância, assim como o padre de San Giorgio, Campioni, Luciana, o astrólogo Fregolo, peões todos, como você. Eu mandava espionar, sem despertar a menor suspeita, cada um de seus atos e gestos. Três capitães do Arsenal estavam paralisados de terror. Vicario e eu controlávamos as corporações. Sim, tínhamos todas as cartas na mão. Pietro meneou negativamente a cabeça. Havia lampejos de demência no olhar de Vindicati. — E você acreditou poder derrubar Loredan... Vindicati deu um sorriso sardônico. — Pietro, eu lhe peço, abra os olhos! Vindo de você, que a República conduziu aos Piombi e a quem prometia sorte ainda pior, não deixa de ser engraçado! Você viu o carnaval; pois bem, foi nisso que nos transformamos, bonecos de carnaval, dirigidos e manipulados por instituições fantoches! E eu era o rei de uma delas. Os Dez, Pietro, os Tenebrosos, a pior e a melhor de todas. Mas considere um instante o espetáculo que Veneza oferece hoje aos olhos do mundo! Uma cidade artificial, à beira do desaparecimento, imersa em cacofonia, corrupção, dissimulação, acordos secretos, intrigas do Broglio. Arruinamos a igualdade entre os aristocratas e ao recusarmos estabelecer nossa autoridade, favorecemos outra espécie de despotismo, o do Senado, depositário de todos os poderes e do qual nada de importante saiu! — Palavra de honra, você ainda acredita nessas bobagens? — Acreditava que você se opunha ao suborno, Pietro. Achava que você era a favor de acordos e do poderio de Veneza, apesar de tudo... Quanto a mim, assumi em segredo ou abertamente as obras mais vis da República, não cessei de relacionar-me com esses políticos cheios de vermes, esses espiões, esses estrangeiros ávidos por beber nosso sangue, esses bandidos, essas corporações tão dispostas a venderem-se a nossos eternos inimigos, esses canalhas e essas moças alegres que eu condenava diariamente a mofar no fundo de nossos calabouços! Sabe o que é chafurdar sem cessar no pântano mais negro do coração humano, mergulhar a cada dia no lodo de assassinatos, delações, sordidez, mediocridade até a náusea, até vomitar sobre si mesmo? Não nos restava outra solução, a não ser a brutalidade e a repressão para reprimir a decadência. Foi assim com os antigos impérios que acabaram por desaparecer. É fatal! Era preciso reagir. — Reagir? Promovendo

assassinato atrás de assassinato? — Mas tudo isso não passou de uma gota d'água no oceano! Nossas instituições, Pietro, a chave residia em nossas instituições, isso seu amigo Giovanni Campioni compreendera, mas, infelizmente, escolheu o lado errado. Veja esses cargos onde cabeças rolam a cada semana, como piões! Veja os procedimentos absurdos que nos fazem mudar incansavelmente de dirigentes, eles mesmos fantoches, sem outro talento que as mesquinhas e golpes baixos! Um ninho de cupins! Estávamos sentados em barris de pólvora, dirigidos por incompetentes! O governo político de Veneza muda a cada seis meses, ao sabor do vento, Pietro, e durante esse tempo perdemos nossa glória, nossas colônias e todas as nossas esperanças. Nenhum de nossos queridos magistrados consegue manter uma linha coerente. E não há um aristocrata, entre esses corvos ignorantes e medíocres, que impeça a República de degenerar e perder-se no vício, na licenciosidade e no esquecimento do bem público. Campioni mesmo não dizia ser impossível fazer com que lhe ouvissem a voz? Os interesses particulares preponderaram sobre tudo, só busquei certificar-me dessa gangrena. Só pretendia acelerar essa decomposição para nos oferecer uma outra chance. Sim, Pietro, acredite, fiz tudo isso pelo bem de Veneza! Os turcos estão adormecidos, mas o perigo persiste. A Espanha nos ameaça permanentemente e sua aliança com os papas nos mantém há anos numa camisa-de-força! Estávamos cercados de inimigos, era urgente encontrarmos... alternativas. — Alternativas como Von Maarken? Não me faça rir! Assinar um tratado absurdo com um duque sem coroa, condenado em seu próprio país! Emilio proferiu uma exclamação de desprezo. — Von Maarken e seu delírio austríaco serviram a meus objetivos, mas ele também não passava de um fantoche! Caiu na rede que lhe estendi e fiz uso de sua loucura até ele enredar-se e condenar-se a si mesmo. Soube que você o matou, Pietro. Quanto a isso, você simplesmente cumpriu o plano por mim concebido. Mas entregar o domínio dos mares a outra potência? Como pôde ele imaginar, por um segundo sequer, que eu me associava a seus delírios de glória impossível? Só que eu precisava dele, de seus homens e de recursos financeiros. — Você é completamente louco — disse Pietro. — Não passa do que pretendia combater, um visionário, um louco perigoso. Vindicati voltou a sorriu e calou-se. — Ah, que pena! Os braços tombaram ao longo do corpo. Em seguida ergueu o queixo. — Imagino então que tenha chegado o momento da verdade... — Imagino que sim. Pietro tirou a espada, num sibilar metálico. — Bem... — disse Vindicati. — Terminemos com isto. Uma capa negra, bordada de fios de prata, recobria-lhe os ombros. Dela se desfez com um gesto, a capa escorregandolhe pelas

costas ao pé do altar. Tirou lentamente a arma da bainha. Pietro avançou. Ignorava que, nesse ínterim, o anão Feodor escondera-se atrás de uma das colunas, na penumbra. Pendurado, tal e qual uma aranha, a metro e meio do solo, à aproximação de Pietro, saiu do esconderijo e pulou. Vindicati sorriu. Pietro, surpreso, recebeu em cheio o peso do adversário e, desequilibrando-se, rolou com ele entre os bancos. Feodor, lutando como um demônio, erguia a adaga. Tinha uma força hercúlea, inimaginável para o seu tamanho. Pietro gritou de dor quando sentiu a lâmina cortar-lhe fundo o braço, depois de ter conseguido desviá-la do rosto. Feodor ainda não havia terminado. Novamente o brilho da lâmina dançava diante dos olhos de Viravolta. Sentiu a respiração do anão, arquejos pontuados de exclamações raivosas. A energia reforçada pela dor, conseguiu desdobrar os joelhos e esticar violentamente as pernas para empurrá-lo longe. Com a leveza de um gato, Feodor ergueu-se de pronto nos pés, os olhos brilhantes, o punho ainda fechado sobre a adaga. O sangue escorria do braço de Pietro, a queda percutira-lhe o ombro que devia impulsionar a espada e fora forçado a largá-la. Percebeu-a a certa distância, entre dois bancos de madeira escura. A mão tateou o flanco. Furioso, Feodor voltou a saltar. Compreendeu tarde demais o erro. Pietro levantara o braço em sua direção e Feodor viu um clarão, uma detonação ressoou sob as abóbadas, ele foi novamente atirado para trás e caiu ao chão. Contorcia-se; as mãos crispadas no ventre, rolou mais uma vez sobre si mesmo, os músculos retesaram-se num espasmo e calou-se. Pietro, colete e camisa rasgados, ainda mantinha o braço estendido, enquanto Feodor jazia estirado, as vestes rubras,

a gola de babados desalinhada, levantada, a lhe cobrir os lábios. Lentamente, Pietro ergueu-se e deixou cair a pistola. Vindicati não se movera. Pietro recuperou a espada entre os bancos e voltou ao centro do transepto. Arfando, conteve uma careta de dor, o braço doía. — Traidor — vituperou, encarando Emilio. — Quaisquer meios justificam o fim, não é? Vindicati deu um riso curto. Desceu os degraus do altar. Dessa vez os dois colocaram-se em guarda ao mesmo tempo, face a face. — Você se lembra, Pietro? Em outros tempos, costumávamos lutar para nos divertir. — Esse tempo passou. Eles tomaram posição, Pietro alerta, Vindicati fleumático, um e outro se movimentando em círculos. — Talvez eu devesse ter arregimentado você entre os meus, Pietro. Ainda está em tempo... Por que não se unir a mim? — Você sabia que isso estava fora de cogitação, Emilio. Tentou me usar e hoje não é mais nada. Estamos aqui, os dois, e o mundo inteiro pouco se importa com o que possa nos acontecer. E se calaram. O

entrechocar do aço retinha na igreja Santa Maria Novella. Vindicati conservava a habilidade; antigo mestre de esgrima, no passado contribuíra para a formação de Pietro, quando este fora recrutado como agente da Sereníssima. Entre o antigo mentor e o Orquídea Negra, uma relação de amizade estabelecera-se. Nada restara, a não ser esse duelo mortal. Ora avançavam, ora recuavam no transepto, ao ritmo das investidas, entre exclamações. Desviavam-se de um golpe, arremetiam, atacavam e contra-atacavam, estocada sobre estocada. As lâminas sibilavam feito serpentes, entrechocavam-se secamente ou deslizavam uma sobre a outra da ponta ao punho; e cada golpe causava uma dor aguda a percorrer o braço de Pietro até explodir-lhe no cérebro. Sabia que não conseguiria suportar por muito tempo esse ritmo. Com um assalto, conseguiu empurrar Vindicati no meio dos bancos, para a ala direita da nave. A Quimera quase desabou e Pietro viu o momento de terminar com tudo, mas Vindicati recuperou o equilíbrio. O resultado do combate ainda era incerto. Emilio não tentou avançar novamente, pelo contrário, recuou dirigindo-se para as sombras. De repente, com uma horrível gargalhada, virou-se e desapareceu atrás de uma coluna. Pietro, banhado em suor, ouviu o arquejar da própria respiração, o coração palpitar. O silêncio voltara a reinar à sua volta, Vindicati invisível. O olhar fixo no local onde a Quimera desaparecera, Pietro tateou com precaução, atravessando o caminho entre os bancos, cuidando para não cair. Franziu os olhos ao chegar ao outro lado. Atrás da coluna, uma das pequenas capelas laterais, iluminada por dúzias de velas. Um afresco de Giotto, representando uma cena religiosa, cintilava por entre as chamas tremulantes. Pietro avançou. Mas onde está você? Vai se mostrar? Voltou-se de súbito, temendo ser atacado pelas costas. Ninguém. Vindicati reapareceu bruscamente, como um fantasma. Com um brado agudo, atacou. Pietro esquivou-se e reagiu de imediato, tentando encontrar uma brecha, decidido a aniquilar de uma vez por todas a vantagem do adversário sobre ele. Investiu com força. Vindicati surpreendeu-o com a rapidez, abaixando-se e esquivando-se do golpe, e a lâmina de Pietro atingiu a pedra. Uma terrível descarga subiu-lhe ao longo do braço, em intensa vibração, quando a espada quebrou-se, não tendo conseguido atingir nada além da parede. Pietro viu-se com o punho da espada na mão e alguns centímetros de aço somente, no momento em que Vindicati erguia-se e, saltando, atingia com o punho da espada o rosto do adversário ainda a se recompor. Aturdido, Emilio recuou alguns passos e, ao aproximar-se do altar-mor, tropeçou nos degraus, deixando cair a arma. Este último esforço custara caro a Pietro; o braço parecia não passar de uma ferida aberta. Deixou cair o que restava da espada e

precipitou-se para pegar a de Emilio, que continuava a retroceder perto do altar, orando furioso ao redor. Avistara uma das grandes velas da capela principal, encaixada num comprido suporte de bronze dourado. Chutou-o, fazendo voar a vela, e apossou-se do pesado instrumento, segurando-o com as duas mãos. Estava em melhores condições que Pietro, fatigado e ferido, mas o peso da base dificultava-lhe os movimentos. Contornaram o altar, o combate prolongando-se na parte inferior esquerda da igreja. Mediam-se, novamente, hesitando em tomar a iniciativa do primeiro golpe. Pietro tentou uma estocada, a mão tremeu e o golpe foi perder-se no vazio. Vindicati brandia no ar o pedestal de bronze, na tentativa de manter Pietro a distância. Assim se passaram vários segundos, durante os quais Pietro e o adversário atacaram o vento. Não longe, as chamas da vela que Vindicati derrubara lambiam uma das cortinas púrpura que enfeitavam o altar. De repente, o tecido incendiou-se, o fogo ameaçando propagar-se na abside. Então Emilio, reunindo as forças, pôs-se a descoberto uma fração de segundos, os ombros retraídos, girando o quadril para dar impulso ao golpe de misericórdia. O pedestal de bronze descreveu um arco no espaço. Pietro agachou-se... Tome! ... e voltou a atacar. Imagem bem singular a da Quimera, Il Diávolo, Emilio Vindicati, antigo chefe do Conselho dos Dez, abatido com a própria espada. Trespasado na Trindade de Masaccio, a ponta da espada pregada na madeira, não longe da coluna onde se elevava em direção ao céu um púlpito de pedra minuciosamente trabalhado por Cavalcanti. A mão do Orquídea Negra permanecia crispada no punho da lâmina fundamentalmente cravada no corpo do inimigo. Imóveis, face a face. O hálito de Vindicati cheirava a cobre, a sangue. No primeiro instante, os traços endureceram, retomando a expressão que lhes era costumeira — e tão familiar a Pietro — uma expressão de severidade, de autoridade, própria ao papel que desempenhara durante tantos anos, o de chefe dos Tenebrosos. Depois, ao se dar conta de que Lúcifer fora vencido, o semblante decompôs-se, empalideceu, as sobrancelhas arquearam-se, a boca abriu-se em mudo estupor. Os olhos voltaram a ter o brilho da loucura revirando-se nas órbitas. Tentou ver o que lhe havia acontecido e arquejou; um filete de sangue escapava-lhe da boca. Pietro não abandonava a presa. As mãos de Emilio alcançaram os ombros do antigo amigo, como se buscassem apoio. Talvez quisesse articular alguma palavra, mas já não pôde. Finalmente, Pietro recuou e as mãos de Vindicati tombaram pesadamente ao longo do corpo. Um pouco afastado, o pé de bronze atirado ao chão. Vindicati agonizou ainda alguns instantes. Terminara assim, como um fantoche, ao pé da imagem do Cristo na cruz, a mesma que ele compusera para o

assassinato de Marcello Torretone no teatro San Luca. Lúçifer esmagado aos pés da Trindade. Pietro recordou-se, de repente, do desenho da Porta do Inferno entrevisto na libreria de Vicario, no início da investigação, aquela ilustração com toques cabalísticos, descoberta no livro dentro de um estojo de feltro e veludo, copiado com caracteres góticos. A Porta, imensa, projetando-se do solo como uma estela ou um fúnebre cipreste, e o Príncipe das Trevas, sob a aparência de bode, demônios saindo-lhe da carne, acima de um amontoado de crânios, sombras mortas, faces desesperadas, membros retorcidos. O quadro onde se achava agora pregado Vindicati evocava de súbito essa gravura, a capa de Lúçifer abrindo-se sobre os abismos, ao passo que a Trindade transfigurada, quase perdida na escuridão da perspectiva, condenava para sempre o Tentador. Lembrou-se também da inscrição acima da Porta do Inferno. "Lasciate ogni Speranza, voz ch'intrate." Deixai toda esperança, ó vós que entraís. Ao fundo, perto do altar-mor, as cortinas consumidas pelo fogo lançavam um véu de fumaça. Por sorte, o fogo não atingira o pórtico, e ex-tinguia-se. Sim, hoje o fogo seria vencido — como o Diabo. Finalmente, o corpo inteiro de Emilio Vindicati curvou-se.

Tomamos esse caminho escondido ele e eu, pra voltar ao claro mundo e, sem repouso algum mais consentido, subimos, ele primeiro e eu segundo, até surgir-nos essas coisas belas, que o céu conduz, por um vazio rotundo; saímos por ali, a rever estrelas.

Pietro deixou cair a espada e levou a mão ao braço, gemendo. Dessa vez, tudo chegara definitivamente ao fim. A Quimera havia deixado este mundo.

CANTO XXVII

EPÍLOGO

RUMO AO PARAÍSO

— OUTUBRO 1750 —

Naquela noite, Pietro Viravolta e Anna Santamaria assistiram a Andrômeda, baseada num libreto de Benedetto Ferrari, em nova produção da ópera que, durante o carnaval de 1637, fora apresentada na inauguração do teatro San Cassiano. Um primeiro teatro, o San Cassiano Vecchio, destinado à comédia, fora construído em 1580 pelos Tron, família nobre de San Benedetto. Depois de devastado por um incêndio, fora reconstruído em pedra e

aberto ao público. Os irmãos Francesco e Ettore Tron haviam obtido a autorização do Conselho dos Dez em maio de 1636. Um tremor de terra mais tarde e o teatro, reconstruído pela segunda vez, voltara a ser uma casa para apresentação de óperas. Ali atuavam Albinoni, Ziani e Pollacolo. Quase dez anos antes de Viravolta ter a oportunidade de assistir a uma representação, o San Cassiano tinha sido o primeiro a acolher a opera buffa napolitana. O San Cassiano abrigava cinco fileiras e 31 camarotes; num deles, bem localizado, encontravam-se Pietro e Anna, que marcava com o leque o compasso da música. Ao vê-la assim, fascinada pelo espetáculo, os olhos brilhantes, Pietro sorria. Finalmente estavam juntos e uma nova vida começava. Andrômeda cantava com voz de sereia, sedutora, mas clara, alta e pura. O final extraordinário culminou numa onda de arpejos para depois cessar. O silêncio reinou, logo interrompido por salvas de aplausos. Ao deixar o camarote, nos corredores atapetados de vermelho, Pietro passou por Ricardo Pavi, na companhia de uma encantadora moça, Filomena, dona de olhos capazes de levar um homem à perdição. — Então, meu amigo! — disse Pietro sorrindo. — Parece que finalmente tudo foi sacramentado. Ei-lo transformado em chefe do temido Conselho dos Dez... Ricardo também sorriu. — Uma tarefa árdua, como deve saber... — Aposto que desempenhará melhor a função que seu predecessor, se me permite dizê-lo. — Em todo caso, o tempo dos conciliábulos terminou. Veneza reencontrou a tranquilidade e por muito tempo, assim espero. A imperatriz Maria Teresa tomou conhecimento das maquinações do perverso duque exilado e parece ter ficado furiosa! Bem, tudo voltou à ordem e você conhece os venezianos: com uma festa atrás da outra, já esqueceram o pouco que chegaram a compreender dos dolorosos momentos por que passamos. Mas, diga-me, Pietro, onde estavam, esta noite? Eu não os tinha visto. O sorriso de Pietro alargou-se. — Mas... No Paraíso, meu querido Ricardo, evidentemente. No Paraíso... Anna, divertida, recostou-se nele. Ricardo inclinou-se para beijar-lhe a mão. Depois foi chamado por um seu conhecido, aristocrata; piscando o olho, afastou-se com Filomena. Anna fitou Pietro. — E então, cavalheiro, vamos? Abraçou-a. — Sim, vamos. Em pouco achavam-se do lado de fora. Anna pegou o braço de Pietro, arrancando-lhe um gemido. — Ah, desculpe!... — disse. — Ainda dói? Pietro sorriu. Já ao pé da escadaria do teatro, Pietro foi empurrado. O homem que acabara de esbarrar nele, de negro, nem mesmo se voltou. — Messer! O senhor podia ao menos desculpar-se! Ao som daquela voz, o homem bruscamente se deteve, de costas, espigado. Outras pessoas passavam por eles, à direita e à esquerda, e ele imóvel. Depois, lentamente, voltou-se.

Usava chapéu escuro e um cachecol escondia-lhe parcialmente o rosto, deixando à mostra apenas os olhos brilhantes. Pietro franziu o sobrolho. De repente, o homem caminhou em sua direção e segurando-lhe o cotovelo, de maneira quase autoritária, disse, a voz disfarçada pelo cachecol: — Peço-lhe licença por um segundo, princesa. Quanto a você, acompanhe-me! Pietro foi tomado de espanto. — Por favor, o que... —

Ande, venha! Intrigado, fitou Anna e deixou-se arrastar pelo misterioso personagem que, ao afastar-se da multidão, parou perto de um beco escuro. O homem voltou-se, deu uma risada. Os olhos pareciam estranhamente familiares a Pietro... Num segundo, descobriu o rosto, parecendo particularmente animado. Reconheceu-o de imediato. —

Giacomo! Você! — exclamou, estupefato. Casanova sorriu, o sorriso desvanecendo-se de pronto. Na verdade, tinha o rosto pálido e emaciado, efeito das longas privações, a testa febril. — Mas eu jurava que ainda estava trancafiado nos Piombi! Propus ao Conselho dos Dez recrutá-lo e até o doge pensava em reexaminar seu caso, mas... Casanova estendeu a mão. — Calma, meu amigo! Não posso conversar muito tempo com você. Estou fugindo; um cavalo me espera, parto para longe daqui. — Fugindo? Mas como... — Lembra-se de Balbi, aprisionado numa cela perto de nós? Você não acreditaria, mas ele conseguiu cavar um buraco no teto da cela para poder chegar à minha. Juntos elaboramos um plano e consegui escapar pelos tetos... — Uma evasão! Uma evasão dos Piombi! Mas é inacreditável! — A primeira, eu sei! Pietro, meu amigo, como vai você? Vejo que tudo deu certo — comentou, a olhar Anna por cima do ombro; ela, por sua vez, os observava. Então... Ottavio abandonou a cena? Mas o que se passou durante todo esse tempo? O carnaval transcorreu numa tamanha agitação que... — Ah!— exclamou Pietro, sorrindo. — E uma longa história. Veneza, você sabe... Mas e você, Giacomo, para onde vai? — Não se zangue, mas não posso dizer. E agora preciso deixá-lo! Deus permita que nossos caminhos voltem a se cruzar, meu amigo. Nunca vou esquecê-lo. — Eu também não, Giacomo. Eu também não. Abraçaram-se e, com um último sorriso, Casanova fez um aceno com o chapéu e, a capa flutuando às costas, desapareceu na rua escura. Pietro não se moveu por algum tempo. Olhou para Anna Santamaria, que o esperava no meio da multidão a se dispersar. Lançou um último olhar para a escuridão do beco e voltou ao encontro de Anna.

Outubro de 1756. Giacomo Casanova acabara de escapar dos Piombi. Pietro, pensativo, admirava a laguna, da praça San Marco. Chapéu na mão, trazia uma grande capa negra,

por cima do colete com motivos florais, e camisa branca de mangas largas. A noite terminara, amanhecia. A bruma elevava-se lentamente em direção ao céu. As gôndolas, alinhadas ao longo do cais, oscilavam suavemente, acompanhando o marulhar das ondas. Embora o coração não lhe pesasse, apertava-o uma curiosa onda de nostalgia. Observava San Giorgio, adivinhava ao longe as margens do Lido. Atrás, a flecha da Campanile e o leão alado. Quanto tempo? perguntava-se. Veneza passara já por tantas provações... Uma jóia, é verdade, mas tão frágil. Esse pedaço de terra ameaçado pela acqua alta, pelas intempéries, pelos tremores de terra e tempestades, esse pedaço de terra, que havia seiscentos anos empenhavam-se em salvar, tinha sido um império, uma ponte entre o Oriente e o Ocidente, um farol para o mundo. Mas por quanto tempo sobreviveria? Que esforços seriam ainda necessários para permitir-lhe manter a beleza e o esplendor? Que novas inspirações faria nascer? Veneza, com suas máscaras e verdades, cidade das artes e do carnaval, da alegria e das ilusões. Quanta cobiça ainda despertaria? Amava Veneza como se ama uma mulher, como sua primeira amante. — Pietro! Voltou-se. Anna Santamaria, radiante, aguardava-o. Fez-lhe um sinal e subiu na carruagem que os conduziria para longe da Sereníssima. O cocheiro também o olhava, bem como Landretto, o fiel Landretto, recém-chegado de uma noite de orgia. Pietro foi ao encontro deles, os olhos baixos, lembrando-se de cada passo nessa praça tantas vezes percorrida. Chegou-se a Landretto e deu-lhe um tapa no ombro, quase o derrubando. O criado visivelmente estava com dor de cabeça. — E então, meu amigo? Mas... e a sua Dama de Copas? —

Ah, quanto ímpeto! — exclamou Landretto. — Creia-me, estou exausto. Sabe como é a Veneza secreta... No fundo, não estou triste em deixá-la para trás. Pietro riu, ao passo que Landretto punha no teto da carruagem as últimas bagagens. — Bem, talvez possa finalmente me dizer para onde vamos. Pietro abriu os braços. — Ainda não adivinhou? Para a França, Landretto, é claro. Versalhes nos espera. E com as boas graças do doge, não teremos motivo para nos queixar. Agradeça à Sereníssima, meu amigo. Diga-me, você pegou meus baralhos? — Com certeza. Então, para a França? — Para a França, meu amigo. Pietro voltou-se novamente e contemplou os reflexos ainda pálidos do céu nas águas agitadas. Era-lhe difícil abandonar o lugar. Lentamente, pegou a flor na lapela e atirou-a na água, seguindo-a com o olhar. Finalmente, voltou à carruagem. —

Orquídea Negra terminou! — disse a Landretto. — Mas não fique inquieto. O melhor ainda está por vir. Sorriu, piscando. — Afinal de contas, hoje sou uma lenda! Ajeitou o chapéu, o sorriso acentuou-se. O rosto de Anna Santamaria surgiu. Após um último olhar

em direção à laguna, inclinou-se em profunda reverência. Em seguida, entrou na carruagem. Quase não se lembram dos incríveis acontecimentos daquele ano de 1756, no seio da Sereníssima República. O fausto do carnaval, um dos mais comentados do século, apagou os traços daquela conspiração da qual a História não soube guardar o nome. Na verdade, nada se guardou na memória, além de alguns episódios notáveis ocorridos naqueles meses incomuns. O dossiê referente ao Orquídea Negra foi selado num arquivo empoeirado, que ganhou as estantes da Quarantia Criminale e da Veneza secreta daquele século XVIII. Estantes onde acabou por cair no esquecimento. Mas sabemos que as lendas não precisam da História para viver. Então isso não tem tanta importância.

*****FIM*****